



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MAIARA SOUSA SOARES

**TEXTOS DIGITAIS E MANIPULAÇÃO – A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS EM
NARRATIVAS DESINFORMATIVAS**

FORTALEZA

2025

MAIARA SOUSA SOARES

TEXTOS DIGITAIS E MANIPULAÇÃO – A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS EM
NARRATIVAS DESINFORMATIVAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará (PPGLin-UFC), como requisito para a obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Práticas discursivas e estratégias de textualização.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (*im memoriam*)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Elias Soares

Coorientadora: Mariza Angélica Paiva Brito

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S655t Soares, Maiara Sousa.
 Textos digitais e manipulação : a construção dos sentidos em narrativas desinformativas / Maiara Sousa
 Soares. – 2025.
 203 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação
 em Linguística, Fortaleza, 2025.
 Orientação: Profa. Dra. Maria Elias Soares.
 Coorientação: Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito.
1. textos digitais. 2. manipulação. 3. narrativas desinformativas. I. Título.

CDD 410

MAIARA SOUSA SOARES

**TEXTOS DIGITAIS E MANIPULAÇÃO – A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS EM
NARRATIVAS DESINFORMATIVAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Práticas discursivas e estratégias de textualização

Aprovada em: 25/08/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Elias Soares (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Mariza Angélica Paiva Brito (Coorientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves-Segundo
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Rodrigo Seixas Pereira Barbosa
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Prof. Dr. Valdinar Custódio Filho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À **minha mãe Maria Luiza**, que não teve oportunidade de concluir os estudos, que, mesmo sem ter condições, em 2005, comprou livros de pesquisa, para eu estudar e fazer os trabalhos da escola no ensino fundamental. Isso me fez amar o acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, ter as melhores oportunidades da vida. 20 anos depois, hoje nós celebramos minha Defesa de Doutorado, mãe. Te amo!

À **Mônica** (*in memoriam*), mãe acadêmica, acontecimento único e irrepetível. Obrigada por me ensinar sobre a vida e por acreditar tanto em mim.

À minha eterna Moniquinha, com amor.

Estas páginas refletem um pouco do impacto Mônica Cavalcante na minha vida. Refletem também a doçura e a dor que atravessaram a trajetória inimaginável do meu doutorado.

Texto algum jamais poderá refletir todo o sentido e a gratidão pelos anos de orientação e pelo impacto nas rotas da minha vida profissional, acadêmica e pessoal que Mônica, Cavalcante causou. Essas palavras não são apenas pela honra de tê-la durante os 4 anos de Doutorado, mas por todos os anos que se passaram desde a disciplina de Língua Portuguesa - Frase em 2012.1, pois o início da minha vida acadêmica e profissional se confunde com a história que tivemos juntas na Universidade e fora dela. Conhecer Mônica foi um divisor de águas na minha trajetória profissional, acadêmica e sobretudo humana. Ao findar as disciplinas de Frase e Texto e Discurso, não havia qualquer lugar que eu desejasse mais do que estar ao lado dela. Antes eu me sentia perdida, sem rumos, mas logo me vi tão encantada com a espontaneidade, a humildade como professora, que sequer tinha noção da sua grandeza e que estava diante da maior teórica da LT e da professora mais incrível da UFC. Ela, com seu coração doce e gentil, me convidou para a vaga de PIBIC e me ofertou **a oportunidade da minha vida**. Deixei de ser bolsista de iniciação acadêmica e passei a ser bolsista de iniciação científica da Mônica. Isso era incrível. Durante dois anos, conciliei a vida acadêmica, as demandas da bolsa e as oportunidades de trabalho que, graças às mãos de ouro, batiam na minha porta constantemente. Muitas vezes, me ausentei pela necessidade de precisar trabalhar e garantir meu sustento e dos meus, mas sempre tive apoio incondicional e bênção mesmo com reprovação aos olhos de terceiros. Após o PIBIC, com a reprovação da minha primeira seleção de mestrado, permaneci tentando driblar esse jogo de vida profissional/ acadêmica para fazer mais uma tentativa. Ela sempre esteve ali ao meu lado dando apoio e me puxando de volta. Em 2016, com a sonhada aprovação no mestrado, iniciei essa trajetória com alguns percalços, pois passamos um ano esperando vagas para transferir oficialmente a orientação, que na prática já acontecia. No mesmo ano, às vésperas da defesa, participei ao lado da minha mestra do Sedar em Buenos Aires. Nunca imaginei que uma menina lá do Camará (Aquiraz) chegaria tão longe. Ao concluir o mestrado em abril de 2018, tomei uma das decisões mais difíceis. Parei minha trajetória acadêmica e investi todos os meus dias na carreira profissional porque precisava e desejava melhorar de vida e da minha família com o meu trabalho. Deu certo. Atuei como professora de Redação na escola pública e, assim como ela, modifiquei a rota de algumas vidas

com o meu Laboratório de Redação, projeto gratuito e pioneiro e iniciado em 2018 numa escola pública no Camará-Aquiraz e que se multiplicou por diversas instituições que passei.

Em 2020, em meio à pandemia, após três anos, alguns empurrões e ouvir Moniquinha dizendo inúmeras vezes “volte, meninazinha”, fiz a seleção e fui aprovada para iniciar o doutorado em 2021. Foi um presente ingressar nessa fase novamente já como orientanda sem quaisquer esperas como antes. Apesar das dificuldades, pois o primeiro ano e parte do segundo ano foi atravessado pela pandemia, buscamos alinhar o projeto e as demandas de nossas vidas que se somavam cada vez mais. Ao fim do terceiro ano e depois de muitas conversas, conseguimos chegar a um projeto de tese e a qualificação aconteceu no dia 14 de março de 2024. Foi um alívio. E ela me disse “você se encontrou e vai conseguir”.

No entanto, a vida virou do avesso sem qualquer direção. Exatamente 22 dias depois disso, partiu de uma forma tão repentina. Senti como se tivesse sido arrancada de mim sem quaisquer avisos. Me senti roubada, ferida e injustiçada de diversas formas. Ninguém entra no doutorado para perder a orientadora. Como eu poderia seguir? Como eu poderia vencer isso sozinha? O que fiz para merecer tamanha perda? Tamanha dor. Eu custei a processar a partida tão precoce sem qualquer despedida. Custei a abrir o projeto que sequer tinha formato ainda de tese, foram praticamente seis meses sem escrever uma linha, sem forças, sem ânimo. Senti um vazio e uma solidão que jamais pensei ser possível sentir. Sonhou esse sonho comigo. Nunca ocupou apenas o papel de professora/ orientadora, era uma mãe e amiga. A imagem de orientadora que quase ninguém conhece. Eu não tinha do que me queixar, pois até para cobrar algo você tinha uma delicadeza na voz e cada ato, cada gesto era regado de amor e cumplicidade. A sensação foi de arrebatamento. Senti meu coração despedaçado sem qualquer chance de cura e ele permanece assim. O silêncio desde a sua partida permanece, pois você era festa, era alegria, era comemoração, era interlocução, e sei que ainda é onde estiver. Questionei tantas vezes que motivos eu tinha para continuar. Pensei em desistir, mas persisti.

Ainda em 2024, em meio à dor, participei do Jadis e de uma missão de internacionalização da ciência como o grupo Prottexto em Porto e Lisboa, Portugal. Mônica idealizou, orquestrou tudo, e o Prottexto, honrando sua memória, realizou. Mônica me fez atravessar o oceano para divulgar a Linguística Textual e as minhas pesquisas no continente velho. Nunca imaginei na minha vida que alguém como eu pudesse viver isso. Ela fez acontecer.

Sua memória, sua pesquisa, seu legado e seu amor atravessam a dimensão do tempo e do espaço. É forte e além da nossa compreensão.

Por fim, registro que essa tese foi escrita em silêncio profundo e carrega muita dor, crises, lágrimas e dias de chuva dentro do peito. Foram dias e meses, sem poder te enviar uma

mensagem, vivendo gatilhos ao ver suas fotos compartilhadas, lembranças. A vida cresce em volta do luto sem pedir licença. A vida acontece enquanto há tentativas de cura.

O luto não se vive em um dia, viver o luto é cansativo. Viver o luto escrevendo uma tese foi além do que é humanamente possível aguentar. Essa tese nunca será o que seria com ela, mas só foi concluída por ela e para honrar todo o trabalho e tempo que dedicou para a minha formação. O que mais queria era receber seu abraço e seus olhos risonhos de felicidade por mim. O que mais queria era te ouvir lendo minha ata de defesa. O que mais queria era você me ver doutora. Infelizmente, nada disso nesse mundo terreno poderei ter ao seu lado. É duro concluir esse ciclo sem ti, mas eu jamais teria chegado até aqui sem você, pois você mudou minha vida e dos meus.

Te agradei em vida e serei grata para sempre! Enquanto eu tiver vida, você sempre estará viva. Onde for, eu te levarei, pois você é, foi e sempre será a minha referência de doçura e de amor em qualquer espaço-tempo da vida. Assim como você tantas vezes sorriu com olhos pra mim, hoje eu vou sorrir por você.

Te amarei para sempre, minha Moniquinha.

“A saudade é o amor que fica”

....

“Como é o tempo aí?

Aqui um tempo eu perdi

Mas é sempre tempo de recomeçar

É bonito ter coragem pra sonhar

Porque a gente é

Tudo o que a fê

Pode tocar...”

(Tiago Iorc).

AGRADECIMENTOS

Redigir os agradecimentos da conclusão do doutorado é um momento de reconhecer quem de fato participou dessa trajetória tão desafiadora e inigualável a qualquer experiência que já vivi na minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Os 4 anos e alguns meses de doutorado se tornaram ainda mais inimagináveis do que pude acreditar ser possível. Aqui, menciono nominalmente quem fez parte dessa jornada comigo.

Começo agradecendo a Deus pela oportunidade de concluir o doutorado e ser a primeira doutora da família. É grandioso pensar o tanto que desbravei até chegar aqui. Não são apenas os 4 anos de doutorado, mas toda uma trajetória de anos dedicados aos estudos, em que abri mão de muito para alcançar essa meta. Só Ele e por Ele essa vitória!

Em seguida, tenho o dever de destinar um agradecimento a mim mesma porque eu tive todos os motivos para desistir desse caminho, todos. Vivi diversos *lutos* nesse processo de escrita de tese. Como ouvi algumas vezes na sessão de terapia, escrevi minha tese em meio ao caos de uma vida pessoal, profissional e acadêmica desconstruída de diversas formas. Foi um processo doloroso e cheio de incertezas. Vi muitos me deixarem para trás, vi muitos me excluírem e explicitamente ignorarem e deslegitimarem meus pedidos de “socorro”. Se eu estou aqui vencendo essa etapa é porque escolhi não desistir apesar de todas as pedras jogadas no meu caminho, nas quais tropecei, me “ralei”, levantei, curei algumas feridas e segui. Enalteço toda a minha trajetória de estudos que me levaram ao título de primeira mestra e doutora de tantas gerações da minha família, os quais não tiveram as mesmas oportunidades.

Agradeço especialmente a minha família, de modo particular, agradeço a minha mãe Maria Luiza, que abraça e acolhe todas as minhas crises com amor e afeto. Minha mãe sorriu, chorou comigo, vibrou e dividiu a vontade de vencer essa etapa durante esses longos anos. Eu te amo tanto, mãe. Desde o primeiro dia de aula lá na graduação, é com você que sempre contei para sonhar esses sonhos comigo. Vencer essa luta foi por ti principalmente para te dar tudo que você merece. Agradeço a meu pai Otoniel, seu Soares, vigia, eletricitista, porteiro, gari, tantos em um, que mesmo sem compreender esse mundo turvo acadêmico, sempre me apoia e se orgulha das minhas conquistas. Agradeço aos meus irmãos, ao meu caçula Natan, minha irmã Ataniele, minha loira, e ao meu irmão Gabriel, Biel. Os 8 meses que voltei pra casa, os almoços de domingo e as risadas sem motivo me deram vida nessa vida. Registro ainda a honra de realizar sonhos que atravessaram gerações. Meus pais não concluíram o ensino fundamental e hoje celebram essa conquista comigo. Eles merecem isso! É por vocês que hoje sou Dra Maiara, dona Maria Luiza e seu Soares.

Agradeço ao meu amor, Neto Oliveira, que chegou na metade dessa etapa tão louca da minha vida e ganhou medalha de ouro por ser tão paciente. Que sorte a minha. Um homem cuidadoso, amoroso, estudioso, protetor, respeitoso, faz café da manhã e almoço, caprichoso e companheiro. Você não se cansa de me admirar e me tratar como uma princesa e como a mulher mais importante da sua vida. Amor, você me ensinou a te amar e me fez acreditar que o amor leve era possível. O amor não vem difícil, e você é a prova disso. Obrigada por todo apoio em todas as minhas escolhas. Meu companheiro que escolhi. Te amo, meu amor.

Agradeço a todos os meus familiares pela paciência nas minhas ausências durante essa travessia longa. Agradeço em especial à minha prima Havyla, minha professora de inglês mais perfeita, pela admiração mútua e ainda pelo apoio com as traduções. Sua trajetória está só iniciando, voa! Sou sua fã.

Agradeço com coração apertado cheio de saudades e de muito amor a você, minha eterna orientadora *Mônica Cavalcante*, minha *Moniquinha*. Ninguém jamais vai tirar isso de mim. Tive honra de ser orientada por quase todo o meu doutorado por ti, assim como toda a minha trajetória (PIBIC e mestrado) na Universidade desde que “nasci” nesse mundo acadêmico. Infelizmente, por razões além-vida, você não está mais aqui fisicamente para se orgulhar de mim e ver sua Mai enrolada/ cacheada/ crespa doutora. Eu sei o quanto você desejou me ver realizar esse sonho e eu só estou terminando por ti. Apenas. Juro que muitas vezes quis desistir porque não havia sentido escrever/ser qualquer coisa sem sua presença aqui, mas sei que há uma presença muito maior sua comigo. É por isso que hoje te agradeço por me receber como orientanda de doutorado em 2021 e ter me acompanhado até abril de 2024 quando infelizmente você partiu dessa vida terrena. Seu legado, exemplo e humanidade atravessaram e atravessarão gerações de professores, e eu levarei seu nome por onde for. Amo você além da vida, minha *borboleta amarela* ...Obrigada pelo amor de mãe, por ter me tratado como filha e por ter tido paciência com as minhas dificuldades. Você foi e é um acontecimento único e irrepetível. Te agradei em vida, serei grata pra sempre!

Agradeço em especial a você, Maria Elias, por ter, sem titubear, me acolhido como orientanda afetuosamente e institucionalmente após a partida arrebatadora da minha orientadora. Sem seu sim, eu jamais teria aceitado seguir. Sua força não apenas institucional, sempre se fez presente e se preocupou até a última etapa. Seu acolhimento e amor me deram força para enfrentar todos os danos psicológicos e emocionais sofridos nessa transição burocrática, dolorosa e cheia de sofrimento de tantas formas que passei e não cabem aqui. Como sempre brincou Moniquinha, “Maria passa na frente” e você passou mesmo! Obrigada por ter

me protegido. Que todos tenham a sorte de alguém assim e de ver seu coração tão grande e bondoso, Maria.

Agradeço a você, Mariza, que fez parte da minha formação acadêmica desde o mestrado e que se fez minha (co) orientadora durante a continuidade do doutorado. Seu sim e seu apoio foram imprescindíveis para que eu aceitasse continuar esse sonho. Desde a qualificação, você seguiu segurando a minha mão e me dando forças para que eu finalizasse dignamente o meu doutorado e alçasse novos voos. Sua força foi inspiração. Obrigada por ter cuidado de mim (e de tantos outros) no momento que mais me senti desamparada nessa trajetória.

Agradeço a você, Rafa, Rafinha, você não sabe o quanto foi importante para a decisão de continuar. As inúmeras trocas de mensagens, as leituras recíprocas do trabalho, as orientações, os desabafos, os momentos que sofremos e choramos juntos. Dividimos a dor do luto e a vontade de vencer. Desde o início do doutorado até aqui, você foi meu parceiro e ombro amigo. Sua escuta e atenção fizeram toda a diferença. Deus sabe o quanto eu precisei desse apoio quando muitos sequer conseguiam me enxergar ou entender o tamanho da dor que foi/é perder a orientadora no doutorado. Só nós sabemos o quanto isso nos quebrou em tantos pedaços. Obrigada por tudo mesmo, meu amigo. Amo você, meu doutor.

Agradeço a você, minha amiga-irmã de alma Mayara. May, eu relutei muito para retornar ao doutorado e agradeço a você por ter me trazido de volta à vida acadêmica mesmo com todos os percalços desse caminho, mas com tempo de vivê-lo com a Moniquinha. Seu apoio, perto ou longe, e incentivo para que eu tentasse a seleção foram muito importantes. Seu acolhimento e abraço me abrigaram para atravessar essa grande correnteza. Hoje e adiante, nós por nós sempre. Amo você!

Agradeço a você, Leonel, meu amigo e doutor, quantas vezes conversamos sobre nossos desafios no doutorado e você foi um grande ouvinte. Sempre trouxe uma palavra de conforto e vibrou nas pequenas conquistas do dia a dia. Sem isso, certamente eu teria definhado porque por muitas vezes eu perdi as forças para seguir nesse objetivo. Celebrei sua defesa e hoje você celebra a minha. Juntos.

Agradeço a você, minha anjinha, Thamyris. Você não sabe o quanto você foi lar na minha vida. Me acolheu em um dos *lutos* que vivi durante o doutorado. Abriu as portas da sua casa para uma desconhecida. Sempre dividiu tudo e me abraçou nos dias mais dolorosos que vivi naquele ano. Obrigada por todas as noites de pipoca e sessões intermináveis da saga Harry Potter. Obrigada por ter cuidado de mim. Você foi um presente de Deus na minha vida.

Agradeço a vocês, minhas amigas Rakel e Isabelle, por todo apoio e admiração que sempre me dedicaram. Todos os encontros, nossos cafés com lágrimas nos últimos 10 anos fizeram toda a diferença. Vocês são irmãs na minha vida e agora já tenho até sobrinho (Tutu e Lulu). Obrigada por todo o carinho e torcida para que eu conseguisse vencer. Eu duvidei que seria capaz, vocês nunca duvidaram.

Agradeço ao meu amigo e coordenador Ricardo pela compreensão e pela torcida de todos os dias. Todas as palavras de apoio e as comemorações nas pequenas conquistas dessa trajetória foram essenciais. Obrigada por acreditar em mim nos dias de sol e de chuva.

Agradeço de modo especial às minhas amigas assessoras, Elba e Denize, por todos os ensinamentos e apoio durante os dois que atuei como formadora de professores. Vocês me deram abrigo e afeto nos dias mais tortuosos da minha vida. Minhas doutoras da educação, que honra ter dividido tantos momentos com vocês. Aprendi e aprendo bastante, Obrigada!

Agradeço à Idália (*in memoriam*), que tanto me ensinou e que compartilhou e comemorou comigo a felicidade de ingressar no doutorado. Infelizmente, partiu tão precocemente. Nunca estamos preparados para nos despedir de nossas referências.

Agradeço de modo especial as minhas amigas Vanessa, Lorena, Mariana, Bea, Lara, minhas primas Aninha e Jucilene pela paciência nas minhas longas ausências e silêncios. Sei que não estive presente durante os últimos anos, mas, no meu coração e orações, vocês sempre tiveram lugar. Sei o quanto é difícil ser amiga de alguém que não tinha qualquer ânimo e vocês foram apoio e escuta sincera.

Assim como fiz na minha dissertação de mestrado, agradeço aos professores do meu ensino fundamental e médio, em especial cito Aureliano, Eliane, Beto e Átila, por sempre me verem como alguém que iria longe. Vocês estavam certos.

Agradeço imensamente aos professores Valdinar, Franklin, Rodrigo e Paulo pela participação na minha banca de defesa. É uma honra ter grandes pesquisadores que, muito respeitosamente, colaboraram para a construção da minha tese. Sou muito grata por tê-los comigo nesse momento.

Agradeço a Capes pelos dois anos de bolsa concedida durante a trajetória de quatro anos do doutorado.

Agradeço a minha Universidade Federal do Ceará por ter sido minha casa durante a graduação, literalmente, enquanto residente universitária da casa 250. Agradeço ainda por ser minha casa no mestrado e no doutorado. Tudo que sou é porque essa Universidade abriu portas para pessoas como eu de origem pobre, sem qualquer chance de romper o ciclo, e que, se não

fossem as políticas públicas de acesso e permanência ao Ensino Superior (bolsas, moradia e alimentação), jamais existiria a chance de hoje eu estar aqui.

Frescor agradecido de capim molhado
Como alguém que chorou
E depois sentiu uma grande, uma quase
envergonhada alegria
Por ter a vida
Continuado... (Mário Quintana).

Caminhante, não há caminho, o caminho se faz
ao andar (Antonio Machado).

RESUMO

Esta tese investiga como os critérios textuais podem explicar o fenômeno da manipulação em narrativas desinformativas em ecossistemas digitais a partir de um quadro teórico-metodológico da Linguística Textual. Para fundamentar este trabalho, recorremos ao seguinte escopo teórico: a noção de texto e referenciação, por Cavalcante *et al.* (2019; 2020; 2022); as redes referenciais, por Matos (2018); o quadro enunciativo-interacional, por Cavalcante, Brito e Martins (2024); as estratégias de manipulação, por Charaudeau (2020); a concepção e as características da desinformação, por Recuero (2024); a visão pós-dualista da linguagem e os gestos tecnolinguageiros, por Paveau (2021). Tais concepções se articulam em uma interdisciplinaridade focalizada (Charaudeau, 2013), na tentativa de explicar como se textualizam as estratégias de manipulação em narrativas desinformativas no ambiente digital. Como procedimentos metodológicos, a pesquisa, de base explicativa e qualitativa, analisa um exemplário de seis casos desinformativos (textos estáticos e dinâmicos) publicados em diferentes ecossistemas digitais, como *reels* de *TikTok*, publicação de *Instagram* e postagens no *X*, cuja temática versa sobre o cenário político brasileiro mediante os seguintes critérios: contextualização e checagem dos fatos pelas agências Lupa, Aos fatos, Projeto Comprova, Uol Confere e Estadão Verifica; constituição do quadro teórico-metodológico em busca de regularidades dos textos desinformativos; construção dos objetos de discurso em redes referenciais como evidências das estratégias de manipulação charaudeanas; análise dos efeitos de sentidos dos gestos tecnolinguageiros, como *hashtags*, emojis, comentários e botões. Como resultados, identificamos que o locutor enunciador ocupa um papel de impostor porque distorce os sentidos na interação a partir de edições e recortes de notícias somadas a múltiplos recursos multimodais (áudios e legendas para simbolizar aspectos identitários de determinados grupos) e gestos tecnolinguageiros (emojis, *hashtags*, comentários). Comprovamos ainda que a (re)construção dos referentes, em suas múltiplas conexões, evidencia as estratégias de manipulação por dramatização (desordem social, culpado e salvador) e por exaltação de valores (família, pátria, trabalho, vitimização do povo, satanização dos culpados e liderança populista). Como efeitos de sentido, apontamos a polarização afetiva, as teorias conspiratórias, o descrédito nas instituições, o binarismo político, o comportamento de rebanho e o pertencimento identitário, favorecendo a manipulação da opinião pública, o que deve ser combatido veementemente pela ciência.

Palavras-chave: textos digitais; manipulação; narrativas desinformativas.

ABSTRACT

This thesis investigates how textual criteria can help explain manipulation in disinformative narratives shared in digital environments, based on the theoretical and methodological approach of Textual Linguistics. To support the study, we use the following theoretical perspectives: the concept of text and reference by Cavalcante et al. (2019, 2020, 2022); the referential networks proposed by Matos (2018); the enunciative-interactional framework of Textual Linguistics by Cavalcante, Brito, and Martins (2024); the manipulation strategies described by Charaudeau (2020); the conception and characteristics of disinformation by Recuero (2024); and the post-dualist view of language and technolinguistic gestures by Paveau (2021). These ideas are combined in a focused interdisciplinary approach (Charaudeau, 2013) to understand how manipulation strategies are built through language in disinformative narratives in digital media. This is an exploratory and qualitative study that analyzes six cases of disinformation (including both static and dynamic texts) published in different digital platforms, such as TikTok reels, Instagram posts and posts on X. All of them deal with the Brazilian political context. The analysis follows these steps: contextualization and fact-checking based on the work of agencies like Lupa, Aos Fatos, Projeto Comprova, UOL Confere, and Estadão Verifica; development of the theoretical-methodological framework to identify patterns in disinformative texts; analysis of discourse objects through referential networks as evidence of manipulation strategies; and observation of meaning effects created by technolinguistic gestures, such as hashtags, emojis, comments, and interactive buttons. Results show that the speaker often plays the role of an impostor, changing meanings in the interaction by editing or cutting news content and combining it with different multimodal resources (like audio and captions that represent the identity of certain groups) and technolinguistic gestures (emojis, hashtags, comments). The (re)construction of referents in different connections reveals manipulation strategies based on dramatization (presenting social disorder, a guilty party, and a savior) and on the promotion of values (family, country, work, victimization of the people, demonization of enemies, and populist leadership). These strategies create effects such as affective polarization, conspiracy theories, mistrust in institutions, political binarism, herd behavior and identity belonging which support the manipulation of public opinion, which science must vehemently combat.

Keywords: digital texts; manipulation; disinformation narratives.

RESUMEN

Esta tesis investiga cómo los criterios textuales pueden explicar el fenómeno de la manipulación en narrativas desinformativas en plataformas digitales, a partir de un marco teórico-metodológico de la Lingüística Textual brasileña. Para fundamentar este trabajo, recurrimos al siguiente cuerpo teórico: la noción de texto y referenciación según Cavalcante et al. (2019; 2020; 2022); las redes referenciales según Matos (2018); el marco enunciativo-interaccional según Cavalcante, Brito y Martins (2024); las estrategias de manipulación de Charaudeau (2020); la concepción y las características de la desinformación según Recuero (2024); y la visión post-dualista del lenguaje y los gestos tecnolingüísticos de Paveau (2021). Estas concepciones se articulan en una interdisciplinariedad focalizada (Charaudeau, 2013), con el objetivo de explicar cómo se textualizan las estrategias de manipulación en narrativas desinformativas en el entorno digital. Como procedimientos metodológicos, la investigación, de base explicativa y cualitativa, analiza, en esta tesis, un conjunto de seis casos desinformativos (textos estáticos y dinámicos) publicados en diferentes ambientes digitales, como los reels de TikTok, publicaciones en Instagram y publicaciones en X, cuya temática trata sobre el escenario político brasileño basándose en los siguientes criterios: contextualización y verificación de los hechos por parte de las agencias Lupa, Aos Fatos, Proyecto Comprova, UOL Confere y Estadão Verifica; constitución del marco teórico-metodológico en busca de regularidades en los textos desinformativos; construcción de los objetos del discurso en redes referenciales como evidencia de las estrategias de manipulación charaudeanas; y análisis de los efectos de sentido de los gestos tecnolingüísticos, como por ejemplo hashtags, emojis, comentarios y botones. Como resultados, identificamos que el locutor enunciativo ocupa un papel de impostor, una vez que distorsiona los sentidos en la interacción a través de ediciones y recortes de noticias sumados a múltiples recursos multimodales (audios y subtítulos para simbolizar aspectos identitarios de determinados grupos) y gestos tecnolingüísticos (emojis, hashtags, comentarios). Comprobamos también que la (re)construcción de los referentes en sus múltiples conexiones evidencia las estrategias de manipulación por dramatización (desorden social, culpable y salvador) y por exaltación de valores (familia, patria, trabajo, victimización de la población, satanización de los culpables y liderazgo populista). Como efectos de sentido, señalamos la polarización afectiva, las teorías conspirativas, el descrédito en las instituciones, binarismo político, comportamiento gregario y pertenencia identitaria lo cual favorece la manipulación de la opinión pública, fenómeno que debe ser combatido de forma contundente por la ciencia.

Palabras- clave: textos digitales; manipulación; narrativas de desinformación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Exemplo 01 – Charge Professora em sala de aula.....	39
Figura 02 – Circuito comunicativo de Charaudeau.....	41
Figura 03 – Situação interacional por Cavalcante <i>et al</i> (2022)	43
Figura 04 – Quadro com questões norteadoras para uma análise textual.....	44
Figura 05 – Exemplo 02 – Trump atingido por disparo no lado direito do peito.....	50
Figura 06 – Quadro – Síntese dos processos referenciais por Cavalcante e Martins (2020).....	54
Figura 07– Exemplo 03 – <i>Post</i> de Sérgio Moro e comentários sobre a boxeadora argelina.....	59
Figura 08 – Exemplo 04 – Texto desinformativo “Lula sobre o pobre”	64
Figura 09 – Tipos de desordem informacional.....	105
Figura 10 – 7 categorias da desordem informacional.....	107
Figura 11 – Exemplo 05 – Lula e Bolsonaro pescando.....	107
Figura 12 – Exemplo 06 – post no perfil @agencia.lupa no <i>Instagram</i>	115
Figura 13 – Exemplos 07 e 08 – Recorte de um carrossel da Agência Lupa.....	117
Figura 14 – Exemplo 09 – Notícia verificada pelo Projeto Comprova.....	118
Figura 15 – Exemplo 10 – Notícia verificada pela agência Aos fatos.....	119
Figura 16 – Exemplo 11 – Informação checada pelo Estadão Verifica.....	119
Figura 17 – Exemplo 12 – Informação checada pelo Uol Confere.....	120
Figura 18 – Quadro modelo de questões norteadoras para uma análise textual.....	127
Figura 19 – Exemplo 13 – Rayssa Leal dedica medalha ao Bolsonaro.....	134
Figura 20 – <i>Print</i> do perfil público de @izabel.bonaparte.....	136
Figura 21 – Exemplo 14 – Comentários do <i>reel</i> Rayssa Leal dedica medalha ao Bolsonaro.....	140
Figura 22 – Exemplo 15 – Bolsonaro e Bia Souza juntos em campanha eleitoral.....	143
Figura 23 – Exemplo 16- Comentários d a postagem no X “Bolsonaro e Bia Souza juntos em campanha eleitoral”	147
Figura 24 – Exemplo 17 – Governo Lula retorna cobrança de seguro DPVAT.....	149
Figura 25 – Sequência de imagens do texto dinâmico referente ao exemplo 17.....	153
Figura 26 – Exemplo 18, 19 e 20 – Sequência do <i>post</i> em que Lula aparece ao lado do criminoso Domingos Brasília.....	157

Figura 27 – <i>Print</i> do perfil público @acordabrasil_2026.....	162
Figura 28 – Foto original com presidente Lula e demais políticos.....	162
Figura 29 – Exemplo 21 – Comentários da publicação sobre Lula e Domingos Brasília..	163
Figura 30 – Exemplo 22 – “Helicóptero da Havan resgata vítimas de enchentes no Rio Grande do Sul”	165
Figura 31 – Exemplo 23 – Governo Lula autoriza aborto em qualquer tempo gestacional.....	170
Figura 32 – Exemplo 24 – Comentários do exemplo 23.....	177

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 01 – Estratégia de manipulação dos afetos.....	79
Esquema 02 – Estratégia de manipulação cognitiva.....	81
Esquema 03 – Estratégias de manipulação no discurso político.....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Quadro modelo para síntese das análises de textos desinformativos.....	128
Quadro 02 – Sumarização dos objetivos, hipóteses e constatações.....	129
Quadro 03 – Quadro de análise do exemplo 13.....	135
Quadro 04 – Quadro de análise do exemplo 15.....	143
Quadro 05 – Quadro de análise do exemplo 17.....	149
Quadro 06 – Quadro de análise do exemplo 18, 19 e 20.....	157
Quadro 07 – Quadro de análise do exemplo 22.....	166
Quadro 08 – Quadro de análise do exemplo 23.....	170

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Tabela resumitiva dos referentes.....	51
Tabela 02 – Regularidades nas análises e seus efeitos de sentidos.....	179

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	27
2	TEXTO, TEXTUALIDADE DIGITAL E TECNODISCURSIVIDADE...	37
2.1	A noção de texto, contexto e circuito comunicativo.....	37
2.2	As categorias analíticas da LT, a referenciação e as redes referenciais.....	45
2.2.1	<i>A referenciação e sua centralidade como categoria analítica.....</i>	47
2.2.2	<i>O objeto de discurso e os processos referenciais.....</i>	48
2.2.3	<i>O pressuposto teórico das redes referenciais no texto.....</i>	55
2.3	A tecnodiscursividade e os traços tecnodiscursivos do discurso digital.....	57
2.4	Tecnotextualidade e estratégias textuais no ambiente digital.....	61
3	UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-TEXTUAL DA MANIPULAÇÃO	67
3.1	O dispositivo de comunicação política na mídia digital.....	67
3.2	As origens da manipulação midiática e sua influência na construção da opinião.....	72
3.3	Perspectivas teóricas sobre a manipulação.....	73
3.3.1	<i>A manipulação da palavra por Philippe Breton.....</i>	74
3.3.1.1	<i>A manipulação dos afetos.....</i>	74
3.3.2	<i>A manipulação discursiva nos Estudos Críticos do Discurso de van Dijk.....</i>	81
3.3.2.1	<i>Dimensão social.....</i>	83
3.3.2.2	<i>Dimensão discursiva.....</i>	83
3.3.2.3	<i>Dimensão cognitiva.....</i>	84
3.4	A perspectiva semiolinguística sobre manipulação discursiva.....	86
3.4.1	<i>O perfil do manipulador e o discurso manipulador.....</i>	87
3.4.2	<i>A manipulação no discurso político.....</i>	89
3.5	Por uma análise textual do fenômeno da manipulação.....	100
4	A DESINFORMAÇÃO DIGITAL, A MANIPULAÇÃO DAS INFORMAÇÕES E O PAPEL DAS AGÊNCIAS CHECADORAS.....	103
4.1	O conceito de desordem informacional e suas implicações.....	104
4.2	A desinformação como sistema, processo e efeito.....	109
4.2.1	<i>A desinformação como objeto.....</i>	109
4.2.2	<i>A desinformação como processo.....</i>	113
4.2.3	<i>A desinformação como efeito.....</i>	114
4.3	As agências de checagem e seu papel ético-social com a informação.....	116

5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	122
5.1	Método de abordagem.....	122
5.2	Tipo de pesquisa.....	123
5.3	Delimitação do universo e amostra.....	123
5.4	Técnicas.....	124
5.5	Descrição da coleta de dados.....	124
5.6	Procedimento de análise dos dados.....	126
6	ANÁLISE DA MANIPULAÇÃO EM TEXTOS DIGITAIS DESINFORMATIVOS.....	132
6.1	O patriotismo político e a construção do salvador na narrativa “Rayssa dedica medalha ao Bolsonaro”.....	133
6.2	O patriotismo e a construção do salvador na narrativa “Bolsonaro e Bia Souza juntos em campanha eleitoral de 2022”.....	142
6.3	A construção da cena dramática e o inimigo político na narrativa “Governo Lula retorna cobrança de seguro DPVAT.....	148
6.4	O binarismo político “Nós- bons x eles- corruptos” na narrativa “Lula ao lado de Domingos Brasília”.....	156
6.5	A construção do herói e do inimigo como reforço à descredibilidade nas instituições públicas na narrativa “Helicóptero da Havan resgata vítimas”.....	165
6.6	O pânico social e ameaça a valores como efeitos da agenda manipulatória na narrativa “Governo Lula autoriza aborto em qualquer época gestacional”.....	169
7	CONCLUSÕES E NOVOS CAMINHOS.....	181
	REFERÊNCIAS.....	188
	GLOSSÁRIO.....	193
	ANEXO A – EXEMPLO 13 – RAYSSA LEAL DEDICA MEDALHA AO BOLSONARO.....	194
	ANEXO B – EXEMPLO 14 – COMENTÁRIOS DO REEL RAYSSA LEAL DEDICA MEDALHA AO BOLSONARO.....	195
	ANEXO C – EXEMPLO 15 – BOLSONARO E BIA SOUZA JUNTOS EM CAMPANHA ELEITORAL.....	196

ANEXO D – EXEMPLO 16 – COMENTÁRIOS DO DA POSTAGEM NO X “BOLSONARO E BIA SOUZA JUNTOS EM CAMPANHA ELEITORAL”.....	197
ANEXO E – EXEMPLO 17 – GOVERNO LULA RETORNA COBRANÇA DE SEGURO DPVAT.....	198
ANEXO F – EXEMPLOS 18, 19 E 20 – SEQUÊNCIA DO POST EM QUE LULA APARECE AO LADO DO CRIMINOSO DOMINGOS BRASÃO.....	199
ANEXO G – EXEMPLO 21 – COMENTÁRIOS DA PUBLICAÇÃO SOBRE LULA E DOMINGOS BRASÃO.....	200
ANEXO H – EXEMPLO 22 – HELICÓPTERO DA HAVAN RESGATA VÍTIMAS DE ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL.....	201
ANEXO I – EXEMPLO 23 – GOVERNO LULA AUTORIZA ABORTO EM QUALQUER TEMPO GESTACIONAL.....	202
ANEXO J – EXEMPLO 24 - COMENTÁRIOS DO REEL GOVERNO LULA AUTORIZA ABORTO EM QUALQUER TEMPO GESTACIONAL.....	203

1 INTRODUÇÃO

Nada jamais continua, tudo vai recomeçar!

(Mario Quintana)

Sem quaisquer dúvidas, esta tese apresenta alguns recomeços. Os primeiros passos do doutorado se deram em 2021 durante o segundo ano de pandemia, o que dificultou a construção desta pesquisa. Entre disciplinas remotas e um cenário ainda desconhecido, alguns “começos” foram ensaiados em meados de 2022. O projeto de pesquisa tomou forma e objetivava, na época, investigar os pré-discursos, a partir de parâmetros textuais, em postagens do Instagram, como as crenças, as doxas e a memória interdiscursiva, entre outros. No entanto, no processo de construção desta pesquisa, entre idas e vindas, após resenhas sobre o tema, esse caminho não satisfaz as nossas inquietações, pois esse olhar para as *anterioridades discursivas* nos levou a refletir sobre outros fenômenos como a *manipulação* e a *desinformação* no ambiente digital se valiam, por exemplo, das crenças para enganar, as quais, junto às doxas e à memória compartilhada, relacionavam-se a essas novas interrogações debatidas na qualificação de projeto no início de 2024 ao curso da pesquisa.

As seguintes inquietações formaram questões caras a esta tese, as quais citamos: a) Como a Linguística Textual (LT) pode fornecer parâmetros analíticos para análise da manipulação em narrativas desinformativas? b) O que particulariza a manipulação de outras formas de influenciar os interlocutores? c) Como poderíamos evidenciar, por critérios textuais, a manipulação e a desinformação e que efeitos de sentidos podemos encontrar? Para essas questões iniciais, algumas respostas foram ensaiadas ao longo desse trabalho. São esses, então, os descaminhos que deram luz à construção desta pesquisa.

A constituição da tese tem como pano de fundo o contexto sócio-histórico e político brasileiro regado por uma forte polarização, discurso de ódio e uso desenfreado das plataformas digitais para deturpar a opinião pública. Os principais fatos sociais que cercam este trabalho foram os seguintes: as eleições presidenciais de 2022; o ataque de 8 de janeiro de 2023 com a depredação da sede dos 3 Poderes da República; os desastres climáticos do Rio Grande do Sul entre os meses de abril e maio de 2024; as Olimpíadas de Paris em julho e agosto de 2024; e, mais recentemente, a polêmica envolvendo o pix em janeiro de 2025, resguardadas, logicamente, as suas proporções. Esses eventos possuem como aspecto comum a onda avassaladora de manipulação e desinformação no ambiente digital, o que resultou em consequências à sociedade, como desvio de ajuda humanitária a residentes do RS. O ato de

distorcer a informação pode parecer inofensivo, mas pode gerar danos inimagináveis e irreversíveis. Por isso, objetivamos, a partir de uma perspectiva textual, investigar esses fenômenos de particular interesse dos filósofos da informação e cientistas da comunicação. Dessa forma, é sobre a possibilidade de investigar a manipulação e a desinformação amparada pela Linguística Textual que se encontra o escopo desta tese.

Após nos debruçarmos sobre as estratégias de manipulação no discurso de Charaudeau (2020; 2022), questionamos a possibilidade de analisá-las no texto digital sob a ótica dos critérios de análise da LT. Esse desafio surgiu ao observar as redes sociais durante os eventos supracitados, pois percebemos que essas estratégias, como a dramatização, são perceptíveis principalmente em textos com desinformação, os quais remontam narrativas para distorcer os sentidos e manipular a opinião pública. Feitos esses ajustes, o objeto de investigação estava visualmente delimitado. Dessa forma, não interessou a essa pesquisa quaisquer ocorrências de manipulação, mas aquelas que aconteciam em narrativas plenamente desinformativos¹.

Assim, o **objetivo geral** desta tese é *investigar como critérios textuais, enunciativos e tecnolinguageiros podem explicar a prática discursiva de manipulação em narrativas desinformativas, a partir do quadro teórico-metodológico da Linguística Textual*.

Essas narrativas desinformativas, a partir de diversas estratégias languageiras, enviesam sentidos e manipulam a opinião pública a favor de posicionamentos que favorecem um indivíduo ou grupo específico para prejudicar outros.

A partir dessas reflexões, elencamos os seguintes objetivos específicos nesta pesquisa: i) descrever de que forma se configura o **quadro enunciativo-interacional** dos textos desinformativos manipulatórios, contemplando os contratos presumidos e o circuito comunicativo e apontando regularidades; ii) analisar como se (re)constroem **os objetos de discursos conectados por redes referenciais multilíneares** em textos desinformativos e como constituir evidências das estratégias de manipulação (dramatização e exaltação de valores); e iii) identificar quais são **os efeitos de sentidos dos gestos tecnolinguageiros** (*hashtags*, comentários, emojis e botões de ações) nos textos desinformativos, que podem, por exemplo, validar ou invalidar a ocorrência da manipulação dos interlocutores arrebanhados e possíveis terceiros.

¹ Definimos, em primeira instância, as narrativas desinformativas como pequenas histórias fabricadas ou retiradas de contexto com o propósito de distorcer os sentidos.

A questão de pesquisa que norteia este trabalho é: **De que forma os parâmetros textuais podem evidenciar o jogo manipulatório em narrativas desinformativas?**

Supomos, como hipótese básica desta tese, que, dentre os critérios da Linguística Textual, *a construção dos objetos de discurso em redes referenciais, dada a sua centralidade nos estudos do texto, podem constituir evidências textuais da prática discursiva da manipulação, considerando um exemplário digital formado por narrativas desinformativas, constituindo efeitos de sentidos.*

Como questões específicas, indagamos: i) Que regularidades o quadro enunciativo-interacional pode apontar a respeito da configuração textual das narrativas desinformativas e de que forma o locutor/enunciador se comporta? ii) Como a construção dos objetos de discurso, a partir das redes referenciais, pode ser uma evidência do jogo manipulatório? iii) Que efeitos de sentidos se evidenciam a partir dos gestos tecnolinguageiros (emojis, *hashtags* e comentários), na análise tecnotextual de narrativas desinformativas?

Como **hipóteses secundárias** para as questões apresentadas, consideramos três:

- a) sugerimos que o texto desinformativo é uma conjunção de informações enquadradas para manipular, o enunciador/locutor comporta-se como impostor, porque, ao elaborar uma narrativa desinformativa, manipula fatos e enviesa os sentidos. Com a construção do quadro analítico, é possível perceber certas regularidades advindas de pistas contextuais e tecnolinguageiras;
- b) presumimos que construção dos objetos de discurso em rede permite evidenciar textualmente a cena dramática ao estabelecer uma desordem social, culpado e salvador, além de textualizar, pela referenciação, a estratégia de exaltação dos valores, que pode ser a vitimização do povo, a satanização dos culpados, e, por vezes, a liderança populista, e/ou valores como família, pátria e trabalho;
- c) supomos que os comentários, os emojis e os outros recursos multissemióticos e tecnolinguageiros, podem inscrever ou não o arrebanhamento dos interlocutores potencialmente manipulados e possíveis terceiros observadores, colaborando para a polarização esquerda/direita, binarismo político, pertencimento identitário e comportamento de rebanho.

Após alinhar as questões às hipóteses, pesquisamos trabalhos dentro da ciência Linguística sobre esse objeto para investigar se há pesquisas que estabelecem uma relação entre textualidade digital, manipulação e narrativas desinformativas, proposta desta tese.

Como observamos nas pesquisas, os estudos da manipulação voltam-se principalmente para um investimento nas práticas discursivas de *desinformação*, ou *fake news* para alguns autores. As pesquisas observavam que esse meio orientava pontos de vistas dos indivíduos levando-os a crer em determinadas visões culturais e sociais sobre um evento. O fenômeno da manipulação ainda é emergente, sendo objeto de investigação de diversas áreas com estudos contemporâneos².

Ao consultar a expressão “manipulação discursiva” no banco da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, encontramos 7 (sete) trabalhos publicados entre teses e dissertações durante a constituição do estado da arte desta pesquisa, dos quais 1 (um) pertence ao ensino de história, 1 (um) se enquadra nos estudos literários e 2 (dois) se inserem na área do direito, o que reforça a relevância de ampliar estudos em Linguística sobre esse fenômeno. Por razões de delimitação temática, destacamos 2 (dois) trabalhos situados nos estudos da linguagem.

A dissertação de Marcel Gugoni, defendida em 2021, elabora um estudo sobre as *fake news* como um discurso de manipulação presente na era da informação. Conforme o autor, as *fake news* seriam produtoras do que ele denomina como um “não fato”, sendo, portanto, utilizadas para influenciar, seduzir e manipular o processo de negociação de efeitos de sentido. A proposta é analisar a manipulação discursiva a partir das *fake news*, articulando dispositivos como a cenografia e o *ethos*; por essa razão, as categorias de análise são próprias de uma abordagem francesa do discurso de Maingueneau. Como conclusão, o autor percebeu que a cenografia que envolve as *fakes news* é a noticiosa, levando à produção de sentidos como informações erradas, tóxicas e falsas. Quanto ao *ethos*, o autor chegou a uma imagem discursiva que projeta um enunciador que, ao definir um posicionamento discursivo, busca regular a vida política em crise.

Outro trabalho que podemos citar é a dissertação de Romildo Silva, publicada em 2018, a qual analisa os argumentos persuasivos presentes no gênero debate televisionado. Com base Aristóteles, Perelman e Tyteca, bem como José Luis Fiorin, o autor examina as marcas

²As tentativas de manipulação se evidenciaram ainda mais nas plataformas digitais, no período pandêmico compreendido, mais precisamente, entre os anos de 2020 até meados de 2022 conforme a Organização Mundial da Saúde – OMS, bem como nas eleições presidenciais de 2022. O fluxo de informações se ampliou com as redes sociais, e a população manteve-se (des) informada sobre a situação do covid-19 por canais diversos. O jornalismo impresso e televisivo deixou de ser o *locus* tradicional das informações. Por essa razão, a possibilidade de manipular os fatos a serviço de interesses particulares, muitas vezes políticos, se expandiu.

persuasivas na textualidade do gênero debate. O autor aproxima a noção de persuasão e a de manipulação, pois compreende o ato de manipular é como um fenômeno oculto que, usado de forma intencional, produz efeitos como argumentos controversos a fim de influenciar as massas. Esse trabalho se aproxima do nosso objetivo, já que investiga os argumentos em um gênero como o debate televisivo, comprovando sua natureza manipulatória, para angariar e conquistar um auditório (os telespectadores). Não adotamos, todavia, a equivalência dos termos persuasão e manipulação, porque, seguindo Charaudeau (2020), a tentativa de influência ou de persuasão está em todo discurso (para nós, em todo texto), porém a manipulação só ocorre de modo específico. Destacamos que esses trabalhos, que exploram o fenômeno da manipulação, ainda não recobrem as especificidades que integrem parâmetros textuais e tecnolinguageiras, o que denota relevância à proposta da nossa pesquisa por uma perspectiva enunciativo-interacional.

Ressaltamos também o dossiê da revista *Gláuks*, cujo tema foi a relação entre discurso e manipulação, publicado em 2023. O volume foi pensado justamente devido à vasta propagação de informações nos novos dispositivos midiáticos (*Instagram, WhatsApp, X, TikTok, Kwai*, entre outros). As questões levantadas se aproximam de nossa pesquisa, pois os autores se interessam, por exemplo, por investigar as estratégias do discurso manipulador; a relação entre manipulação, verdade e desinformação; e o quão nocivo é esse fenômeno.

Sobre esse dossiê, chamamos atenção para os artigos *A manipulação pela construção do ethos no discurso de ódio*, de Pereira e Silva (2023), em que os autores tomam a construção do *ethos* como uma estratégia manipulativa. Outro artigo que merece destaque é o de autoria de Araújo e Mazzaro (2023), cujo título é *Inimigos imaginários: deimos, fobos, pathos e ethos em discursos bolsonaristas*. Os autores, à luz da teoria semiolinguística, investigam situações comunicativas com as temáticas “banheiro unissex”, “kit gay”, “destruição da família” e “ameaça comunista”. A análise levou os autores a constatar a presença da patemização pelo medo como uma estratégia manipulatória. A estratégia de manipular pelo medo é observada em nosso trabalho, pois investigamos, a partir a referenciação, evidências textuais da manipulação, o que não é abordado nos trabalhos encontrados sobre esses objetos.

Um dos trabalhos recentes sob a ótica da Análise do Discurso Crítica (ADC) é a tese de doutorado de Leonel Santos, defendida em 2024, que investiga a manipulação a partir da prática discursiva de desinformação, debruçando-se sobre as representações sociais que emergem no sistema eleitoral brasileiro. O autor elege a perspectiva teórica da manipulação e as categorias propostas pelo analista do discurso Van Dijk, filiado à análise do discurso crítica a partir da triangulação (discurso, cognição e sociedade). Van Dijk (2008) considera a

desinformação uma prática discursiva em que as representações sociais se configuram como uma estratégia de manipular como discutiremos na fundamentação. Santos, com base na proposta de Van Dijk, defende que a manipulação se dá na triangulação entre aspectos de ordem social (papéis sociais dos enunciadores), cognitiva (representações sociais como modelos mentais) e discursiva (elementos verbais e cotextuais), na prática discursiva de desinformação, no cenário político brasileiro.

Ainda acerca dessas pesquisas que têm, como escopo de análise, as *fakes news*, destacamos o artigo de Diana Barros, *As fakes news e as “anomalias”*, que, sob o viés da semiótica discursiva, analisa as *fakes news* em sua relação com outros textos nas redes sociais. A autora ressalta que a interpretação desses discursos mentirosos se pauta principalmente pelas crenças e pelas emoções do destinatário interpretante (interlocutor para a LT). Ou seja, quando esses discursos estão de acordo com as crenças e sentimentos dos destinatários, são tomados como verdade por si sós. Essa concepção de que trata Barros (2020) diz respeito ao conceito de pós-verdade, pelo qual as pessoas tendem a acreditar em informações alinhadas com suas crenças e valores morais, desconsiderando o que contraria suas opiniões. Essas considerações são relevantes a nossa pesquisa, porque, ao investigar as manifestações textuais de estratégias de manipulação, observaremos como o sujeito manipulado se ancora em suas crenças (aspectos pré-discursos) ao ponto de não perceber que está sendo levado a determinados pontos de vistas. Em textos com desinformação, isso ocorre muitas vezes de forma velada, o que não permite, supostamente, a esse sujeito, já ferrado a seus valores, perceber o jogo manipulatório discursivo.

Um trabalho que merece destaque acerca das *fake news* é o artigo *Gosto, logo acredito: o funcionamento cognitivo-argumentativo das fake news*, de Seixas (2019). Tal pesquisa já preconiza diversas questões que dialogam com a nossa investigação sobre estratégias manipulatórias. O objetivo do autor foi explicar que razões de ordem cognitiva levam os sujeitos a crê em *fake news* e que estratégias discursivas se constroem para que sejam críveis a um conjunto de pessoas. Aponta, como resultados, o reenquadramento cognitivo para ressignificar sentidos aliado a outros recursos para enfatizar o tribalismo político, ou seja, comportamento de tribo, o qual chamamos nesta tese de comportamento de rebanho.

Dentre os trabalhos que mais se aproximam com a proposta desta tese está a dissertação de Leonardo Colares, defendida em 2023, em que o autor examinou a construção do ponto de vista em *fake news*, a partir de processos referenciais, como marcas textuais que evidenciavam tais práticas discursivas. Colares defende que a LT tem muito a colaborar para uma melhor compreensão das notícias falsas, pois, a partir de uma análise textual-discursiva,

seria possível identificar vestígios da natureza discursiva das *fake news*. Concordamos com o autor, pois defendemos que a desinformação, em seu sentido mais amplo, apresenta um modo enunciativo que obedece a certos padrões, uma vez que não pretende apenas informar sobre um fato, mas manipular os interlocutores que interagem com tais textos a partir de narrativas conspiratórios, em que há a construção de uma desordem social, de um vilão e de um herói.

Apesar de resguardar semelhanças com nossa proposta, nosso investimento vai além, pois investigamos como se textualizam as estratégias de manipulação e como se manifestam no texto, considerando o quadro enunciativo, a cena dramática constituída nos textos pelas estratégias manipulatórias, a reelaboração das redes referenciais para distorcer sentidos e manipular a opinião pública, e os efeitos de sentidos dos gestos tecnolinguageiros.

Citamos ainda dois artigos publicados, respectivamente, em 2023 e 2024, acerca da aproximação entre a Linguística Textual e a análise de *fake news*. O trabalho de Lé (2023) investiga a desinformação a partir da construção das redes referenciais em *fake news*, principalmente quanto às anáforas indiretas, as quais, segundo a autora, ativam certos referentes vinculados a conteúdos falsos, visando uma orientação argumentativa relacionada a discursos enviesados sobre censura, em defesa da liberdade de expressão. Essa discussão é muito oportuna a nossa pesquisa, pois dialoga com uma das categorias de análise – as redes referenciais. Um dos nossos objetivos é comprovar como as redes referenciais podem constituir evidências textuais da manipulação em textos desinformativos.

Capistrano Junior e Franco (2024) discutem o cofuncionamento de elementos linguísticos e informáticos e seus efeitos de sentidos, ao analisar *fake news* publicadas no *X* (antigo *Twitter*). O trabalho propõe uma interface entre a Linguística Textual, enfatizando a referenciação e a intertextualidade, e a Análise do Discurso Digital (ADD) de Paveau (2021), por meio dos tecnogestos (cliques) para explicar o que os autores denominam de textualidade nativa digital. A proposta se aproxima de nossa pesquisa porque propõe uma interface de critérios textuais, como por exemplo, a referenciação, com a Análise do Discurso Digital para analisar a coconstrução dos sentidos.

Diante desse contexto, é importante frisar que não objetivamos neste trabalho fazer um estudo apenas sobre *fake news*, pois acreditamos que há formas de desinformar que se valem de outros gêneros e organizações textuais que não apenas o modo de organização da “notícia”.

Desse modo, não estamos tomando o termo *fake news* para denominar as práticas de desinformação dos exemplos analisados nesta tese, pois defendemos que a *desinformação* é um fenômeno mais amplo que as *fake News* (*notícias falsas*), as quais se associam a um gênero

específico. A desinformação, tal como a concebemos nesta pesquisa, pode atravessar diferentes gêneros e compósitos textuais, sendo as *fake news* uma de suas formas. Por essa razão, estamos chamando os exemplos analisados de narrativas desinformativas, não porque obedecem a uma tipologia narrativa, mas porque, apoiados em Recuero (2024), são textos que contam pequenas histórias, de certo modo, fictícias com fatos fabricados, distorcidos e/ou descontextualizados, as quais são reforçadas e confirmadas pelas crenças já pré-estabelecidas dos indivíduos. Além disso, assim como Recuero (2024), concebemos a dimensão social, simbólica e coletiva desse fenômeno, atravessados por diferentes ideologias.

Partindo dessa varredura, nossa proposta é investigar a manipulação sob uma perspectiva textual, em interface com estratégias manipulatórias do discurso político da semiolinguística.

Concordamos com Charaudeau (2022), para o qual a manipulação é uma discussão da moda e se tornou ainda mais popular no Brasil em razão das eleições de 2018 e 2022, quando grupos políticos da extrema direita ampliaram sua presença digital nas redes sociais. Charaudeau trata, então, a manipulação como uma variante da persuasão. Defende, em consonância com a nova retórica, que a tentativa de persuasão está em todo uso linguageiro (Amossy, 2018), mas alega que nem todo ato persuasivo é de caráter manipulador. Quanto a esse posicionamento, concordamos com o teórico que a persuasão e a manipulação não são termos equivalentes.

Nesta pesquisa, que segue o programa metodológico da Linguística Textual, buscamos comprovar como as redes referenciais (e possivelmente outras categorias analíticas da LT) podem constituir evidências textuais de estratégias de manipulação em textos com desinformação, pois textos dessa natureza forjam trilhas de sentido, deturpando a construção dos objetos de discurso; simulam estilo e composição de gêneros, por exemplo; apresentam maior ou menor grau de informatividade; dão saliência a determinados tópicos; e até estabelecem alusões intertextuais e a pré-discursos (memórias, doxas e principalmente crenças) movidos pelo contexto, bem como recorrem a efeitos de sentido dos gestos tecnolinguageiros próprios de textos em ambiente digital.

Dessa forma, esta pesquisa se insere nas indagações do grupo Protexto sobre a textualidade digital e o modo como essas interações estabelecem intrínseca influência dos ecossistemas na internet. Ao investigar textos desinformativos, abrimos espaço também para discutir as disputas de sentido nessas narrativas e esclarecer o modo como exploram esse fenômeno a serviço da desinformação. As interações se dão por meio de textos nos ambientes

digitais, e manipular os sentidos para desinformar traz consequências sociais e políticas, muitas vezes, irremediáveis. Por essa razão, esta tese explica, por critérios enunciativos, interacionais e tecnolinguageiros, a manipulação em textos plenamente desinformativos que ainda circulam livremente nas plataformas digitais.

Este trabalho, além da introdução e das conclusões, apresenta três capítulos teóricos, um capítulo de procedimentos metodológicos e um capítulo de análise, os quais descrevemos, a seguir, sucintamente.

No segundo capítulo, abordamos critérios textuais a partir dos conceitos de texto, contexto, circuito comunicativo, quadro enunciativo e referenciação, com particular atenção às redes referenciais, as quais são categoria de análise dessa investigação. Além disso, debruçamos sobre os aspectos tecnodiscursivos, como os traços do tecnodiscurso, a noção de tecnotextualidade/tecnotexto e os gestos tecnolinguageiros, cujos efeitos discursivos são caros à análise dos textos desinformativos no ambiente digital.

No terceiro capítulo, investimos em um panorama teórico-metodológico sobre a manipulação na ciência linguística, pois este trabalho investiga como as estratégias de manipulação podem ser flagradas pela textualidade. A partir desse objetivo, discutimos a concepção de manipulação pela retórica com a manipulação da palavra, por Phillip Breton (1999); pela Análise do Discurso Crítica, por Van Dijk (2013); e pela concepção semiolinguística da manipulação, por Patrick Charaudeau (2020; 2022). Esse percurso teórico permite situar a nossa escolha pelas estratégias de manipulação da opinião pública e da verdade charaudeanas.

No quarto capítulo, discutimos conceitos de desinformação como parte de um sistema desinformativo. Para isso, debatemos o conceito de manipulação cunhado por Fallis e Floridi (2011), na filosofia da informação, e por Wardle e Derakhsham (2018 [2023]). Ainda aprofundamos esse conceito por Recuero (2024) em três perspectivas: sistema, processo e efeito.

No quinto capítulo, denominado procedimentos metodológicos, descrevemos a metodologia do trabalho, ao definir o método de abordagem, a delimitação do universo e amostra, as técnicas, a descrição da coleta de dados e os procedimentos de análise da pesquisa.

No sexto capítulo, apresentamos as análises. O exemplário foi constituído por 6 casos desinformativos, além dos comentários, os quais testam as hipóteses deste trabalho a partir do contexto de publicação, a checagem das desinformações, o quadro interacional-enunciativo, a construção dos objetos de discurso em redes referenciais, como evidências das

estratégias de manipulação na constituição da cena dramática de cada texto e os efeitos de sentidos dos gestos tecnolinguageiros.

Por fim, a seção de conclusões e novos caminhos, a qual apresenta uma síntese dos resultados dessa investigação e novas rotas a serem percorridos por essa pesquisa.

2 TEXTO, TEXTUALIDADE DIGITAL E TECNODISCURSIVIDADE

“[...] se o texto, como uma unidade de coerência em contexto, supõe a unidade de uma comunicação com todos os aspectos que para ela colaboram, então o texto é o iceberg inteiro” (Cavalcante et al., 2022, p. 22).

Este capítulo pretende situar a nossa investigação na Linguística Textual observando os conceitos de **texto**, **contexto**, **contrato de comunicação** e **circuito comunicativo**, **quadro enunciativo**, bem como as categorias analíticas da LT com atenção à **referenciação** e ao pressuposto das **redes referenciais**, o qual é indispensável aos nossos estudos. Além disso, contemplamos os avanços da própria teoria quanto às concepções adotadas e advindas da **tecnodiscursividade**, da **textualidade digital** e/ou da **tecnotextualidade**, fundamentais a pesquisas que analisam um exemplário digital. Nosso objetivo é investigar como a manipulação se textualiza em narrativas desinformativas, além de explicar que categorias textuais podem constituir evidências das estratégias de manipulação em textos desinformativos.

2.1 A noção de texto, contexto e circuito comunicativo

A unidade de análise da Linguística Textual é o texto. Para estabelecê-lo como objeto de investigação, é imperioso delimitar suas propriedades. Para Cavalcante *et al.* (2019; 2022), inspirada em estudos de Adam (2019), o texto define-se como uma unidade de comunicação e sentido em contexto.

A linguista, em conferência para a Abralín, em 2021³, seleciona pelos menos quatro propriedades do objeto texto. São elas:

- a) o texto como unidade de análise;
- b) a dimensão argumentativa com base em Ruth Amossy (2011) pela análise do discurso francesa;
- c) a noção de contrato de comunicação, circuito comunicativo e sujeito de Charaudeau (2012);
- d) a visão pós- dualista da linguagem por Paveau (2021).

³ Conferência *Discussão dos parâmetros teórico-metodológicos da linguística textual no Brasil*. In: XII Congresso Internacional da Abralín, InterAb12. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4X4QFKO3JMU&t=352s>>. Acesso: 28 fev. 25.

Esses parâmetros permitem consolidar o texto como objeto de investigação e enseja uma articulação teórica sem perder de vista os objetivos da doravante LT. Para tomar o texto como unidade analítica, é imprescindível estabelecer categorias de análise, as quais figuram como estratégias de textualização. Para que o leitor compreenda, listamos, conforme Cavalcante (2021), estas categorias analíticas: as modalidades argumentativas, o gênero e o plano composicional; o cenário dêitico; o *ethos* discursivo; a organização tópica; e as redes referenciais, as quais dedicamos maior atenção, tendo em vista os objetivos desse trabalho.

Todas as escolhas do locutor estão textualizadas, de um modo ou de outro, e objetivam influenciar o interlocutor a modificar seus modos de agir e ver o mundo, sendo tal concepção inspirada nos pressupostos da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) de Amossy (2018).

As estratégias supracitadas foram redimensionadas por Cavalcante em diversos trabalhos, bem como outros estudos de pesquisadores do grupo de pesquisa Protexto a serem mencionados nesta tese, os quais se debruçaram a investigar os parâmetros teórico-metodológicos, além de estabelecer interfaces direcionados por uma interdisciplinaridade focalizada (Charaudeau, 2013).

A partir da definição de texto, é importante situar qual é a noção de contexto defendida pela LT e sustentada por nós nesta tese. O contexto envolve todas as pistas do cotexto e de aspectos situacionais da interação, mas não apenas. É preciso acrescentar a essa percepção de contexto os saberes partilhados e os conhecimentos prévios dos interlocutores.

Recorremos, então, a Koch e Elias (2012, p. 59). Conforme as autoras, a leitura de um texto demanda essa (re)ativação de conhecimentos armazenados na memória, e são esses conhecimentos contextuais que possibilitam a construção de sentidos. Porém, o contexto não se limita apenas aquilo que está na memória dos interlocutores. É a combinação do explícito (a materialidade) e do implícito, conforme as autoras relatam na metáfora do *iceberg*:

[...] uma pequena superfície à flor da água (o explícito) e uma imensa superfície subjacente, que fundamenta a interpretação (o implícito). Podemos chamar de contexto o de *iceberg* como um todo, ou seja, tudo aquilo que, de alguma forma, contribui para ou determina a construção do sentido (Koch; Elias, 2012, p. 59).

Essa metáfora do *iceberg* relaciona-se à noção de contexto de Hanks (2008), cuja natureza é sociológica. Hanks (2008) define contexto a partir da conjunção entre duas dimensões amplas: emergência e incorporação. A emergência diz respeito à atividade discursiva enquanto processo e ao modo como ela é mediada por elementos da interação, em um contexto mais restrito. Essa noção relaciona-se ainda ao tempo concreto da produção dos

enunciados. Já a incorporação diz respeito a aspectos contextuais mais amplos em larga escala, envolvendo conhecimentos de ordem histórica e cultural. Cavalcante et al. (2022, p. 22) atualiza a metáfora do *iceberg* ao afirmar que “o texto é *iceberg* inteiro”. Ou seja, o texto é um conjunto de tudo aquilo que está a serviço da negociação de sentidos. Pensar o texto como esse acontecimento discursivo que constrói trilhas de sentidos implica pensar que o texto sempre é único e irrepetível. O texto é enunciado que acontece sempre e a cada vez que se enuncia, e possui começo, meio e fim. Todo texto busca ser coerente e construir sentidos. Sendo assim, a coerência é um dos fatores de textualidade de maior relevância para a construção textual.

Acerca dessas noções de **texto** e **contexto**, observemos a charge a seguir:

Figura 01 – Exemplo 01 – Charge Professora em sala de aula



Fonte: Página do *Facebook* do Jornal O tempo.

Todo texto se ancora em um contexto. A charge foi publicada dia 31 de outubro de 2018 e traz uma temática contemporânea e bastante debatida nesta época: as eleições presidenciais e o discurso polarizado entre esquerda e direita. A professora, ao dar aula para os alunos sobre uma operação matemática de divisão, discorre sobre um problema aritmético: “Joãozinho tinha 12 laranjas e resolveu dividir com três amigos em quantidades iguais”. Imediatamente, antes que a professora conseguisse terminar o problema, um aluno, com o celular em punho para gravar, se antecipa e esbraveja: “Doutrinação comunista!!! Vou ligar pro meu pai”.

Para a construção de sentidos, é preciso considerar o contexto sociocultural, histórico e emergente, no qual essa charge foi produzida, o que evidencia certos posicionamentos dos interlocutores, bem como do locutor primeiro que produziu a charge para o jornal O tempo. Os sujeitos exercem determinados papéis sociais (professora e aluno). No

entanto, o aluno desrespeita a professora ao acusá-la de uma doutrinação comunista em razão da explicação sobre o problema matemático. Nesta época, os ânimos estavam acirrados entre a polarização política de esquerda e de extrema direita. A extrema direita acusa os candidatos da esquerda de defender bandeiras comunistas e socialistas. No entanto, a compreensão sobre essas ideologias se tornava ainda mais obscura e pouco precisa devido ao excesso de desinformação com notícias falsas no período eleitoral, o qual perdurou ainda nas eleições de 2022. É perceptível pelas pistas multimodais que o aluno está furioso com a professora, enquanto ela está espantada e sem reação pela resposta do estudante. Esses efeitos de sentidos possíveis se ancoram nas próprias pistas do texto, sendo indispensáveis os conhecimentos pré-discursivos e compartilhados entre os interlocutores para a construção da coerência.

Conforme se comprova no exemplo anterior, para que os sentidos sejam construídos e que o propósito comunicativo seja alcançado, é essencial haver um compartilhamento de certas informações, assim como é essencial que os interlocutores conheçam normas sociais previstas para cada contrato de comunicação.

O texto possui uma dimensão argumentativa, conforme prevê Amossy (2011), porque se trata de uma charge. Os textos de visada, para a analista do discurso, são aqueles que visam defender uma tese, os quais são denominados de visada argumentativa. Na Linguística Textual, o pressuposto, com base na Teoria da Argumentação do Discurso, é que todo texto é argumentativo, uma vez que há minimamente um projeto de influência do locutor/enunciador para modificar os modos de ver e pensar dos interlocutores e terceiro. Dizemos, então, que textos que manipulam são dotados de argumentatividade.

Como se pode ver na charge, os participantes assumem certos papéis sociais, e esse investimento é realizado para criar efeitos possíveis nos interlocutores e participantes indiretos – os terceiros. Essa construção é sempre uma encenação, um simulacro, pois não lidamos com sujeitos reais, empíricos, e está sempre alinhada a um contexto amplo que tanto é situacional quanto histórico, conforme Hanks (2008).

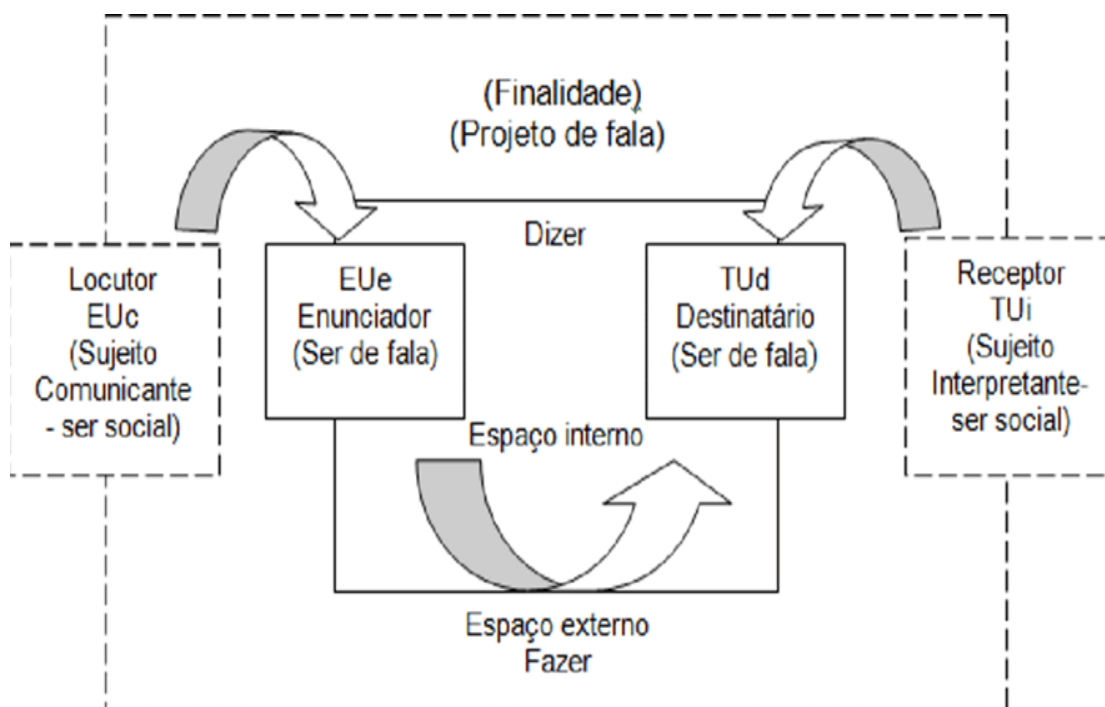
Assim, passamos à concepção de contrato de comunicação e circuito comunicativo. Esses parâmetros advêm de uma teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau, a qual se consolida com a publicação da obra *Linguagem e discurso – modos de organização*, de Patrick Charaudeau, em 1983. Essa proposta estabelece que as trocas languageiras envolvem uma relação entre língua e influência social, e podem ser pensadas em um **circuito comunicativo** a partir de **contratos** pré-estabelecidos entre os interlocutores que ocupam determinados papéis e identidades sociais no circuito comunicativo.

Para Charaudeau (2012, p. 6), o contrato de comunicação:

[...] une os parceiros num tipo de aliança objetiva que lhes permite coconstruir sentido se autolegitimando. Se não há possibilidade de reconhecer tal contrato, o ato de comunicação não estabelece pertinência e os parceiros não possuem direito à palavra. Numa situação de sala de aula, como em qualquer outra situação de comunicação, os parceiros supostamente compartilham o mesmo contrato, assim como certos valores e saberes que se estendem [...].

Todo texto acontece porque há contratos pré-estabelecidos e porque há um circuito comunicativo que organiza qualquer tipo de interação. As interações, conforme o semiolinguista, são regidas por contratos sociais e organizados por esse circuito de comunicação em que há um espaço externo e um espaço interno, o que demonstra que os sujeitos são seres sociais que se colocam como sujeitos enunciadore – seres de fala. A seguir, a Figura 2 mostra o circuito comunicativo que, para Charaudeau (2012), contempla quaisquer modos de se comunicar.

Figura 02 – Circuito comunicativo de Charaudeau



Fonte: Charaudeau (2019, p. 52).

Pela proposta do autor, há, então, um sujeito comunicante, no espaço externo, que é um ser social, o qual assume determinadas identidades e papéis. Quando este toma a palavra, coloca-se, no circuito, espaço interno, como um sujeito enunciador (eu); enquanto o sujeito interpretante ocupa a função de um “tu” dentro do espaço externo e, posteriormente, no espaço

interno como “tu destinatário”. Em Linguística Textual, essa descrição é assumida, mas com outra terminologia: a de locutor e interlocutor, incorporando, evidentemente, as noções de texto e de gênero⁴.

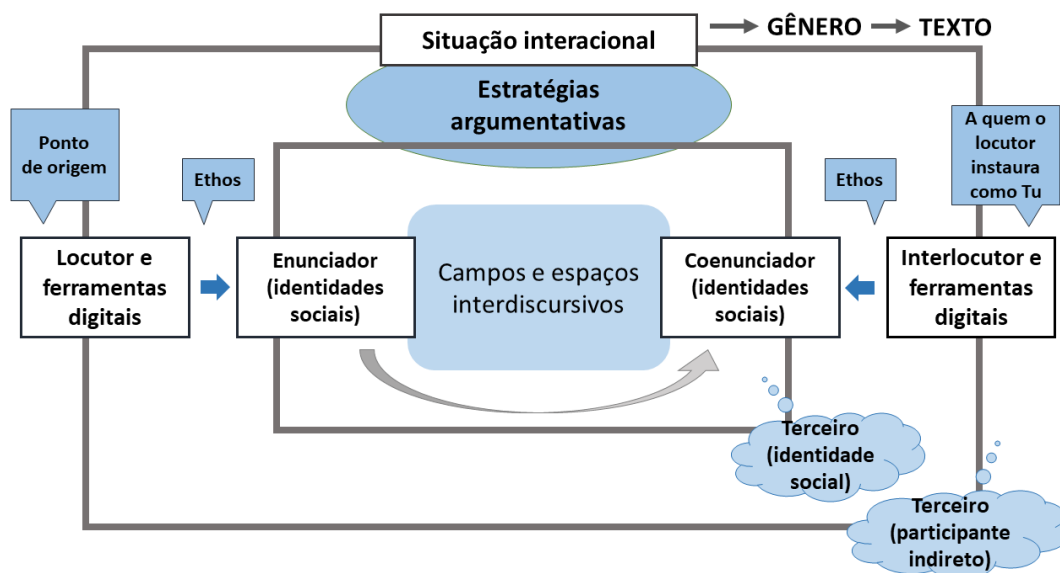
Para exemplificar esse circuito, o semiolinguista, no artigo *O contrato de comunicação na sala de aula*, demonstra os contratos presumidos e o circuito estabelecido numa troca languageira entre professor e aluno, em que ambos assumem papéis languageiros e identidades discursivas numa relação de hierarquia e, conseqüentemente, de poder.

Conforme é representado no esquema charaudeano, os sujeitos assumem papéis languageiros e determinadas identidades discursivas no espaço interno. O “sujeito destinatário” (espaço interno) corresponde, assim, à identidade discursiva que se supõe que vai *legitimar e reconhecer* a identidade discursiva do sujeito enunciador. Não fazemos uma distinção dentro da LT entre os sujeitos do “espaço interno” e os do “espaço externo”, o que não quer dizer que não estejamos contemplando o que há nos dois espaços. As imagens sociais, cujas identidades discursivas os sujeitos tentam reconhecer e legitimar, são indispensáveis à análise de narrativas desinformativas. São esses reconhecimentos de aspectos esperados das relações sociais ritualizados, nas interações em sociedade, que garantem, digamos, o sucesso do ato de linguagem; do contrário, quando há falhas na comunicação, o contrato é quebrado ou reconfigurado.

Observemos a seguir o circuito comunicativo adaptado a parâmetros textuais por Cavalcante *et al.* (2022, p. 23).

⁴ O circuito comunicativo da situação de interação foi adaptado a parâmetros textuais. (Cavalcante *et al.*, p. 23, 2022)

Figura 03 – Situação interacional por Cavalcante et al. (2022)



Fonte: Cavalcante *et al.* (2022)

Conforme Cavalcante (2021), o texto é o conjunto de tudo aquilo que ocorre na negociação. Esse quadro ilustra a situação interacional considerando elementos do circuito comunicativo, por exemplo, o *ethos*, as identidades assumidas pelo locutor/enunciador (eu/tu), a participação indireta do terceiro, o gênero em questão, bem como as estratégias argumentativas e os aspectos interdiscursivos que estão em jogo no texto. O texto é esse todo que acontece na interação. Um dos nossos objetivos é caracterizar o quadro enunciativo, contemplando os contratos presumidos, o circuito e o modo como os locutores se posicionam em textos desinformativos evidenciando algumas estratégias de manipulação através das redes referenciais.

Feitas essas considerações, julgamos relevante citar o quadro enunciativo proposto por Cavalcante, Brito e Martins (2024). Esse quadro metodológico didatiza a análise textual e recorre a aspectos que fazem parte do circuito comunicativo ao elaborar possíveis questões para nortear o percurso analítico para caracterizar a situação comunicativa. Apesar de a proposta ser pensada para uma aplicação no ensino, as autoras defendem que esse quadro pode servir como aparato teórico-metodológico às análises textuais, o qual se soma a essa tentativa de reivindicar uma metodologia precisa para uma análise textual (Brito; Martins, 2025). Tais questões norteadoras foram testadas e adaptadas por autoras como Soares e Brito (2025), que analisaram o quadro teórico-metodológico para análise de tecnotextos desinformativos, e por Souza (2024), que investiu na noção de terceiro na tecnodiscursividade. Vejamos a seguir a proposta das autoras.

Figura 04 – Quadro com questões norteadoras para uma análise textual

Aspectos enunciativos e interacionais para a contextualização de um texto	Respostas
Quem é o locutor/enunciador principal?	
Quem é projetado como interlocutor? Existem terceiros?	
Qual o grau de intimidade dos interactantes (o locutor-enunciador principal e os possíveis interlocutores são conhecidos, desconhecidos, inimigos, amigos, íntimos ou aleatórios?)	
De que gênero o texto participa?	
Em que ecossistema o gênero se situa? Como funcionam as mídias nesse ecossistema e por que suporte ele é acessado?	
O texto ocorre num espaço público ou num espaço privado? Os participantes podem se ver ou não?	
Qual o número de interactantes (mais de dois)? O texto contém apenas um quadro enunciativo? Existe, no quadro enunciativo analisado, a alternância de turnos de fala? As possibilidades de intervenção são limitadas ou não?	
Com que propósitos o locutor/enunciador principal argumenta? Que pontos de vista ele parece sustentar?	
Em que situação sócio-histórica o texto se situa (como se contextualiza)?	
Os objetivos da interação são voltados para que modo de argumentar? Para a sedução, para a transmissão de conhecimentos, para transações comerciais, ou são puramente fáticos?	
Como os subtópicos são distribuídos no texto (que sistemas semióticos estão sendo integrados)? Como esse modo de organização dos conteúdos favorece a argumentatividade do texto?	

Fonte: Cavalcante, Brito e Martins (2024)

Ao propor o quadro, as autoras consideram crucial “examinar como os participantes se posicionam, representam suas identidades e desempenham papéis sociais no ambiente digital” (Cavalcante, Brito e Martins, 2024, p. 108). Questões como “Quem é o *locutor/enunciador* principal” ou “quem é projetado como *interlocutores* e se há *terceiros*?” relacionam-se ao circuito comunicativo de Charaudeau (2019). O *grau de intimidades* entre os interlocutores pode revelar, por exemplo, as relações de poder envolvidas em uma interação, assim como se ocorre em *espaço públicos ou privados*. Identificar o *gênero*, o *ecossistema* e o *suporte* são imprescindíveis para observar as possibilidades de interações entre os participantes envolvidos. Por outro lado, as questões sugeridas, como as que envolvem o número de interactantes e a quantidade de quadros enunciativos, bem como os propósitos e os pontos de vista, podem soar conflitantes quando dispostas conjuntamente. Pensamos, então, que essas questões podem aparecer como indagações separadamente.

Ressaltamos a relevância das questões acerca do contexto sócio-histórico, os modos de argumentar, as modalidades argumentativas de Amossy (2018), ou tópicos e subtópicos distribuídos no texto, os quais auxiliam na interpretabilidade e nos sentidos possíveis construídos nos textos. A proposta das autoras, apoiada em parâmetros de Kerbrat-Orecchioni (2005), objetiva apreender o todo interacional e enunciativo. Esse quadro, ao passo que a nossa pesquisa se desenvolvia, já sofreu alterações, principalmente, para incluir as categorias analíticas para uma análise textual mais robusta⁵. Para a nossa tese, propusemos reformulações de algumas questões e acrescentamos novas para cercar, por exemplo, o jogo manipulatório em casos desinformativos de que estamos tratando aqui.

Após essa discussão, dedicamos uma seção para explicar, ainda que brevemente, as categorias analíticas da LT, dedicando atenção particular à referenciação e às redes referenciais.

2.2 As categorias analíticas da LT, a referenciação e as redes referenciais

A Linguística Textual dedicou-se intensamente, ao longo dos anos, à consolidação de parâmetros analíticos capazes de oferecer uma base metodológica consistente para as investigações na área. No âmbito dessas pesquisas, especialmente na perspectiva desenvolvida pelo grupo Prottexto, foram estabelecidas categorias específicas de análise, com base nos seguintes critérios:

- a) **argumentação:** essa categoria é constitutiva da textualidade. Como mencionamos, a argumentatividade dos textos se inspira na Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) de Amossy (2018), em que a argumentação é presente em todos os textos. Assim, todo texto é argumentativo porque, de algum modo, há um locutor/ enunciador que tenta influenciar o interlocutor e/ou um terceiro a modificar seus modos de ver, pensar ou agir. Essa categoria também observa as diversas modalidades argumentativas que ofertam parâmetros para orientar a situação de comunicação (Cavalcante et al., 2022);
- b) **organização tópica:** essa categoria analítica envolve o modo como um segmento discursivo se desenvolve. O tópico discursivo é explorado principalmente pelas suas propriedades: centração e organicidade, pois análises

⁵ É importante frisar, com essas observações, que o quadro faz parte de uma sugestão metodológica para a sala de aula. Há ainda outros trabalhos com objetivo de esmiuçar e revisitar esse quadro norteador para análise integral dos textos na tentativa de reformular essas reflexões. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/94657/251846>. Acesso em: 01 jul. 25.

mostram como as informações se organizam no eixo horizontal e vertical, seja em textos plenamente verbais ou verbo-visuais (Jubran, 1992; 2006; Sá, 2018). Esses estudos possuem relação com a referenciação, pois um tema, para progredir, precisa que esses referentes, em *rede*, se modifiquem, ou melhor, se *recategorizem*;

- c) **intertextualidade:** essa categoria divide-se, em estudos mais contemporâneos (Carvalho, 2018; Braga, 2024), em estritas e amplas. Os processos intertextuais são diversos e evidenciam as tipicidades das relações entre os textos, as quais podem ser, por exemplo, por citação, paráfrase, alusão, entre outros;
- d) **gêneros:** essa categoria investiga os padrões de textos. Os gêneros podem ser definidos como padrões de textos relativamente estáveis (Bakhtin, 1997). Os textos acontecem como eventos a partir dos gêneros. Eles revelam ainda o propósito comunicativo dos interlocutores. A concepção de gênero adotada pela LT sofre influência principalmente de Marcuschi, o qual pautou critérios, como “padrões comunicativos, ações, propósitos e inserção sócio-histórica”. (Cavalcante et al., 2022, p. 11);
- e) **seqüências textuais:** essa categoria diz respeito aos modos de organização dos textos, os quais revelam diferentes modos composicionais, como a seqüência narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. A seqüência injuntiva é tratada por Cavalcante et al. (2022) como textos de incitação à ação;
- f) **referenciação:** essa é a categoria fundamental para a textualização, pois, ao (re)construir os objetos de discursos, ou referentes, pode intervir nas demais categorias supracitadas. Os modos de negociar os sentidos, na referenciação, se dividem em três processos: introduções, anáforas e dêixis, além da recategorização e das redes referenciais, indispensáveis à dinâmica da referenciação.

Nosso objetivo aqui é apenas apresentar as principais categorias analíticas utilizadas, sem pretensão de esgotá-las. Considerando o recorte teórico-metodológico desta tese, não é possível aprofundar todas as categorias mobilizadas pela Linguística Textual. No entanto, reconhecemos o potencial analítico de outras estratégias, como a *intertextualidade*, que pode ser explorada, por exemplo, como um recurso de textualização da prática discursiva de manipulação nas interações desinformativas, aspecto que poderá ser desenvolvido por nós em

futuros trabalhos. Optamos, intencionalmente, por apresentar a referenciação por último, não por menor relevância, mas justamente por sua centralidade nos estudos da Linguística Textual.

A seguir, pontuamos o que define a referenciação, seus principais conceitos e aprofundamos a sua centralidade como categoria de análise da LT.

2.2.1 A referenciação e sua centralidade como categoria analítica

Como vêm demonstrando Cavalcante (2020; 2022; 2024), Cavalcante e Martins (2020) e Martins, Soares e Almeida (no prelo), a referenciação se consolida por sua centralidade teórica, e como um dos campos mais férteis de investigação, tanto em si quanto em múltiplas interfaces com outras categorias analíticas na LT.

Tal destaque justifica-se pelo fato de que a referenciação constitui um dos pressupostos fundamentais da análise textual. Conforme defende Cavalcante et al. (2022), trata-se de um critério microtextual que atravessa e evidencia as demais dimensões da textualização, sendo, por isso, o critério de maior importância. Como afirmam os autores, “a Referenciação é provavelmente o critério mais central e mais profícuo da linguística textual, porque se relaciona com os demais critérios analíticos do texto” (Cavalcante et al., 2022, p. 270).

Por essa razão, configura-se como a categoria de análise mais relevante para a nossa tese, uma vez que nosso objetivo é explicar de que forma ela textualiza as estratégias de manipulação nos textos desinformativos analisados.

Como pressupostos teóricos da referenciação, destacamos, como os principais representantes, Mondada (1994), Mondada e Dubois (2003) e Apothélos e Reichler-Béguelin (1995). A referenciação define-se como uma atividade discursiva, dinâmica e plenamente negociada pelos interlocutores na construção dos objetos de discurso. Essa perspectiva afasta-se das concepções de extensionalismo entre as palavras e objetos do mundo dados a priori, ou seja, distancia-se de uma relação de espelhamento das coisas.

De acordo com Mondada e Dubois (2003, p. 20):

Essas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solidário, face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.

Esse grau de intersubjetividade confirma a natureza socicognitiva e discursiva do referente, permitindo que os interlocutores coconstruam os sentidos do texto, por meio das negociações mediadas na interação e não por uma representação das coisas.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), assim como Mondada e Dubois (2003), não concebem os referentes como “coisas” do mundo material, e defendem uma visão de referência mais representacional e construtivista. Conforme os autores (1995, p. 229), “os objetos do discurso não preexistem ‘naturalmente’ à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – desta atividade”.⁶

Ingedore Koch e Luiz Antonio Marcuschi, em diversas publicações, foram os principais expoentes da Linguística Textual no Brasil, principalmente, quanto aos postulados acerca do conceito de referenciação. Marcuschi e Koch (1998), adeptos da visão intersubjetiva e negociada dos referentes proposta por Mondada e Dubois (2003), enfatizam que a realidade não é negada, mas que as relações entre linguagem e mundo não se dão por um sistema fotográfico e de espelhamento, como mencionamos.

Isto não significa negar a existência da realidade extremamente, nem estabelecer a subjetividade como parâmetro do real. Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Ele reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Também não se postula uma reelaboração subjetiva, individual: a reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua (Koch; Marcuschi, 1998, p. 5).

Essa reelaboração, como afirmam os autores, não é isolada e construída por um sujeito plenamente autônomo, nem é desregrada, mas regida por coerções sociais da ordem dos discursos, em virtude de fatores socioculturais.

Dando continuidade às discussões, dedicamos, a seguir, uma subseção à conceituação de objeto de discurso, processos e redes referenciais. Como já mencionado, nossa análise mobiliza essas redes referenciais, com o intuito de explicar de que modo se articulam os efeitos da manipulação e a construção de sentidos nas narrativas desinformativas.

2.2.2 O objeto de discurso e os processos referenciais

Como foi discutido na seção anterior, não é novidade que, na teoria da referenciação, a noção de referente afasta-se radicalmente de uma visão representacional – entendida como espelhamento ou correspondência direta com o mundo real. Para os estudos textuais, o interesse não recai sobre o objeto do mundo, a “coisa em si”, mas um objeto de

⁶ “[...] les dits objets-de-discours ne preexistent pas « naturellement » à l'activité cognitive et interactive des sujets parlants, mais doivent être conçus comme les produits fondamentalement culturels de cette activité” (Apothéloz; Reichler-Béguelin, 1995, p. 229, tradução livre por Mônica Magalhães Cavalcante).

discurso, ou seja, uma construção discursiva que emerge na interação, (re)configurando-se a partir da negociação de sentidos entre os interlocutores.

Como afirma Cavalcante et al. (2022, p. 266), “o referente é construído discursivamente no interior da interação, sendo, por isso, sempre uma forma de representação situada e socialmente ancorada”. Nesse sentido, os referentes não são dados estáticos, mas entidades textualmente (re)produzidas, que podem ser introduzidas, retomadas e recategorizadas ao longo do texto, por meio dos processos referenciais, evidenciando seu caráter dinâmico e intersubjetivo.

Para consolidar a definição de objeto, recorremos a Cavalcante (2024, p. 284):

“Objetos” não correspondem às próprias entidades do mundo apartadas da linguagem, nem às coisas representadas na mente dos indivíduos. Objetos também não significam “coisas materiais inanimadas”: na verdade, podem abarcar qualquer assunto evocado no texto. *Objetos* são tudo aquilo de que se trata no texto, tudo o que é nele tematizado e o que se relaciona indiretamente com o que é ali focalizado, mas não já dado como pronto para a interpretação, porque *objetos* não são assuntos que preexistem ao texto. O que é objeto de um texto, seja para centralizar um tópico, seja para ancorá-lo, é coconstruído, perspectivado nas relações intersubjetivas que se realizam na interação.

O modo como os objetos vão ser apresentados e reconstruídos no texto depende das escolhas dos interlocutores, os quais elegem formas de se colocar influenciados por um conjunto de crenças que fazem parte dos grupos sociais dos quais participam. Acerca disso, Cavalcante et al. (2022, p. 271) defendem que os referentes são construídos na negociação dos sentidos, pelo seguinte motivo:

As negociações não se restringem a decisões sobre expressões referenciais mais adequadas apenas, mas a qualquer escolha de elementos textuais interligados, que emergem na situação encenada e incorporam valores sociais. São negociações porque não correspondem a uma verdade, nem a à melhor verdade, mas a verdades filtradas por óculos sociais por vezes divergentes e por perspectivas individuais nunca coincidentes.

Para ilustrar a construção dos objetos de discurso, analisamos a mensagem de WhatsApp a seguir:

Figura 05 – Exemplo 02 –Trump atingido por disparo no lado direito do peito



Fonte: WhatsApp

A mensagem circulou em grupos de WhatsApp com a notícia que Trump também teria sido atingido no lado direito do peito. No entanto, segundo as agências de checagem “Fato ou Fake” e “Estadão Verifica”⁷, trata-se de uma mensagem desinformativa. A análise das imagens demonstrou o suposto ferimento nada mais é do que um efeito visual causado pela dobra da camisa e pelo ângulo da fotografia.

Ainda assim, o *post* estabelece relação com o episódio do atentado contra o então candidato à presidência dos Estados Unidos (USA), ocorrido em 13 de julho de 2024, durante um comício na Pensilvânia. Na ocasião, Trump foi atingido na orelha direita por um atirador, que, logo após o disparo, foi abatido pelos seguranças.

Observando o modo como as informações estão dispostas na mensagem, o referente *Trump* pode ser introduzido pela imagem ou pela expressão referencial Trump, disponível na legenda. Os referentes *agentes de segurança* e *bandeira dos Estados Unidos* podem ser introduzidos por pistas visuais, já que são elementos evidenciados pela imagem, os quais se relacionam em rede. Referentes como *tiro* e *atirador*, supomos, emergem pelo contexto e pela negociação de sentidos do texto, mesmo não estando ancorados em expressões referenciais. O

⁷ É falso que foto mostre que Trump foi atingido com tiro no peito. Disponível em: https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/trump-tiro-peito-foto-falso/?srsltid=AfmBOorRdQFD_p85maTxB_ogtZZM4WF4K70fx83T7RZ1eY-KDhpJFN2S. Acesso em: 25 jul. 25.

É #FAKE que foto mostre marca de tiro no peito de Donald Trump durante atentado em comício. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2024/07/15/e-fake-que-foto-mostra-marca-de-tiro-no-peito-de-donald-trump-durante-atentado-em-comicio.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 25.

referente, introduzido pelo emoji 🚒 (sirene), chama atenção para a urgência da notícia, o que pode causar um certo alvoroço nos apoiadores de Trump e do conservadorismo. Se pensarmos no modo como cada referente foi disposto no texto, podemos inferir que há um desejo de causar comoção ou pânico. As pistas do texto permitem construir objetos de discurso, os quais estabelecem conexões entre si, funcionando como *introduções referenciais*, *anáforas* ou *dêiticos*. Conforme Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 53), esses tipos representam os processos referenciais e com a finalidade “colaborar para a construção da coerência/coesão textual e discursiva”. Dessa forma, todas as pistas são indispensáveis à construção dos sentidos.

Antes de apresentar processo de construção referencial, sintetizamos a análise referencial do exemplo 02 em uma tabela, considerando como uma das possibilidades de interpretabilidade da (re)elaboração dos objetos de discurso.

Tabela 01 – Tabela resumitiva dos referentes

Referente	Possibilidade de ancoragem dos objetos de discurso e da construção de sentidos
<i>Trump</i>	Pista visual (introdução referencial por imagem do presidente ou expressão referencial por nome próprio). Figura política evocada pela memória compartilhada e pré-discursiva ⁸ .
Agentes de segurança	Pista visual. Introdução referencial pela imagem ⁹ .
Bandeira dos Estados Unidos	Pista visual. A introdução se dá, supomos, pela imagem. Sugere contexto político, patriótico.
Tiro	Inferência contextual / Negociação de sentidos.
Atirador	Inferência contextual / Negociação de sentidos.
Alerta	Símbolo visual 🚒 (ícone que marca urgência); dramaticidade.
Colete balístico	Pistas como “bala” e “atingido”.

Fonte: elaboração própria.

⁸ Compreendemos os saberes pré-discursivos como um conjunto de informações ancoradas na memória coletiva dos interlocutores, os quais são acionados pelas pistas contextuais e atualizados na negociação de sentidos. (Paveau, 2013; Cavalcante et al., 2022).

⁹ Não há como categorizar que um referente foi introduzido por uma expressão ou pela imagem, porque estamos sempre diante de possibilidades de construção quando se trata da negociação de sentidos. Para fundamentar essa ideia, citamos o artigo de Cavalcante e Martins (2020, p. 5), no qual as autoras afirmam que “não há garantias sobre esse primeiro acesso, por causa da interveniência de variáveis. O que vale ressaltar aqui é que só se pode falar, em Linguística Textual, em possibilidades de introdução e de retomada anafórica”.

Esse quadro permite reconhecer os referentes e possíveis pistas no processo de introdução e recategorização. Passamos para a conceituação dos tipos de processos referenciais: introdução, anáforas e dêixis.

Por definição, a *introdução referencial* é o único processo responsável pela inauguração dos objetos no texto. Isso pode ocorrer por uma forma mais canônica, como uma “expressão referencial” ou por outros sistemas semióticos. A perspectiva do interlocutor pode orientar de que forma um certo referente é introduzido, pois diversos elementos do texto podem introduzir, a depender do olhar do interlocutor que interage com o texto.

A introdução referencial e anáfora opõem-se por definição. *Anáforas*, por sua vez, se constitui por quaisquer formas de continuidade referencial. Este é o critério fundamental para a definição de anáfora. As anáforas podem ser *diretas* – quando retomam o mesmo objeto de discurso –, e *indiretas* – quando não retomam o mesmo referente e se ancoram contextualmente em diferentes referentes já instaurados no texto por um processo de associação. Além disso, outro processo anafórico é o *encapsulamento* (introdução ou anáfora), o qual resume porções contextuais do texto, as quais podem ser retrospectivas e/ou prospectivas.

Se considerarmos os pressupostos mais clássicos da referenciação (Mondada; Dubois, 1994; Apothéloz; Reichler-Béguelin, 1995), o processo anafórico era descrito a partir de formas lexicais, como sintagmas nominais e adverbiais, que serviam de âncoras para dar continuidade ao referente. No entanto, os processos referenciais têm um caráter bem mais amplo que analisar formas cotextuais, pois considera toda e qualquer pista que interfira na construção das trilhas de sentido do texto. Assim, o processo anafórico é responsável pela manutenção e pela progressão de referentes no texto.

O terceiro processo referencial denomina-se *dêixis*. Esse processo referencial não se opõe aos anteriores, mas exerce um papel essencial nos aspectos enunciativos e interacionais do texto. Para Cavalcante et al. (2022, p. 299, grifos nossos), a dêixis “exerce funções muito importantes ligadas a gestos languageiros de apontamento e de destaque de um dado referente e ligadas sobretudo à **relação do referente com o ponto de origem do locutor/enunciador**”. Nesse intento, a instauração do “eu” locutor se dá em relação a sua *origo*, a qual pressupõe um contexto enunciativo que orienta as coordenadas dêíticas a partir de seu ponto de referência.

Conforme afirma Martins (2024), em sua tese, os dêíticos possuem uma função **híbrida** quanto aos processos referenciais, pois podem introduzir e retomar objetos de discurso no texto. Da mesma forma, como prevê a autora, os dêíticos podem ser pistas contextuais para a recategorização desses referentes, já que os dêíticos ancoram o enunciado remetendo ao

locutor/enunciador. Os diversos sistemas semióticos de ordem não verbal indicam as coordenadas dêiticas que colaboram para reelaboração dos referentes e suas trilhas de sentidos.

No exemplo 02, a mensagem desinformativa de WhatsApp sobre o atentado contra Donald Trump ilustra os processos referenciais. Supomos que referente *Trump* seja introduzido pela imagem do candidato, a qual pode chamar a atenção do interlocutor em contato com o texto e funcionar como uma *introdução referencial*. Após ser introduzido, o referente progride e é retomado pela expressão referencial “Trump”, referente por nome próprio, tal como denominou Soares (2018). Essa pista faz o referente “continuar” no texto, evidenciando uma *anáfora direta*. Como *anáfora indireta*, identificamos o referente *colete balístico*, o qual é ancorado em referentes como a possível marca de bala no terno de Trump ou pistas como “atingido”. Não percebemos nesse exemplo casos de encapsulamentos nem formas dêiticas, o que não descarta a possibilidade de haver, por exemplo, o que Martins (2024) denomina de “campo dêítico”, já que estamos diante de um texto ecologicamente digital.

Acerca dos processos referenciais, um conceito indispensável a essa discussão é a recategorização. Para os clássicos, como Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 247), trata-se de um fenômeno atrelado às estruturas linguísticas.

A recategorização lexical de um objeto torna a fazer, de fato, uma predicação de atributo sobre este objeto. Desde já, não existe uma diferença real entre uma expressão anafórica que consiste na retomada fiel do lexema “antecedente” seguida de uma expansão portando uma informação inédita, e uma expressão que denomine este objeto de um modo novo¹⁰.

Soares (2018, p. 59), que investigou o processo de recategorização por nome próprio, faz uma crítica a essa concepção restrita que resume a recategorização a um processo de “renomeação”. Conforme a autora, a recategorização é um fenômeno mais amplo:

Esse fenômeno é um movimento intersubjetivo que não está preso apenas a formas referenciais numa espécie de retomada dos objetos de discurso linearmente pelas expressões referenciais, mas às relações anafóricas negociadas que são estabelecidas pelos interlocutores na dinâmica da construção dos referentes, a cada vez que o texto é construído, sendo estabilizadas e desestabilizadas constantemente até satisfazer os sentidos entre os interlocutores.

O posicionamento da autora endossa a concepção de recategorização das linguistas Cavalcante e Brito (2016, p. 119), as quais afirmam que “a recategorização compõe a dinâmica

¹⁰ La recategorisation lexicale d'un objet revient, de fait, a faire une predication d'attribut sur cet objet. Des lors, il n'y a pas de réelle différence entre une expression anaphorique consistant en la reprise fidèle du lexème « antécédent » suivie d'une expansion apportant une information inédite, et une expression nommant cet objet d'une façon nouvelle (Apothéloz; Reichler-Béguelin, 1995, p. 247, tradução livre por Mônica Magalhães Cavalcante).

natural de retomada anafórica, pela qual os referentes, ao mesmo tempo que se mantêm no texto por algum tipo de associação, também evoluem em diferentes proporções, em proveito da progressão temática”. Ou seja, a recategorização precisa ser vista de forma ampla e não linear, extrapolando as formas linguísticas ao considerar os constantes movimentos de idas e vindas e as múltiplas semioses envolvidas na construção dos sentidos pelos interlocutores.

Após essa demonstração, para sumarizar os processos referenciais, recorreremos ao quadro proposto por Cavalcante e Martins (2020, p. 6).

Figura 06 – Quadro – síntese dos processos referenciais

Os processos referenciais	
<p>Introdução referencial</p> <p>Inauguração de referente.</p>	<p>Anáforas/Recategorização</p> <p>Retomada de referente, sempre evoluindo, recategorizando-se.</p> <p>vs.</p> <p>→ Direta (pela correferencialidade);</p> <p>→ Indireta (pela não correferencialidade – referente novo recuperado pelo contexto);</p> <p>→ Encapsuladora (pela sintetização de um referente difusamente apresentado por proposições).</p>
<p>Dêixis</p> <p>Introdução <u>ou</u> retomada de um referente situado em relação à <i>origo</i>, ressaltando-o para o interlocutor.</p> <ul style="list-style-type: none"> → Pessoal (por remeter diretamente às pessoas da situação enunciativa simulada); → Social (por indicar as relações entre os participantes da situação enunciativa, revelando graus de formalidade e informalidade, estratégias de polidez, além de papéis sociais e estereótipos culturais que eles assumem); → Espacial (por apontar para determinados referentes espacialmente situados, tomando o locutor como ponto de origem); → Temporal (por indicar aspectos temporais pressupondo o “agora” do locutor para situar o tempo da enunciação); → Textual (por orientar cotextualmente, pressupondo a instauração de um ponto de origem na superfície textual e a relação deste com o entorno espaço-temporal); → Memorial (por fornecer base para a construção de um referente a partir de uma indicação a um tempo ou um espaço que costuma ser ativado na memória compartilhada entre os interlocutores); → Fictiva (por orientar espacialmente, a partir da transposição do ponto de origem, seja em uma situação física, seja fictiva); → Modal (por englobar modos indicados por comportamentos de qualquer ordem, tais como movimentos corporais ou outras sensações que apelem para os sentidos). 	

Fonte: (Cavalcante; Martins, 2024, p. 6)

A seguir, vamos discutir um conceito que atualiza a concepção de cadeias referenciais, ampliando as possibilidades da relação entre os objetos de discurso na construção referencial.

2.2.3 O pressuposto teórico das redes referenciais no texto

Uma das hipóteses da nossa tese é explicar como se textualiza a manipulação a partir de parâmetros textuais; por isso, acreditamos que as redes referenciais podem ser um importante critério para evidenciar essa prática discursiva, principalmente, em textos desinformativos. A noção de redes referenciais é defendida na tese de Matos (2018), em que a autora propõe um redimensionamento sobre a noção de cadeias referenciais, observando o caráter não linear da referenciação e do modo como os referentes se entrelaçam criando essas redes.

Acerca dessas conexões entre os referentes, Cavalcante (2011, p. 59) já preconizava o seguinte:

[...] essas tessituras de elos interligados, coesos, que se costuram exclusivamente pelo que está explícito no cotexto, senão também pelo que se encontra implícito na memória discursiva e que se descobre por inferências, é a condição básica para que uma unidade de coerência se forme na mente dos enunciadores e coenunciadores.

A linguista, quando se refere ao ato de costurar os referentes, sugere que eles estabelecem conexões com aspectos que ultrapassam a materialidade textual, aspecto que é apenas o ponto de partida para o analista do texto. O texto, então, é a soma de múltiplas conexões complexas, as quais estão a serviço da construção dos sentidos.

Logo, a construção dessas redes referenciais representa muito mais do que um simples encadeamento de sequências nominais, ou uma manifestação léxico-gramatical e semântica de um nexos coesivo.

Conforme Matos (2018, p. 3),

[...] à medida em que se entrelaçam no texto, os objetos de discurso travam uma multiplicidade de relações entre si e com a aparelhagem conceitual dos interlocutores do texto capazes de estabelecer a manutenção de certos referentes e de promover a aparição e o processamento de outros simultaneamente, adicionando traços e características aos objetos continuamente, no universo textual-discursivo.

Mais que isso, significa que a (re)criação do referente se situa num “emaranhado de relações complexas e difusas no texto” (Cavalcante, 2022, p. 279). Isso explica porque o conceito de cadeias referenciais (Halliday, 1978; Halliday; Hassan, 1985) tornou-se limitado para a teoria da referenciação, pois não se trata de substituições de expressões referenciais por outras análises próprias de uma perspectiva coesiva mais léxico-semântica.

Sob essa inquietação, a proposta da tese de Janaica Matos (2018, p. 93) define as redes referenciais como:

Entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes, os quais mantêm uma diversidade de relações entre si e que se adaptam, funcionalmente, aos modos de constituição dos textos. Dessa forma, tais redes são formadas por nódulos ativados pelo contexto, estabelecendo uma série de associações de várias naturezas, funcionando como links, ou modos de conexões entre os referentes, os quais são todos interligados na construção e manutenção da coerência. Neste mesmo pensamento, as recategorizações que atuam nessas redes são avalizadas não apenas por tipos pontuais e restritos a certas unidades linguísticas, mas também por uma infinidade de indícios contextuais, resultantes de uma visão sociocognitiva sobre os processos de referência.

Essa definição da autora advoga para uma visão sociocognitiva e discursiva da linguística textual, em que a construção dos referentes é complexa e essencialmente negociada, não se limitando a meras substituições linguísticas. A autora ainda recupera a relevância do processo de recategorização, pois a progressão dos referentes possibilita que eles criem vínculos entre si e possibilitem a “continuidade do sentido... [pois] um referente evolui à medida que o texto se desenvolve” (Cavalcante et al., 2022, p. 270).

Como mencionamos, a análise das redes referenciais pode nos ajudar a comprovar a hipótese sobre a construção da cena dramática em narrativas desinformativas, pois o modo como os objetos de discurso são construídos na negociação de sentidos e se conectam pode evidenciar, por exemplo, a estratégia de dramatização em que há *uma desordem social, um culpado e um salvador*. Isso é possível porque examinar as redes referenciais “implica observar as construções textuais sob o olhar do entorno interativo, enquanto tais entidades são construídas, reformuladas e inter-relacionadas sob a negociação intersubjetiva e simbólica no cenário textual” (Cavalcante et al., 2022, p. 273). Como estamos diante de um locutor-impostor que, movido por suas crenças, configura narrativas desinformativas para distorcer a realidade e enviesar sentidos, é primordial compreender o jogo referencial porque passa essas interações falseadas.

É importante salientar ainda que não adotamos os procedimentos metodológicos de Matos (2018), como a enumeração das redes e a caracterização dos gêneros como uma forma de estabelecer parâmetros para o funcionamento das redes referenciais. É a partir da construção dos objetos de discurso que estamos demonstrando como eles se interconectam em redes, considerando que essas entidades textuais, por exemplo, como previsto na literatura sobre o assunto, não se conectam linearmente, mas de forma multilinear e diversa.

Defendemos que as redes referenciais, quando se trata de textos nativos digitais, não obedecem aos mesmos parâmetros de textos pré-digitais ou suportados por sites, como os

portais de notícias e *blogs*. As publicações de *TikTok* e Instagram congregam diversos recursos tecnolinguageiros, emojis, *hashtags*, comentários e múltiplas semioses, como aspectos visuais, gestuais e auditivos, o que torna as redes referenciais multidimensionais e multiformes atualizadas em cada interação. Concordamos com Matos (2018) e registramos uma crítica, ainda que basilar, de que as redes referenciais não podem ser representadas apenas por unidades bidimensionais, pois são bem mais complexas e multilineares. Por fim, defendemos que a construção de redes referenciais em notas jornalísticas difere da construção das redes em textos digitais, principalmente aqueles que acontecem no âmbito das redes sociais.

Dessa forma, acreditamos que o conceito de redes referenciais é produtivo a nossa investigação porque possibilita flagrar o jogo manipulatório a partir da construção referencial dos objetos do discurso naturalmente complexificada no ambiente digital. Defendemos que as redes referenciais são uma categoria textual relevante para analisar a manipulação nos textos digitais desinformativos, porque permite, a partir do modo como os referentes são posicionados, introduzidos e recategorizados, construir papéis de vilões, salvadores, vítimas, desordem social e ainda ancora valores sociais. Enfatizamos ainda a centralidade de certos referentes, os quais são estrategicamente posicionados no texto e colaboram para flagrar a cena dramática, o medo e a ênfase (ou apagamento) de valores e crenças a serviço de um projeto de manipulação.

Admitimos ainda que há outras categorias textuais, como a intertextualidade, os gêneros e o tópico discursivo, frutíferas para explicar o jogo manipulatórios desinformativo. Todavia, nesta tese, enfatizamos a construção referencial como fio condutor da manipulação nas narrativas desinformativas.

A seguir, na próxima seção, como parte deste capítulo, discutiremos a concepção de tecnodiscurso, ou discurso nativo digital, e os traços tecnodiscursivos (Paveau, 2021) e de tecnodiscursividade (Cavalcante et al., 2022), visto que um dos objetivos da tese é explicar os efeitos de sentidos dos gestos tecnolinguageiros em narrativas desinformativas.

2.3 A tecnodiscursividade e os traços tecnodiscursivos do discurso digital

Com o advento da web 2.0, os ecossistemas digitais ampliaram e diversificaram as possibilidades de interação. Sabemos que as pesquisas de Marie-Anne Paveau (2021), que consideram esse hibridismo humano-máquina, interferem nas análises textuais, tendo em vista as inúmeras possibilidades de produções do que a analista do discurso chama de ambiente nativo digital.

Para Paveau (2021, p. 28), o discurso digital nativo pode ser definido como “um conjunto das produções verbais elaboradas on-line, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas da escrita”. A autora coloca em evidência que os modos como as ciências da linguagem eram pensados não podem ser praticadas da mesma forma quando se trata de um ambiente conectado com interfaces complexas.

Essa concepção de Paveau (2021) convoca atenção aos aspectos textuais e técnicos, os quais devem ser observados no contexto digital. Para compreender a influência desses pressupostos nas análises textuais, principalmente quanto aos objetivos da nossa pesquisa, distinguimos os seis traços do tecnodiscurso previsto na proposta de Paveau (2021), os quais caracterizam as interações digitais da *tecnodiscursividade*. Esse termo em destaque foi cunhado por Cavalcante et al. (2022, p. 82), pois, conforme a autora, não se trata de um “tecnodiscurso”, mas de “um pressuposto de que os atos de linguagem se integram a recursos tecnológicos direta ou indiretamente”.

Os seis fatores previstos por Paveau (2021) para esse conjunto de produções nativo digitais são: composição, deslinearidade, aumento, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Pontuaremos, com brevidade, o que significa cada traço desse:

- a) composição: é relação indissociável entre aspectos linguageiros e tecnológicos das produções textuais on-line, o que caracteriza a natureza compósita do ambiente digital. Há, portanto, uma integração entre todos os elementos do texto, como legendas, imagens, emojis, recursos sonoros e botões de reagir (curtir, compartilhar, comentar e salvar), os quais interferem na construção de sentidos;
- b) deslinearidade: envolve natureza dispersa dessas produções digitais, as quais são compostas por *hiperlinks*, os quais contribuem para que o interactante navegue do “texto- fonte” para outros textos on-line, além da hiperlinkagem, a deslinearização observa o que Paveau (2021) chama de “tecnopalavra” (palavras clicáveis), ou seja, as *hashtags* e @;
- c) aumento: permite que os interlocutores interajam com o “texto-fonte” a partir de ferramentas de escrita, como os comentários, os quais podem envolver textos curtos com emojis, *hashtags*, imagens (figurinhas), entre outras possibilidades das plataformas digitais;
- d) relacionalidade: é uma relação entre os gestos languageiros humanos e maquínicos em uma espécie de hibridismo os une. Também é uma

- característica que diz respeito à relação entre produções nativas digitais e não digitais;
- e) investigabilidade: liga-se ao fato de haver uma rastreabilidade para os textos produzidos no ambiente digital. Tais rastros podem ser recuperados por diversas ferramentas on-line. Esse traço do tecnodiscurso também envolve o rastreamento tecnológicos dos interesses dos usuários;
 - f) imprevisibilidade: envolve ações dos algoritmos que podem gerar resultados em interações inesperadas ou imprevistas para interlocutores a partir da disseminação dos rastros na internet.

Para ilustrar esses traços do tecnodiscurso ou *tecnodiscursividade* em produção nativa digital, recorreremos ao *post* do *X* (antigo *Twitter*) a seguir:

Figura 07 – Exemplo 03 – *Post* de Sérgio Moro e comentários sobre a boxeadora argelina¹¹



Fonte: Perfil do @SF_Moro no *X*

¹¹ O exemplo é caracterizado como desinformação e foi analisado por Soares e Brito (2025), na tentativa de traçar um quadro enunciativo desse texto digital e caracterizar o sujeito manipulador impostor à luz das estratégias manipulatórios de Charaudeau (2020).

Observe que, conforme Paveau (2021), estamos diante de uma produção nativa digital, pois todas as suas características são intrínsecas ao *hibridismo*, entre a natureza linguageira e tecnológica, dada as condições de produção dessa rede social. No *post*, há uma desinformação proferida pelo Sergio Moro ao acusar a lutadora argelina de ter mudado de sexo para competir na categoria feminina de boxe, durante as Olimpíadas de Paris em 2024¹². Essas e outras declarações repercutiram na internet, o que causou uma onda de discurso de ódio contra a atleta. Tomamos essa publicação para demonstrar os traços tecnodiscursivos, como prevê a analista do discurso supracitada.

O traço tecnodiscursivo de *composição* caracteriza o hibridismo, com a integração entre os recursos verbo-visuais, o que pode ser notado na junção dos elementos, como a legenda de Sergio Moro, o vídeo da luta entre a boxeadora e sua oponente, e os aspectos tecnológicos, ou tecnolinguageiros, como por exemplo, a foto do perfil, o símbolo de *verificado* que confere alguma autoridade ao usuário da conta (algo intrínseco a essa plataforma), além dos botões *seguir* (canto superior direito), *comentar*, *repostar*, *salvar e compartilhar*.

O traço da *deslinearização* é perceptível pelo @, tecnopalavra para Paveau (2021), que identifica o perfil e permite, por exemplo, acessar informações da *bio* do proprietário da conta, além da possibilidade de, a partir da função *compartilhar*, copiar um link para enviar a outros ecossistemas digitais. O *aumento* é percebido pela função *comentar*, que permite a interação dos interlocutores com comentários. A postagem, por exemplo, apresenta 357 comentários. No *X*, é possível adicionar aos comentários imagens, *gif*, enquetes, além de permitir criar imagens com o uso de IA do próprio *X*¹³.

Quanto à *relacionalidade*, caracteriza-se pela relação entre textos, como o trecho do vídeo das lutadoras, que foi recortado de um ambiente *off line*, possivelmente, para compor o texto. O traço de *investigabilidade*, por sua vez, envolve aspectos de rastreabilidade, que não podem ser percebidos nesse recorte, assim como não se pode constatar a *imprevisibilidade*, pois não há pistas sobre os interesses do usuário que *printou* o perfil ou informações de sua conta. Esses traços envolvem rastros deixados pelo proprietário da conta, os quais denunciam seus interesses e retroalimentam os algoritmos.

¹² *Lutadora argelina é alvo de campanha de desinformação nas redes*. Disponível em: https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/imane-khelif-boxe-trans-falso/?srsltid=AfmBOorgLmqJznDvTPATjTXIMY1lxnCOZXOGfm_xPTLSUuEI8aBewFH8. Acesso em: 02 mar. 25.

¹³ O *X*, antigo *twitter*, adicionou às funções dos comentários a possibilidade de criar imagens a partir do Grok, um assistente de inteligência artificial (IA), a qual foi criada pela xIA de Elon Musk. Disponível em: <https://help.x.com/pt/search-results?limit=10&offset=0&q=grok&searchPath=%2Fcontent%2Fhelp-twitter%2Fpt&sort=relevance>. Acesso: 02 mar. 25.

Por conseguinte, a linguística textual, em especial as pesquisas desenvolvidas pelo grupo Protexto, assume esses traços da tecnodiscursividade como pressuposto, os quais permitem observar como se configuram os textos em ambiente digital. Pois, conforme preconiza Cavalcante (2021), uma das propriedades do texto relaciona-se à visão pós-dualista da linguagem, em que as ações humanas e maquínicas se hibridizam. Conforme a linguista, “a linguística textual assume o conceito de interação como um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores, que podem ser humanos ou não” (Cavalcante et al., 2022, p. 86).

Logo, esses fatores tecnodiscursivos são indispensáveis a uma análise de textos digitais. Esses traços da tecnodiscursividade tornam-se relevantes a um dos nossos objetivos, o qual envolve descrever como se configura os textos desinformativos em diferentes redes sociais, considerando os traços da tecnodiscursividade e observando os gestos tecnolinguageiros, como comentários, que validam ou invalidam a ocorrência da manipulação nos interlocutores arrebanhados. Assim como Paveau (2021, p. 98), concebemos o comentário como “um texto produzido pelos internautas na web a partir de um texto primeiro, em espaços próprios para a escrita de blogs, sites de informação e redes sociais”. Concordamos ainda com a autora de que os comentários em redes sociais (web 2.0) se distinguem da web 1.0, pois os espaços de comentários on-line da web 2.0 “predicam uma primeira publicação que não se apresenta como um começo conversacional” (ibid.). Então, o comentário estabelece relação com uma primeira publicação seja para convergir, divergir, seja para destoar.

2.4 Tecnotextualidade e estratégias textuais no ambiente digital

Acerca dessa concepção, sob a ótica do pressuposto da tecnodiscursividade de Cavalcante et al. (2022), apresentamos, como parte da fundamentação teórica, a noção de interatividade proposta por Muniz-Lima (2022) e o conceito de tecnotextualidade e tecnotexto, um redimensionamento proposto por Martins (2024).

Como pressuposto do conceito de interação, concordamos com a seguinte definição de Muniz-Lima (2022, p. 82):

A interação seja compreendida como um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores humanos e/ou não humanos, sempre encenado, e que acontece de diferentes modos em função de uma combinação de aspectos. No caso das interações em contexto digital, propomos que seja considerado um conjunto de fatores tecnolinguageiros, que envolva, entre outros elementos, o tipo de mídia, o tipo de suporte, os níveis de interatividade e os sistemas semióticos.

A autora, em sua tese, propõe ainda interatividade como “um aspecto que, por seu caráter tecnológico e linguageiro, implica participação efetiva do interlocutor no processo de construção de sentidos” (Muniz-Lima, 2022, p. 28). A autora defende que os textos digitais incitam, de forma constante, o engajamento dos interlocutores, o que faz todo o sentido no que diz respeito ao processo interacional dos textos desinformativos, uma vez que o engajamento é essencial para o compartilhamento das informações.

Conforme Cavalcante et al. (2022, p. 80), “[...] quanto maior a possibilidade de executarmos ações [...], maiores serão os níveis de interatividade nesse processo de construção de sentidos”. A autora se refere às ações de postar, editar textos, compartilhar stories, conversar em modo privado, comentar e reagir a comentários, por exemplo.

As análises da tese de Muniz-Lima (2022) objetivam evidenciar os níveis de interatividade em diferentes mídias, o que se distingue da proposta de Martins (2024), a qual se ocupa em observar a tríade social-discursiva e tecnológica, a partir dos aspectos interacionais e enunciativos dos *tecnotextos*. Alinhamo-nos às concepções da proposta de Martins (2024), uma vez que investigamos como se textualiza a prática discursiva da manipulação em textos digitais desinformativos, o que torna indispensável considerar o quadro teórico-metodológico para uma análise de narrativas desinformativas e os gestos tecnolinguageiros envolvidos.

Martins (2024) propõe tratar como tecnotextualidade, o que nos parece coerente, tendo em vista que o objeto de investigação da Linguística Textual é o texto. Assim, todos os aspectos de ordem textual-discursiva e tecnolinguageira são indispensáveis à negociação dos sentidos, seja em textos com/sem sujeitos maquínicos. O que a autora propõe é uma “virada tecnodiscursiva dos estudos dos textos”, observando a tríade social-discursiva-tecnológica (Martins, 2024, p. 57).

Enquanto Paveau (2021) denomina “tecnodiscurso”, Martins (2024) lança mão da proposta do termo *tecnotexto* para particularizar os textos produzidos no ambiente on-line. A autora define tecnotexto como um:

[...] conceito que especifica os textos produzidos em ambiente digital, que, embora se definam pelos mesmos critérios da definição de texto, apresentam, como peculiaridade, o fato de contemplarem principalmente as interações on-line na internet, o que possibilita o funcionamento de recursos próprios desse ambiente de produção, recepção, circulação e co-construção de sentidos (Martins, 2024, p. 144).

Conforme Martins (2024, p. 46, grifos nossos), os tecnotextos possuem as seguintes características:

- a) são produzidos dentro do ambiente digital e necessitam, portanto, do *funcionamento on-line para sua produção e/ou recepção e/ou co-construção de sentidos*;
- b) também apresentam ou se relacionam aos traços do tecnodiscurso de Paveau (2021), a saber: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade;
- c) possuem e dependem de recursos e fenômenos próprios do ambiente digital, como a hiperlinkagem;
- d) agregam a si recursos que, embora empregados fora do ambiente digital, só têm totalidade de funcionamento dentro do ambiente em que foram produzidos, como é o caso do @ e da #, que, por gerarem links e fazerem remissão aos participantes ou às temáticas a que se relacionam, por exemplo, perdem funcionalidade fora do ambiente digital;
- e) necessitam da *união simbiótica entre ações humanas e ações maquinicas, seja por meio de gestos tecnolinguageiros, seja por meio de rastros algorítmicos*.

Concordamos com Martins (2024), quando a autora relaciona a definição de tecnotexto à noção de texto, tendo em vista que os textos digitais são construídos, considerando uma unidade de comunicação e coerência em contexto, com uma relação simbiótica com os ecossistemas digitais. Vale salientar que a autora não distingue texto de tecnotexto; a proposta é salientar características de um texto que acontece simbioticamente entrelaçado com os aspectos tecnológicos.

Os tecnotextos elaborados para desinformar guardam as mesmas características, mas acrescentamos a tentativa proposital de forjar sentidos, enviesar ideias e distorcer fatos para manipular a opinião pública. Para ilustrar o que particulariza a noção de tecnotexto, recorreremos ao exemplo a seguir.

Figura 08 – Exemplo 04 – Texto desinformativo “Lula sobre o pobre”



Fonte: TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMBdLvVhv/>.

Inicialmente, é importante que o leitor acesse o texto pelo link ou pelo QR Code¹⁴ para conferi-lo na íntegra, pois não é possível apresentá-lo em totalidade nesse arquivo. A captura de tela refere-se a uma postagem com informações distorcidas sobre o presidente Lula, caracterizando como uma narrativa desinformativa¹⁵. Esse conteúdo foi publicado em uma conta pública por @matheusbraga679, em junho de 2024 e possui, até a data da coleta, pelo menos 58,7 mil curtidas, com um engajamento total de 1,2 milhões. Por se tratar de uma conta aberta, o vídeo é facilmente localizado, especialmente por estar *fixado* no topo da página.

Mesmo nessa descrição inicial, já é possível perceber elementos característicos do ambiente em que o texto circula, evidenciando sua dependência da materialidade e das

¹⁴ O uso de QR code é uma ferramenta tecnológica e foi usada na tese de Martins (2024), o que permite maior interação com os exemplos. O QR code, em nossa tese, direciona o leitor para o *TikTok*, permitindo interagir com o texto nesse ecossistema digital. Dessa forma, esse recurso técnico só será inserido na tese quando o texto estiver disponível para integrar o leitor ao ecossistema de origem da publicação.

¹⁵ Postagem distorce declaração de Lula no Piauí para sugerir exploração eleitoral da população carente Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/posts-distorcem-fala-lula-politicos-cuidarem-de-pobres/>. Acesso em: 05 mar. 25

Publicação distorce fala de Lula sobre pessoas pobres. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2024/06/27/publicacao-distorce-fala-de-lula-sobre-populacao-carente.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 05 mar. 25.

dinâmicas da plataforma digital em questão. Como afirma Martins (2022, p. 46), “o texto é classificado como um *tecnotexto* porque é produzido no ambiente digital e a construção dos sentidos está simbioticamente ligada ao funcionamento on-line da plataforma que o suporta” – no caso, o *TikTok*. Trata-se, portanto, de um tipo de textualidade que só pode ser plenamente compreendida considerando seus recursos multimodais, seu modo de circulação algorítmica e as interações que estabelece com o público digital.

Assim, o *reel* analisado não pode ser desvinculado dos elementos que o constituem, enquanto enunciado digital: a plataforma, os mecanismos de viralização, o uso do áudio, da legenda, dos comentários e próprio sistema de fixação e recomendação de conteúdo. Essa proposta de Martins (2024), de definição e de caracterização do tecnotexto, alinha-se a uma perspectiva contemporânea da Linguística Textual, que reconhece a centralidade das funcionalidades digitais na constituição dos sentidos, dos efeitos argumentativos e dos modos de interação mediados tecnicamente.

Além disso, suas características relacionam-se aos traços tecnodiscursivos (Paveau, 2021). Um exemplo é a sua natureza *compósita* e híbrida, composta por elementos linguageiros e tecnológicos que se articulam de maneira integrada. Podemos observar, por exemplo, o gesto de **comentar**, em que há pelo menos 6.762 comentários); o gesto de **salvar**, em que há mais de 8 mil salvamentos; e o gesto de **compartilhar**, em que se observa pelo menos 34 mil envios. Todos eles configuram práticas de linguagem próprias da interação em plataformas digitais.

Outro traço relevante é a *deslinearização*, visível tanto no nome do perfil do usuário (@matheusbraga679), como na legenda, em que há *tecnopalavras* (Paveau, 2021), como as *hashtags* #piaui, #investimento, #pobre e #desgoverno. Esses elementos funcionam como marcadores de indexação que conectam o tecnotexto a outros conteúdos na plataforma, ampliando seu alcance e reforçando sua interdiscursividade. Tal funcionamento evidencia as características próprias do tecnotexto, conforme proposto por Martins (2024), cujo sentido se constrói não apenas por pistas contextuais, mas também pelas possibilidades técnicas de circulação, indexação e engajamento digital dos textos.

Por conseguinte, destacamos ainda o traço de aumento, perceptível pela expressiva quantidade de comentários dos usuários que interagem com a postagem, o que contribui para a sua viralização, e reforça os efeitos de verdade e de circulação próprios da desinformação nas plataformas. No decorrer da nossa tese, temos constatado que essa mídia digital, *TikTok*, destaca-se como uma das mais frutíferas ferramentas de propagação de desinformação. Por fim, a última característica apontada por Martins (2024) refere-se à união simbiótica entre ações

humanas e maquínicas, envolvendo tanto gestos dos usuários quanto rastros algorítmicos gerados pela própria plataforma, os quais coabitam nesses ambientes.

Os conceitos até aqui discutidos são indispensáveis à fundamentação teórica deste trabalho, tendo em vista que, em nossa pesquisa, investigamos as evidências textuais da manipulação em narrativas desinformativas, em ecossistemas digitais, como *Instagram*, *X*, *Telegram*, *Whatsapp* e *TikTok*.

O capítulo 3, a seguir, oferece um panorama sobre as abordagens discursivas acerca da manipulação.

3 UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-TEXTUAL DA MANIPULAÇÃO

“A intenção é fazer o público agir em uma determinada direção ou suscitar um determinado comportamento”

Patrick Charaudeau

Este capítulo versa sobre as perspectivas discursivas da manipulação e se divide em quatro partes: o dispositivo midiático de comunicação política no ambiente digital; as origens da manipulação midiática; as abordagens teóricas sobre manipulação em três perspectivas mais discursivas: a manipulação da palavra, por Philippe Breton (1999); a manipulação sob a ótica da Análise do Discurso Crítica (ADC), por van Dijk (2008); e as estratégias de manipulação discursiva por Charaudeau (2020; 2022); por fim, dedicamos uma seção para situar a perspectiva textual sobre o fenômeno a partir das teorias debatidas.

3.1 O dispositivo de comunicação política na mídia digital

Esta seção situa a concepção de dispositivo de comunicação política para amparar o nosso ponto de vista de que os locutores/enunciadores sustentam posicionamentos políticos, mesmo quando o assunto não é a política diretamente, e potencializam a polarização nas narrativas desinformativas. Para isso, recorreremos às reflexões de Charaudeau (2006) a respeito das noções de discurso político e instâncias midiáticas, além de discutir o conceito de opinião pública/publicizada de Seixas (2019)

Charaudeau (2006) investiga o modo de organização discursivo em quaisquer mídias¹⁶, tendo dedicado um estudo a mídias publicitárias e políticas em obras como *Discurso das mídias* e *Discurso político*. Sendo, então, um dos nossos interesses investir nas estratégias de manipulação na mídia digital, em textos atravessados pela polarização política, interessa-nos saber como Patrick Charaudeau define discurso político¹⁷. Assim como fez na obra *Discurso das mídias*, o semiolinguista elabora uma extensa reflexão acerca da organização discursiva do

¹⁶ A concepção de mídia que adotamos vai além da percepção de suporte ou ferramenta. Para Cavalcante et al. (2022, p. 80), a mídia, nos termos de Bonini (2011), é uma tecnologia que “faz funcionarem a produção, a transmissão e a circulação/disseminação do ato de linguagem”.

¹⁷ Charaudeau (2019) define discurso a partir de uma perspectiva psicossocial com um entrecruzamento das influências sociais e das estruturas linguísticas.

dispositivo de comunicação política com a publicação do livro *Discurso político*, originalmente em francês *Le discours politique du pouvoir*, em 2005.

Para definir discurso político, já no prólogo da obra, Charaudeau (2006, p. 8) afirma:

O discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano.

O discurso político possui muitas facetas principalmente quando é proferido por sujeitos políticos nas esferas públicas e privadas. Para compreensão desse conceito, é indispensável considera-lo em sentido amplo. Conforme Seixas (2019, p. 97) pontua em sua tese, só se pode defender que a política está em tudo e em todo lugar, se se tiver em conta uma definição por demais ampla do termo:

Pode-se dizer que há política na definição de metas de uma empresa (inclusive sendo chamada, frequentemente, de “política de metas”), há política numa decisão governamental, na mesma medida em que há política numa decisão familiar (como quando os pais pensam no que fazer para que o filho deixe de ter uma performance ruim no colégio). No entanto, essa é apenas uma concepção abrangente da política. Dir-se-ia, nesse caso, que política é o processo de escolha de uma determinada maneira de resolução de um problema em detrimento de outras; de uma tomada de decisão em detrimento de outra. É uma compreensão possível, de fato, e se assim entendermos o fenômeno, não haveria outra forma de dizer se não que *tudo é política*, em maior ou menor medida.

Essa consideração é muito pertinente aos dados analisados nesta tese. Os usuários fazem publicações desinformativas sem qualquer ônus e proferem suas opiniões de forma pública. Mesmo quando o tema do *post* não se vincula diretamente à política, a construção da narrativa direciona para a polarização, o descrédito nas instituições e/ou a propagação de teorias da conspiração. Dessa forma, concordamos com o autor, que compreende o termo “política” como um espaço de interação, em que o conflito é negociado, quer seja no acordo, quer seja no desacordo, porque o interesse dos sujeitos é se marcar numa identidade.

É em Charaudeau que Seixas (2019) se apoia para caracterizar o que toma por “discurso político”. A política ocorre, então, fora do espaço parlamentar. Como estamos observando, a política acontece nas plataformas digitais por indivíduos que não dominam teorias rebuscadas sobre o conceito e apenas proferem suas opiniões no espaço digital. São sujeitos que, a partir de contas públicas em redes sociais, constroem opiniões e compartilham-nas com seus seguidores.

Sob essa ótica, compreendemos que o discurso político tem múltiplas camadas. Charaudeau (2006) afirma que a linguagem é que motiva a ação política; logo, não há política sem discurso. O discurso político, conforme o teórico cita, pode ser fabricado em diferentes lugares: sistema de pensamento, ato de comunicação e comentário. Esse aspecto se relaciona diretamente ao nosso objeto de investigação. Os textos desinformativos sobre política, ou relacionados ao tema, são elaborados em ecossistemas digitais, como o *TikTok*, *X* e *Instagram*.

Acerca dessa discussão, há ainda o que o semiolinguista denomina de instâncias – a instância cidadã, a instância política, a instância adversária e a instância midiática –, as quais dão ordem ao modo de organização discursiva da política.

A *instância política* diz respeito ao lugar em que os sujeitos detêm o poder de realizar determinadas ações. A *instância adversária* é antagônica à instância política e relaciona-se aos atores políticos que não estão governando, mas visam assumir o poder, são os opositores; para tanto, tecem críticas acerca do governo (e muitas vezes essas críticas envolvem o *ethos* do adversário) buscando uma opinião comum na população ou até naquela parcela social que apresenta “dúvida”. A *instância cidadã* está ligada a uma opinião à sociedade civil organizada e exige explicações sobre questões, propostas. Por sua vez, a *instância midiática*, também à margem do governo, envolve a construção de discursos e a divulgação destes por diversos meios de comunicação, como panfletos, cartazes, entre outros. Seu objetivo é unir a instância política à cidadã. Esta faz uso de diversos dispositivos para divulgar a informação.

É certo que o modo de operação desse recurso modificou-se ao longo das décadas, dada a evolução tecnológica nas formas de se comunicar. Acerca desse modo operante de comunicação, Charaudeau (2006, p. 54) descreve um macrodispositivo de comunicação política, uma espécie de campo de enunciação para os microdispositivos, ou seja, os diversos gêneros que compõem esse campo discursivo, por exemplo, o pronunciamento político, o comício eleitoral em palanques, a propaganda política e os discursos televisivos.

No entanto, sabemos que, com a mídia “digital”, houve uma reconfiguração desses dispositivos, já que o ambiente tecnodiscursivo (ver Paveau 2021) permite a realização de *lives*, pronunciamentos via canais no *YouTube*, disparo de mensagens com vídeos e *links* em redes sociais com o *Telegram*, o *WhatsApp*, anúncios patrocinados de campanhas eleitorais no *Instagram*, uso de *bots* em comentários no *X*, entre outras funcionalidades, gerando uma espetacularização da informação no discurso político. Há, nessa mídia “digital”, uma busca por maior engajamento e visibilidade social nas redes, o que é habitual entre os políticos, principalmente no contexto das últimas eleições presidenciais brasileiras nos anos de 2018 e

2022. Esse comportamento, logicamente, não se limita apenas a políticos, mas a quaisquer usuários das plataformas digitais.

Charaudeau (2006, p. 63-64) sustenta a seguinte ideia:

O dispositivo do contrato de comunicação política é, de certa forma, uma máquina de forjar discursos de legitimação que constroem imagens de lealdade (para a instância política), que reforçam a legitimidade da posição de poder; de protesto (para a instância cidadã), que justificam a legitimidade do ato de tomar a palavra; de *denúncia* (para a instância midiática), que mascaram a lógica comercial pela lógica democrática, legitimando esta em detrimento daquela.

Conforme o autor, há características específicas da cena política que servem a todos os atores políticos. Devemos levar em consideração “as restrições estruturais da situação de comunicação política”. Vale ressaltar que, quando se trata da interação no espaço digital, essas restrições se estremecem em razão da imprevisibilidade das redes sociais. Não é possível mensurar o alcance de uma informação, nem saber se ela vai “viralizar”, gerar críticas severas e podendo até “cancelar” o usuário. Quando se trata das narrativas desinformativas, os efeitos podem ser bastante danosos.

Porém, antes de descrever o dispositivo de comunicação política em uma mídia “digital”, precisamos destacar as estratégias de que se valem os atores políticos. Assim como há um dispositivo de comunicação política, existem especificidades quanto ao contrato político. Este se constrói “na intersecção entre um campo de ação, lugar de trocas simbólicas organizado segundo relações de força (Bourdieu), e um campo de enunciação, lugar dos mecanismos de encenação da linguagem” (Charaudeau, 2006. p. 52).

O jogo de máscaras a que faz referência envolve a assunção de identidades sociais, de uma imagem de si moldada a uma expectativa do auditório (*ethos*), certas doxas, valores e crenças, bem como a recorrência a memórias coletivas que satisfaçam o jogo político. Assumimos que os sujeitos, movidos por pré- discursos, elegem estratégias para simular efeitos de sentido para uma manipulação. Nesse simulacro em que sujeitos assumem papéis, a encenação revela três importantes participantes: o locutor manipulador, o interlocutor manipulado e o terceiro.

Na obra *Discurso político*, o semiolinguista chama atenção para uma dificuldade que se tem no cenário político, por exemplo, com relação ao fato de os eleitores elegerem um candidato apenas pela imagem social e por “frases de efeito” em detrimento do seu programa político. Para ilustrar, nas eleições de 2018, o então deputado federal Jair Bolsonaro, candidato à presidência, trazia em suas falas públicas e, principalmente, no ambiente digital, bordões

nacionalistas, como “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” ou “Deus, pátria e família”, ambos aludem a ideologias fascistas/nazistas. Esses *slogans* marcaram a candidatura e o mandato de Jair Bolsonaro (2019-2022).

Para Charaudeau (2006, p.78), “o comportamento das massas depende daquilo que as reúnem sob grandes denominadores comuns”. São eles: discursos simples portadores de mitos, de símbolos ou de imaginários que encontram eco em suas crenças e imagens fortes suscetíveis de provocar uma adesão pulsional. Essa discussão está relacionada ao conceito de opinião pública, debatido por sociólogos como Walter Lippmann, em *Opinião pública* (2009 [1922]), o qual acredita ser a mídia a principal ferramenta de formação de opiniões. O sociólogo defende que a mídia é responsável pela difusão de opiniões e estereótipos, os quais servem de “atalho mental” ou “imagem ampliada”, o que possibilita uma menor necessidade refletir sobre as coisas, ou seja, os estereótipos reduzem o exercício mental para compreender a realidade ao seu redor. Assim, a mídia tem um papel central na difusão da opinião.

Acerca dessa discussão, consideramos essencial citar a noção de opinião pública e opinião concebidas por Seixas (2019). Para o autor, a opinião é “[...] o material da política. O que frequentemente consideramos como uma verdade política, seja ela qual for, é sempre uma opinião política sobre um fenômeno, fato ou processo” (Seixas, 2019, p. 109). A opinião política pode abranger tanto a opinião de um modo mais amplo sobre assuntos políticos, bem como, em sentido mais restrito, a assuntos sobre política.

A opinião política para o autor são “todas as opiniões que digam respeito, em maior ou menor grau, a assuntos político-ideológicos, sem que isso incorra em impropriedades epistêmicas e metodológicas” (Seixas, 2019, p. 110). Ela provém de lugares distintos de fabricação do discurso político, pois pode ser produzida em um ambiente informal como a mesa de um bar ou em instituições como a imprensa e seus editoriais sobre esse tópico. A opinião política tomada como individual é atravessada pelas esferas públicas, o que torna essas noções complexas do ponto de vista de como a política ocorre. O autor enfatiza que a opinião política se diferencia quanto ao modo como é publicada. Com base em Gomes (2001), Seixas (2019) distingue opinião pública e opinião publicada. A opinião pública, conforme o autor, é considerada mais estática e homogênea, a qual é validada por um valor quantitativo comprovado, muitas vezes, por pesquisas de opinião, que, como sabemos, podem ser enviesadas em favor de um ator político. A opinião publicada, por sua vez, é uma visão, muitas vezes, individual, mesmo sendo reflexo de uma coletividade, que passa pelo crivo do “mercado cognitivo”, podendo ser valorada ou não pelos seus seguidores.

Apesar de a nossa discussão ser sucinta acerca do conceito de opinião pública e publicada, defendemos que a noção de opinião publicada de Seixas (2019) é cara aos nossos objetivos, pois esse tipo se submete à validação dos interlocutores, os quais buscam nas informações uma certa “identificação ideológica” e equivalência com suas opiniões e crenças (doxas). Quando essa “identificação” ocorre, o indivíduo comunga da opinião e compartilha sem quaisquer discernimentos, pois esses sujeitos buscam e consomem informações filtradas pelas suas crenças e convicções pessoais já pré-estabelecidas socialmente e recortadas culturalmente. Um exemplo desse contexto é a desordem informacional causada pela narrativa desinformativa a respeito da instalação de banheiros unissex nas escolas brasileiras, assunto que viralizou nas plataformas digitais¹⁸.

3.2 As origens da manipulação midiática e sua influência na construção da opinião

O relatório *Manipulação da mídia e desinformação online*, publicado em 2017, Marwick e Lewis, apresenta um panorama sobre o uso das mídias sociais como ferramentas de manipulação durante as eleições de 2016 nos Estados Unidos. Conforme as autoras (2017, p. 4) explicam, uma série de grupos se organizaram online para “manipular a atual infraestrutura da mídia e promover mensagens populistas pró-Trump”, e propagar informações apoiados pela mídia de extrema direita. Esse disparo de mensagens influenciou, inclusive, o comportamento da mídia convencional (televisão), associando a candidata Hillary Clinton a falsas acusações. Ainda que as autoras não afirmem, levantam reflexões sobre como essas narrativas influenciaram, em alguma medida, os resultados das eleições, que tornou Trump vitorioso (2017-2021). As autoras atribuem a ascensão desse comportamento a subgrupos de *alt-right* (direita alternativa), como antifeministas, teóricos da conspiração, ativistas anti-imigração, nacionalistas, entre outros.

As reflexões das autoras apresentam o percurso da manipulação midiática nas eleições de 2016 dos Estados Unidos. Esse comportamento se originou nos EUA e se replicou no Brasil nas eleições de 2018 e 2022, seguindo quase que os mesmos moldes americanos para manipular a opinião pública. A exemplo disso, grupos de extrema direita construíram narrativas em diversas redes sociais, em especial nos grupos de WhatsApp, Telegram, e no Facebook. Movidos pela arquitetura desses ecossistemas, fabricaram desinformação e distorceram fatos

¹⁸ O fato em questão já foi declarado como *fake news* por diversos órgãos públicos e veículos de imprensa. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/notas/governo-federal-nao-decretou-a-instalacao-de-banheiros-unissex-nas-escolas>>. Acesso em: 14 fev. 24.

para manchar a imagem de outros candidatos. Esse comportamento também foi notado nas eleições municipais em 2024.

Sob essa breve reflexão e a partir dos estudos discursivos sobre manipulação, é que levantamos nossas questões para explicar a manipulação sob a ótica da Linguística Textual, considerando que esse fenômeno se textualiza em narrativas desinformativas para reforçar crenças, dar relevo a teorias conspiratórias e desacreditizar as instituições públicas. Investigamos, nesta tese, as narrativas desinformativas atravessadas pela polarização esquerda-direita e pelo binarismo “Nós – bons x Ele – corruptos”, para mostrar como o locutor/enunciador impostor manipula e é manipulado como parte indissociável do jogo manipulatório no ambiente digital, levando a uma forma cíclica.

A partir dessa contextualização e para uma compreensão global do fenômeno manipulação, convocamos para a nossa tese três diferentes perspectivas teóricas.

3.3 Perspectivas teóricas sobre a manipulação

Esta seção pretende tecer um panorama teórico-metodológico sobre a manipulação discursiva. Definimos manipulação com base em Charaudeau (2022, p. 11), segundo o qual é um ato que visa “levar outrem a fazer, dizer ou pensar o que se gostaria que outro fizesse, dissesse ou pensasse”. A manipulação, dessa forma, é um modo de operar estratégias para induzir o outro a agir conforme interesses pessoais. Tomamos também do semiolinguista uma noção de manipulação em sentido estrito, distinguindo-a da persuasão, pois nem todo discurso (dizemos nem todo texto) seria manipulador.

O fenômeno da manipulação foi investigado por diferentes vertentes teóricas dentro e fora da Linguística. Dentre essas perspectivas teóricas sobre manipulação, destacamos três abordagens mais robustas e de algum modo relacionadas a uma noção retórico-discursiva. São elas:

- a) a manipulação da palavra, de Philippe Breton;
- b) a manipulação discursiva dos Estudos Críticos do Discurso, de Van Dijk;
- c) a manipulação discursiva, de Patrick Charaudeau.

Nas próximas subseções, vamos aprofundar a discussão na proposta de Breton (1999) e Van Dijk (2008), resguardando suas particularidades, pois os autores obedecem a lugares teóricos distintos. A última subseção desse capítulo será dedicada à proposta de Charaudeau (2020), em razão de ser a principal interface teórica desta pesquisa.

3.3.1 A manipulação da palavra por *Philippe Breton*

Philippe Breton não é um linguista, tampouco um analista do discurso, mas um estudioso da comunicação que, fundamentando-se nos estudos retóricos, propõe uma abordagem da manipulação da palavra, a qual também dá nome a sua obra *La parole manipulée*, publicada originalmente em Paris, em 1997.

Para Breton, a manipulação se opõe à argumentação, pois a manipulação é ato de violência verbal e total privação de liberdade do outro, uma espécie de mentira organizada e instrumento para vencer a resistência, já a argumentação prezaria pelo respeito ao outro. Para Breton, a manipulação é negativa, e, nessa concepção do autor, o sujeito manipulado se vê “encurralado” a adotar/compartilhar a mesma opinião/comportamento do manipulador sem quaisquer chances de reflexão ou ação. Acerca disso, discordamos, em parte, porque o jogo manipulatório se vale de um sujeito que quer ser manipulado, consciente ou não. Breton (1999) distingue, portanto, manipulação e argumentação, pois considera a primeira um ato de violência verbal, enquanto a segunda prezaria pelo respeito ao outro.

A seguir, elencamos os procedimentos de análise da manipulação de Breton (1999) que podem ser úteis à nossa pesquisa. Breton (1999) divide essas técnicas em dois tipos: “manipulação dos afetos” e “manipulação cognitiva”. Acerca disso, pensamos que, embora essas categorias didatizem a compreensão da proposta em dada época, essa divisão nos parece rígida e não se sustenta porque a emoção e a cognição são esferas indissociáveis.

3.3.1.1 A manipulação dos afetos

Para Breton (1999, p. 64), até mesmo a sedução é uma violência, visto que busca a privação de liberdade do sujeito. Não concordamos que isso seja tratado como uma “violência”, tendo em vista que a visão de violência que estamos adotando corresponde a um ato de agressão, sempre. Concordamos com Charaudeau (2020) que o uso de argumentos “sedutores”, ou até mesmo as figuras do carisma não causariam uma agressão verbal ou psicológica no interlocutor. A categoria “manipulação dos afetos” é dividida por Breton (1999) em “recurso aos sentimentos” e “efeito fusional” e suas subcategorias.

a) O recurso aos sentimentos:

A publicidade tem sido o principal *corpus* de pesquisas sobre jogos manipulatórios ao analisar propagandas e anúncios. São esses gêneros que exploram exacerbadamente esse

recurso visando convencer o público a comprar produtos ou serviços. Esta é uma constatação de Breton, o qual enfatiza que “o mecanismo em jogo consiste em criar a ilusão de que o emissor da mensagem se encontra na mensagem ou é nela representado” (Breton, 1999, p. 65). Segundo o autor, essa estratégia vincula-se a um tipo de “persuasão-sedução” e pode ser de diferentes tipos. São eles: sedução demagógica, sedução por estilo, manipulação por clareza, estetização da mensagem, manipulação pelo medo ou pela autoridade e amálgama afetivo.

- *sedução demagógica*

Desde a Grécia Antiga, o protótipo do sedutor tem natureza demagógica. Breton (1999, p. 66) cita Eurípedes, ao propor que o sedutor demagógico seja “aquele que é capaz de se adaptar às circunstâncias mais desconcertantes, de assumir tantas imagens quantas forem as categorias sociais e espécies humanas na cidade, de inventar os mil artifícios que tornarão sua ação eficaz nas circunstâncias mais variadas”. O demagogo leva diferentes auditórios a acreditar que pensa como eles. Para isso, quando necessário, ele muda o rosto, o semblante e, principalmente, o discurso, adaptando-se ao auditório.

- *sedução por estilo*

Esta estratégia se concentra no uso de um discurso eloquente, ou seja, uma fala rebuscada se sobressai em detrimento do próprio argumento. É comum, neste tipo de manipulação, o uso de figuras de estilo, algo usual quando o objetivo é manipular. O autor cita os discursos da extrema direita como exemplo, os quais investem em frases de efeito e palavras espirituosas. Esse tipo também é bastante usado nas mensagens publicitárias. Breton inclusive ressalta que a sedução por estilo não é explorada apenas com palavras, mas com imagens.

- *manipulação pela clareza*

A clareza é um estilo de apresentar o discurso com potencial manipulador. Assim, ao ser “claro”, o sujeito apresenta um discurso transparente, sem trechos enigmáticos, obscuros. Para Breton (1999), a clareza seduz. Uma das características desse modo de manipular é a brevidade. O autor conclui que esse formato breve se tornou comum a toda mensagem que pretende ser persuasiva. Se Breton considerava atual esse modo de interagir em 1999, as interações nas redes sociais como *Instagram* utilizam dessa “brevidade” em diversos recursos, por exemplo, o recurso do *story* que permite a elaboração de mensagens de 15 segundos induzindo o usuário ver os demais para entender a narrativa.

- *estetização da mensagem*

Assim como a estratégia de manipulação por clareza, a estetização da mensagem também envolve uma manobra discursiva que envolve o estilo. Relaciona-se, por exemplo, a um gênero que mais agrada ao público. Neste recurso, conforme Breton (1999, p. 70), “a estética da mensagem tende, na publicidade ou mesmo na comunicação, a substituir por completo seu conteúdo”. Se pensarmos, nas interações digitais, nem sempre a mensagem é substituída por completo como prevê Breton, mas às vezes é parcialmente distorcida, construindo pontos de vista distintos direcionados a um determinado público.

- *medo e autoridade*

Breton explica que é comum, principalmente, em discursos de extrema direita, o recurso ao medo disfarçado de autoridade, o que tem sido recorrente nas ameaças verbais de quem exerce o poder, bem como o uso da violência verbal, da brutalidade e da força. Para ilustrar, esse recurso ao medo, referimo-nos a falas do ex-presidente Bolsonaro, como “vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre” em palanque na campanha eleitoral de 2018 ou chamar uma jornalista de “analfabeta, idiota”. Logicamente, esses exemplos pincelam a compreensão do recurso ao medo. O recurso aos sentimentos, como debate o autor, é frutífero. Breton (1999) enfatiza ainda que essa prática discursiva de violência da extrema direita, na França, é legitimada e exerce efeitos manipulatórios no discurso.

Convém, ainda, distinguir o uso de autoridade de uma técnica argumentativa da retórica denominada “argumento de autoridade”. O recurso à autoridade envolve um comportamento de evitar discussões, pois o autor citado tem credibilidade suficiente para que nada se tenha a questionar, o que força o outro a aceitar uma opinião, o que difere de argumento de autoridade, o qual fundamenta um pensamento dando a ele legitimidade.

- *manipulação das crianças*

Um dos recursos abusivos da “autoridade” é a prática de manipulação das consciências infantis. Essa estratégia opera como um desvio de autoridade em que as crianças “educam politicamente os pais” (Breton, 1999, p. 72), uma vez que elas são consumidoras e futuramente serão também compradoras. Isso pode ser ilustrado pelo comercial das lojas Casa Pio, em que a canção “Pá- Pé- Pio”, cuja criação é de 1985, permanece até hoje na memória e no presente nas propagandas para o Dia das Crianças. A letra da música repete: “Pa pé pio, pá pé pio, vamos pra Casa Pio, vamos pra Casa Pio! Querida mamãe, querido papai, no dia da

criança eu quero um sapato... da Casa Pio, lá tá assim de ofertas, pa pé piu, vamos pra Casa Pio!”¹⁹

Podemos observar sucintamente que, na canção, o interlocutor é a criança que se dirige a um “tu”, o pai e a mãe, a comprar “um sapato na Casa Pio” que está repleta de ofertas. Dessa forma, a propaganda se dirige ao público infantil induzindo-o, pela repetição, a persuadir os pais a consumir.

- *o amálgama afetivo*

Esse procedimento ocorre com frequência no discurso publicitário e consiste em construir uma mensagem que mistura uma opinião a um elemento exterior capaz de sensibilizar o público, transferindo a carga “afetiva” desse elemento para a opinião que se quer defender. Breton (1999) cita o exemplo de uma estratégia criada por publicitários sobre produto (balas de alcaçuz), para não oferecer diretamente os bombons. Ao criar a mensagem, exibiram uma moça com um vasto decote portando uma caixa com as balas e deram ao produto uma conotação erótica, representada pela moça em questão. Tal prática foi em dada época bem comum em propagandas de cerveja como a “Skol”, em que há uma figura feminina geralmente em trajes de biquíni sensualizando com a cerveja.

b) Efeito fusional (racional)

O efeito fusional recorre a técnicas de natureza mais racional. O objetivo desse recurso é “trabalhar a apresentação da mensagem de modo a pôr o público à mercê do manipulador”. As técnicas de fusão criam uma ilusão de imbricação, uma simbiose, entre mensagem, manipulador e manipulado a depender do recurso empregado (Breton, 1999, p. 74). Para isso, Breton (1999) classifica essas técnicas em: repetição; hipnose; toque.

- *repetição*

A repetição ganha um papel de destaque nos processos de manipulação, pois é frequentemente usada em discursos publicitários, ou melhor, gêneros publicitários. Esse recurso move-se a partir do esquecimento daquilo que se repete. Exemplo disso é o *slogan*, que gera uma espécie de “fadiga mental”, impossibilitando não memorizar certas “frases de efeito”. A título de ilustração, o *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, do ex-presidente

¹⁹ A canção pode ser facilmente encontrada na plataforma Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ROt-EVtjmq4>. Acesso em: 04 out. 23.

Bolsonaro, tornou-se uma marca desde sua campanha eleitoral. Essa estratégia de repetição também se apresenta nos estudos do semiolinguista Charaudeau (2020), o que comprova uma certa aproximação do pensamento desses autores, mesmo que em perspectivas teóricas distintas.

- *hipnose*

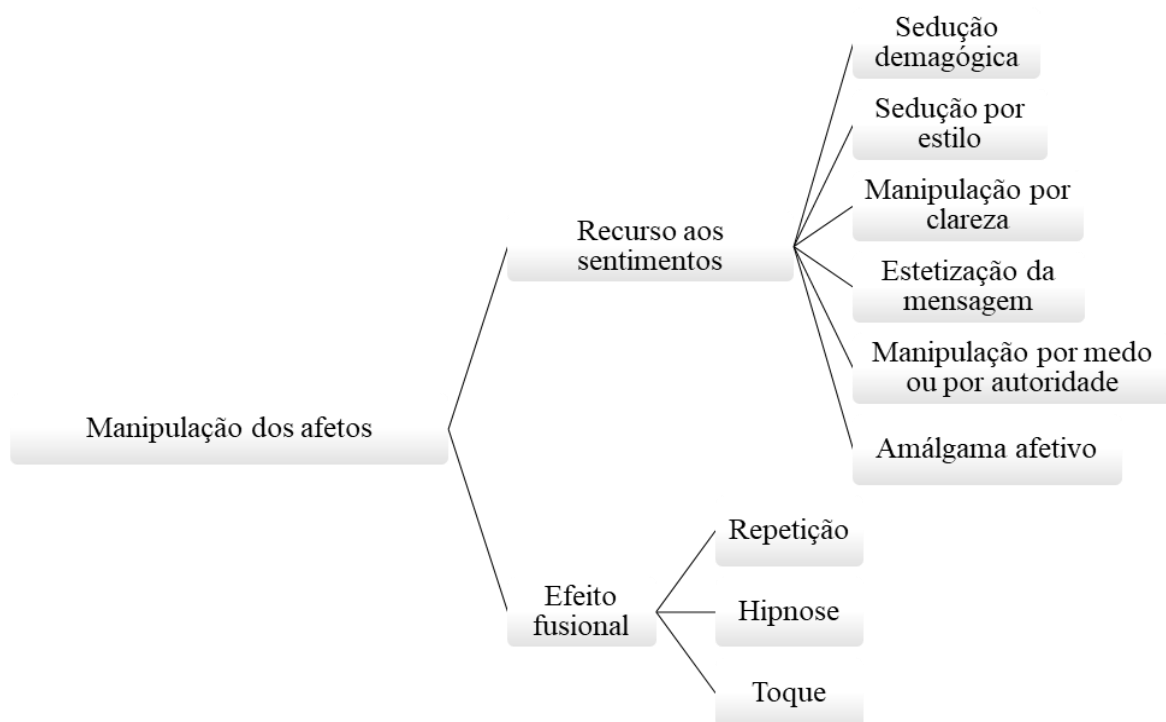
A hipnose é uma técnica usada para convencer. Conforme Breton (1999), em estudos da Programação Neurolinguística (PNL), busca-se obter uma mudança de comportamento por parte do público. Na hipnose, há a explicitação do conteúdo da mensagem, pois o que fará entrar no “espírito do interlocutor” é o modo como ela é apresentada. “Trata-se simplesmente, para manipular o outro, de transformar seu próprio comportamento e fazer dele um reflexo (*mirroring*) do comportamento daquele que você quer convencer” (Breton, 1999, p. 77). Essa técnica cria uma relação de espelhamento, o que faz o manipulado entrar em um estado de fusão com o manipulador. Dessa forma, ocorre uma espécie de sincronia com interlocutor em diversos aspectos: respiração, tom de voz, ritmo, gestos corporais até vocabulário e conceitos, que não são percebidos pelo interlocutor.

- *toque*

Esse recurso pertence ao processo de hipnose e é considerado um meio de influenciar. Breton (1999) cita dois psicólogos sociais, Robert-Vincent Joule e Jean-Léon Beauvois, segundo os quais “o papel desempenhado pelos contatos físicos (o que os pesquisadores americanos denominam *the touch*) na aceitação de certos pedidos [...] continua a ser extremamente surpreendente”. O autor menciona uma pesquisa realizada pelos psicólogos, a qual consiste em tocar o antebraço das pessoas, no supermercado, ao propor que provem um pedaço de pizza. As pessoas fisicamente tocadas tendem a aceitar a proposta de degustação, bem como são menos resistentes a comprar o produto ofertado.

Sintetizamos, no esquema a seguir, os procedimentos de análise quanto ao *recurso aos sentimentos* para melhor compreensão de suas subcategorias:

Esquema 01 – Estratégias de manipulação dos afetos



Fonte: elaboração própria.

- *A manipulação cognitiva*

Após examinar as técnicas de recurso aos sentimentos, comentaremos brevemente sobre a ideia de manipulação cognitiva proposta pelo autor. Esse procedimento se ocupa da manipulação do conteúdo cognitivo da própria mensagem. Breton (1999) divide em dois grandes tipos: enquadramento manipulatório e amálgama cognitivo.

- *Enquadramento manipulatório*

Conforme Breton (1999, p. 82), essa primeira técnica consiste em um modo de ordenar os fatos, o que torna um recurso rico para a argumentação. Cita como exemplo desse enquadramento da mensagem a desinformação.

A desinformação, uma das técnicas de reenquadramento mais manipulatórios, consiste justamente em fazer passar por fatos reais e totalmente confiáveis aquilo que não passa de pura invenção destinada a ocultar as verdadeiras informações. A desinformação é um puro jogo baseado no verdadeiro e no falso, que mobiliza todos os recursos da mentira e da verdade.

Segundo o autor, essa técnica ultrapassa o foco de informar, uma vez que seu objetivo é convencer o interlocutor. Para tanto, faz uso da manipulação por meio da “distorção dos fatos, sua reorganização, com objetivo de obter, por exemplo, um consentimento que não

fora conseguido de antemão, à custa de uma violação da situação” (Breton, 1999, p. 82). Há ainda subcategorias do enquadramento manipulatório. São elas: enquadramento mentiroso, reenquadramento abusivo e o enquadramento restritivo.

O enquadramento mentiroso chama atenção para a desinformação, pois essa foi uma das principais armas intelectuais durante o período de guerras globais. Mentir para o inimigo, conforme ressalta o autor, leva-o a tomar decisões com consequências devastadoras e mortais. A exemplo disso, cita a operação “Mincemeat”²⁰, ou “carne picada”, em que as autoridades alemãs encontraram um documento junto ao corpo de um suposto oficial inglês com “instruções precisas” sobre o desembarque de tropas aliadas em terras europeias. O documento indicava também que seriam enviadas falsas informações, levando os alemães a crer que esse exército desembarcaria em Sicília, cidade localizada ao sul da Itália. Dessa forma, os alemães passaram a crer que os sinais desse possível desembarque eram falsos. O desembarque aconteceu no local previsto, e os alemães foram interceptados, o que causou severos danos.

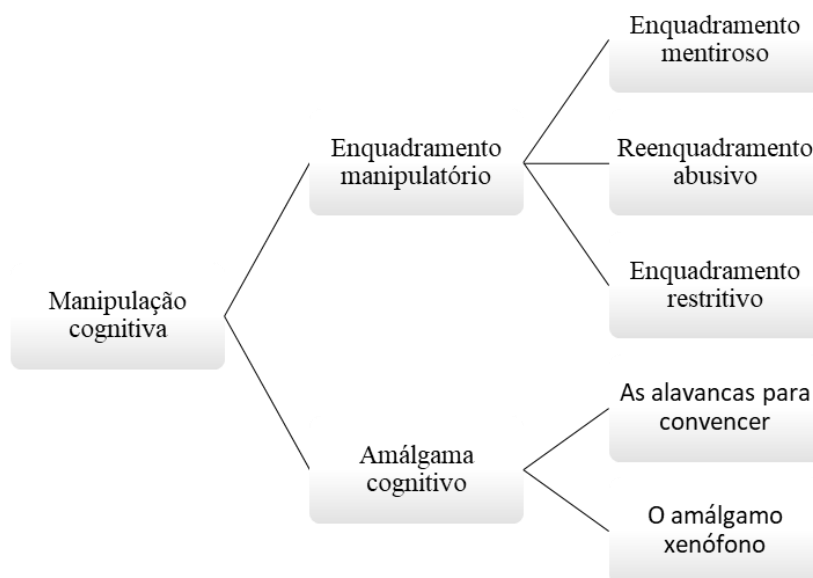
O reenquadramento abusivo é próximo ao propósito da desinformação (enquadramento mentiroso), pois consiste em ordenar os fatos de modo que eles levem o interlocutor a uma convicção de algo verdadeiro. Esse trabalho se volta para a escolha e a ressignificação das palavras, o que poderia ser mais difícil de perceber, podendo fazer uso de ambiguidades ou comparações truncadas. O autor descreve três tipos: as palavras enganosas, os traços mentais e as imagens deformadas.

O enquadramento restritivo objetiva o consentimento do público a um comportamento/ opinião inicial que visivelmente não gera problemas de aceitação. No entanto, o objetivo do manipulador seria, a partir do aceite dessa primeira opinião, fazer o alvo concordar com uma segunda opinião. Breton (1999) caracteriza isso como um “desvio manipulador” e traz como exemplo a relação entre pai e filho. O pai deseja que o filho vá comprar cigarros. Ordena-o a essa tarefa, o filho obedece, porém, o pai sabe que o bar mais próximo está fechado, assim o pai pede ao filho para ir a um povoado distante. Para o autor, a manipulação está na relação entre o primeiro e o segundo comportamento da pessoa manipulada. Breton (1999) ainda descreve um subtipo denominado “amálgama cognitivo”. Neste percurso da pesquisa, não nos debruçaremos mais a fundo sobre essas subcategorias.

Elaboramos ainda o esquema abaixo para sintetizar essas técnicas e suas subcategorias.

²⁰ Essa história foi retratada no filme *O soldado que não existiu*, disponível na Netflix.

Esquema 02 – Estratégias de manipulação cognitiva



Fonte: elaborado pela autora

Nesta tese, consideramos a relevância da proposta de Breton e até tivemos a intenção de flagrar pelas manifestações textuais das estratégias de manipulação. Porém, percebemos que as essas estratégias de manipulação dos afetos por meio do recurso aos sentimentos (medo e autoridade; sedução demagógica e estetização da mensagem) se aproximam da estratégia da manipulação por dramatização já prevista no quadro charaudeana. Por essa razão, seguiremos a classificação do semiolinguista.

Por conseguinte, discutimos sobre uma perspectiva crítica de manipulação no discurso, proposta por van Dijk.

3.3.2 A manipulação discursiva nos Estudos Críticos do Discurso de van Dijk

Sob a ótica dos Estudos Críticos Discurso (ECD), Van Dijk, em *Discurso e Poder*, trata a manipulação em uma perspectiva sociocognitiva a partir da triangulação *discurso - cognição - sociedade*. Van Dijk defende que essa proposta de investigar a manipulação discursiva se situa em um marco teórico multidisciplinar, o que permite ao analista crítico passear por disciplinas sem necessariamente situar-se em apenas uma. Os sujeitos se valem de estratégias discursivas para exercer o controle sobre grupos sociais numa disputa (e abuso) de poder. A manipulação seria então essa forma de interação social e um modo de controle das mentes dos sujeitos.

A manipulação, segundo o analista do discurso, objetiva constituir modelos mentais influenciando as crenças e os conhecimentos das pessoas, e, consequentemente, controlar as ações dos sujeitos manipulados. Ela divide-se em três dimensões: discursiva, social e cognitiva. Van Dijk (2023, p. 233, grifos nossos) explica o porquê de analisar a manipulação a partir de uma triangulação - discurso, cognição e sociedade.

Uma abordagem discursiva analítica é apropriada porque a maior parte da manipulação, como nós entendemos essa noção, desenvolve-se através da **fala** e da **escrita**. Em segundo lugar, os que são manipulados são seres humanos e isso tipicamente ocorre através da manipulação de suas '**mentes**'; dessa forma uma abordagem cognitiva também é capaz de esclarecer o processo de manipulação. Em terceiro lugar, a manipulação é uma forma de **interação** conversacional, e uma vez que isso implica poder e abuso de poder, uma abordagem social também é importante.

Teun A. van Dijk afirma que toda manipulação discursiva envolve um processo mental. Ele opera ainda com as formas 'comunicativas' ou 'simbólicas' de manipulação como um meio de interação, tal como os políticos ou a mídia manipulam seus eleitores e leitores, ou seja, por meio de algum tipo de influência discursiva. A manipulação se define como "uma prática comunicativa e interacional na qual um manipulador exerce controle sobre outras pessoas, normalmente contra a vontade e interesses delas" (Van Dijk, 2008, p. 234). Nessa vertente teórica dos estudos críticos do discurso, a manipulação não envolve apenas as relações de poder, mas o abuso de poder, ou seja, uma relação de dominação. É uma espécie de influência deslegitimada que não envolve apenas a língua escrita ou falada, mas o uso de imagens, vídeos e outras mídias. Concordamos com o analista do discurso, visto que exploramos as marcas de manipulação nos textos considerando sua natureza multissemiótica e as estratégias de textualização.

Van Dijk (2008) enfatiza ainda a tênue fronteira entre o conceito de manipulação e persuasão. A manipulação depende unicamente do contexto, já que os manipulados podem ser influenciados por uma mensagem, enquanto por outras não.

A manipulação é um fenômeno social – especialmente porque ela envolve interação e abuso de poder entre grupos e atores sociais – é um fenômeno cognitivo, porque a manipulação sempre implica a manipulação das mentes dos participantes, e é um fenômeno discursivo-semiótico, porque a manipulação é exercida através da escrita, da fala e das mensagens visuais. (van Dijk, 2008, p 235-236)

3.3.2.1 Dimensão social

Concordamos com van Dijk (2008), quando afirma que a manipulação é, antes de tudo, “um controle da mente, ou seja, das crenças dos receptores e, indiretamente, um controle das ações dos receptores baseado nessa manipulação de crenças”. As crenças são uma das forças do ato de manipular; por essa razão, são relevantes a nossas análises, pois elas se marcam nos textos para levar a determinadas negociações de sentido principalmente nas narrativas desinformativas.

A condição social envolve toda a caracterização do manipulador. No entanto, ele ignora as condições psicológicas, como personalidade, inteligência e aprendizagem. O interesse de van Dijk quanto à dimensão social é descrever a que grupos sociais pertence o manipulador, qual sua posição institucional, profissão, identidade, *status*, bem como as relações de poder dos grupos e dos membros. Nessa dimensão, são observados os recursos a que o sujeito tem acesso, além dos grupos sociais aos quais pertence. Todavia, esta preocupação voltada para as lutas pela hegemonia não é o principal foco das análises textuais, que se ocupam da explicação de como os sentidos dos textos podem ser interpretados dentro das condições de produção, recepção e circulação de cada texto.

O analista do discurso considera ainda a manipulação como uma prática ilegítima quando exercida numa relação de dominação em que só um lado se beneficia, apresentando assim características negativas. Isso ocorre quando, por exemplo, políticos usam sua posição social para fornecer informações para suas audiências. Dessa forma, pode-se concluir que a sociedade tem um maior acesso a um espaço público midiático; logo, a atividade de manipular se amplia consideravelmente porque as mídias digitais, por exemplo, não são lugares apenas para aqueles que têm prestígio. Como afirmamos anteriormente, a informação deixou de ser veiculada apenas pelos clássicos jornais impressos e televisivos. É pela comunicação nas mídias digitais (redes sociais) que ocorre grande parte da manipulação discursiva no mundo contemporâneo.

3.3.2.2 Dimensão discursiva

Quanto à dimensão discursiva, os manipuladores recorrem a estruturas do próprio discurso em maior ou menor nível, são elas: estratégias de interação gerais (autoapresentação positiva ou negativa); macroato de fala indicando os “bons” atos como “nossos” e os “maus”

atos dos outros; macroestruturas de ordem semântica; léxico: ao selecionar palavras positivas para Nós, palavras negativas para Eles; a própria sintaxe, como orações ativas versus passivas, nominalizações; bem como figuras, hipérboles e eufemismos para significados positivos/negativos; entre outros (Van Dijk, 2008, pp. 14-15). É desse modo que a manipulação se materializa. No entanto, em nossa investigação, analisaremos as evidências da manipulação em critérios da textualização, como o das redes referenciais. Defendemos, nos estudos da Linguística Textual (Cavalcante et al., 2022), que esses traços léxico-gramaticais são apenas um aspecto da construção de referentes que se articulam em redes em todo texto. Vale salientar, ainda, que o próprio van Dijk reconhece a importância de recursos visuais, gestuais e multimodais.

3.3.2.3 Dimensão cognitiva

Segundo Van Dijk (2008, p. 6), “manipular pessoas envolve manipular suas mentes, ou seja, as crenças das pessoas, tais como seus conhecimentos, suas opiniões e suas ideologias, os quais por sua vez controlam suas ações”. Ou seja, o discurso manipulador tende a afetar a mente dos interlocutores num jogo de controle social (mais legítimo ou menos legítimo). O analista crítico reconhece que há manipulações de ordem contextual ou textual, o que vai ao encontro de nossa pesquisa. Apesar de alguns pressupostos do autor se relacionarem à proposta dessa pesquisa, como constatações teóricas (porém não metodológicas), não serão adotadas na tese, pois elegemos como interface teórico-metodológica as estratégias de manipulação propostas por Charaudeau (2020; 2022), como na próxima seção (3.4).

Vale salientar ainda que essa *dimensão cognitiva* envolve uma relação com três tipos de memória. São elas: memória de curto prazo (MCP); memória episódica; e memória de longo prazo ou semântica (memória da cognição social).

a) memória de curto prazo (MCP)

Consiste na compreensão de informações rápidas e chamativas, como palavras, sinais não verbais, pequenas sentenças. Essa prática social envolve a manipulação das informações ao colocar certos aspectos mais salientes, por exemplo, trechos com fontes grandes ou recurso de negrito para chamar atenção, os quais serão processados com maior velocidade. Essas estruturas contribuem para uma representação e lembrança mais efetiva. Por isso, o autor defende que os modos como os textos são apresentados visualmente colaboram para que os

leitores prestem mais atenção em determinados aspectos desejados pelo *manipulador*. Esta constatação é bastante válida para a análise dos recursos de manipulação que realizamos.

b) memória episódica

Consiste em uma memória que armazena eventos das experiências cotidianas, como modelos mentais com suas próprias estruturas esquematizadas. Dessa forma, conforme van Dijk (2008, p. 8):

A compreensão não é meramente a associação de significados com palavras, sentenças ou discursos, mas a construção de modelos mentais na memória episódica, incluindo nossas próprias opiniões pessoais e emoções, associadas a um evento sobre o qual nós ouvimos ou lemos. É esse modelo mental que é a base para nossas memórias futuras, assim como a base de conhecimentos adicionais, tais como a aquisição do conhecimento, das atitudes e das ideologias baseada na experiência.

O manipulador age sobre os receptores para que eles formem modelos mentais que ele deseja incutir neles, o que inibe ou reduz a liberdade de interpretação para levá-los a interpretações almejadas. Assim os manipulados compreendem o discurso como os manipuladores desejam. Não adotaremos por inteiro essa concepção de manipulação no que diz respeito à grande sobredeterminação e dominação que aparenta ter sobre os sujeitos manipulados. Fica dessa noção de memória episódica, no entanto, a conclusão de que muitos dos pré-discursos a que os sujeitos apelam estão situados nessa memória. A visão de pré-discurso que adotamos é condizente com o que propõe Paveau (2013 [2006]), pois comporta a caixa preta dos discursos, ou seja, os dados prévios em que há valores e crenças que podem ser, a nosso ver, interpretadas, em cada interação, pelos sujeitos, com suas experiências, a partir da sua relação com o ambiente.

c) memória de longo prazo (MLP)

É nessa memória que se armazenam as crenças compartilhadas de maneira mais estável, as quais podem ser denominadas “representações sociais”. Assim, conforme afirma Van Dijk (2008, p. 10):

Nosso conhecimento sociocultural forma o núcleo dessas crenças e nos permite agir, interagir e comunicar de forma significativa com outros membros da mesma cultura. O mesmo é verdade para as várias atitudes e ideologias sociais compartilhadas com outros membros do mesmo grupo social, como exemplo, os pacifistas, os socialistas, as feministas, de um lado, ou os racistas e os machistas, de outro.

Van Dijk defende que os modelos mentais tanto corporificam certas experiências pessoais e opiniões individuais quanto agrupam um conjunto de crenças compartilhadas nessa memória coletiva que se situa, individualmente, numa memória de longo tempo. Para o analista do discurso, as crenças compartilhadas são por natureza sociais, pois não são inatas e sim distribuídas por um conjunto de pessoas.

Assim como Paveau (2006 [2013]), Van Dijk (2016) recorre à noção de cognição distribuída com base Hutchins (1995). Para o analista do discurso, a cognição distribuída, em sua acepção mais comum, pode ser o compartilhamento de uma língua ou um sistema de crenças, tendo em vista que são essas ações tomadas como atos coletivos. No entanto, o autor chama atenção para uma acepção mais ampla indo além da mente dos indivíduos e do compartilhamento de conhecimento em grupo. A cognição distribuída é vista em sua natureza ecológica. Nesse caso, o sistema de crenças (ou conhecimento para Van Dijk) está encarnado nas habilidades e no próprio corpo, além de ser representada por objetos e símbolos, os quais são artefatos que dividem memórias.

É importante afirmar que admitimos alguns pressupostos da ECD como o de que há uma tentativa de controlar os interesses e as mentes dos sujeitos quando o locutor/enunciador articula estratégias manipulatórias e as manifesta textualmente por diversos recursos. No entanto, avançamos para uma reflexão que vai além da disputa (ou abuso) de poder. Buscamos nesta pesquisa investigar textos com desinformação difundidos numa prática discursiva de pós-verdade. Esses sujeitos, munidos de estratégias de manipulação, forjam trilhas de sentidos e manifestam textualmente a fim de orientar pontos de vistas de seus interlocutores, muitas vezes, já “arrebanhados” pelo seu discurso manipulador.

3.4 A perspectiva semiolinguística sobre manipulação discursiva

Para discutir o fenômeno da manipulação discursiva à luz da teoria semiolinguística de Charaudeau (2020; 2022), partimos das obras *A conquista da opinião pública – como o discurso manipula as escolhas políticas*, publicada originalmente em 2016, em francês, e em 2020, na versão em português e *A manipulação da verdade – do triunfo da negação às sombras da pós-verdade*, 2022, publicação mais recente de Charaudeau. Essas obras mais recentes reúnem um conjunto de estratégias que se aproximam, em certa medida, das reflexões teóricas propostas pela retórica de Breton (1999) e pelos estudos críticos do discurso de Van Dijk (2008), resguardando as suas particularidades.

Conforme Charaudeau (2020, p. 68), a manipulação é como uma variante, em sentido mais restrito, da persuasão, e ocorre por meio de uma visada discursiva de “incitação a agir”.

Quando se está numa situação em que há a necessidade de outro para realizar um projeto, e não se tem autoridade sobre este outro para obrigá-lo a agir de um determinado modo, empregam-se estratégias de persuasão ou de sedução que consistem em **fazer com que o outro (indivíduo ou público) compartilhe de uma certa crença** (Charaudeau, 2020, p. 68, grifos nossos).

No que se refere a um compartilhamento de crenças, o semiolinguista enfatiza que o propósito do manipulador é investir em estratégias que visem criar vínculos com seus alvos, os quais sequer se dão conta de que estão sendo manipulados. Reiteramos que a manipulação envolve um modo particular de engendrar estratégias para ludibriar o interlocutor. No entanto, salientamos que não se pode generalizar que todo texto de incitação à ação tem um viés manipulador. Por isso, Charaudeau (2022) postula ser necessário um certo conjunto de características para que a manipulação seja constatada. Da mesma forma, o analista do discurso sugere caracterizar o interlocutor manipulador, ou seja, aquele que deseja fazer o outro agir conforme seus interesses.

3.4.1 O perfil do manipulador e o discurso manipulador

Em todo texto há uma tentativa de influência. Conforme Charaudeau (2022), sempre há estratégias para influenciar os interlocutores (movimentos de atração ou rejeição), o que exerce controle nas relações (Charaudeau, 2022). No entanto, para haver manipulação, é preciso, segundo o semiolinguista, atender a algumas condições: i) a relação do sujeito com a verdade; ii) o modo como a verdade pode ser alterada em um ato de negação; e, por fim, iii) os meios estratégicos de o manipulador enganar o outro.

O semiolinguista apresenta também as características do perfil do manipulador, que resumiremos neste ponto. Em primeiro lugar, o manipulador age de má-fé, pois nunca revela sua intenção ou projeto de dizer, além de disfarçar, muitas vezes, por meio de um discurso contrário, ou mesmo enviesado, para parecer favorável ao manipulado. Nossa pesquisa observará esse perfil a partir dos gestos linguageiros do possível manipulador dentro do quadro teórico-metodológico de análise textual envolvendo o circuito comunicativo em que cada texto acontece, analisando aspectos tecnotextuais e interacionais que evidenciem esse perfil. Tentaremos descrever esse locutor/enunciador a partir das pistas contextuais que revelam suas posições políticas nos textos desinformativos em análise.

Em segundo lugar, o manipulador se aproveita de uma posição social de legitimidade que lhe foi conferida em um contexto específico. Em nossos dados, observamos que os locutores não possuem uma posição de destaque que possa oferecer credibilidade. Nas plataformas digitais, quaisquer usuários podem manipular os fatos para *(des)informar*. Não é necessário, portanto, ocupar um lugar social de destaque, pois eles já estão imbricados no jogo manipulatório das plataformas.

Em terceiro lugar, o manipulador preocupa-se em construir uma “imagem de si que, de algum modo, paralise a opinião do manipulado, seja pela ameaça, seja pela sedução” (Charaudeau, 2020, p. 69). Por fim, em quarto lugar, o manipulador busca dramatizar o discurso para inquietar o auditório e até mesmo criar um contexto de pânico social e medo, aterrorizando-o. O recurso ao medo, como uma estratégia de patemização (Oliveira, 2020; Silveira, 2022) pode ser evidenciada por traços textuais, sobretudo de referenciação. O manipulado, por outro lado, deixa-se, conscientemente ou não, ser influenciado por essas estratégias que forjam contextos, participando, assim, de um jogo manipulatório.

Com relação ao comportamento do manipulador, chamamos atenção para o contexto de pânico social (ou moral) e medo estabelecido com o objetivo de perturbar os interlocutores. Critcher (2017) recorre ao Dicionário de Ciências Sociais para discutir o conceito de “pânico moral”. Os pânicos morais convocam adeptos a partir dos medos e da ameaça por meio de símbolos. De má-fé, utilizam eventos, inclusive catástrofes naturais (Charaudeau, 2022) como símbolos do que representaria o que há de errado em uma nação. Acerca disso, observamos, a partir de Charaudeau (2020), que o discurso manipulador recobre argumentos que se voltam para questões morais e afetivas. Esse tipo de discurso busca sempre criar dois tipos de sanções: uma sanção positiva (promessa de benesses) e outra negativa (causa de uma desgraça). Ou seja, constroem dois lados: céus e trevas; bem e mal. Esse fenômeno relaciona-se à dimensão discursiva da manipulação nos Estudos Críticos do Discurso de van Dijk, em que as estratégias dividem a sociedade entre “Nós (positivo) e Eles (negativo), criando sempre uma espécie de polarização entre “mocinhos morais” e “vilões amoraís/ imoraís”. Essa “guerrilha informacional” se evidencia no espaço digital, mas é alimentada também nos palanques, nos eventos políticos e nas manifestações principalmente da extrema direita.

A partir dessa discussão, dedicamos uma subseção para explorar esse fenômeno como prática discursiva de cunho político a partir das estratégias de manipulação por carisma, dramatização, exaltação de valores e medos sociais.

3.4.2 A manipulação no discurso político

O locutor, conforme Charaudeau (2022, p. 85), é um ator que simula e age como impostor, pois dissimula papéis e identidades em um jogo teatral manipulatório. Acrescentamos ainda que o locutor/enunciador, ao distorcer as informações, forja papéis dos atores que participam da interação nos textos desinformativos. Ao enviesar os sentidos, faz parecer que esses atores sociais se comportam de formas desvirtuadas socialmente. Nesta subseção, pretendemos explorar os modos de manipular mediante três conjuntos de estratégias de manipulação (Charaudeau, 2020), demonstrando, quando possível, em exemplos do próprio autor. São elas: manipulação pelo discurso de sedução (carisma); manipulação pelo discurso de dramatização; e manipulação pela exaltação de valores. Salientamos que Charaudeau (2022) reconfigura uma parte dessas estratégias ao observar efeitos de impostura e figuras de verdade e mentira.

O primeiro conjunto de estratégias diz respeito à manipulação pelo discurso de sedução, o que é muito comum nos debates políticos eleitorais, por exemplo, tendo em vista que os candidatos buscam seduzir seus eleitores ao simular uma imagem social carismática. Conforme Charaudeau (2020), três aspectos orientam o comportamento do manipulador no discurso de sedução: a credibilidade (aquele que se apresenta como digno de fé e creível); a legitimidade (aquele legitimado por uma posição social por seus seguidores); e o *ethos* (imagem de si que se quer construir a partir de uma projeção e expectativa do auditório). Juntos, eles respaldam o modo de agir desse interlocutor manipulador que sempre visa um benefício particular, mesmo que não possuam uma natureza plenamente negativa (como afirmaram outros teóricos). Uma das estratégias de sedução é o carisma, que, para Charaudeau (2020), é um *ethos* excessivo. O fundador da semiolinguística classifica as figuras do carisma em quatro tipos: messiânico, cesarista, enigmático e sábio.

- a) carisma messiânico – essa figura envolve um tom de religiosidade, a pessoa é portadora de uma potência divina, uma espécie de “salvador da pátria”. Esse ator político está revestido de uma vocação;
- b) carisma cesarista – essa figura também envolve uma potência, mas relacionada à força, à virilidade, à coragem e à liderança. As ações desse ator político são violentas. Esse ator político é detentor de uma força incomum;

- c) carisma enigmático – essa figura envolve uma personalidade misteriosa e sedutora. Recobre ainda qualidades como inteligência, cultura, flexibilidade nas relações com o outro. Interessa-se por saber o que os outros pensam dele;
- d) carisma do sábio – essa figura envolve empatia pelo povo. O ator político comporta-se como um sujeito acima das “contingências politigueiras” e como aquele que disfarça sua posição como um líder populista, porque é sábio por ser sua razão de ser.

Essas “figuras” são, evidentemente, estereótipos, identidades sociais que, de tão recorrentes e semelhantes, criam padrões do senso comum. Este trabalho, apesar de considerar relevante a reflexão sobre os indícios textuais dos tipos de “carisma” ou imagem social ligados a modos de seduzir na construção das imagens dos interlocutores que participam da interação, não abrange essa estratégia de manipulação.

Já o segundo conjunto de estratégias engloba a que nos parece mais fecundo em textos desinformativos: a dramatização. Essa estratégia de manipulação recorre a um apelo emocional e à sensibilidade do auditório. Ou seja, o recurso aos sentimentos, que neste trabalho relacionamos a alguns procedimentos da abordagem retórica de Phillipe Breton (1999). Conforme o Charaudeau (2022), os atores políticos se ocupam da encenação dos dramas da vida social. Nessa situação, a carga emocional se amplia em detrimento de um rigor lógico, e o apelo ao *pathos* é uma estratégia frequentemente utilizada em diversas situações de comunicação, como uma forma de causar uma comoção. No discurso político, esses atos de fala emocionados, segundo Charaudeau (2020), combinam três fatores: a natureza dramática do assunto (vida, morte, tragédias, catástrofes, amor, entre outros); o modo como as palavras são colocadas em cena (tom dramático, trágico, humorístico e violento; e o modo como o público absorve o discurso (fria ou calorosamente; positiva ou negativamente). O que o autor flagra por recursos lexicais e gramaticais é observado, nesta tese, a partir dos aspectos enunciativos, interacionais e referenciais, como as construções dos objetos de discurso interconectados em rede.

Charaudeau (2020) cita o Jacques Chirac, político francês e presidente da França em 1995, que, ao participar de um debate televisivo, citou o *slogan* “Reduzir a fratura social”, ao enfrentar seu opositor Lionel Jospin, candidato à presidência. Chirac remetia à situação precária da população francesa na época, principalmente os que sofrem dificuldades, e apelava a valores de igualdade e solidariedade, próprios da esquerda. Assim, o candidato coloca o assunto de modo emocionado ao recorrer a palavras com tom dramático, como “fratura social”,

ou seja, é preciso tratar/cuidar para que essa fratura seja curada. Dessa forma, o público constrói a imagem de um líder político empático com a pobreza da população (Charaudeau, 2020, p. 90).

A manipulação pela dramatização na cena política reforça um dos principais conceitos da teoria semiolinguística, que é a da teatralização. Os sujeitos estão sempre encenando e assumindo determinados papéis sociais no circuito comunicativo (conforme descrevemos anteriormente), e são regidos por contratos presumidos em um ato de linguagem. A situação comunicativa envolve sempre simulacros da realidade. Dessa forma, esses atores, conforme o semiolinguista, simulam e concomitantemente agem como **impostores que dissimulam papéis** no circuito, sendo, portanto, uma dupla encenação. Esse teatro, nas palavras de Charaudeau (2020), apresenta três fases clássicas de um drama, as quais foram, pois, observadas dentro da nossa análise do quadro teórico-metodológico da LT, contemplando o circuito comunicativo de cada texto a ser interpretado. Quanto às fases do drama apontadas por Charaudeau (2020), são elas:

a) primeira fase – uma crise que desencadeia **uma desordem social**:

O drama centra-se no estabelecimento de uma crise descrevendo a desordem social, como disparidade de distribuição de renda; desemprego; a parcela social vítima dessas condições insalubres. Essa descrição objetiva causar efeitos de compaixão, de indignação e de angústia. O *efeito de compaixão* se refere a uma condição em que aquele que toma partido se mostra sincero aos olhos das vítimas da injustiça, expressando suas emoções de forma contida, o que evita interpretações errôneas. O *efeito de indignação*, apesar de se aproximar do efeito de compaixão, diz respeito a questões de ordem moral, voltando-se para um tom de denúncia de situações de injustiça. Por último, o *efeito de angústia* remete a uma possível ameaça que envolve uma situação de perigo, colocando os sujeitos numa posição de vítima potencial dessa ameaça citada.

Esse tipo de efeito envolve estratégias como a *simplificação das informações* e, conseqüentemente, a repetição de fórmulas e *slogans* de forma exaustiva. Isso se relaciona a um dos procedimentos de análise da abordagem retórica de Breton (1999), o qual enquadra a repetição de slogan como um dos efeitos fusionais (de modo mais racional). Charaudeau (2020, p. 92) acrescenta que essa repetição excessiva é feita por meio de diversos tipos de meios de comunicação, sejam físicos (panfletos, cartazes); sejam midiáticos (telejornais e rádio). Nesta pesquisa, acerca do fenômeno da manipulação em textos desinformativos, selecionamos nossos

exemplos a partir dos ecossistemas digitais que fazem parte da mídia internet – o principal ambiente de articulação desses recursos manipuladores.

b) segunda fase – uma fonte do mal, aquele que causa a desordem social, **um culpado**:

Em busca de descrever as possíveis causas da desordem, há uma estigmatização das representações midiáticas e políticas e denúncia de possíveis adversários, por exemplo, marxistas, socialistas, fascistas e capitalistas. O *modus operandi* dessa estratégia visa “identificar” a *fonte do mal*, independente das razões e da verdade sobre os fatos, pois o objetivo é encontrar um responsável, um culpado. Essa fase do drama político colabora para a construção do *ethos* de combatente, o qual busca proteger e punir os culpados.

Nas campanhas eleitorais, é bem comum, uma vez que “se trata de apresentar o adversário como o responsável por uma situação de crise ou de males para o cidadão” (Charaudeau, 2020, p. 93). Podemos retomar o exemplo da polarização entre Bolsonaro e Lula durante os debates televisivos, em que os próprios candidatos visavam desqualificar um ao outro, colocando em evidência mazelas sociais com o fim de culpar o oponente. Além dessa conduta de desqualificação ou ataque direto ao adversário, pode-se fazer uso da *ironia*, de *contradições* ao adversário ou até de uma *orientação enviesada* para que se vote em branco ou anule o voto, reprimindo o exercício da cidadania.

Apesar de esses procedimentos serem relevantes, o teórico não aprofunda essa discussão, apresentando exemplos pouco contextualizados, ficando a cargo do pesquisador investir nesse conjunto de procedimentos que se somam para manipular (ver Charaudeau, 2020). Esse tipo de descrição em fases foi contemplado, nesta pesquisa, no momento da contextualização sócio-histórica de cada texto da análise. A condição de vilão envolve a construção de uma teoria conspiratória (ver Recuero, 2024) em que há sempre um inimigo a ser combatido, o qual quer destruir as instituições tradicionais: família, igrejas, entre outras.

c) terceira fase – uma solução provinda de **um salvador**:

A figura de um **salvador** entra em cena. Os atores sociais não permanecem apenas na denúncia de um culpado e da fonte dos males causados a essa parcela frágil da sociedade, mas se projetam como aqueles que podem reparar todo o mal, os famosos “salvadores da pátria”. Essa projeção deixa de ser apenas uma construção individual e passa, como considera Charaudeau (2020, p. 95), para uma “alma coletiva” que representa esse “Nós” – uma espécie

de pertencimento identitário. Esse pertencimento identitário revela uma divisão em “tribos”, nas quais aqueles que não pertencem são considerados inimigos a serem combatidos.

O *terceiro conjunto* de estratégias diz respeito às estratégias de manipulação por exaltação de valores. A manipulação, orientada por valores sociais e éticos, é uma prática comum na política. Para discutir evidências textuais da manipulação em um texto, compreender os valores mais ou menos comuns a uma dada sociedade é por demais relevante. Charaudeau (2020) salienta que todos os políticos defendem valores. O objetivo pode ser propor um estado laico, incitar o povo a tomar o poder ou apelar a uma identidade nacional.

No entanto, o termo valor possui acepções diversas. Para o semiolinguista, “o valor seria mensurável, mas também discutível e mutante, segundo circunstâncias” (Charaudeau, 2020, p. 97). Acerca disso, defendemos que as comunidades partilham valores, e estes se modificam a depender das posições políticas desses grupos. O autor distingue os valores que predominam entre a política de esquerda e a de direita. Por essa razão, divide em duas matrizes: i) matriz ideológica da direita francesa e ii) matriz ideológica da esquerda. Salientamos que essa divisão de Charaudeau (2020) considera dados do cenário político francês com poucos exemplos que considerem a condição política de outras nações. Assim, apesar de citar essa divisão metodológica do autor, é possível que, em nossos dados, essas matrizes se sobreponham, uma vez que estamos diante de um cenário brasileiro com um contexto social, cultural e político totalmente diferente.

Acerca do que Charaudeau (2020) considera ser a matriz ideológica da direita francesa, os movimentos extremos como o fascismo e o nacional-socialismo são as inspirações. Nessa conjuntura, esse discurso construiu uma visão de que a natureza é superior ao homem. Os valores defendidos são: ordem, família, trabalho, pátria, sendo esses três últimos a base para a constituição da doutrina da direita.

O valor da *família* impõe um pensamento de que “o grupo fabrica o indivíduo”, sendo uma marca desse valor a própria filiação, ou seja, o peso de herdar uma tradição familiar. Além disso, a figura do patriarca como o “chefe” da família é enfatizada neste valor. Essa organização social pode ser exemplificada em diversos contextos, como a igreja católica, que é representada por um “Papa”, como as monarquias, que possuem um “rei”, o qual é visto como uma referência para seus seguidores. A visão conservadora e a defesa pela instituição tradicional da família também instituem o homem como “chefe de família”.

Ressaltamos que as discussões que envolvem, por exemplo, a legalização do aborto é uma das pautadas pela “defesa da vida e da instituição família”, o que reflete a condição da

mulher na sociedade, aquela que deve gerar os herdeiros e permanecer na condição silenciada de esposa do “chefe” da casa.

O valor do *trabalho* envolve a criação de uma hierarquia entre os sujeitos. Há, então, uma atividade produtiva que está a serviço de um corpo social. Esse valor relaciona-se a uma relação em que há um chefe, o qual não deve ser contestado, excluindo assim movimentos sindicais e ignorando revoltas trabalhistas. Podemos acrescentar a essa reflexão charaudiana a postura política sobre o trabalho construída pelo ex-presidente Michel Temer (2016- 2018), o qual emitia opiniões, como “não reclame, trabalhe”, acerca da crise econômica vivenciada pelos brasileiros na época.

Outro exemplo é o próprio governo Bolsonaro, em que o valor *trabalho* se opunha à desocupação/à ociosidade, argumentos muitas vezes usados contra seus opositores, os quais eram acusados de baderneiros e sustentados pelos benefícios assistenciais como bolsa família. Na contramão, esses governantes discutiam pautas que retiraram, por exemplo, garantias trabalhistas ao empregado e ampliaram o poder dos empresários.

Além dos valores da família e do trabalho, a pátria também caracteriza a matriz política de extrema direita, sendo esse valor um dos pilares mais importantes, pois a sociedade é composta por “filhos da nação”, os quais compõem uma identidade social. Logo, a presença estrangeira seria uma ameaça. Charaudeau (2020, p. 101) reitera, que, por essa razão, há, no discurso da direita, a ideia de “um inimigo exterior contra o qual é preciso se defender e que se deve expulsar para fora das fronteiras do território, concebido com o espaço identitário da nação”.

A exemplo disso, um evento lastimável recente na história global relacionado ao valor “pátria” são os conflitos territoriais entre Israel e Hamas, os quais resultaram em uma guerra civil, ceifando inúmeras vidas inocentes. Além disso, a defesa da pátria foi e é uma das principais bandeiras do ex-presidente Bolsonaro, pois seus seguidores usavam e usam a camisa amarela da seleção brasileira de futebol e a bandeira do país (símbolos nacionais), assim como as cores verde e amarela, que já fazem parte da memória coletiva como partes da identidade dos bolsonaristas. Outro exemplo mais contemporâneo são as sanções banir estrangeiros do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. O líder político autorizou a deportação de diversos estrangeiros para seus países de origem, o que pode remeter a uma hegemonia social.

Esses valores, família, trabalho e pátria, são elementos sensíveis dos grupos e comunidades, principalmente quando são colocados sob uma suposta ameaça. Charaudeau (2020) ilustra com o governo de Pétain, o qual reuniu em seu *slogan* esses três valores. Isso

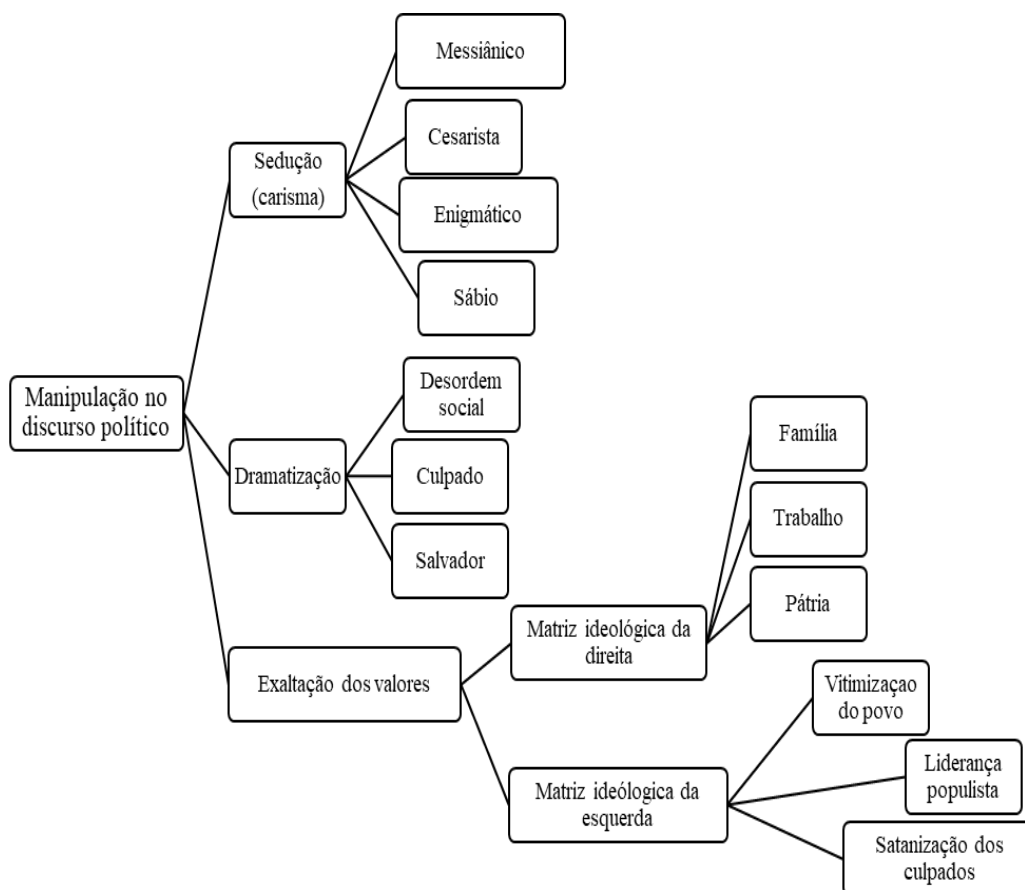
pode ser ilustrado também na campanha eleitoral de 2018 e 2022, no Brasil, quando o candidato Jair Bolsonaro, que pertence à extrema direita e seus seguidores recorriam, em seus discursos, nas mídias digitais, ao slogan “Deus, pátria e família”, além de citar informações enviesadas como a de que, se o candidato da oposição, o petista Lula, vencesse a eleição presidencial, este ordenaria o fechamento de igrejas e a expulsão das pessoas de suas casas, bem como uma espécie de doutrinação das crianças à homossexualidade, o que, aos olhos da extrema direita, seria uma ameaça à família, ou seja, às instituições basilares da sociedade. Pregar e ameaçar as instituições sociais é uma das armas mais poderosas da política de extrema direita.

Por sua vez, a matriz de esquerda vai de encontro ao pensamento da matriz ideológica da direita, conforme Charaudeau (2020), o homem se impõe à natureza. Sendo assim, há uma busca de um equilíbrio nas relações de força, tendo em vista que o “maior valor” almejado pela esquerda é a “igualdade”. Enquanto a direita alimenta um discurso extremista, a matriz de esquerda impulsiona um discurso populista que, para Charaudeau (2020), é nada menos que uma “reciclagem”. O discurso populista, por sua vez, se constrói sobre três pilares que exploram as mazelas sociais. São eles: vitimização do povo; liderança populista e satanização dos culpados.

Sucintamente, o estado de *vitimização do povo* envolve caracterizar a população como “inferiores”, despreparados, desprovidos de força, desempregados, e esse discurso tende a produzir angústia na população. Quanto à *liderança populista*, caracteriza-se como aquele que assume um papel de **salvador**, um vingador e opressor dos sistemas em vigor que querem, por exemplo, “tirar a liberdade do povo”. Cria-se um vínculo afetivo entre o “chefe” e o “povo”. Já em relação à *satanização dos culpados*, há uma busca por estabelecer um inimigo responsável por todo o mal que abate o povo e que deve ser combatido. Esse inimigo, por ser interior, representado por instituições, ou exterior, representado por um problema quase que impreciso. Parece-nos que a postura governamental do ex-presidente Jair Bolsonaro comunga do estilo populista, uma vez que, para justificar problemas como os preços exorbitantes da gasolina, recorria a um inimigo exterior como a pandemia e a guerra da Rússia, por exemplo, enquanto o inimigo interior era os 16 anos de governo petista e as próprias instituições como a mídia. Da mesma forma, colocava-se como um “salvador”, o Messias, demonizando seus opositores.

Após essa discussão sobre as estratégias de manipulação de Charaudeau (2020), sintetizamos as categorias discutidas nesta subseção em um esquema.

Esquema 03 – Estratégias de manipulação no discurso político



Fonte: elaboração própria.

Feito o panorama sobre as estratégias da obra de 2020, passamos para as estratégias de manipulação da obra *A manipulação da verdade – do triunfo da negação às sombras da pós-verdade*. O livro foi publicado em 2022 e é organizado em introdução e quatro capítulos: i) verdade, linguagem e saber; ii) a negação da verdade; iii) o discurso manipulatório; e iv) a pós-verdade. Vamos nos deter na discussão desta tese sobre as estratégias e os procedimentos do capítulo “O discurso manipulatório”.

Charaudeau (2022) enfatiza o quanto a sociedade está imersa em elevadas quantidades de informações. O monopólio da informação não pertence mais às mídias tradicionais, como jornais impressos e televisivos na era da web 2.0; logo, a manipulação ganhou mais espaço porque os veículos de informação (não tradicionais) não estão preocupados com a veracidade dos fatos objetivos, mas sim como as *trendig topics* das redes sociais, ou seja, o assunto mais “em alta” ganha destaque nas manchetes e viralizações, independentemente de terem comprometimento com a verdade.

Charaudeau (2022, p. 91) define o discurso manipulatório como:

[...] uma maquiagem intencional e um efeito de impostura, o que não acontece em toda persuasão: o manipulador não revela sua intenção; ele a disfarça com um discurso diferente daquele seu pensamento [...] de modo a incitá-lo a agir no sentido desejado do manipulador.

Ou seja, o ator não apenas simula papéis e identidades discursivas na interação com os interlocutores. Ele passa a ser, conforme Charaudeau (2022, p. 85), um **impostor**, pois dissimula uma imagem de si, já que tanto simula como **dissimula** outra pessoa. Dessa forma, esse locutor/enunciador **engana** seu público, o qual se deixa enganar por esse simulacro, além de legitimar e validar essas ações.

Logicamente, para esse objetivo, o manipulador, além das estratégias discursivas, se vale de papéis sociais como *o conselheiro*, aquele que se contenta em sugerir algo sem qualquer imposição de opinião; *o guia*, aquele que se comporta como um líder cheio de carisma e que aliena seus apoiadores (in)conscientes a seguir determinadas doutrinas; e *o animador*, aquele que supostamente se coloca como um supervisor de um grupo respondendo perguntas e dando instruções, sendo que tudo já estava previamente organizado.

Segundo Charaudeau (2022), essa manipulação verbal possui estratégias discursivas com incitação positiva e negativa. A estratégia de incitação positiva consiste em criar vínculos de confiança e simpatia para garantir a adesão dos interlocutores; já estratégia de incitação negativa tem efeito oposto: provocar denúncia, revolta e ódio a um “inimigo”, a fim de coagi-lo a protestos e revoltas coletivas. Essas estratégias, nesta obra, para o semiolinguista, dividem-se em “atitudes manipulatórias”: i) atitude voluntária com efeito de *sugestão* ou *consentimento*; ii) atitude voluntária com efeito de *impostura* ou *mistificação*; iii) atitude involuntária; iv) a manipulação pelo medo; e v) atitude involuntária com efeito de “inquietação” ou de “suspeita”.

A seguir, vamos conceituá-las a partir de exemplos do autor:

- **Atitude voluntária com efeito de sugestão ou *consentimento***

O objetivo é incitar o público a agir para uma determinada direção ou provocar um determinado comportamento social. Nessa atitude, Charaudeau (2022, p. 95-96) cita dois tipos de contratos próprios dos discursos publicitários. Um sobre uma promessa do benefício individual e outro sobre um benefício coletivo. Citamos aqui apenas o contrato de benefício individual, no qual o enunciador assume um papel de “benfeitor” ao fazer seu consumidor sonhar com um produto por meio de possíveis benefícios. O semiolinguista atenta para a possibilidade de o alvo não ser tão ingênuo nesse jogo de sedução porque consente “ser seduzido” pelo enunciador e entra no jogo manipulatório. Um exemplo disso do próprio autor

é sobre um creme antirruga que promete devolver a juventude de uma mulher ou de um perfume que evoca uma beleza ideal. Conforme Charaudeau (2022, p. 96), esse estilo de manipulação constitui uma armadilha.

- **Atitude voluntária com efeito de *impostura* ou *mistificação* – a propaganda**

Nesse tipo, a tentativa do manipulador é disfarçar o seu projeto. Ele deve agir sem que o sujeito manipulado suspeite de suas intenções e parecer convincente. De acordo com Charaudeau (2022, p. 98), o sujeito manipulador deve buscar apelo a emoções na sua encenação. Essa estratégia de apelo a emoções é muito comum, como já debatemos, no discurso político. O semiolinguista cita dois tipos de propaganda: propaganda tática e propaganda profética.

A propaganda tática consiste em propagar uma informação falsa ou trata como falsa um certo fato de modo a despertar o interesse da opinião pública em discutir esse assunto. Um dos exemplos mais comuns é a propaganda política, que, muitas vezes, espalha uma “falsa verdade”. Para isso, a propaganda tática de cunho político lança mão de técnicas, como “espetacularização de grandes multidões para atingir a emoção; dispositivos de inculcação para inocular a mensagem por meio da repetição; uso de diversas redes para espalhar da maneira mais ampla possível a aparência de verdade” (Charaudeau, 2022, p. 98). Em outra perspectiva, esse tipo de propaganda pode ter como objetivo desmoralizar oponentes políticos; exemplo disso, como cita o autor, foi a pandemia de coronavírus, época em que os EUA e China foram acusados de terem criado o vírus respiratório.

Por sua vez, a propaganda profética, ao tentar persuadir seu alvo, evidencia um discurso de “salvação”, mas, ao mesmo tempo, promete o apocalipse para aqueles que não seguirem suas regras. Esse modelo de propaganda tem sempre um representante, um benfeitor e dispõe canais de comunicação para espalhar informações, tendo em vista que o objetivo é a prática de proselitismo, dedicado à manipulação das mentes a partir de promessas. A exemplo disso, Charaudeau (2022) cita novamente o período pandêmico, em que líderes políticos depositavam a cura do vírus na fé cristã. Apesar de essa atitude se voltar para a propaganda, esses discursos podem servir de “palco” para a manipulação de cunho político por meio dos entrecruzamentos dos discursos religioso, político e publicitário.

- **Atitude involuntária com efeito de *impostura* – a mentira na política**

Charaudeau (2022, p. 104) cita Hannah Arendt, segundo a filósofa “a veracidade nunca foi uma das virtudes políticas, e a mentira sempre foi considerada um meio perfeitamente

justificado nos assuntos políticos”. O ator político, protagonista do discurso político, vê-se numa encruzilhada, pois suas declarações são publicitadas instantaneamente pela mídia, colocando à prova sua credibilidade. Mentindo ou não, o ator político é contestado constantemente sobre suas promessas e declarações e, para burlar esse sistema, usa algumas estratégias: estratégia de *imprecisão* (declarações gerais e vagas e às vezes ambíguas para não se comprometer); estratégia da *negação* (contestação de uma acusação ou tentativa de transformar os acusadores em perseguidores); estratégia do *sigilo* (abstenção e omissão de declarações públicas sobre o fato); e estratégia de *ignorância* (desconhecimento sobre os fatos como autoproteção).

Essas estratégias são figuras de mentira no discurso político, o que faz o semiolinguista questionar se é possível sustentar uma verdade. Consideramos que essa “atitude” pode ser um pano de fundo às nossas análises, tendo em vista que a mentira é um recurso essencial e está a serviço do jogo manipulatório em textos de desinformação, a qual não é praticada apenas por atores políticos, mas por quaisquer sujeitos que desejam manipular uma informação, pois a mentira permeia a desinformação.

- **A manipulação pelo medo**

Charaudeau (2022) descreve o medo como uma antecipação da ameaça e do perigo e como uma combinação de afeto e razão. Conforme o teórico, o medo é mais intenso quando a ameaça é desconhecida, como se estivesse à espera de um momento oportuno para atacar. A contraparte do medo é a angústia “que alimenta os rumores e as reações de ‘conspiracionismo’. Para enfrentá-la, procura-se um culpado que servirá de bode expiatório catártico” (Charaudeau, 2022, p. 110). As teorias conspiratórias, conforme discutidas no capítulo 4, fazem parte das características do sistema desinformativo concebido por Recuero (2024) como uma “gramática desinformativa”.

Para ilustrar essa estratégia, o semiolinguista cita epidemia de peste-negra, em que os judeus foram acusados pela sua existência. O mesmo aconteceu na pandemia de covid-19 também citado pelo teórico. Nessas situações desconhecidas, uma parcela social reage contra as autoridades acusando-as de incapazes de terem previsto o acontecimento ou contra um grupo social supostamente responsável pela sua criação. Impulsionados por líderes políticos e negacionistas, uma parte da população negou a existência do vírus e acusou a China de criá-lo, além de minimizarem seu potencial de destruição, o que ampliou a crise de saúde global.

Acerca desse tipo de manipulação, Charaudeau (2022) divide a estratégia pelo medo em duas categorias: *medos apocalípticos* e *medos sociais*. Os medos apocalípticos dizem respeito a temores sociais e impotência diante de catástrofes. Tais medos são alimentados por imaginários sociais de incertezas que podem ser: *punição* (castigo de Deus); *fatalidade* (consequência natural); e *predição* (probabilidade científica). Já os medos sociais se pautam no discurso populista alimentado pela vitimização, pois “demoniza as causas do sofrimento do povo, sataniza um inimigo que serve de bode expiatório, estigmatiza os responsáveis que se tornam os principais culpados” (Charaudeau, 2022, p. 113-114). Essas estratégias se assemelham a estratégias de exaltação de valores com matriz de esquerda (vitimização do povo, liderança populista e satanização dos culpados) já debatidas pelo semiolinguista. (Charaudeau, 2020). Os *medos sociais* atingem, por sua vez, o indivíduo pessoalmente, sua vida e seu comportamento em razão de suas relações com outros. Quando se trata do discurso populista, reitera Charaudeau (2022), a manipulação pelo medo é utilizada exacerbadamente.

- **Atitude involuntária com efeito de *inquietação* ou de *suspeita***

Esse tipo de manipulação ocorre quando a instância de produção do discurso se enquadra em um contrato comunicativo que não objetiva incitar a ação do manipulado. É uma propagação de uma informação que não visa mudar comportamentos em razão de interesse pessoais (Charaudeau, 2022). Para o teórico, o discurso do *rumor* e da *mídia* são exemplos desse tipo de atitude involuntária sob as quais não nos deteremos.

Charaudeau, então, apresenta duas propostas distintas de estratégias de manipulação nas obras publicadas em 2020 e 2022. Nosso desafio é examinar os casos desinformativos, demonstrando como elas se manifestam textualmente e que efeitos de sentido e manipuladores podem gerar ao caracterizar o circuito, o locutor manipulador/os interlocutores potencialmente manipulados e os terceiros observadores.

Após essa discussão, elaboramos uma seção com um posicionamento sobre em que medida essas estratégias podem ser relevantes ou não às nossas análises e de que forma definimos a manipulação a partir do lugar da Linguística Textual.

3.5 Por uma análise textual do fenômeno da manipulação

Mais do que propor investigar textualmente a manipulação a partir de estratégias de dramatização, promoção ao medo e pânico social e, sobretudo, exaltação de alguns valores,

como a pátria e a família, nossa tese oferta, aos estudos linguísticos e textuais, um posicionamento teórico a respeito desse fenômeno investigado por diversas ciências humanas.

A comunicação digital, principalmente, é possível a partir dos diversos ecossistemas (Instagram, WhatsApp e TikTok), os quais instigam a interação a partir de textos. Então, para se inserir nesse espaço e promover o terror, a desordem social e o estabelecimento de “vítimas, vilões e salvadores” de um mal à espreita, é necessário criar meios para, digamos, “contaminar” as interações com inverdades e fatos fabricados, levando à manipulação da informação.

Para cercar esse fenômeno tão abrangente, acionamos três perspectivas discursivas nesse capítulo: Breton (1999), Van Dijk (2008) e Charaudeau (2020; 2022), as quais, por diferentes abordagens, ofertam uma classificação de procedimentos de análises e estratégias de manipulação, como demonstramos anteriormente.

Breton (1999) é categórico e considera qualquer forma de manipulação como um ato de violência verbal. Não discordamos dessa posição se considerarmos que manipular é enganar, o que pode trazer consequências irreversíveis socialmente. Apesar de não estabelecer interface teórica com sua proposta, observamos que as técnicas de **estetização da mensagem, enquadramento manipulatório, manipulação por medo ou autoridade e sedução demagógica** podem ser produtivas como estratégias afetivas nas narrativas desinformativas. Todavia, não adotamos esse procedimento nesta tese.

Já Van Dijk (2008) investiga a manipulação sob a tríade discurso, cognição e sociedade. Sua análise observa, como aspectos discursivos, a estrutura da língua em níveis sintáticos e semânticos. Isso não convém a nossa proposta, que não se vale apenas de marcas linguísticas próprias da materialidade linguística, mas da construção referencial considerando o contexto sociocognitivo discursivo e os gestos tecnolinguageiros das interações digitais. Apesar de a condição social ser relevante, o analista do discurso se vale mais da caracterização dos grupos sociais relacionados à disputa de poder entre as classes, o que não condiz com a proposta desta tese. É importante salientar que não tratamos na LT acerca da condição mental do indivíduo, isso seria apenas da ordem cognitiva, mas a partir da negociação de sentidos entre os interlocutores amparados pelo contexto sociocultural e histórico e pelos conhecimentos partilhados entre eles.

Julgamos relevante, então, propor uma análise textual da manipulação a partir de uma interface teórica com as pesquisas de Charaudeau (2020; 2022). Sua análise tem como

protagonistas atores políticos a partir do contexto ideológico-partidário, principalmente, na comunicação midiática convencional: a televisão, o rádio e os jornais impressos.

Nesta tese, fizemos um movimento diferente ao ampliar essas estratégias para o ambiente digital com locutores quaisquer das plataformas digitais que consomem, fabricam e compartilham narrativas desinformativas, sendo parte de uma engrenagem quase que imperceptível por eles. Eles manipulam e são manipulados pelo *modus operante* desses ecossistemas. Concentramos nossa atenção na mídia internet e nos ecossistemas Instagram, X e TikTok, o que nos permitiu investigar as estratégias de manipulação que atravessam as narrativas fabricadas por quaisquer usuários, e não apenas por políticos, para enganar e para reforçar a polarização afetiva e, principalmente, o binarismo “nós – bons x eles corruptos”²¹.

As estratégias por dramatização (desordem social, culpado e salvador) e por exaltação de valores são potencializadas no cenário digital. Do quadro charaudeano, destacamos essas estratégias como as mais recorrentes numa análise textual do fenômeno. No entanto, registramos que a distinção entre os valores da matriz de esquerda e de direita dessa proposta não ocorre nos mesmos moldes, no recorte dos dados, em um cenário brasileiro.

Por fim, o conceito de manipulação que pleiteamos nesse é pensá-la como um modo particular da argumentatividade porque visa enganar os interlocutores agindo de má-fé a partir de estratégias textuais. Como recursos, apela para a dramatização e os sentimentos dos interlocutores, valendo-se ainda da ameaça a valores sociais, como a vida, a família e a pátria, além da constante tentativa de satanizar culpados, criar salvadores, apontar vilões e reforçar a vitimização do povo. Assim, todo texto que apresenta manipulação, nesses termos, é dotado de argumentatividade.

Após essa seção dedicada a um panorama sobre a manipulação e a um posicionamento textual sobre esse fenômeno, o próximo capítulo é uma tentativa de cercar o conceito de desinformação e narrativa desinformativa, porque nossa análise da manipulação se concentra em textos de diversos gêneros com distorção e fabricação de fatos em diversas redes sociais.

²¹ Em *ensaio Diversidade é mais; divisão é menos: como o cultivo à descrença generalizada fez o Brasil cair na esparrela autoritária*, publicado na revista O Globo em 2019, a historiadora e antropóloga, Lilia Moritz Schwarcz, discutiu sobre os movimentos autoritários pautados numa lógica polarizada do “nós contra eles” e “eles contra nós”. Conforme explica a autora, trata-se de uma crença pautada em códigos binários alimentados continuamente por narrativas, em que esse “nós” seria sinônimo de apaziguadores, honestos e bons, já o “eles”, ladrões, corruptos e maus. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/diversidade-mais-divisao-menos-ensaio-23669696>. Acesso em: 20 jun. 25.

4 A DESINFORMAÇÃO DIGITAL, A MANIPULAÇÃO DAS INFORMAÇÕES E O PAPEL DAS AGÊNCIAS CHECADORAS

Como parte de nossos objetivos é investigar como as estratégias de manipulação são evidenciadas em textos desinformativos e de que forma eles se configuram no ambiente digital em busca de regularidades, este capítulo aborda reflexões sobre a definição de desinformação. Consideramos indispensável a compreensão desse conceito para elucidar o funcionamento textual da desinformação nos ecossistemas digitais e sua estreita relação com o jogo manipulatório da linguagem. Além disso, esta seção apresenta as cinco agências de checagem de combate à desinformação, nas quais verificamos os dados analisados nesta pesquisa.

Para tratar de desinformação, julgamos relevante estabelecer um posicionamento sobre o que consideramos ser uma informação. Definimos a informação como um conhecimento pautado em evidências e leal aos fatos. Informar envolve um compromisso social e moral com a veracidade de dados. Esses princípios éticos são contrariados pela prática de desinformação, que deturpa e enviesa fatos a serviço da enganação.

Há indícios de desinformação em vários períodos da história. Atos de difamação e mentiras estiveram presentes em diversas épocas e atravessaram séculos, tendo em vista que as tentativas de desinformar se davam, por exemplo, por mídias convencionais, como rádio, televisão e jornais impressos antigamente. A produção e a propagação das informações se popularizaram com o advento das redes sociais.

Todavia, essas práticas repercutem de uma forma mais ofensiva nos tempos modernos com advento das plataformas digitais e a celeridade de propagação dos fatos por quaisquer produtores de conteúdo na internet e não apenas por jornalistas. O que se sabe é que a desinformação é atravessada ainda por mudanças da compreensão humana sobre o mundo. Dado crescimento da incredulidade populacional nas instituições, a sociedade passa a ouvir e crer naquilo que vai ao encontro de duas próprias crenças. Não se preocupam se é um fato verídico ou fictício, mas apenas se confirma aquilo que já acreditam.

É sobre essas reflexões que, neste capítulo, traçamos um percurso teórico acerca da desinformação, ainda que breve dado o volume de investigações sobre esse objeto em diversas ciências e idiomas. Autores como Floridi (2011), Fallis (2015), Wardle e Derakhshan (2018 [2023]) e, mais recentemente, Recuero (2024) são referências acionadas para a compreensão desse fenômeno ainda contemporâneo.

4.1 O conceito de desordem informacional e suas implicações

A desinformação é investigada por estudiosos da filosofia da comunicação, como Floridi (2011) e Fallis (2015). Para esses teóricos, a desinformação pode ser dividida em dois conceitos: *misinformation* (desinformação não intencional advinda de uma interpretação errada) e *disinformation* (desinformação intencional criada para enganar).

Conforme Fallis (2015), a desinformação pode ser considerada como um tipo de informação enganosa, que visa criar falsas crenças. Para Fallis (2015, p. 402), “ao contrário de um erro honesto, a desinformação vem de alguém que está ativamente engajado em uma tentativa de enganar”. Ou seja, não se trata, então, de uma informação má interpretada. Há o engajamento de um sujeito, consciente ou não, que visa enganar alguém ou um grupo específico para se beneficiar ou beneficiar outros. Fallis (2015) recupera que esse fenômeno perpassa eventos históricos como a operação “guarda-costas” durante a Segunda Guerra Mundial com uso de tanques de guerra infláveis e bonecos de paraquedismo²². Isso comprova uma certa atemporalidade desinformacional na história.

Para além da compreensão da desinformação, teóricos como Wardle e Derakhshan (2017, p. 17) discutem o conceito de poluição informacional, que consiste em:

[...] uma complexa rede de motivações para criar, disseminar e consumir essas mensagens ‘poluídas’; uma infinidade de tipos de conteúdos e técnicas para amplificá-los; inúmeras plataformas que hospedam e reproduzem tais conteúdos; e velocidades incríveis de comunicação entre pares confiáveis.

Para eles, essas “mensagens poluídas” contaminam o discurso político sobre uma série de questões sociais. Concordamos ainda com Wardle & Derakhshan (2017, p. 19) quanto ao uso do termo “fake news” ser insuficiente para descrever com totalidade os fenômenos complexos da poluição informacional, já que uma parte dos políticos se apropriou do termo para desacreditar notícias que os desagradava e que não necessariamente se tratavam de *fake news*.

Desse modo, o termo *fake news* não contempla toda a complexidade do fenômeno desinformativo²³. Acrescentamos também que compreendemos a desinformação como um fenômeno mais amplo, o qual poderia atravessar e simular diferentes gêneros e compósitos;

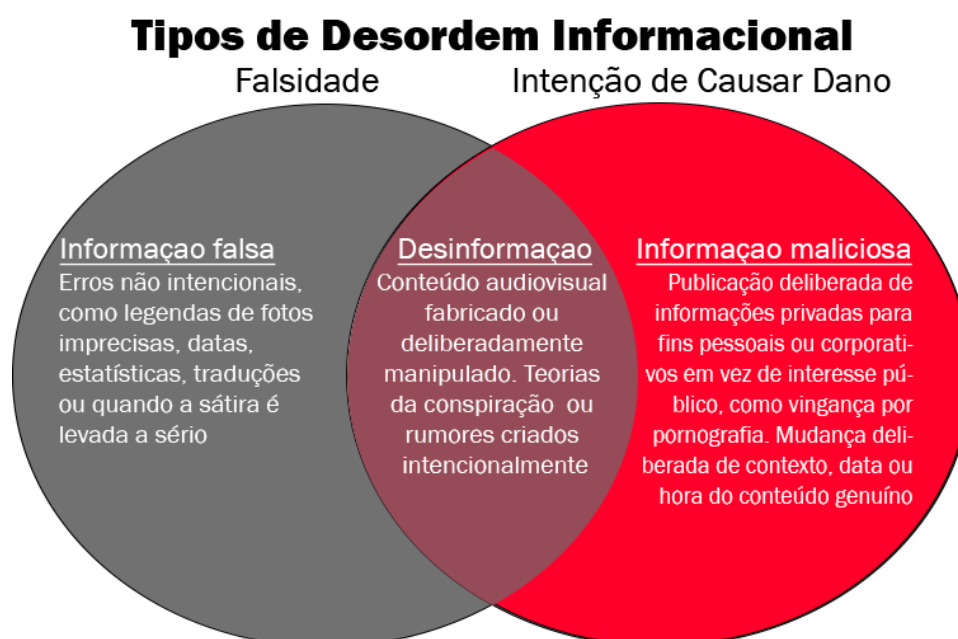
²² Bonecos de paraquedismo e tanques infláveis do Dia D. Disponível em: <https://www.iwm.org.uk/history/d-days-parachuting-dummies-and-inflatable-tanks>. Acesso em: 21 jul. 25.

²³ Para Wardle (2017, tradução própria), “a razão pela qual estamos lutando para encontrar uma alternativa é porque isso envolve mais do que notícias, envolve todo o ecossistema da informação. E o termo “fake” nem começa a descrever a complexidade dos diferentes tipos de desinformação”.

enquanto as *fake news* forjam e buscam simular, mais especificamente, o gênero notícia. Não se trata, portanto, de limitar a compreensão do conceito de desinformação a fake news. Isso seria um risco, pois os casos desinformativos analisados nesta tese, por exemplo, não obedecem apenas a movimentos retóricos esperados no gênero notícia.

Assim como Floridi (2011) e Fallis (2015), os autores descrevem os tipos, os elementos e as fases da desinformação. Os autores dividem em três conceitos retratados na figura 9, a seguir:

Figura 09 – Tipos de desordem informacional



Fonte: Wardle; Derakhshan (2023, p. 46)

Wardle e Derakhshan (2023, p. 45-46) explicam a desinformação por três tipos distintos de desordem informacional: a informação falsa (*mis-information*), que consiste em uma informação que não foi criada com a intenção de causar danos; a informação maliciosa (*mal-information*), que é uma informação baseada na realidade feita para causar mal a uma pessoa ou grupo; e a desinformação (*desinformation*), que é uma informação fabricada para causar danos a uma pessoa ou grupo.

Apesar de compreender a distinção, observamos que não faz sentido na nossa investigação distinguir a desinformação dos demais conceitos porque, quando se trata da construção dos sentidos, não é sobre se há ou não intenção de fabricar a desinformação. Em nossas análises, lidamos com sentidos negociados nas interações e que podem levar a efeitos

possíveis. Então, optamos por tratar “os três formatos” apontados pelos autores como simplesmente desinformação.

Como parte da compreensão do fenômeno, os autores propõem um quadro para discutir os elementos (agentes, mensagens e intérpretes) dessa desordem informacional. Para identificar os agentes, são feitas questões, como tipo de ator, nível de organização, tipo de motivação, audiência pretendida, intenção de prejudicar, intenção de enganar. Observamos que as questões levantadas se assemelham, em certa medida, a nossa hipótese de trabalho que visa construir o quadro enunciativo-interacional da manipulação nas narrativas desinformativas. O quadro, como já mencionamos na tese, foi adaptado a partir da proposta de Cavalcante, Brito e Martins (2024).

Observamos ainda uma relação entre o uso dos termos *agente* e *intérprete* com a perspectiva de Charaudeau (2009; 2012) quanto à constituição do circuito comunicativo. De todo modo, decidimos por seguir a terminologia dos estudos do texto, que trata como locutor/interlocutor e terceiros os participantes da interação. Por outro lado, observamos que os autores discutem o papel do ator, o qual é relevante à compreensão dos papéis sociais (dis)simulados nas narrativas desinformativas.

Para caracterizar as “fases” da desordem informacional, os autores estabelecem três momentos: a criação, que consiste em inventar a mensagem; a (re)produção, que envolve o ato de transformar a mensagem em um “produto de mídia”; e, por fim, a distribuição, que é quando esse produto é divulgado [e] ou se torna público (Wardle; Derakhsham, 2023, p. 21).

Essas fases da desinformação relacionam-se diretamente ao que autores discutem como arquitetura das plataformas. Como parte das interações, “a arquitetura desses sites é projetada de tal forma que toda vez que um usuário publica conteúdo e recebe um *like*, comentário ou compartilhamento, seu cérebro libera um pequeno ‘golpe’ de dopamina” (Wardle; Derakhsham, 2023, p. 32). Assim, há um movimento cíclico em que o usuário faz parte do jogo desinformativo ao clicar, compartilhar e interagir incessantemente no ambiente digital.

Somando-se a essa discussão acerca da desordem informacional, uma das contribuições sobre o assunto é de Wardle (2017). A autora propõe um quadro com sete tipos de desordem informacional, os quais são: sátira ou paródia, conteúdo tendencioso, conteúdo impostor, conteúdo fabricado, conexão falsa, contexto falso e conteúdo manipulado.

Figura 10 – 7 categorias da desordem informacional



Fonte: Wardle (2017).

Para ilustrar uma das sete categorias, apresentamos o seguinte exemplo da rede social Thread. O perfil *@incorretos_* fez uma publicação, que consiste em um suposto *selfie* do atual presidente Lula e do ex-presidente e ilegível Bolsonaro, como se pode ver a seguir:

Figura 11 – Exemplo 05 – Lula e Bolsonaro pescando



Fonte: Thread.

A imagem, logicamente de natureza falsa, foi postada dia 22 de dezembro de 2024, o que se relaciona à legenda do *post*: “Final de ano [sic] nada melhor que reunir os amigos para pescar”. Aparentemente, as duas figuras públicas teriam se reunido para pescar em uma confraternização entre amigos. Em outro cenário, seria apenas uma publicação comum, porém ambos são oponentes não apenas no âmbito político, mas, socialmente, não partilham dos mesmos valores e não compartilham interações amigáveis. Apesar de não encontramos a checagem dessa informação junto às agências verificadoras, a imagem foi gerada por IA em razão de aspectos contextuais já comentados, como a presença de sujeitos que compartilham um espaço de lazer ser altamente improvável e, técnicos, por exemplo, a fisionomia e a uniformidade dos rostos, a simetria dos sorrisos e das expressões ²⁴. Dadas as informações, dentre as 7 categorias de desordem informacional, poderíamos considerar como uma “sátira ou paródia”, o que não deixa também de ser um “conteúdo fabricado” para enganar. É lógico que a maioria pode considerar como uma piada ou uma crítica política, já que há uma forte polarização entre os defensores de Lula e Bolsonaro, enquanto os dois estariam rindo e pescando.

Apesar de reconhecer a relevância dessa tipologia, não aplicamos essas categorias aos casos desinformativos analisados nesta pesquisa, porque compreendemos que essa categorização, por exemplo, em conteúdo impostor, conteúdo manipulado ou conteúdo fabricado forneceria uma classificação abrangente dos dados. Além disso, acreditamos que essas categorias podem coocorrer nos textos como demonstramos no exemplo anterior.

A seguir, passamos a discutir a desinformação sob a ótica de autores como Schneider (2022) e Recuero (2024).

²⁴ Sabemos que há diversas inteligências artificiais, mas para esse objetivo, optamos por questionar ao ChatGPT se a imagem foi gerada por IA. Como resposta, o Chatgpt afirmou que “Sim, Mai, essa imagem foi criada por inteligência artificial (IA). Apesar de parecer uma selfie real, há fortes indícios de que se trata de uma imagem gerada digitalmente: **contexto irreal**: Lula, atual presidente do Brasil, e Jair Bolsonaro, ex-presidente e seu principal opositor político, têm uma relação marcada por forte rivalidade. É extremamente improvável que posassem juntos para uma foto sorridente e amigável como essa; **características visuais artificiais**: A imagem tem uma nitidez muito polida, expressões faciais simétricas e iluminação uniforme — todos sinais típicos de imagens geradas por IA. Os rostos parecem “lisos” demais, e os olhos escuros não apresentam reflexos realistas; **postagem com tom irônico**: A legenda “Final de ano nada melhor que reunir os amigos pra pescar” reforça o tom sarcástico e satírico da imagem, algo comum em conteúdos de humor político feitos com IA; **origem da postagem**: O perfil “incorretos_” é conhecido por publicar conteúdos de sátira e humor político, muitas vezes com imagens editadas ou geradas por inteligência artificial. Ou seja, sim — trata-se de uma montagem feita com IA, com objetivo humorístico e provocativo”. OPENAI. *Resposta do assistente ChatGPT sobre análise de imagem gerada por IA envolvendo figuras políticas brasileiras*. Disponível em: <https://chat.openai.com/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

4.2 A desinformação como sistema, processo e efeito

Além de considerar esse breve panorama, recorreremos a estudiosos brasileiros contemporâneos sobre o tema como Marco Schneider, doutor em Ciências da Comunicação pela USP, e Raquel Recuero, jornalista e professora de Letras pela UFPel. Reconhecemos ainda que há, por ser um fenômeno emergente no contexto social, outros estudos não contemplados, nesta seção.

Schneider (2022, p. 15) investiga o conceito de “desinformação digital em rede”. Para ele, trata-se de:

[...] um conjunto das modalidades desinformativas contemporâneas mais alarmantes que nascem, fluem, transbordam, irrigam, alimentam o cenário atual (de tons grotescos e dele se retroalimentam. [...] conjuntos de ações desinformativas veiculadas nas diversas redes digitais existentes, tais como *Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, Telegram, TikTok* e similares.

Conforme Schneider (2022, p. 14), a desinformação “envolve um jogo de aparência e essência, da sua modalidade mais grosseira, a mentira pura e simples, às mais sutis, feitas de meia-verdades, descontextualização e outros recursos [...]”. Por ser um fenômeno específico das interações digitais, possui características: i) custo relativamente baixo de suas operações em comparação com a mídia tradicional; ii) alcance imenso e customizado; e iii) escassa regulação dessas ações em termos técnicos e jurídicos. Recuero investiga o discurso nas redes e explora desinformação, em seu caráter sistêmico, sob três perspectivas: objeto, elemento que circula nos sistemas; processo, dinâmicas e atores que interferem na sociedade; e efeitos, como polarização, extremização e descrença nas instituições (Recuero, 2024, p. 37).

Por uma questão de aproximação teórica com os objetivos dessa tese, dedicamos maior atenção ao debate empreendido por Recuero na obra *A rede da desinformação – sistemas, estruturas e dinâmicas nas plataformas de mídias sociais*. Debruçamo-nos sobre as discussões empreendidas pela autora nas próximas subseções deste capítulo.

4.2.1 A desinformação como objeto

Conforme a autora, a desinformação como objeto implica considerá-la como uma “gramática”, ou seja, um conjunto de regras pelas quais o *discurso* desinformativo se organiza; e como uma “narrativa”, o modo como a desinformação é engendrada. Pensar a desinformação como uma “gramática” vai ao encontro de nossa investigação, pois ao analisar como se opera

a manipulação das informações em textos desinformativos, deparamo-nos com padrões discursivos, como a junção de recortes descontextualizados de informações, os quais se dão por recursos das próprias redes sociais; o uso de recursos audiovisuais para fortalecer um posicionamento ou potencializar a “cena dramática” para enviesar e forjar trilhas de sentidos farsantes. Temos dito que há, então, uma concatenação de informações para parecer o que não é.

Concordamos ainda com Recuero (2024, p. 16), quando afirma que, para compreender o que é desinformação, “é preciso ir além da própria materialidade deste conteúdo e entender sua constituição, processo e efeitos nos sistemas sociais”. Por essa razão, nossa investigação, sob ótica dos critérios textuais, compreende os textos desinformativos para além da sua materialidade, pois observamos todas as pistas contextuais e gestos tecnolinguageiros que colaboram para a dinamicidade e a negociação dos sentidos das interações no ambiente digital.

A autora enfatiza, na sequência, que a plataformação da sociedade tornou a desinformação um negócio para as plataformas, pois os conteúdos enganosos ou descontextualizados, por exemplo, chamam a atenção dos usuários convidados a se engajar ao “compartilhar e interagir, aumentando o famoso MAU (monthly active users/número de usuários ativos), ou seja, o número de usuários ativos, ‘engajados’” na audiência dessa plataforma (Recuero, 2024, p. 17).

Dessa forma, pensar a desinformação como um sistema, é perceber como uma informação disfuncional interfere no espaço digital, desestabilizando-o (Recuero, 2024, p. 35). Dada a sua complexidade, esse fenômeno compõe um sistema desinformativo, que, conforme a autora, é:

[...] um conjunto de elementos em interação que é capaz de manipular/influenciar ou prejudicar diretamente estados, populações e grupos sociais através de fluxos de conteúdos que formam narrativas que confundem, desacreditam e prejudicam os atores sociais (a desinformação), trazendo dano para a sociedade como um todo. É um sistema parasitário, que emerge das plataformas como mediadoras e espalhamento, principalmente através delas. (Recuero, 2024, p. 36)

É oportuno, sob esse panorama, caracterizar a desinformação como um sistema parasitário que se origina nas plataformas digitais, pois o papel das plataformas vai muito além de hospedar conteúdo ou proporcionar interações entre os usuários, elas gerenciam a circulação de narrativas, as quais, muitas vezes, são reguladas pelos algoritmos, os quais podem tornar um tema mais relevante que outros. Dessa forma, podemos concluir que o funcionamento das

mídias sociais não é democrático, pois é condicionado por mecanismos de impulsionamento e engajamento de conteúdos em detrimento de outros.

Partindo dessa discussão, compreendemos que, para a autora, a desinformação compõe o próprio sistema desinformativo. Sob esse ponto, é certo que Recuero (2024) reconhece os diferentes modos de a desinformação operar, pois há a instrumentalização de ferramentas, o envolvimento dos atores sociais, a monetização das plataformas para propagar o conteúdo a mais usuários e a manipulação de crenças. Todos esses aspectos são relevantes à nossa investigação, pois defendemos que há regularidades ao construir as narrativas desinformativas, as quais se pautam quase sempre por um roteiro dramático.

A perspectiva de Recuero (2024) sobre a desinformação como objeto diz respeito ao elemento material, ou seja, uma “informação ‘defeituosa’ que circula nos sistemas constituídos pelas plataformas de mídia social” (Recuero, 2024, p. 38). No entanto, quanto a essa afirmação, acreditamos que pensar a desinformação como um defeito nos limita a uma interpretação *unilateral*. A desinformação pode parecer defeituosa a depender das bolhas envolvidas e das ideologias ou crenças envolvidas. Nesse caso, a desinformação pode parecer apenas uma informação que circula, ou melhor, viraliza nas plataformas digitais e é compartilhada por aqueles que, de certo modo, concordam com o assunto.

Recuero (2024, p. 56) afirma que a desinformação como objeto pode funcionar em diferentes formatos, tendo em vista que sua gramática possibilita “a identificação e sistematização de determinados padrões que constituem as características estruturais e organizacionais destes objetos dentro de um sistema linguístico”. A autora cita pelo menos dez características que identificam o que ela denomina como conteúdo problemático. São eles: sensacionalismo, amplificação e mobilização, fontes falsas ou fontes genéricas, simulação de autoridades públicas, tom conspiratório, identificação com audiência, descrédito das mídias tradicionais (televisão, rádio e mídia impressa) e instituições, negacionismo, seletividade e, por fim, atravessamento de outros discursos. A seguir, discutimos, mesmo que brevemente, cada um deles.

O *sensacionismo* é uma característica de conteúdos que apelam para a emoção com o objetivo de mobilizar os atores sociais, a qual figura como componente relevante da desinformação. Esses conteúdos, em geral, buscam audiência e atenção. Um dos recursos, como cita Recuero (2024, p. 57), é a presença de emojis de alerta 🚨, adjetivos, pontuações de exclamação e letras maiúsculas.

A *amplificação e mobilização* são características que dizem respeito ao compartilhamento de conteúdo por vários atores, de modo que estes repliquem as desinformações para suas audiências. Para isso, como afirma Recuero (2024, p. 58), podem fazer uso de emojis de alerta 🚨, letras maiúsculas e verbos no imperativo, por exemplo.

As *fontes falsas ou fontes genéricas* são usadas para conferir autoridade, credibilidade e confiabilidade ao conteúdo desinformativo, como convocar autoridades de uma determinada área ou se referir a institutos fictícios.

A simulação de autoridades públicas é o uso de imagem, citação ou referência a autoridades para parecer credível. Para isso, recursos de edição, com uso de IA ou não, que simulam a fala, são usados para desinformar.

O *tom conspiratório* envolve mensagens problemáticas com elementos de segredo e falsidades que podem ser associados a determinadas instituições. Espécie de plano secreto, o qual é de conhecimento de alguns atores, os quais são responsáveis por trazer a “verdade” à tona.

A *identificação com a audiência* é quando o conteúdo criado para desinformar precisa ter referências a termos e símbolos dos grupos, como elementos que se relacionem a crenças desses indivíduos. Um exemplo de efeitos dessa identificação é o estímulo à polarização, pois, além de buscar uma identificação com grupos, estabelece separação com outros. Há uma espécie de binarismo: nós (puros) x eles (corruptos). Em linhas gerais, são as bolhas sociais que estimulam a polarização social.

O *descrédito da mídia tradicional e das instituições* é elemento utilizado para tornar o conteúdo desinformativo verdadeiro ao desacreditar e acusar mídias tradicionais como propagadores de *fake news*, bem como atacar jornalistas, gerando desconfiança nas instituições.

O *negacionismo* envolve a rejeição de fatos comprovados pela ciência e pela história em detrimento de fatores ideológicos, políticos e religiosos, o que leva a negar consensos estabelecidos socialmente. Um exemplo, como cita Recuero (2024, p. 68), foi acusar vacinas de alterar o DNA humano.

A *seletividade* relaciona-se a conteúdos desinformativos que utilizam apenas partes de uma informação completa. Atores sociais escolhem partes de um discurso para servir as suas narrativas e excluem aquelas que não servem, alterando o sentido da informação.

O *atravessamento de outros discursos* é essa característica que se relaciona à noção de interdiscursividade, pois envolve o uso de discursos para legitimar uma desinformação,

como o discurso religioso e político. A autora chama de acoplamento estrutural, o que gera uma relação de influência mútua entre esses discursos.

Dessa forma, essas dez características formam um conjunto de elementos, as quais, por ser um sistema desinformativo, são movediças, ou seja, estão em constante mudança, uma vez que podem se adaptar/fundir-se a limites impostos pelas plataformas. Vale pontuar que as plataformas, como discutiremos a seguir, têm se posicionado contra a moderação de diversos conteúdos, o que possibilita a exposição de quaisquer crenças dos indivíduos, seja elas com compromisso com a verdade ou com a desinformação, a depender da audiência e do fluxo de engajamento, umas mais que outras. Consideramos relevante mencioná-las porque um dos objetivos dessa tese é caracterizar o texto desinformativo tendo como ponto de partida esses elementos da gramática desinformativa da proposta de Recuero (2024).

4.2.2 A desinformação como processo

Após discorrer sobre o sistema desinformativo como objeto, passamos ao que Recuero (2024, p. 83) denomina como processo desinformativo. Para autora, entender a desinformação como processo significa observar como esta se organiza a partir do “seu ambiente ideológico, da sua estrutura e de suas dinâmicas” Quanto ao aspecto estrutural, o sistema desinformativo envolve as plataformas, as mídias sociais e o capital social, os quais estão integrados a serviço de uma conjectura social, econômica e política. Concordamos com a autora, a qual se apoia em Van Dijk (2013), ao tratar da noção de *tecnossocialidade*. Esse conceito, o qual parece caro à nossa investigação, explica que, nas plataformas, os sujeitos influenciam e são influenciados. Por essa lógica, as plataformas de mídias sociais interferem nos sistemas sociais, pois são capazes de reorganizar estruturas de ordem econômica. Um exemplo, como cita a autora, é o mercado de influenciadores, os quais trocam audiência por produtos, o que impacta as relações com os consumidores.

Dito isso, os negócios buscam a todo custo a visibilidade digital, as curtidas, os compartilhamentos, os seguidores e, conseqüentemente, o engajamento. Assim, as plataformas permitem que os usuários patrocinem a divulgação de produtos, sendo possível, então, pagar para propagar desinformação (Recuero, 2024, p. 89). Segundo a autora, o processo desinformativo se organiza por dinâmicas, pois é isso que permite circular o conteúdo problemático. Uma dessas dinâmicas, explicitadas pela autora, é coerente com a nossa tese e se chama “câmaras de eco”, que consiste no usuário ser exposto a crenças e opiniões alinhadas

com a sua. Esse aspecto se relaciona ao conceito de pós-verdade já explicitado na pesquisa. Os usuários das mídias sociais compartilham os conteúdos alinhados ao seu modo de pensar, enquanto ignoram ou discordam de conteúdos com opiniões distintas. Essa mecânica digital é bem simples. O conteúdo a ser exposto ao usuário será sempre associado a suas crenças, opiniões e vontades, as quais já estão armazenadas pela plataforma em um processo de retroalimentação algorítmica. Esse comportamento da plataforma potencializa a polarização e os posicionamentos radicais sobre determinados temas, principalmente, como se pode ver, políticos. As narrativas desinformativas, conforme Recuero (2024), são capazes de constituir câmaras de eco.

4.2.3 A desinformação como efeito

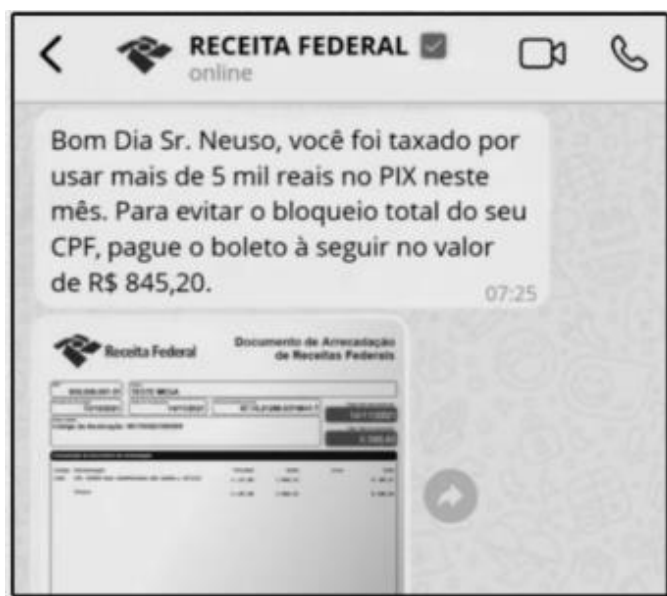
A desinformação como objeto material e como processo resulta em efeitos no sistema social. Como descreve Recuero (2024), conteúdos problemáticos, movidos por dinâmicas estruturais, utilizam as mídias sociais e seus recursos técnicos a serviço da desinformação. Essas ações fomentadas pelos algoritmos e pelos próprios usuários geram “riscos sistêmicos” como denomina Recuero (2024, p. 130). Dentre esses efeitos, estão:

- a) crise epistêmica: a pós-verdade e o negacionismo;
- b) crise institucional: ruptura da coesão social e erosão da democracia;
- c) crise de soberania: desafios de segurança e autonomia dos países;
- d) crise de regimes informacionais: saúde pública, economia e meio ambiente.

Para além das crises estabelecidas, a autora chama atenção para a prática de violência on-line, principalmente quanto à violência simbólica para oprimir ou praticar a dominação do outro, os quais são permeados por desinformação e preconceito.

Esse fenômeno é tão complexo e emergente que, enquanto estamos redigindo essa seção, deparamo-nos em meados de janeiro de 2025 com notícias falsas de alta repercussão midiática, como as notícias da taxa de movimentações bancárias via pix após a Receita Federal implementar medidas de atualização para fiscalizar movimentações bancárias de pessoas físicas e jurídicas. Por essa razão, consideramos relevante incluir essa discussão como exemplo dos efeitos da desinformação.

Figura 12 – Exemplo 06– post no perfil
@agencia_lupa no *Instagram*



Fonte: Perfil da Agência Lupa

A mensagem propagada pelo Whatsapp comunica ao “Sr Neuso” que este foi taxado devido às suas movimentações via pix ultrapassarem cinco mil reais. Para evitar o suposto bloqueio do CPF, a Receita Federal teria emitido um boleto de R\$ 845,20 já anexado à mensagem. Observamos que os golpistas utilizaram inclusive um perfil “verificado” para transmitir mais confiabilidade ao interlocutor e “dar um golpe” a partir da desinformação. Dados da Palver, conforme divulgados pela agência Lupa, informam que mais de 9 milhões de pessoas receberam mensagens via aplicativos sobre o assunto.

A esse respeito, o próprio site da Receita Federal trouxe esclarecimentos a respeito das novas regras para combater a onda de desinformação a respeito do tema, inclusive fazendo menção à Constituição Federal, a qual veda a cobrança de tributos a movimentações financeiras. O secretário do órgão, Robinson Barreirinhas, alertou que a fiscalização dos novos meios de pagamento (pix) é para aqueles que ocultam valores ilícitos oriundos de atividade criminosa ou lavagem de dinheiro. Vale destacar que uma nota também foi emitida pela Febraban, Federação Brasileira de Bancos, sobre o tema alertando que as instituições financeiras já eram obrigadas a informar aos bancos movimentações obedecendo ao sigilo bancários dos usuários quando

superiores a 2.000 para pessoas físicas e 6.000 para pessoa jurídica²⁵. A “ebulição informacional” é tão veloz que o Governo Federal revogou em 15 de janeiro de 2025 as medidas de fiscalização do pix devido à repercussão negativa sobre o Governo Lula e à onda desinformacional no Brasil²⁶.

Todavia, destacamos que, como já fora comprovado em estudos, o caráter viral da desinformação ultrapassa escalonadamente a tentativa de “desmentir” ou apresentar evidências verdadeiras. Ou seja, combater a desinformação com a verdade dos fatos é ainda uma tentativa com baixo êxito. Além disso, observamos que os usos de plataformas mais institucionalizadas são de baixo alcance, como sites, por exemplo, tendo em vista que os brasileiros recorrem às redes sociais, como grupos e canais de *WhatsApp* e *Telegram* para se informar de forma célere.

Dessa forma, a desinformação é um fenômeno emergente e requer atenção.

4.3 As agências de checagem e seu papel ético-social com a informação

Nos últimos anos, diversas empresas e associações autônomas de jornalistas fundaram agências de checagem, tendo em vista que essa ação de checar fatos tornou-se muito popular. Dentre essas agências checadoras, descrevemos as seguintes: Lupa, Projeto Comprova, Aos fatos, Estadão Verifica e Uol Confere. Há logicamente mais instituições com esse papel, no entanto, em razão da verificação dos próprios dados investigados nesta tese, delimitamos nossa discussão para essas cinco citadas.

Iniciamos com a agência Lupa, a qual é uma plataforma de combate à desinformação pertencente à *fact-checking* ou verificação de fatos e da educação midiática. Foi fundada em 2015 e, em 2019, passou a compor o *The Trust Project*, a qual foi a primeira a integrar o projeto como especialista em checagem de fatos. A Lupa possui perfis em diversas redes sociais, como o *Instagram*, cuja audiência é de 500 mil seguidores. Elegemos um exemplo do *Instagram*, com uma desinformação que já circulou bastante nos ecossistemas digitais, como *Instagram* e *WhatsApp*. Trata-se de um *post* carrossel sobre uma suposta prisão do ex-presidente Jair Bolsonaro em 1987.

²⁵ Nova norma da Receita Federal preserva rotina de trabalhadores e fortalece combate a crimes financeiros. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/assuntos/noticias/2025/janeiro/nova-norma-da-receita-federal-preserva-rotina-de-trabalhadores-e-fortalece-combate-a-crimes-financeiros>. Acesso em: 15 jan. 25.

Febraban alerta e reforça que PIX continua igual, gratuito e sem qualquer alteração para quem usa. Disponível em: <https://portal.febraban.org.br/noticia/4246/pt-br/>. Acesso em: 15 jan. 25.

²⁶ Após onda de *fake news*, governo decide revogar ato de monitoramento do Pix. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/apos-onda-de-fake-news-governo-decide-revogar-ato-de-monitoramento-do-pix/>. Acesso em: 15 jan. 25.

Figura 13 – Exemplo 07 e 08 – Recorte de um *carrossel* da Agência Lupa



Fonte: Perfil da Agência Lupa no Instagram.

Passamos, então, para o projeto Comprova. Essa agência denomina-se como uma iniciativa sem fins lucrativos cuja liderança é da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji). Sua equipe é formada por diversos veículos de comunicação para investigar e desvendar conteúdos de origem suspeita sobre temática como a política, a saúde e as mudanças climáticas. Assim como a Lupa, preocupa-se com as informações propagadas nas redes sociais por aplicativos na tentativa de identificar técnicas de manipulação e disseminação de conteúdos descontextualizados ou falsos. O exemplo a seguir ilustra o modo de verificação da informação do Projeto Comprova.

Figura 14 – Exemplo 09 – Notícia verificada pelo Projeto Comprova



Fonte: Perfil do Projeto Comprova no Instagram.

Por conseguinte, apresentamos a plataforma “Aos fatos”, a qual foi lançada em 2015, cujo objetivo é promover as campanhas contra a desinformação e trabalhar na checagem de fatos. Sua estratégia relaciona tecnologia e investigação jornalística para desvendar mentiras políticas. Trata-se de uma empresa registrada na Junta Comercial do Rio de Janeiro. A seguir, exemplificamos como atua a agência Aos fatos.

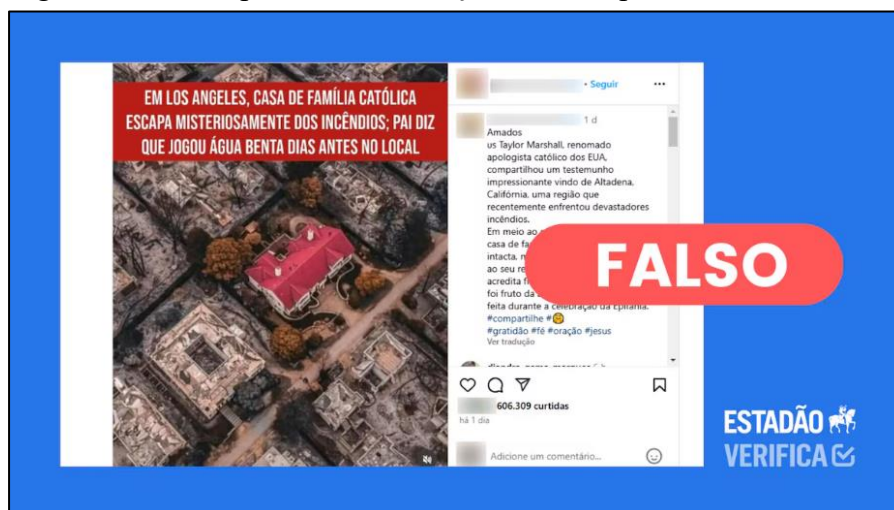
Figura 15 – Exemplo 10 – Notícia verificada pela agência Aos fatos



Fonte: Perfil da agência Aos Fatos no Instagram.

Por sua vez, a checadora Estadão Verifica, desde 2019, é signatário do código de princípios da International Fact Checking Network (IFCN) cujo objetivo é, por meio da consulta a fontes oficiais, encontrar informações que confirmem ou desmintam informações amplamente compartilhadas, além de combater conteúdos manipulados ou inventados. Há uso de etiquetas para tipificar as informações checadas, porém, não encontramos uma tipificação dessas categorias do Estadão Verifica. Vejamos a seguir um exemplo de checagem dos fatos.

Figura 16 – Exemplo 11 – Informação checada pelo Estadão Verifica



Fonte: Perfil do Estadão Verifica no Instagram.

O Estadão Verifica fez uso de ferramentas de detecção de inteligência artificial *InVid* e *Google Lens*, as quais constaram que essa imagem é *fake*.

Já a Uol Confere é uma iniciativa da UOL para checagem e esclarecimento de fatos. Também é signatário do código de princípios da International Fact Checking Network (IFCN). Para checar os fatos, o Uol Confere faz entrevistas com especialistas para compreender o tema. Usa-se ainda ferramenta de buscas reversas, como pesquisa de imagens no Google, bem como extensões: *InVid*, que analisa imagens e vídeos da web; e *Exif Viewer*, que busca dados sobre uma fotografia. Possui ainda categorias dos conteúdos analisados: falso, insustentável, impreciso, distorcido, exagerado e verdadeiro. Assim como as demais agências, separamos um exemplo de verificação feita pela Uol Confere em que a etiqueta “falso” foi utilizada.

Figura 17 – Exemplo 12 – Informação checada pelo Uol Confere



Fonte: UOL Confere.

Vale ressaltar que as próprias plataformas exercem esse papel na checagem dos fatos, como o X, que possui a função de acrescentar “contexto”. Todavia, há um movimento das *Big Techs*, como a Meta, de retirar essas checagens alegando que há censura dos conteúdos e risco à liberdade de expressão. Essas informações foram debatidas por Mark Zuckerberg, diretor- executivo do Facebook, em um vídeo publicado no *Instagram*.

Ao curso desse capítulo e em diversos momentos da tese, estamos nos remetendo ao termo “narrativa desinformativa”, o qual, para nós, consiste não apenas em notícias falsas,

ou *fake news*. Nesta tese, pleiteamos como definição de narrativa desinformativa um arranjo textual que, a partir de aspectos enunciativos, tecnolinguageiros e interacionais, se (re) configura para construir sentidos de forma enviesada e distorcida para enganar os interlocutores e manipular a opinião pública.

Após essa discussão indispensável aos objetivos desta tese, passamos para o capítulo 5 que descreve os procedimentos metodológicos desse trabalho.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo situa os procedimentos metodológicos adotados nessa tese, cujo objetivo é investigar como a referenciação pode constituir evidências textuais da prática discursiva de manipulação em narrativas desinformativas. É importante destacar que, para nortear esse trabalho, adotamos interfaces com as estratégias de manipulação do semiolinguista Charaudeau (2020; 2022) e os gestos tecnolinguageiros da Análise do Discurso Digital de Paveau (2021).

Quando se trata de sujeitos manipuladores que se valem de conflitos de crenças sociais, de valores morais e de outras estratégias de manipulação no ambiente, novos formatos são elaborados para construir a distorção, o falseamento e a forjação de sentidos objetivando um jogo manipulatório no texto, o que se relaciona à literatura sobre o assunto, em que os referentes em redes formam trilhas de sentido orquestradas por locutores/enunciadores. Mostramos, nesta tese, que as estratégias de manipulação podem ser flagradas textualmente pela análise do quadro enunciativo-interacional, pela construção dos objetos de discurso em redes referenciais a partir do quadro teórico- metodológico da LT. Além do mais, como parte dos objetivos, analisamos os efeitos de sentidos dos gestos tecnolinguageiros (Paveau, 2021).

Nos dados que foram analisados, visamos demonstrar como se textualizam as estratégias de manipulação, principalmente, quanto à dramatização e à exaltação (ou à ameaça) de valores (Charaudeau, 2020; 2022). Descreveremos a seguir os passos metodológicos dessa pesquisa, como o método de abordagem, o tipo de pesquisa, a delimitação do universo e amostra, as técnicas, a descrição da coleta de dados e os procedimentos de análise dos textos selecionados para então partir para o capítulo de análises.

5.1 Método de abordagem

Conforme Marconi e Lakatos (2001), esta pesquisa enquadra-se no método hipotético-dedutivo, uma vez que parte da identificação de lacunas teóricas observadas na literatura. Para a construção da nossa pesquisa, a primeira lacuna que observamos refere-se à relação entre a textualidade digital, as estratégias de manipulação, a desinformação e a tecnodiscursividade e o modo como se manifestam na interação entre interlocutores, questão ainda pouco explorada no quadro teórico-metodológico da Linguística Textual. Já a segunda lacuna diz respeito à forma como essas estratégias de manipulação se textualizam,

particularmente no que tange ao investimento em crenças e valores morais como recurso de forjamento de trilhas de sentido e falseamento dos objetos de discurso. Essas e outras lacunas fundamentaram a formulação das questões e hipóteses de pesquisa apresentadas nas seções anteriores deste trabalho.

Além disso, naturalmente faremos uso do método indutivo, uma vez que observamos os casos desinformativos coletados para compor o *exemplário digital* selecionado. Isso nos permite ampliar as reflexões, testar e realinhar as hipóteses deste trabalho a partir das constatações nessa análise prévia dos dados. Esse método, conforme Marconi e Lakatos (2003), permite também propor constatações específicas sobre os dados que podem nos levar a generalizações mais amplas acerca do fenômeno investigado na tese.

5.2 Tipo de pesquisa

A pesquisa, cuja abordagem é qualitativa, é de ordem explicativa, pois, conforme Gil (2002, p. 42), nossa preocupação é “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Sendo nosso objetivo investigar as manifestações textuais de estratégias de manipulação com atenção para as redes referenciais, pretendemos, ao final dessa tese, apresentar explicações para o modo como os objetos de discurso são falseados por meio de trilhas de sentidos forjadas para influenciar o sujeito manipulado. O locutor/enunciador manipulador se vale de estratégias que podem ser flagradas por categorias analíticas da LT.

5.3 Delimitação do universo e amostra

Com relação à delimitação do universo para a análise, os exemplos coletados são compostos por textos que explorem diferentes sistemas semióticos e gestos linguageiros próprios do ambiente digital. O exemplário digital é composto por **seis** casos desinformativos coletados em diferentes redes sociais, cujas temáticas são politizadas pelos embates políticos contemporâneos, versando com mais ênfase sobre a polarização esquerda/direita. Optamos por selecionar e coletar textos com desinformação por considerar, em nossas hipóteses, que esses textos são fabricados para manipular, distorcer e falsear os fatos para forjar certas trilhas de sentido visando levar a determinados posicionamentos que comungam com as crenças de suas bolhas sociais, aspecto investigado nessa tese. Dessa forma, nossa pesquisa analisa textos

plenamente desinformativos nas plataformas digitais e não já crivados pelo ponto de vista das agências checadoras. Consideramos essa posição indispensável para observar legitimamente a ocorrência da desinformação em nossos dados.

5.4 Técnicas

Quanto aos procedimentos técnicos para realização deste trabalho, construímos uma pesquisa que em parte é bibliográfica, pois consultamos estudos que investem em uma análise do fenômeno da manipulação e da desinformação. Para chegar a trabalhos com esse foco, pesquisamos teses, dissertações e artigos a partir dos termos “manipulação discursiva”, pois, nessa pesquisa, interessa não apenas fazer generalizações sobre o fenômeno ou descrevê-lo, mas descrever que marcas textuais são deixadas pelos manipuladores nos textos desinformativos de cunho político e como os critérios textuais estão a serviço da manipulação, conduzindo certas trilhas de sentido. A coleta de trabalhos iniciou no terceiro ano de doutorado, concomitante à realização das disciplinas e estágios de docência.

Para chegar aos estudos coletados, consultamos bases de pesquisas de trabalhos acadêmicos, como a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), revistas temáticas sobre o tema, a Scielo e o Google Acadêmico. Também consultamos dossiês de revistas na área do discurso, dentre as quais, destacamos, na introdução desta pesquisa, a revista Gláuks, cujo volume 23, publicado no segundo semestre de 2023, reuniu artigos sobre a manipulação discursiva.

5.5 Descrição da coleta de dados

Quanto à descrição da coleta de dados, o número de casos da nossa pesquisa foi constituído por seis narrativas desinformativas com textos estáticos e dinâmicos que ilustram casos de desinformação com repercussão nas plataformas digitais. Os textos abordam o cenário político brasileiro que evidenciam principalmente a polarização esquerda/direita e estabelecem relação com temas contemporâneos à época de cada publicação. Os textos foram coletados no período de janeiro a dezembro de 2024 em redes sociais, como *Instagram*, *X* e *TikTok*, mas não significa dizer que os fatos ocorreram no ano supracitado. Os textos coletados são compostos por postagens de redes sociais que podem simular notícias ou reportagens. Dessa forma, um dos critérios foi observar algum grau de desinformação nesses textos digitais.

Além disso, entramos em contato com as agências de checagem via e-mail com a intenção de consultar um banco de dados mais robusto dessas instituições. Obtemos resposta apenas da agência Lupa, a qual informou que há uma ação da agência para criar um banco de dados das peças desinformativas, mas não foi possível ter acesso até a conclusão dessa pesquisa.

Para essa investigação, a partir dos dados coletados, apresentamos peças desinformativas já no decorrer dos capítulos e, para o capítulo de análises, um exemplário de 6 casos desinformativos com o comprometimento de fornecer uma análise explicativa e qualitativa desses dados. As publicações desinformativas analisadas foram coletadas na mídia internet de diferentes ecossistemas, como *TikTok*, *X* e *Instagram*, os quais estão listados por assunto a seguir:

- a) Retorno da cobrança do seguro DPVAT (*TikTok*);
- b) Rayssa Leal dedica medalha ao Bolsonaro (*TikTok*);
- c) Bia Souza faz campanha para Bolsonaro (*X*);
- d) Lula autoriza o aborto em qualquer período gestacional (*Instagram*);
- e) Helicóptero da Havan resgata vítimas da enchente no RS (*X*);
- f) Lula ao lado de Domingos Brasília (*Instagram*).

Para assegurar que os textos selecionados de fato se enquadram como desinformativos, recorreremos à validação por meio de diferentes agências de checagem de fatos. A partir dos dados da pesquisa, decidimos incluir apenas textos que fossem analisados por, pelo menos, duas agências distintas para constatar a ocorrência da desinformação. Assim, as agências selecionadas foram: Lupa, Uol Confere, Estadão Verifica, Projeto Comprova e Aos Fatos, as quais foram caracterizadas no capítulo 4. Além disso, analisamos os comentários de quatro dos seis casos desinformativos.

A coleta de dados foi feita mediante “print” de telas tanto nos textos estáticos como dinâmicos. Visando a compreensão integral do leitor, disponibilizamos o *link* para clicagem e QR Code²⁷ para leitura via *smartphone*, **quando possível**, logo abaixo do exemplo, para que o texto na íntegra fique à disposição integralmente dentro dos ecossistemas digitais analisados. Consideramos deixar o link e QR code do texto desinformativo nos exemplos que ainda permanecem on-line nas plataformas digitais.

²⁷ O recurso de QR Code se popularizou muito no período da pandemia, principalmente no ensino. Dentre as pesquisas desenvolvidas no grupo Protexto, a tese de Martins (2024) utilizou esse recurso técnico para visualização e interação com os exemplos.

5.6 Procedimento de análise dos dados

Após a coleta dos textos, o procedimento de análise dos dados se deu a partir da contextualização do cenário político e social do texto publicado e da checagem dos fatos; da caracterização da construção das redes referenciais e da explicação das estratégias de manipulação; da caracterização do locutor manipulador, interlocutores potencialmente manipulados e possíveis terceiros observadores com intuito de forjar e falsear trilhas de sentidos.

Os critérios que nortearão a análise nos exemplos são:

- a) a contextualização das narrativas desinformativas e a checagem dos fatos a partir das agências checadoras dos fatos, como “Lupa”, “Aos fatos”, “Projeto Comprova”, “Uol Confere” e “Estadão Verifica”;
- b) o quadro enunciativo-interacional proposto por Cavalcante, Brito e Martins (2024), adaptado a essa pesquisa, como uma espécie de ordenamento analítico de cada texto analisado. A seguir, o quadro proposto pelas autoras já explicado no capítulo 2 da tese e, logo em seguida, a adaptação proposta por essa tese.

Figura 18 – Quadro modelo de questões norteadoras para uma análise textual

Aspectos enunciativos e interacionais para a contextualização de um texto	Respostas
Quem é o locutor/enunciador principal?	
Quem é projetado como interlocutor? Existem terceiros?	
Qual o grau de intimidade dos interactantes (o locutor-enunciador principal e os possíveis interlocutores são conhecidos, desconhecidos, inimigos, amigos, íntimos ou aleatórios?)	
De que gênero o texto participa?	
Em que ecossistema o gênero se situa? Como funcionam as mídias nesse ecossistema e por que suporte ele é acessado?	
O texto ocorre num espaço público ou num espaço privado? Os participantes podem se ver ou não?	
Qual o número de interactantes (mais de dois)? O texto contém apenas um quadro enunciativo? Existe, no quadro enunciativo analisado, a alternância de turnos de fala? As possibilidades de intervenção são limitadas ou não?	
Com que propósitos o locutor/enunciador principal argumenta? Que pontos de vista ele parece sustentar?	
Em que situação sócio-histórica o texto se situa (como se contextualiza)?	
Os objetivos da interação são voltados para que modo de argumentar? Para a sedução, para a transmissão de conhecimentos, para transações comerciais, ou são puramente fáticos?	
Como os subtópicos são distribuídos no texto (que sistemas semióticos estão sendo integrados)? Como esse modo de organização dos conteúdos favorece a argumentatividade do texto?	

Fonte: Cavalcante, Brito e Martins (2024).

A partir do quadro das autoras, julgamos relevante para atender às nossas hipóteses de trabalho tecer acréscimos à proposta de quadro norteador para análise de textos considerando os exemplos desinformativos utilizados. Consideramos ainda sintetizar algumas questões do quadro, as quais foram textualizadas por se tratar de generalizações comuns a todos os exemplos coletados. Assim, como parte dos procedimentos de análise, apresentamos no início de cada exemplo, texto digital desinformativo, analisado um quadro que represente os modos enunciativos. Com as modificações propostas, sugerimos, em nossa pesquisa, o quadro a seguir de modo a contemplar aspectos intrínsecos a textos desinformativos ambientados no digital. Como se pode observar, algumas questões foram suprimidas ou reformuladas, tanto para atender às hipóteses delineadas quanto para sintetizar o quadro analítico. Ainda assim, essas

indagações podem surgir pontualmente ao longo da análise, de maneira breve e incidental, contribuindo para fornecer subsídios adicionais à compreensão da narrativa desinformativa.

Quadro 01 – Quadro modelo para as análises de textos desinformativos

Questões norteadoras	Respostas
Qual o contexto sócio-histórico e cultural do texto?	
Quem é o locutor/ enunciador impostor?	
Quem é projetado como interlocutor/ <i>manipulados</i> e possíveis terceiros?	
Com que <i>possíveis</i> propósitos o locutor/ enunciador manipula seus interlocutores/ possíveis terceiros?	
De que gênero e ecossistema o texto participa e por qual suporte é acessado?	
Como se formam as redes referenciais no texto desinformativo?	
Que estratégias de manipulação se evidenciam?	
Que efeitos de sentidos os gestos tecnolinguageiros provocam no jogo manipulatório?	
Que crenças e pós-verdades estão envolvidas na interação?	

Fonte: elaboração própria com base no quadro enunciativo de Cavalcante, Brito e Martins (2024).

O quadro 1, tal como está estruturado, possibilitou identificar o locutor/enunciador impostor, os possíveis interlocutores potencialmente manipulados, os terceiros envolvidos, bem como o gênero, o suporte e o ecossistema em que o texto está inserido, as redes referenciais, as estratégias de manipulação, os efeitos de sentido dos gestos tecnolinguageiros e as possíveis crenças/ pós- verdades envolvidas, entre outros elementos relevantes para a investigação.

De certo modo, os critérios analíticos a seguir já estão previstos no quadro anteriormente mencionado:

- a) a construção dos objetos de discurso, explicados sob o escopo das redes referenciais, como um modo de textualizar as estratégias de manipulação de Charaudeau (2020; 2022), como as estratégias de manipulação por dramatização, por exaltação de valores e por medo;
- b) a caracterização dos textos desinformativos e dos gestos tecnolinguageiros observando, quando houver, como os comentários podem validar/ invalidar a ocorrência da manipulação; inscrever o comportamento de rebanho, o pertencimento identitário e binarismo político.

Optamos por verificar, em cada exemplo analisado, as constatações derivadas das hipóteses de trabalho. Embora essa estratégia extrapole os movimentos retóricos tradicionalmente esperados para esse capítulo, consideramos relevante acrescentar um quadro relacionando os objetivos e as hipóteses às constatações que buscamos comprovar no processo analítico, pois nosso intuito é contribuir para melhor compreensão dos leitores da tese. Ressaltamos que o quadro a seguir também dialoga com a seção de sumarização já prevista no projeto de pesquisa, conforme orientação da Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante²⁸.

Quadro 02 – Sumarização dos objetivos, questões, hipóteses e constatações

Objetivos específicos	Questões de pesquisa	Hipóteses	Constatações
Descrever de que forma se configura o quadro teórico-metodológico dos textos desinformativos manipulatórios, contemplando os contratos presumidos e o circuito comunicativo e apontando regularidades.	Que regularidades o quadro enunciatvo-interacional pode apontar a respeito da configuração textual das narrativas desinformativas e de que forma o locutor/enunciador se comporta?	O texto desinformativo é uma conjunção de informações enquadradas para manipular, o enunciador/locutor comporta-se como impostor, porque, ao elaborar uma narrativa desinformativa, manipula fatos e enviesa os sentidos. Com a construção do quadro analítico, é possível perceber certas regularidades advindas de pistas contextuais e tecnolinguageiras.	Ao construir o quadro teórico-metodológico, constatamos algumas regularidades nos textos desinformativos, por exemplo, uso de recursos audiovisuais, recortes e edições dos conteúdos, elementos multissemióticos para simbolizar aspectos identitários de certos grupos sociais.
Analisar como se (re) constroem os objetos de discursos interligados por redes referenciais em textos desinformativos e como podem	Como a construção dos objetos de discurso, a partir das redes referenciais, pode ser uma evidência do jogo manipulatório?	Presumimos que construção dos objetos de discurso em rede permite evidenciar textualmente a cena dramática ao estabelecer: uma	As redes referenciais são evidências textuais das estratégias de manipulação (dramatização e

²⁸ Para o projeto de pesquisa intitulado à época como *Manifestações textuais de estratégias de manipulação em tecnotextos sobre política*, foi sugerido pela Prof.^a Dr.^a Mônica Cavalcante, orientadora desse trabalho de maio de 2021 a abril de 2024, a construção de uma seção para sumarizar categorias de análises, critérios, objetivos e hipóteses. Após a nova reformulação, acrescentamos as constatações advindas do esforço analítico desta tese.

constituir evidências das estratégias de manipulação (dramatização e exaltação de valores).		desordem social, culpado e salvador, além de textualizar, pela referenciação, a estratégia de exaltação dos valores, que podem ser: a vitimização do povo, a satanização dos culpados, e por vezes, a liderança populista; e/ou valores como família, pátria e trabalho.	exaltação de valores) em narrativas desinformativas.
Identificar quais são os efeitos de sentidos dos gestos tecnolinguageiros (emojis, <i>hashtags</i> , comentários e botões) nos textos desinformativos, que podem validar ou invalidar a ocorrência da manipulação dos interlocutores arrebanhados e possíveis terceiros.	Que efeitos de sentidos se evidenciam a partir dos gestos tecnolinguageiros (emojis, <i>hashtags</i> e comentários) na análise tecnotextual de narrativas desinformativos?	Supomos que os comentários, os emojis e outros recursos multissemióticos e tecnolinguageiros, podem inscrever ou não o arrebanhamento dos interlocutores potencialmente manipulados e possíveis terceiros observadores colaborando para a polarização esquerda/direita, binarismo político, pertencimento identitário e comportamento de rebanho.	Dentre os efeitos de sentidos, está arrebanhamento ou não dos interlocutores manipulados podem ser indiciados por gestos tecnolinguageiros, como os comentários.

Fonte: elaboração própria.

A divisão proposta no quadro permite visualizar de maneira sistemática cada constatação formulada. A partir da análise, discutiremos essas constatações nos dados que compõem o exemplário digital, considerando que muitas delas se manifestam simultaneamente nos textos selecionados. Essa dinâmica será pontuada ao longo do processo analítico no cap. 6. A proposta é didatizar a análise para facilitar a compreensão da estrutura metodológica adotada nesta tese.

Assim, os casos desinformativos analisados nesta etapa são: a) **caso 01** – Rayssa dedica medalha ao Bolsonaro; b) **caso 02** – Bia Souza e Bolsonaro juntos em campanha eleitoral; c) **caso 03** – Governo Lula retorna cobrança do seguro DPVAT; d) **caso 04** – Lula ao lado de Domingos Brasília e) **caso 05** – Helicóptero da Havan resgata vítimas de enchentes no Rio Grande do Sul; e f) **caso 06** – Governo Lula autoriza aborto em qualquer período gestacional.

Portanto, esses são os critérios que organizaram os procedimentos analíticos e o tratamento dos dados desta tese. Passamos para o capítulo de análise textual da manipulação em narrativas desinformativas no ambiente digital.

6 ANÁLISE DA MANIPULAÇÃO EM TEXTOS DIGITAIS DESINFORMATIVOS

Este capítulo se dedica à análise dos dados coletados para investigar, sob os parâmetros da Linguística Textual, a prática discursiva de manipulação presente em narrativas desinformativas no ambiente digital. Dessa forma, para explicar como se textualiza esse fenômeno e seus efeitos de sentido, elegemos textos desinformativos, em sua maioria, amplamente compartilhados nas plataformas digitais, pois acreditamos que, no exemplário investigado, a manipulação e a desinformação coocorrem na textualidade. É importante frisar que os textos foram verificados por agências checadoras dos fatos, como “Lupa”, “Aos fatos”, “Projeto Comprova”, “Uol Confere” e “Estadão Verifica”. Assim, os textos que compõem a análise de dados foram checados por, no mínimo, duas agências, e tais informações foram disponibilizadas em nota de rodapé para comprovar que se tratam de desinformação.

Conforme as categorias analíticas delineadas no capítulo anterior, buscamos demonstrar nos casos desinformativos selecionados como os sentidos desses textos são (re) construídos e enviesados a partir de cinco passos analíticos principais:

- i) a checagem de fatos e o contexto social e político das publicações desinformativas;
- ii) o quadro teórico-metodológico de análise de textos (Cavalcante; Brito e Martins, 2024 *adaptado*), para descrever os contratos presumidos e o circuito comunicativo para observar, em nossa proposta, o locutor/impostor e os interlocutores potencialmente manipulados, o ecossistema e a mídia por quais o texto se propagou e as estratégias de manipulação (Charaudeau, 2020; 2022);
- iii) identificação de regularidades na configuração dos textos desinformativos, considerando aspectos recorrentes na estrutura e nos modos de circulação das narrativas analisadas;
- iv) a construção dos objetos de discurso, com foco nas redes referenciais (Matos, 2018) para comprovar estratégias de manipulação;
- v) análise de gestos tecnolinguageiros, como emojis, comentários, curtidas, compartilhamentos como pistas indispensáveis e seus efeitos de sentidos no jogo manipulatório.

Ressaltamos que a análise dos casos desinformativos se organiza conforme as constatações apresentadas na metodologia: a construção do quadro enunciativo- interacional; as redes referenciais como evidências de estratégias manipulatórias; e os efeitos de sentido dos gestos tecnolinguageiros. Investigamos textos nos quais os locutores são usuários de

plataformas digitais, como *TikTok*, *X* e *Telegram* e produzem e/ou compartilham, em seus perfis públicos ou grupos de suas bolhas sociais, postagens desinformativas fabricadas para enganar. Essa proposta amplia e enriquece a abordagem empreendida por Charaudeau (2020; 2022), ao examinar o uso de estratégias de manipulação por quaisquer usuários das plataformas digitais, em narrativas que desinformam e não apenas por políticos. Justificamos ainda os subtítulos, em cada exemplário, como uma tentativa de antever, para o leitor, os efeitos de sentidos das narrativas no jogo manipulatório como observaremos a seguir.

6.1 O patriotismo político e a construção do salvador na narrativa “Rayssa dedica medalha ao Bolsonaro”

O caso **01** é uma publicação feita no ecossistema *TikTok*, em que atleta Rayssa Leal dedicou supostamente a medalha conquistada nas Olimpíadas ao ex-presidente Bolsonaro. Destacamos, de início, que não estamos diante da única ou primeira publicação a respeito desse tema. Há outras postagens que circularam no ecossistema *TikTok* e *Instagram*, por exemplo, em que supostamente atletas, como Rebeca Andrade (ginasta) e Bia Souza (judoca), teriam dedicado suas medalhas a Bolsonaro. Consideramos apresentar o exemplo acerca da Rayssa Leal porque há um grande engajamento, tendo em vista que, até o momento da coleta, havia pelos menos 21,1 mil curtidas e 1289 comentários.

Como ponto de partida de nossos procedimentos analíticos, checamos a informação desse *reel* e, conforme as agências “Lupa”, “Uol Confere”, “Projeto Comprova” e “Estadão Verifica”²⁹, trata-se de uma narrativa desinformativa. Sabemos que, de fato, a Rayssa Leal concedeu uma entrevista ao canal Cazé TV, mas não citou o ex-presidente, tampouco dedicou sua medalha a ele. Como estamos discutindo, um texto desinformativo pode ser configurado por um conjunto de informações recortadas e distorcidas, e essa publicação desinformativa se

²⁹ Rayssa não dedicou medalha a Bolsonaro. (Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/07/29/rayssa-leal-nao-dedicou-a-medalha-de-bronze-na-olimpiada-de-paris-a-bolsonaro>. Acesso em: 31 jul. 24).

Rayssa não dedicou medalhas olímpica a Bolsonaro em entrevista (Disponível em: <https://www.instagram.com/comprova/p/C-D15s8uGgc/>. Acesso em: 31 jul 24)

Rayssa não dedicou medalhas olímpica a Bolsonaro em entrevista (Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2024/07/30/rayssa-leal-nao-dedicou-medalha-olimpica-a-bolsonaro-em-entrevista.htm>. Acesso em: 31 jul. 24).

É falso que Rayssa Leal tenha dedicado medalha a Bolsonaro em entrevista (Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/rayssa-leal-bolsonaro-falso/?srsltid=AfmBOoqIfqVF6bqTuES8ollIf8j6ZMMltwWgnZZmAE0JeGZj0A9vyCyH>. Acesso em: 31 jul. 24).

insere no contexto de realização das Olimpíadas de Paris, na França, viralizando no período do mês de julho de 2024, em que a figura de Rayssa foi destaque nas plataformas digitais, durante o evento, em razão da sua jovialidade, talento e carisma com o público.

Figura 19 – Exemplo 13 – Rayssa Leal dedica medalha ao Bolsonaro



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMBfyTnAm/>. Acesso em: 16 mar. 25

Antes dar seguimento à interpretação analítica, apresentamos o quadro enunciativo-interacional que situa o modo enunciativo da manipulação dessa narrativa desinformativa, e que dialoga com a proposta de Cavalcante, Brito e Martins (2024), para análise integral dos textos.

Quadro 03 – Quadro de análise do exemplo 13

Questões norteadoras	Respostas
Qual o contexto sócio-histórico e cultural do texto?	Olimpíadas de Paris em 2024
Quem é o locutor/ enunciador impostor ?	@izabel.bonaparte
Quem é projetado como interlocutor/ <i>manipulados</i> e possíveis terceiros?	Apoiadores do bolsonarismo e do próprio Jair Bolsonaro
Com que <i>possíveis</i> propósitos o locutor/ enunciador manipula seus interlocutores/ possíveis terceiros?	Associar a atleta Rayssa Leal à figura do ex-presidente Bolsonaro numa tentativa de demonstrar admiração da skatista e o suposto desejo de vê-lo pleitear novamente o cargo à presidência.
De que gênero e ecossistema (ambiente) o texto participa e por qual suporte é acessado?	Gênero reels Ecossistema TikTok. Celulares, computadores e tablets podem suportar o aplicativo.
Como se formam as redes referenciais no texto desinformativo?	A rede referencial se estabelece entre diversos referentes, como os referentes Bolsonaro, Rayssa, medalha, eleições, os quais estabelecem conexões múltiplas.
Que estratégias de manipulação se evidenciam?	A estratégia de manipulação por dramatização (salvador) e exaltação de valores como a pátria, o trabalho se evidencia por pistas contextuais.
Que efeitos de sentidos os gestos tecnolinguageiros provocam no jogo manipulatório?	Polarização e confrontos entre os interlocutores apoiadores e lúcidos a respeito da narrativa desinformativa.
Que crenças e pós-verdades estão envolvidas na interação?	Apelo emocional ao relacionar a atleta Rayssa à figura de Bolsonaro, o que faz crer que há uma admiração da skatista pelo ex-presidente.

Fonte: elaboração própria com base no quadro enunciativo de Cavalcante, Brito e Martins (2024).

O texto foi publicado no *feed* de @izabel.bonaparte, no ecossistema *TikTok* e pode ser acessado por dispositivos móveis, como celulares, notebook e tablet, desde que o usuário possua uma conta na plataforma ou acesse sem se cadastrar. A conta de @izabel.bonaparte é pública, o que nos permite ter contato com esses dados, como saber que a publicação, até a coleta de informações, teve um *alcance* significativo com 222,3 mil *impressões*³⁰.

De início, julgamos indispensável ampliar nosso escopo de análise para informações da conta, para compreender o perfil da locutora que publicou a desinformação em formato *reel* e para responder à segunda pergunta do quadro: *Quem é o locutor/ enunciador impostor?*

³⁰ Impressões é um termo utilizado pelas plataformas digitais para indicar o número de vezes que um conteúdo foi visualizado, incluindo as repetições de um mesmo usuário.

Figura 20 – *Print* do perfil público de @izabel.bonaparte



Fonte: *TikTok*.

A enunciadora locutora identificada pelo @izabel.bonaparte coloca em sua *bio* “sou bolsonarista com muito orgulho”, o que revela seu posicionamento político pró-direta bolsonarista ou extrema-direita³¹. A bandeira brasileira na foto de perfil com a frase “jamais será vermelha” nos fornece pistas sobre as crenças e as ideologias da locutora, que é uma pessoa antipetista, já que a menção à cor vermelha, a partir de informações do contexto, relaciona-se à identidade do Partido dos Trabalhadores e aspectos identitários do comunismo, constantemente associado ao petismo.

Além dessas pistas apresentadas, @izabel.bonaparte possui outras publicações com críticas ao governo lulista e, se observamos mais a fundo na análise do perfil, um dos *destaques* é uma foto com o ex-presidente, o que nos fornece evidências sobre sua admiração por Bolsonaro. Na publicação analisada, o reel apresenta como legenda as *hashtags* #SãoPaulo e #Brasil com emojis da bandeira brasileira e de corações verde e amarelo 🇧🇷💚💛, o que remete ao patriotismo, pauta da extrema-direita. É indispensável observar que a conta possui uma

³¹ Como a política brasileira é a temática de nossos exemplos, optamos por esclarecer a expressão “extrema-direita”. A extrema-direita possui posicionamentos mais radicais geralmente relacionados ao nacionalismo e ao conservadorismo, refletindo em posições preconceituosas e xenofóbicas, sendo aversos a diferentes culturas e opiniões. Disponível em: <https://www.politize.com.br/extrema-direita-o-que-e/>. Acesso em: 30 mar. 25.

quantidade considerável de seguidores (14,8 mil) e curtidas (379,9 mil), o que permite um considerável engajamento.

A partir dessa caracterização, estamos defendendo que a locutora enunciadora (@izabel.bonaparte) é uma impostora não só porque pode dissimular papéis, conforme prevê Charaudeau (2022, p. 85), mas porque manipula fatos a favor da desinformação. Nesse caso, o papel da locutora/ enunciadora em questão é de uma apoiadora orgulhosa do bolsonarismo e da figura pública de Jair Bolsonaro. Ela não esconde suas reais “intenções”, forjando um papel social distinto, mas dissimula papéis de outros sujeitos que aparecem no texto, como a Rayssa Leal. Desse modo, ao enviesar os sentidos, dissimula papéis para os atores sociais que participam da interação, obrigando-os a se posicionarem em lugares sociais com os quais, possivelmente, não compactuam. Esse é um aspecto observado também nos casos 6.4 e 6.6.

Como interlocutores e terceiros projetados, supomos que sua audiência seja formada por apoiadores do bolsonarismo e do próprio Jair Bolsonaro. Porém, não são os únicos que podem interagir com o conteúdo público. Então, é possível que outros usuários interajam com a publicação a partir de razões algorítmicas.

Quanto ao gênero, apesar de não haver consenso teórico, denominamos como gênero *reels*, porque há certos padrões em sua composição, estilo e modo de organização. A publicação reúne na configuração do texto desinformativo pistas mais explícitas como:

- trecho de uma suposta entrevista concedida ao canal Cazé TV pela atleta Rayssa Leal em que dedica a medalha ao Bolsonaro e expressa o desejo de tê-lo como presidente nas Olimpíadas de 2028;
- imagem de Rayssa Leal com skate e possível “uniforme” que a identificam como atleta brasileira;
- imagem do ex-presidente Jair Bolsonaro com a faixa presidencial e com o olhar para cima;
- áudio da música Por amor de Kim da banda Cathedral, cuja letra é sobre o amor de Deus;
- legenda com hashtag #Brasil com emojis da bandeira brasileira e corações verde e amarelo 🇧🇷.

Esses “pedaços”, conjuntamente relacionados, são apenas elementos visualmente alcançáveis porque são pistas do cotexto (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2024). Quando se trata de uma **análise textual**, há muito mais “em jogo” para explorar no contexto e, assim, apontar regularidades nos textos desinformativos. Por isso, a partir do quadro

de Cavalcante, Brito e Martins (2024) e da concepção de contrato e circuito empreitadas por Charaudeau (2019) e reconsideradas por Cavalcante et al. (2024). Como foi discutido no capítulo 2, os autores foram além da concepção de circuito interno e externo, observando toda a situação interacional e integral dos textos.

Essa postagem viralizou no contexto das Olimpíadas em que a figura da skatista Rayssa Leal foi destaque na competição. Salientamos ainda, para a compreensão do contexto, o episódio em que Rayssa, em um dado corte de câmeras nas competições de Paris, faz um sinal de libras que significa “Jesus é o caminho, a verdade e a vida”³². Conforme já amplamente compartilhado, esse versículo bíblico (João 14:6) foi constantemente utilizado por Jair Bolsonaro em sua campanha e pronunciamentos. Essas pistas que advêm de saberes pré-discursivos da publicação nos ajudam a compreender o posicionamento desse locutor manipulador que tenta aproximar duas figuras públicas: atleta Rayssa Leal e ex-presidente Bolsonaro. O objetivo, supomos, é mostrar para os seguidores que Rayssa possui uma admiração pelo ex-presidente e o vê como um herói e demonstrar o apoio de uma figura pública admirável a Bolsonaro.

O propósito do texto é sempre uma aposta, pois não há como garantir as intenções do locutor, porém as pistas multissemióticas do texto podem revelar algumas intencionalidades. Uma delas, supomos, é o desejo de partilhar a vontade de ver o ex-presidente pleitear novamente o cargo à presidência, o qual, na verdade, encontra-se inelegível e torna-se réu em acusações de golpe de estado. É possível supor, por exemplo, que a própria *impostora* faz parte do jogo manipulatório, uma vez que, ao compartilhar a informação, já foi *manipulada* por outras postagens com o mesmo tema. Destacamos que esses indivíduos são influenciados por suas crenças pré-estabelecidas e não questionam informações que comungam de suas ideias pré-concebidas. Assim, podemos perceber os contratos de comunicação estabelecidos: há uma locutora que crê, ou dissimula que crê, no fato e interlocutores, que, em sua maioria, partilham desse posicionamento.

Podemos apontar, ainda, certas regularidades na construção do texto desinformativo, conjunção de informações recortadas, recursos audiovisuais, uso de emojis e *hashtags* que revelam aspectos identitários dos locutores. Não encontramos, nesse exemplo, pistas que incitem a ação dos interlocutores de compartilhar o conteúdo.



³² Rayssa faz sinal em Libras. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4p1WRhh2SFk>>. Acesso em: 30 mar. 25.

Passamos a refletir sobre os referentes e o modo como estabelecem conexões nas redes referenciais. Matos (2018) enfatiza que a rede referencial é um entrelaçamento de referentes, os quais estão interligados para garantia da coerência textual.

Como antecipamos, o *reel* publicado no perfil @izabel.bonaparte faz parte de uma série de publicações na tentativa de associar a imagem de Rayssa Leal, campeã olímpica, a de Bolsonaro, ex-presidente e atual réu acusado de tentativa de golpe de estado. No período das Olimpíadas, a skatista Rayssa ganhou ascensão nas mídias, principalmente, no ambiente digital.

Na postagem desinformativa, o referente *Izabel Bonaparte* pode ser introduzido pelo nome próprio identificado no próprio post pela expressão referencial Izabel Bonaparte. Imediatamente, os referentes *Rayssa Leal* e *Bolsonaro* também são introduzidos no texto, os quais podem ser percebidos pela imagem ou pelas expressões referenciais Rayssa Leal e Capitão Jair Bolsonaro, tendo em vista que não há como precisar categoricamente.

Dessa maneira, esses referentes estabelecem conexões no texto, principalmente ao observar os referentes *medalha* (referente ancorado em pistas contextuais como a expressão “ouro”) e outros referentes que entram no jogo de negociação de sentidos, como *eleições presidenciais de 2028* e *Canal Cazé TV* que nos ajudam a situar essa interação. Esses objetos de discurso formam uma possibilidade de rede referencial. Nessa narrativa desinformativa, o referente *Rayssa*, ao tomar a palavra, assume o papel de enunciadora e afirma o desejo de ver Bolsonaro volte presidente em 2028, o que revela um suposto posicionamento pró-Bolsonaro, o que, na verdade, é uma farsa.

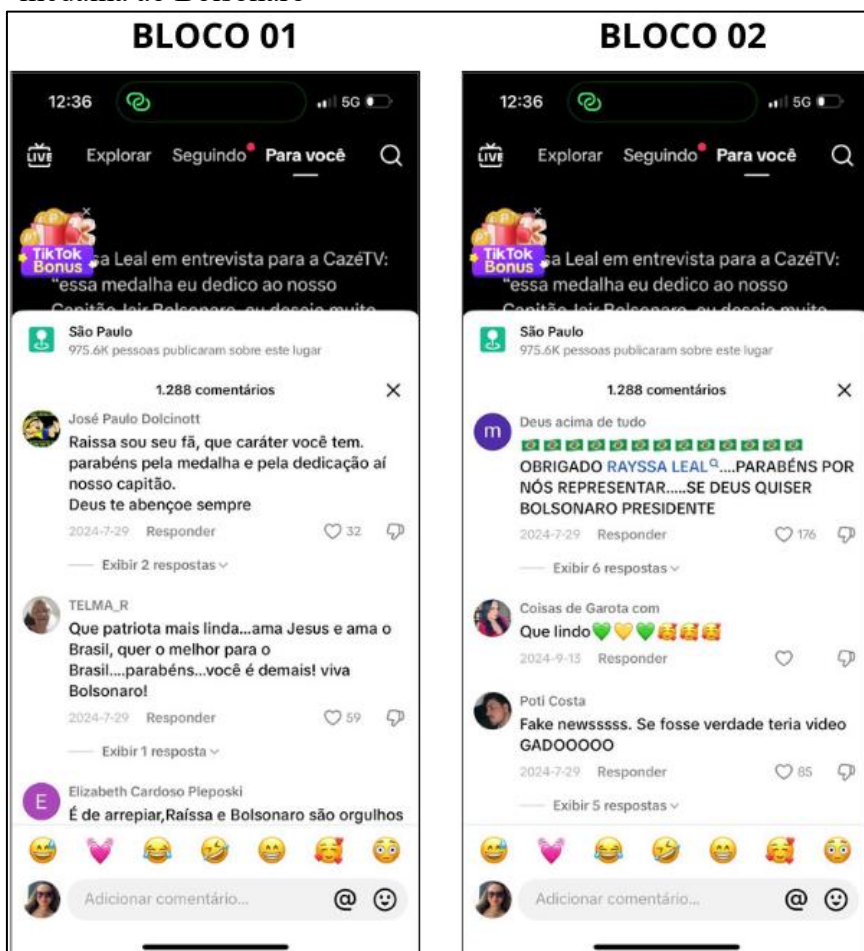
A partir da construção desses referentes e elementos multissemióticos, como emojis de corações verde e amarelo  , bem como a foto do perfil, por exemplo, que remete ao nacionalismo e ao amor à pátria, podemos flagrar a estratégia de exaltação de valores de Charaudeau (2020). O semiolinguista destaca como esquema estratégico da manipulação os valores da matriz ideológica de direita, a família, a pátria e o trabalho, como foi debatido no capítulo 3 desta tese. Assim, defendemos que a estratégia de manipulação voltada à exaltação de valores, como a pátria, pode ser flagrada pela construção da rede referencial constituída de referentes que se interligam e estabelecem conexões com essas imagens sociais.

Como já consideramos em nossas hipóteses, é relativamente comum aos textos desinformativos o tom dramático. Por isso, destacamos o recurso auditivo presente nos *reels*: a canção *Por amor*, do cantor Kim (banda Catedral), em que há um forte apelo emocional e religioso quanto ao amor a Deus. Esse recurso nos remete à estratégia de manipulação por dramatização ainda que não seja tão “prototípica”. Assim, podemos afirmar que o jogo

dramático não se dá somente na constituição de uma desordem social, um culpado e um salvador, mas ao apelo aos sentimentos, criando um cenário dramático (Charaudeau, 2020). Por conseguinte, são indispensáveis todos os elementos de ordem multimodal, multissemiótica e tecnolinguageira para a construção dos sentidos do texto. Por isso, investigamos os efeitos de sentidos dos comentários nessa publicação desinformativa.

Acerca dos gestos tecnolinguageiros, para além das pistas que já podemos perceber no *reel*, destacamos dois blocos de comentários que, como prevê Paveau (2021), fazem parte de um traço tecnodiscursivo denominada *ampliação*, uma vez que, a partir do texto-fonte, os comentários possibilitam interatividade (Muniz-Lima, 2022) entre os interlocutores e a potencialidade de outras *camadas enunciativas*³³ como antecipa Martins (2024).

Figura 21 – Exemplo 14 – Comentários do *reel* Rayssa Leal dedica medalha ao Bolsonaro



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMBfyTnAm/>.

³³ Para Martins (2024, p. 56), as camadas enunciativas são as múltiplas interações que coocorrem no acontecimento textual digital.

O comentário, como tem sido investigado por Paveau (2021), Ciulla et al. (2022) e Ciulla et al. (2024), possibilita a complexificação da enunciação, já que abre espaço para novas camadas enunciativas (Martins, 2024). Isso quer dizer que mais interlocutores podem agir como enunciadores e interagir mutuamente com esse tecnogesto.

Como hipótese, defendemos que se pode flagrar o efeito manipulatório nos interlocutores quando há comentários que explicitamente acreditam e concordam com a publicação desinformativa. Dessa forma, destacamos seis comentários de um total de 1288 comentários e optamos por não omitir a identificação dos perfis dos interactantes, visto que são comentários públicos no *reel* em análise e essas informações podem ser relevantes para compreender os papéis sociais desses locutores/enunciadores na narrativa desinformativa.

No bloco **01**, com três comentários, destacamos o comentário de João Paulo Dolcinott que parabeniza Rayssa pela conquista da medalha e por dedicar o prêmio a Bolsonaro. O comentário seguinte do perfil de Telma R recategoriza Rayssa como uma “patriota mais linda”, adoradora de Jesus e apaixonada pelo Brasil, já que desejo o retorno do presidente. Por fim, a locutora ainda faz uma saudação ao ex-presidente: “viva Bolsonaro”. Os comentários predica sobre a atleta Rayssa, a qual é associada, por exemplo, ao patriotismo, aspecto característico comum aos apoiadores de Jair Bolsonaro. Por conseguinte, o perfil de Elisabeth Cardoso Pieposki comenta: “É de arrepiar, Raíssa e Bolsonaro são orgulhos”. O primeiro bloco de comentários vai ao encontro da nossa constatação acerca do arrebanhamento dos interlocutores, os quais são manipulados e influenciados a explicitar seus posicionamentos, fornecendo certa credibilidade às informações distorcidas no *reel*.

No bloco **02**, com três comentários, o comentário do perfil *Deus acima de tudo*³⁴ usa o recurso de *caixa alta* para parabenizar Rayssa Leal por representar o Brasil e para exclamar o desejo de ver Bolsonaro presidente se for a vontade de Deus, além de inserir emojis da bandeira do Brasil. Em seguida, o perfil de *Coisas de garota com exclama* comenta “Que lindo!” somado a emojis com corações verde e amarelo 🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷.

Por conseguinte, um comentário contraria os posicionamentos anteriores. O interlocutor Poti Costa comenta: “Fake newsssss. Se fosse verdade teria vídeo GADOOOOO [sic]”, constatando uma lucidez no comentário e uma desinformação, mas se torna irrisório em meio aos posicionamentos que concordam com a postagem e podem ampliar a veracidade da

³⁴ Recuperamos, com esse pseudônimo, as investigações de Soares (2018) acerca dos processos referenciais por nome próprio. Como preconiza a autora, o nome do perfil “Deus acima de tudo” é fortemente atravessado pela alusão à campanha de Bolsonaro 2018, na qual o candidato proferia o jargão e, posteriormente, slogan de mandato “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”, o que permite uma alusão intertextual e os estereótipos advindos desse nome, além de explicitar um posicionamento político da interlocutora.

informação. Nossa hipótese advoga para a possibilidade de, a partir desse tecnogesto, perceber o arrebanhamento ou não dos interlocutores. Dentre os 6 comentários, este é o único que se posiciona contrário às informações do *reel* de @IzabelBonaparte. Acerca de outros tecnogestos, não há como garantir que o quantitativo de gestos tecnolinguageiros de *curtidas* e *compartilhamentos* é de apoiadores da narrativa desinformativa, pois, nesta investigação explicativa, não dispomos de dados quantitativos dessa natureza.

6.2 O patriotismo e a construção do salvador na narrativa “Bolsonaro e Bia Souza juntos em campanha eleitoral de 2022”

Assim como no caso 01 sobre Rayssa Leal, o exemplo em análise traz à tona a atleta Beatriz Souza e se relaciona ao período de realização das Olimpíadas de Paris em 2024. A postagem analisada foi publicada no dia 02 de agosto de 2024, mesmo dia em que a judoca Beatriz Souza foi medalhista de ouro nas Olimpíadas de Paris.

De acordo com as agências de checagem Lupa, Estadão Verifica, Projeto Comprova e Aos fatos³⁵, a mulher na foto, com a camisa “Bolsonaro presidente”, é, na verdade, Vanessa Silva, na época, pré-candidata à vereadora pelo Partido Liberal (PL). A fotografia foi registrada em um evento de candidatura do ex-presidente Bolsonaro em 2022, mas repercute em 2024 na tentativa de relacionar esse evento à atleta Bia.

Assim como no caso 01, a informação fabricada associa a judoca à imagem de Bolsonaro para repercutir entre os interlocutores que essa atleta era apoiadora do ex-presidente. A atleta, assim como a skatista Rayssa Leal e a ginasta Rebeca Andrade, representou o Brasil e ganhou notoriedade nas redes sociais devido ao seu desempenho, carisma com os fãs e êxito nas Olimpíadas de Paris ao garantir medalhas para o Brasil.

A seguir, destacamos o *post* no X publicado pelo influencer digital Raiam Santos.

³⁵ Mulher em foto com Bolsonaro não é a judoca Beatriz Souza. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/08/05/mulher-em-foto-com-bolsonaro-nao-e-a-judoca-beatriz-souza>. Acesso em: 30 out. 24.

Mulher que aparece em foto com Bolsonaro não é a judoca Bia Souza. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/foto-bia-souza-bolsonaro-enganoso/?srsId=AfmBOopiRYK12JiWR4SIPmjvLjIrdeV5GrhIdko7xm5KBweqCiCyoc2a>. Acesso em: 30 out. 24.

Mulher que aparece em foto com Bolsonaro não é a judoca Bia Souza. <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/mulher-que-aparece-em-foto-com-bolsonaro-nao-e-a-judoca-bia-souza/>

Mulher em foto com Bolsonaro não é a medalhista olímpica Bia Souza. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/mulher-foto-bolsonaro-nao-e-bia-souza/>. Acesso em: 30 out. 24.

Figura 22 – Exemplo 15 –Bolsonaro e Bia Souza juntos em campanha eleitoral



Fonte: Disponível: <https://x.com/raiam700/status/1819495350304231924>.

Como parte do processo analítico, apresentamos, de início, o quadro interacional-enunciativo como uma antecipação sintética das discussões.

Quadro 04 – Quadro de análise do exemplo 15

Questões norteadoras	Respostas
Qual o contexto sócio-histórico e cultural do texto?	A conquista da medalha de ouro da judoca Beatriz Souza nas Olimpíadas de Paris em 2024.
Quem é o locutor/enunciador impostor?	O locutor/enunciador Raíam Santos McArn e o perfil é de @raiam700.
Quem é projetado como interlocutor/ manipulados e possíveis terceiros?	Supomos que os interlocutores projetados e possíveis terceiros são os seguidores da conta.
Com que possíveis propósitos o locutor/enunciador manipula seus	O propósito se relaciona à tentativa de ora ridicularizar a imagem da judoca Bia Souza, ora de associá-la à figura do então presidente Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2022.

interlocutores/ possíveis terceiros?	
De que gênero e ecossistema (ambiente) o texto participa e por qual suporte é acessado?	Denominamos como gênero postagem do X cujo denominação anterior era <i>tweet</i> . O ambiente é o próprio X e o suporte, assim como os demais exemplo, pode ser o tablet, o celular e os computadores, resguardando as limitações de funções em cada dispositivo.
Como se formam as redes referenciais no texto desinformativo?	Há uma rede referencial constituída por referentes introduzidos pela imagem, como <i>Bolsonaro</i> e <i>Bia Souza</i> [Vanessa Silva]. Esses referentes possuem certa centralidade. Conectam-se a esses referentes, os objetos de discurso <i>Brasil</i> , <i>medalha de ouro</i> e <i>judô</i> . O referente <i>presidente</i> também se ancora na expressão “Bolsonaro presidente” da camisa de “Bia Souza”. O gesto de V de “Bia Souza” ancora outro referente : a vitória. Os sentidos construídos nessa rede referencial colocam em destaque Bolsonaro como uma figura supostamente admirável e admirada por Bia.
Que estratégias de manipulação se evidenciam?	Observamos que estratégia de exaltação de valores quanto à pátria pode ser inferida se consideramos, por exemplo, que a atleta Bia Souza é sargento do exército brasileiro. Além disso, a estratégia de associar Bolsonaro a um salvador é reforçada.
Que efeitos de sentidos os gestos tecnolinguageiros causam no jogo manipulatório?	Além dos 23 comentários registrados e, em parte, analisados, destacamos as funções dos botões: o botão de repostar [↕] com 30 cliques; o botão de curtir [❤] com 978 cliques; e o botão de salvar com 17 cliques. Como efeitos de sentidos, pode-se destacar o engajamento dos interlocutores e a circulação da desinformação a partir dessas funcionalidades tecnolinguageiras.
Que crenças e pós-verdades estão envolvidas na interação?	Como crenças e pós-verdades, supomos que há uma ênfase no patriotismo e no reforço à imagem de Bolsonaro como uma figura admirável e admirada pelas atletas como Bia Souza e outras.

Fonte: elaboração própria.

A partir da construção do quadro enunciativo-interacional, identificamos, como locutor/enunciador principal e impostor, o perfil de @raiam700, cuja conta no X possui 279.326 seguidores e apresenta publicações em tom de humor, mas, em sua maioria, são piadas grotescas e racistas. A *bio* do perfil @Raiam700 apresenta informações, como ter se formado na mesma faculdade do Elon Musk ou ter jogado na seleção brasileira de futebol americano. Apesar de o perfil ser verificado pelo X desde março de 2023, não há como constatar se esse recurso foi fornecido pela própria plataforma, pois é um *status* que pode ser adquirido mediante o pagamento de valores a partir de R\$ 32,00. Ressaltamos ainda que Raiam Santos é escritor, influenciador digital e possui um milhão de seguidores no Instagram, o que torna suas publicações tanto no X como no *Instagram* mais relevantes e engajadas.

Como interlocutores potencialmente manipulados e terceiros observadores, supomos que se trata dos próprios seguidores de @raiam700, bem como usuários não

seguidores que, por razões algorítmicas, interagiram com o conteúdo público. Acerca do gênero, denominamos como postagem do *X*, já concebido, por pesquisadores, como gênero *tweet* quando a rede social se chamava *twitter* ³⁶. Quanto ao ecossistema, é o próprio *X* e pode ser suportado por smartphones, tablets e computadores.

Observamos que a conta de @raiam700 tem o hábito de publicar *posts* com sarcasmo e humor grotesco. Então, pode ser que o propósito de compartilhar essa narrativa desinformativa relacione-se a uma tentativa de ora ridicularizar a judoca ou o Bolsonaro, ora associá-la ao ex-presidente Bolsonaro para demonstrar que essa atleta era eleitora e apoiava o ex-presidente durante a campanha eleitoral de 2022, além de admirá-lo.

Quanto às regularidades, observamos que a composição da narrativa desinformativa combina dois elementos:

- legenda “Bia Souza é ouro para o Brasil no Judô”;
- a fotografia de Bolsonaro e supostamente a atleta Beatriz Souza juntos.

Para fabricar essa narrativa desinformativa, o impostor une uma legenda muito semelhante ao estilo de uma notícia e uma imagem descontextualizada em que “obriga” os interlocutores em questão no *post* a ocuparem papéis irreais e com os quais não compactuam na “realidade”.

Identificamos, nessa publicação, uma rede referencial constituída por referentes introduzidos pela imagem, como *Bolsonaro* e *Bia Souza [Vanessa Silva]*. O jogo referencial estabelecido entre esses referentes guarda particularidades. Observamos que há uma centralidade dos referentes Bolsonaro e Bia Souza, o que permite afirmar que os demais referentes são vinculados a esses dois “protagonistas” do *post*.

Como se trata de uma narrativa desinformativa, é possível que os interlocutores acionem apenas o referente Bia, o qual também se ancora na expressão referencial por nome próprio “Bia Souza”. Porém, devemos considerar que alguns interlocutores podem perceber que é Vanessa Silva, conhecida ainda por “Negona do Bolsonaro”. Assim, há um jogo de saliência entre esses referentes por via do conhecimentos pré-discursivos e do contexto acionado na interação.

Além disso, conectam-se a esses referentes, considerados por nós “centrais”, os objetos de discurso *Brasil*, *medalha de ouro* e *judô*, os quais reforçam a estratégia de manipulação por exaltação de valores, em especial, o valor da pátria. Os referentes *presidente*,

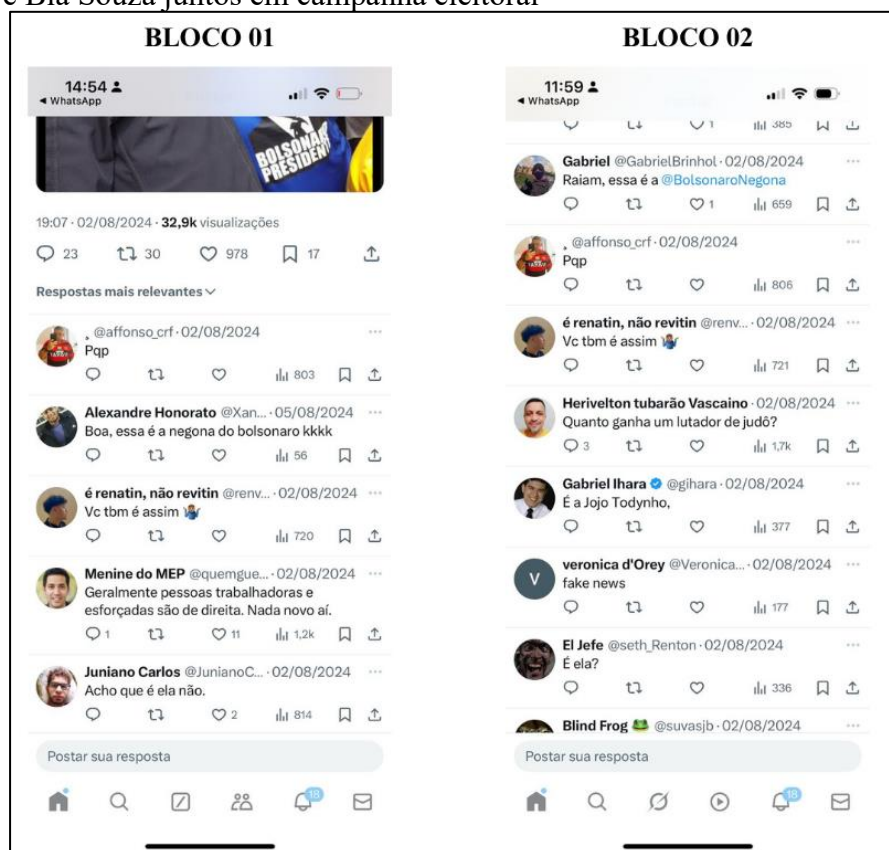
³⁶ O *tweet* é um gênero discursivo flexível, com conteúdo temático e estilo variáveis, o que confirma o pressuposto bakhtiniano de que a estabilidade nos gêneros é apenas relativa (Azevedo; Pereira; Ayres, 2021, p. 1132).

ancorado em pistas como a expressão “Bolsonaro presidente” da camisa de “Bia Souza”, e *vitória*, ancorado no gesto de “V” de “Bia Souza”, destacam Bolsonaro como uma figura admirável por seus apoiadores e supostamente admirado por Bia. Esses sentidos (re)construídos por diversas pistas contextuais reforçam a imagem de herói e salvador, parte da estratégia de dramatização. Logicamente, não é um formato mais prototípico, mas reforça o caráter de ídolo de Bolsonaro como uma figura exaltada por atletas das Olimpíadas. Referentes como a *satisfação*, a *orgulho* e a *alegria* podem ser inferidos pelos gestos dos interlocutores, como o sorriso de ambos ao posar para o *selfie*.

Dessa forma, a rede referencial apresenta como referentes “centrais” *Bia* e *Bolsonaro*, os quais estabelecem uma relação de admiração e apoio à campanha eleitoral de 2020 do então presidenciável. Nessa encenação, a suposta Bia Souza, como um atleta e sargento do exército brasileiro, reforça o patriotismo político e a imagem de salvador de Bolsonaro. Assim, a construção referencial, a partir da rede referencial (Matos, 2018), possibilita, por meio da relação multilinear entre os referentes, evidenciar estratégias de manipulação, como a exaltação de valores e a dramatização (figura de salvador).

Como mencionamos, o *post* acumula, até o momento da captura de tela, 23 comentários. Coletamos, de modo aleatório, 12 comentários, dos quais extrairemos alguns efeitos de sentido sobre os aspectos tecnolinguageiros do nosso exemplo, que sejam relevantes para construção da manipulação. A seguir, reunimos os comentários na figura 23.

Figura 23 – Exemplo 16 – Comentários da postagem no X “Bolsonaro e Bia Souza juntos em campanha eleitoral”



Fonte: X.

Dentre os comentários, destacamos inicialmente o do Menine do MEP: “Geralmente pessoas trabalhadoras e esforçadas são de direita. Nada novo aí”. Observamos que se trata de um locutor arrebanhado, o que pode ser constatado pelo modo como se refere ao assunto. Considera que as pessoas que trabalham bastante e são dedicadas pertencem à direita, o que permite levantar a questão de que pessoas da esquerda não são trabalhadoras e, muito menos, dedicam esforços para conquistar suas metas.

Observamos ainda que há interlocutores que reconhecem a desinformação, por exemplo, os comentaristas Alexandre Honorato, em “Boa, essa é a negona do Bolsonaro”; Juniano Carlos em “Acho que é ela não”; Gabriel em “Raíam, essa é a @BolsonaroNegona; e Veronica d’Orey “fake news”. Outros interlocutores questionam se se trata ou não da atleta Bia Souza. Outro usuário, Gabriel Ihara, comenta que se trata da “Jojo Todynho”. Como hipótese de trabalho, consideramos que os comentários podem comprovar o arrebanhamento de uma parte dos interlocutores que interagem com a narrativa desinformativa.

Consideramos, para além desse efeito de sentido de rebanho, em que os interlocutores creditam fé ao *post* sem questioná-lo ou indagar sobre a sua veracidade, relevante

retomar o traço tecnodiscursivo de “imprevisibilidade”, de Paveau (2021). As curtidas (978), os compartilhamentos (30) e o ato de salvar (17) comprovam o potencial desinformativo dessa narrativa, tendo em vista que não se pode prever o alcance e os efeitos danosos de publicações dessa natureza.

Naturalmente, o caso explicitado, assim como outros dessa natureza, não demanda efeitos tão nocivos à opinião pública e, conseqüentemente, ao regime democrático. Porém, normalizar a desinformação, mesmo que em tom satírico, pode levar a problemas sociais irreversíveis.

6.3 A construção da cena dramática e o inimigo político na narrativa “Governo Lula retorna cobrança de seguro DPVAT

O próximo exemplo analisado é uma publicação também do *TikTok* em formato *reel* e trata-se de um texto dinâmico, pois, por ser em formato vídeo, possui uma sequência de imagens e recursos audiovisuais, conjuntamente reunidos para a configuração do texto desinformativo. Por isso, para analisá-lo, é indispensável considerar todos os aspectos multissemióticos envolvidos para a composição do quadro enunciativo, como a sequência estabelecida no vídeo dessa postagem, o áudio que foi adicionado e os gestos tecnolinguageiros, como os comentários, envolvidos na construção desse texto.

Figura 24 – Exemplo 17 – Governo Lula retorna cobrança de seguro DPVAT



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZM6WUgUJ5>.

A seguir, apresentamos o quadro analítico que delinea o modo enunciativo do exemplo 14 considerando como a manipulação pode ser investigada sob os parâmetros textuais.

Quadro 05 – Quadro de análise do exemplo 17

Questões norteadoras	Respostas
Qual o contexto sócio-histórico e cultural do texto?	<i>Retorno da cobrança do seguro DPVAT e aumento do imposto.</i>
Quem é o locutor/ enunciador impostor?	<i>Perfil público @documentosdeveiculos</i>
Quem é projetado como interlocutor/ manipulados e possíveis terceiros?	<i>Apoiadores do ex-presidente Bolsonaro, seguidores e não seguidores do perfil.</i>
Com que possíveis propósitos o locutor/ enunciador manipula seus interlocutores/ possíveis terceiros?	<i>Supomos que o propósito seja propagar a informação de que o seguro DPVAT custaria um valor exorbitante aos bolsos dos cidadãos.</i>
De que gênero e ecossistema (ambiente) o texto participa e por qual suporte é acessado?	<i>Reels no ecossistema TikTok. Esse ecossistema pode ser suportado por smartphone ou notebook desde que o usuário crie um perfil.</i>

Como se formam as redes referenciais no texto desinformativo?	<i>As conexões se dão em multidimensões – Referente Lula é associado ao aumento do DPVAT; enquanto referente Bolsonaro é associado ao fim do seguro e à redução de valor.</i>
Que estratégias de manipulação se evidenciam?	<i>Estratégia de dramatização: aumento do DPVAT (desordem social); culpado (Lula, pai dos pobres); salvador (inimigo dos pobres).</i>
Que efeitos de sentidos os gestos tecnolinguageiros provocam no jogo manipulatório?	<i>Os gestos de compartilhamento e curtidas reforçam a circulação da narrativa manipuladora, amplificando o pânico social e a percepção de desordem causada pelo Governo Lula. Os comentários contribuem para legitimar a versão apresentada, servindo como âncoras discursivas que fortalecem a manipulação.</i>
Que crenças e pós-verdades estão envolvidas na interação?	<i>Crença de que o Governo Lula é prejudicial aos pobres; crença de que o Bolsonaro teria defendido os interesses populares. Quanto à pós-verdade, apontamos a associação da cobrança do DPVAT ao fracasso da gestão Lula, independentemente dos dados verídicos.</i>

Fonte: elaboração própria com base no quadro enunciativo de Cavalcante, Brito e Martins (2024).

A publicação, como mencionamos, é um *reel* e foi postada no perfil @documentosdeveiculos em meados de abril. A temática é um suposto retorno da cobrança do seguro DPVAT (Danos Pessoais por Veículos Automotores Terrestres) com o valor estimado em R\$ 292,01. Essa publicação se insere, assim como o **caso 01**, em um conjunto de postagens acerca do mesmo tema. Entre idas e vindas a respeito desse assunto, o que se sabe é que o seguro DPVAT foi extinto em 2019 durante o governo de Jair Bolsonaro e, conforme a série de narrativas desinformativas, voltaria a ser cobrado em um valor exorbitante para a população. Essa discussão repercutiu em diversos momentos nas redes sociais, já que, em maio de 2024, o senado aprovou o retorno do seguro com um valor estimado entre R\$ 50,00 e R\$ 60,00³⁷. Como se pode perceber ao observar *Print Screen* retirados do *reel*, a desinformação refere-se a um valor superior de R\$292,01 e circulou amplamente em diversas plataformas digitais, das quais tivemos acesso ao *reel* publicado no *TikTok*, o qual, até a publicação desse trabalho, segue disponível on-line na íntegra no link e no QR code indicados anteriormente.

Partindo para a checagem, verificamos, com base nas agências Lupa, Estadão Verifica e Uol Confere, que é uma desinformação, a qual circulou durante 2023 e 2024. O exemplo foi escolhido porque, apesar de não apresentar um grande *engajamento* quanto a curtidas e comentários, foi *encaminhado* 514 vezes e, em aspectos teórico-metodológicos,

³⁷ Entra em vigor a lei que retoma a cobrança de seguro obrigatório de veículos. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1063483-entra-em-vigor-lei-que-retoma-cobranca-de-seguro-obrigatorio-de-veiculos/>. Acesso em: 29 jan. 25.

apresenta evidências que podem comprovar um de nossos objetivos: modos de textualizar o roteiro dramático em textos desinformativos.

Para analisar o quadro enunciativo-interacional a partir das questões norteadoras apontadas por Cavalcante, Brito e Martins (2024) e reformuladas quando necessário para os nossos objetivos, identificamos como locutor/enunciador principal o perfil Documentos de veículos (@documentosdeveiculos), que simula o papel social de “informar” ao produzir conteúdo para os condutores sobre questões relacionadas ao trânsito, o que é atravessado pela temática política. Afirmamos ainda que a locutora se comporta como impostora, porque dissimula papéis dos participantes da interação.

Quanto aos possíveis interlocutores e terceiros, advogamos que sejam os próprios seguidores da conta, bem como aqueles que se identificam como apoiadores do ex-presidente Bolsonaro, além de outros interlocutores que interajam com a publicação, tendo em vista que também se trata de uma conta pública e de fácil acesso àqueles que utilizam o *TikTok*.

Como se trata de uma desinformação, entendemos que o propósito é distorcer opiniões sobre o tema e instigar o compartilhamento da informação de que o seguro vai retornar com um valor exorbitante aos bolsos dos cidadãos brasileiros, o que contraria a máxima de o Lula ser o pai dos pobres³⁸. Assim como no caso 01, pode parecer desafiador definir o gênero porque se trata, como antecipa Paveau (2021), de um texto que possui uma natureza compósita. Então, denominamos como gênero *reels*, já que há um padrão em sua composicionalidade definida pela plataforma digital, como vídeos curtos com possibilidade de duração de até 3 minutos, possibilidade de inserir áudios, vídeos pré-gravados, imagens, textos e figurinhas cujo propósito é reter a atenção, principalmente, de não seguidores do perfil e atraí-los a seguir a conta em questão.

Em busca de certas regularidades, vamos explicar como esse texto desinformativo se configura no ecossistema *TikTok*, observando todos os elementos visuais da “primeira tela” do *reel*.

- o *reel* possui em torno de 15 segundos;
- presença de áudio com a paródia “Faz o L agora e vem”. A música estabelece uma relação intertextual com o *hit* “Pega o Guanabara e vem” de Alanzin Coreano e Wesley Safadão;

³⁸ A expressão “pai dos pobres” alude, por um processo intertextual, ao ex-presidente Getúlio Vargas (1930-1945; 1951-1954). Essa antonomásia foi associada ao político, na época, por seus apoiadores devido às políticas sociais de seu governo.

- imagens de Lula, com expressão ranzinza, e Bolsonaro, com expressão sorridente;
- ao lado da figura pública Bolsonaro, a legenda é “No governo do homem que o povo diz não gostar de pobres R\$ 12,30”;
- ao lado da figura pública Lula, a legenda é “No governo de Lula... o ‘pai dos pobres’ R\$ 292,01”;
- legenda do *reel* é “governo lula anuncia medidas para voltar com seguro DPVAT em 2024” e as *hashtags* #segurodpvat, #dpvat e #dpvat2024.

Assim, observamos que a narrativa desinformativa é um compilado de informações recortadas e “arranjadas” para inscrever efeitos manipulatórios e enviesar os sentidos, o que pode nos ajudar a entender certos padrões desses textos que contribuem com a desinformação nas plataformas digitais. Refletimos ainda, a partir desse caso, o fato de haver um descompromisso com a informação, pois os usuários, ao produzirem conteúdos, não se preocupam em checar os dados, consultar especialistas e trazer mais fontes. Por isso, consideramos que, em alguns casos, locutor enunciador que publica esse tipo de conteúdo já faz parte do jogo manipulatório, como uma das peças³⁹.

Passamos, a seguir, para a constatação que se relaciona à segunda hipótese de nossa tese, que investe na construção referencial dos textos desinformativos, em busca de evidenciar as estratégias de manipulação.

Conforme Matos (2018), as redes referenciais são conexões complexas entre os referentes. Em nossa tese, advogamos que as redes referenciais precisam ser observadas e analisadas considerando sua multidimensionalidade, tendo em vista que construção dos objetos de discurso pode se dá por diferentes formas envolvendo aspectos multimodais (verbo-visuais, sonoros, gestuais) e tecnolinguageiros, como os gestos languageiros de cada ecossistema digital. Partindo desse contexto, analisaremos os objetos de discurso em redes referenciais, observando como os referentes constroem um roteiro dramático, evidenciando a estratégia de dramatização de Charaudeau (2020).

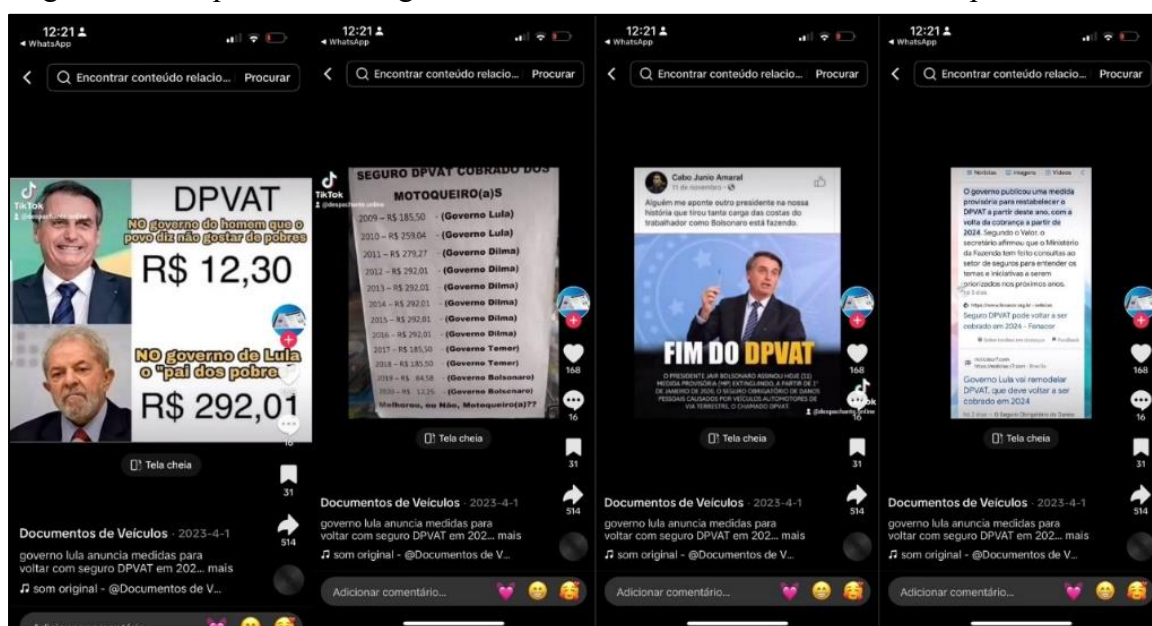
³⁹ Apesar de defendermos que os interlocutores, ao se deparar com esses conteúdos, apenas compartilham sem questionar as intencionalidades discursivas que atravessam essas publicações porque crê que são verdades ou porque coadunam com suas crenças e valores, há outras possibilidades que levam os interlocutores a partilharem as informações, por exemplo, debater em outros ecossistemas digitais para discordar sobre o assunto. Isso gera pertencimento a esse espaço, cuja arquitetura é engendrada para incitar os usuários a interagir, com os botões de curtir, compartilhar e comentar. É válido considerar ainda a presença de *bots*, os quais são programados para compartilhar.

A estratégia de manipulação por dramatização cria uma **desordem social** (caos instalado; ameaça às pessoas). Para solucionar essa “desordem social”, o manipulador estabelece **culpados** (bode expiatório ou grupo social específico) e um **salvador** (alguém disposto a salvar a população de um grande mal que está à espreita). Dessa forma, nosso investimento é comprovar como a (re)construção dos objetos de discurso interligados em uma rede pode flagrar a cena dramática. Observamos, nesta tese, que essa estratégia é constantemente reiterada para distorcer informações, seja elas simulações de notícias (*fake news*) ou postagens e até “memes” com recortes estruturalmente enviesados e descontextualizados.

Ao pensar sobre a construção desse quadro, podemos considerar como locutor enunciador o perfil @documentosdeveiculos. Diferente do **caso 01**, não encontramos informações que evidenciem posicionamentos políticos desse locutor em sua *bio*, porém isso se torna evidente com as informações que flagramos no *reel*, como o áudio com a música “Faz o L agora e vem, vem *se lascar* você também”⁴⁰ e o modo como as imagens das figuras públicas Jair Bolsonaro (expressão sorridente) e Lula (expressão ranzinza e mal-humorado) são apresentadas.

Para melhor compreensão da análise, destacamos a seguir a sequência de imagens dispostas no *reel*.

Figura 25 – Sequência de imagens dos textos dinâmicos referente ao exemplo 17



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZM6WUgUJ5>.

⁴⁰ A expressão “se lascar” é muito comum no linguajar do nordestino, principalmente o cearense, e significa, em linhas gerais, desejar que alguém sofra ou tenha dificuldades.

Por meio do recurso de captura de tela, explicitamos a sequência de imagens compiladas no *reel*. Recomendamos, para compreensão integral de nossa análise, assistir ao vídeo, porque há aspectos que só podem ser percebidos ao interagir com o texto no ambiente digital em que está inserido⁴¹.

Ao analisar a construção de referentes, não se pode precisar que objeto de discurso foi introduzido primeiro. Por se tratar de *reels*, é possível que cada interlocutor tenha reproduzido mais de uma vez, o que permite que a construção dos sentidos se modifique a cada contato com esse texto dinâmico. Supomos então que, ao curso da reprodução do *reel*, os referentes *Jair Bolsonaro* e *Lula* se sobressaem e são introduzidos no texto a partir da imagem.⁴² Sendo nosso objetivo evidenciar a cena dramática, observe que esses referentes revelam pistas que enquadram suas personalidades, Bolsonaro aparece com uma fisionomia sorridente; enquanto o Lula parece com uma fisionomia zangada e sisuda. A expressão referencial “Governo do homem que não gosta de pobre” recategoriza o referente *Bolsonaro*, recorrendo a uma estratégia de ironia. Em oposição, as expressões “No Governo do Lula” e “o ‘pai dos pobres’” recategorizam o referente *Lula* para fazer uma chacota, uma vez que os valores do seguro são mais baratos no Governo Bolsonaro, aquele que não gosta de pobre. Conforme a desinformação, no Governo Bolsonaro, o valor era de R\$ 12,90, já no Governo Lula, com o retorno da cobrança, passaria para R\$ 292,01.

A partir desses objetos de discurso que se constroem no texto, a rede referencial se monta e outros referentes passam a entrelaçar essas conexões de sentido (Matos, 2018). O outro referente é evidenciado a partir do cartaz com dados sobre o seguro DPVAT para motoqueiros que expõe uma sequência cronológica de valores cobrados, além de notícias com o fim da cobrança durante o governo Bolsonaro e o retorno do seguro DPVAT no governo Lula em 2024, o que não ocorreu, enfatizando a oposição nós (bons) e eles (maus). Essas pistas se potencializam com um elemento próprio do tecnotexto, o áudio (trechos de músicas ou diálogos virais) do *reel*. Há presença de uma música, uma espécie de paródia do sucesso viral “Pega o Guanabara e vem” do canto Alanzim Coreano, cuja letra refere-se ao “Faz o L”, jargão da campanha presidencial de Lula. A paródia é “Faz o L agora e vem, vem se lascar você também”, o que figura como uma estratégia de desacreditizar o governo. É importante destacar que os

⁴¹ Acerca do conteúdo sonoro do vídeo, trata-se de uma paródia da música “Pega o Guanabara e vem”, de Wesley Safadão e Alanzim Coreano, cuja letra é “Faz o L agora e vem, vem! Faz o L agora e vem, vem! Vem se ‘lascar’ você também”.

⁴² Como já foi citado nesta tese, trata-se, conforme Cavalcante e Martins (2020), sempre de uma possibilidade de introdução referencial ou anáfora. Da mesma forma, defendemos que são possibilidades de redes referenciais a partir da análise de dados feita pela autora.

referentes não se conectam de modo linear, pois podem estabelecer, inclusive, trilhas de sentidos distintas desta em curso na análise, a depender de que referente aparece primeiro no texto.

A partir da construção dessa rede referencial, a cena dramática do discurso político, proposta de Charaudeau (2020), é flagrada pelas redes referenciais na construção de trilhas de sentidos. A **desordem social** se trata do retorno à cobrança do seguro DPVAT; os **culpados** são Lula e seu governo, aquele que se diz o pai dos pobres; e o **salvador** é o governo Bolsonaro, o qual banuiu a cobrança. Esse roteiro dramático se soma a características pertencentes à matriz ideológica de esquerda, para Charaudeau (2020), como a *vitimização do povo*, que trata o povo como inferior e flagelos para causar angústia, e a *satanização dos culpados*, que se constrói pelo estabelecimento de um *bode expiatório*, ou seja, um inimigo responsável por toda a desgraça social, o que se relaciona a construções religiosas sobre a oposição anjos e demônios. Essa estratégia visa fomentar crenças dos manipulados e desacreditar as instituições. As estratégias de manipulação por dramatização e pela exaltação de valores são muito frequentes em textos desinformativos que tematizam a política brasileira, principalmente quanto a posicionamentos ideológicos da direita brasileira.

O pânico social, explicitado pela cena dramática, é um dos principais objetivos da desinformação. Acerca disso, concordamos com Gonçalves-Segundo (2022, p. 1), ao afirmar que “esses textos são estrategicamente orientados para promover diferentes interpretações e reações por parte do público-alvo”. No ambiente digital, essa operacionalização da manipulação em textos desinformativos se alia a elementos do próprio ambiente digital, como o caráter viral, em que as informações se propagam rapidamente; o engajamento dos vídeos por aspectos algorítmicos, muitas vezes, desconhecidos pela população; e por recursos a partir de gestos tecnolinguageiros, como gestos de compartilhar, curtir e comentar as postagens (Paveau, 2021).

Assim como afirmaram Cavalcante et al. (2022), concordamos que a referenciação é uma categoria central nas análises textuais. Por essa percepção teórica, elegemos as redes referenciais (Matos, 2018) como critério analítico para evidenciar textualmente a manipulação em narrativas com desinformação e não apenas os processos referenciais. Dessa forma, o objetivo é analisar como os referentes se conectam em rede nos textos desinformativos, configurando estratégias de manipulação, como a estratégia de dramatização (estabelecimento de uma desordem social, um culpado e um salvador), conforme Charaudeau (2020). Esse jogo manipulatório da linguagem nos permite entender de que forma as informações são enviesadas para influenciar a opinião pública e enganar os interlocutores, os quais, como já foi discutido,

não são meros receptores ou passivos a essas subversões enunciativas do locutor impostor. Compreendemos, dessa forma, que as redes referenciais, como múltiplas conexões, e os referentes dessa rede são acionados e (re) construídos no curso da negociação de sentidos.

A hipótese acerca dos gestos tecnolinguageiros não foi analisada nesse exemplo, pois optamos por enfatizar as hipóteses sobre o quadro teórico-metodológico, sobre as possíveis regularidades e sobre a análise das redes referenciais como evidências das estratégias de manipulação.

6.4 O binarismo político “Nós-bons x eles-corruptos” na narrativa “Lula ao lado de Domingos Brasão”

A publicação que analisamos a seguir, diferente dos exemplos anteriores, trata-se de um texto estático e foi postada no *Instagram*, em um perfil com o pseudônimo @acordabrasil_2024. A postagem sugere que o atual presidente Lula aparece em uma foto com Domingos Brasão, suspeito de ser um dos mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Gomes, ocorrido em 2018.

Devido à repercussão de publicações com o tema, a informação foi checada pelas agências “Lupa”, “Aos fatos” e “Estadão Verifica”⁴³, e verificada como uma narrativa desinformativa, já que consta, na publicação do perfil @acordabrasil_2024, uma imagem *fake* com uma montagem feita por recursos de edição, para associar o presidente Lula ao suspeito pelo crime de assassinato contra a vereadora Marielle.

Geralmente, os textos desinformativos publicados nas plataformas digitais apresentam recursos de edição com a presença ou não de Inteligência Artificial (IA), pois essas publicações reúnem, por exemplo, recortes de notícias descontextualizadas e imagens editadas para enviesar sentidos. Sublinhamos ainda que, mesmo em edições “simples” ou aparentemente “ruins”, o efeito desinformativo pode ser significativo, pois atinge interlocutores de diversas camadas sociais distintas nas plataformas, os quais participam de bolhas sociais e tendem a crer,

⁴³ É montagem foto de Lula ao lado de Domingos Brasão. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/01/30/e-montagem-foto-de-lula-ao-lado-de-domingos-brazao>. Acesso em: 01 fev. 24.

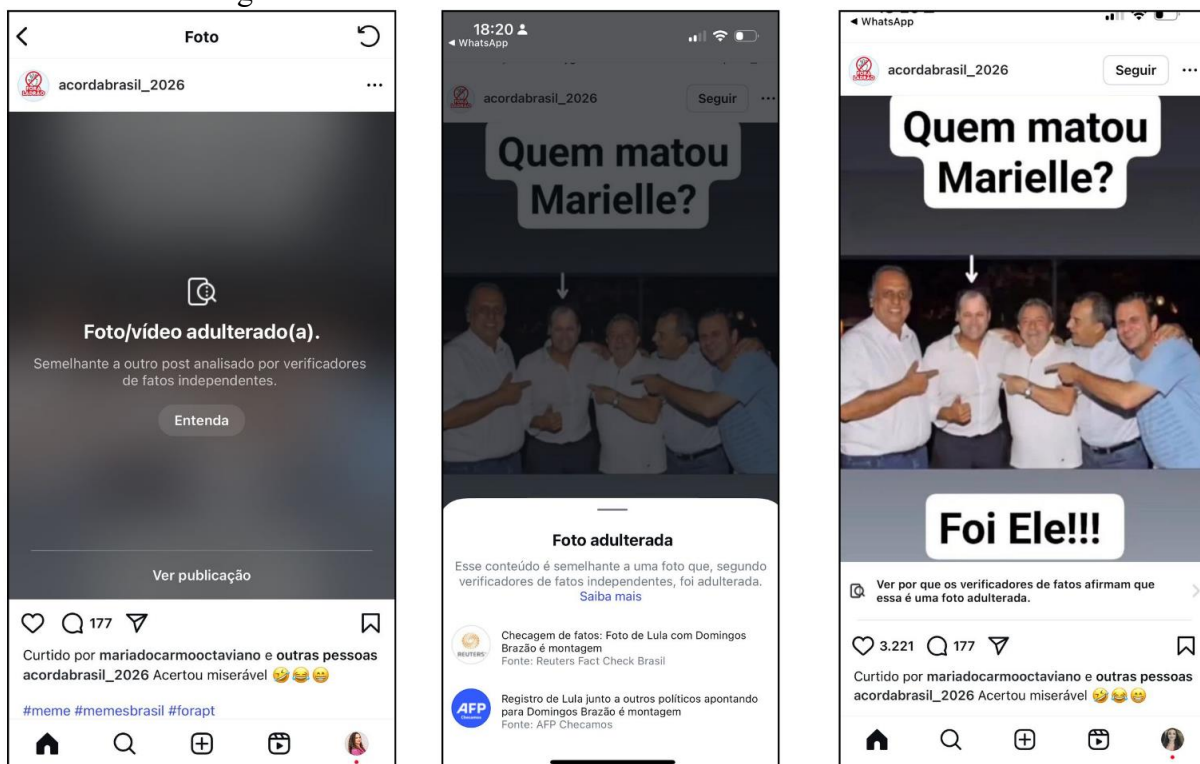
É montagem foto que Lula aparece ao lado de Domingos Brasão. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/montagem-lula-domingos-brazao/>. Acesso em: 01 fev. 24.

Foto de Domingos Brasão ao lado de Lula é montagem. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/foto-domingos-brazao-lula-montagem/?srsltid=AfmBOornOXNz9Tf0nfQod62kZwxSxs0HJbMIRi9VnjS4beRIQX0eTttm>. Acesso em: 01 fev. 24

sem questionar, em informações que estejam de acordo com suas crenças e ideologias mesmo que o aspecto inverídico seja gritante.

Apresentamos, em seguida, os exemplos 18, 19 e 20 para discutir nossas hipóteses de trabalho.

Figura 26 – Exemplo 18, 19 e 20 – Sequência do post em que Lula aparece ao lado do criminoso Domingos Brazão



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C2v3UBytHub/?igsh=MTZkaDJ0cWsyOGw2bw==>.

De início, apresentamos o quadro enunciativo que, a partir das questões norteadoras e pré-definidas na proposta de Cavalcante, Brito e Martins (2024), comumente, adaptada em nossa tese, expõe dados relevantes. Em seguida, passamos para a interpretação analítica dessas informações dos exemplos.

Quadro 06 – Quadro de análise do exemplo 18, 19 e 20

Questões norteadoras	Respostas
Qual o contexto sócio- histórico e cultural do texto?	<i>Insere-se no contexto de investigações do assassinato da vereadora Marielle e seu motorista Anderson Gomes.</i>
Quem é o locutor/ enunciador impostor?	<i>Perfil @acordabrasil_2024 (atualizado para @acordabrasil 2026)</i>
Quem é projetado como interlocutor/ manipulados e possíveis terceiros?	<i>Seguidores do perfil e apoiadores de Jair Bolsonaro.</i>

Com que <i>possíveis</i> propósitos o locutor/ enunciador manipula seus interlocutores/ possíveis terceiros?	<i>Associar a imagem do suspeito Domingos Brasão ao presidente Lula para “confirmar” uma identidade de “ladrão” do político.</i>
De que gênero e ecossistema (ambiente) o texto participa e por qual suporte é acessado?	<i>O gênero é postagem de Instagram, o ecossistema e o Instagram, o qual é comum em smartphones, tablets e computadores.</i>
Como se formam as redes referenciais no texto desinformativo?	<i>Os referentes Domingos Brasão, Lula, assassinato e Marielle se interconectam numa rede referencial. Esses referentes sofrem recategorizações como “Foi ele”. O “apontamento” também enfatiza a construção de sentidos enviesadas, já que os atores sociais envolvidos aparecem sorrindo ou até supostamente zombando do crime.</i>
Que estratégias de manipulação se evidenciam?	<i>As estratégias de dramatização (culpado) e de exaltação de valores se sobressaem com a inclusão do valor da honestidade. A figura de Lula é associada ao criminoso Domingos Brasão. As pistas multimodais do perfil @acordabrasil_2026 dão ênfase ao nacionalismo com os emojis 🇧🇷 e da bandeira brasileira.</i>
Que efeitos de sentidos os gestos tecnolinguageiros causam no jogo manipulatório?	<i>Destacamos alguns gestos tecnolinguageiros, como a legenda com emoji “Acertou miserável 😂😂😂” e as hashtags #memes, #memesBrasil, #forapt, #foral, #lulaladraoseulugarenaprisão; #lulabandido e #lulagenocida. Como efeitos de sentidos, podemos apontar o sarcasmo, a ironia e o tom humorístico mesmo diante de um fato tão brutal. Nas informações do perfil, o emoji também ganha destaque e o link para a conta no thread. Por fim, destacamos como gestos os botões relacionados à verificação de informações, com destaque para sinal de atenção e legenda em tom vermelho “Ver por que os verificadores de fatos afirmam que essa é uma foto adulterada”.</i>
Que crenças e pós-verdades estão envolvidas na interação?	<i>Supomos que uma das crenças envolvidas é a imagem de “Ladrão” associada ao presidente Lula e sua suposta ligação com outros criminosos como sugere o texto desinformativo.</i>

Fonte: elaboração própria com base no quadro enunciativo de Cavalcante, Brito e Martins (2024).

Para iniciar a interpretação analítica desse exemplo, destacamos, como se observa na sequência de *prints* compilados, que os gestos tecnolinguageiros se sobressaem, pois o ecossistema *Instagram*, a partir de suas funcionalidades e botões, informa aos usuários que se trata de uma foto/vídeo adulterado(a), semelhante a outras publicações analisadas pela plataforma e comunica que foi checada por verificadoras de fatos independentes. Trata-se aqui das agências checadoras. Um de nossos objetivos é justamente identificar os efeitos de sentidos desses gestos, os quais já antecipamos algumas explicações.

No exemplo 14, como podemos observar, esse recurso “convida” o interlocutor e o induz a interagir com essa informação ao direcionar dois *botões*: “entenda” e, mais abaixo, na parte central da postagem, “ver publicação”, influenciando-o a *clicar* em uma das funcionalidades disponíveis. Logicamente, movidos pela curiosidade, a maioria dos seguidores e não seguidores interage com a publicação clicando nesses botões, os quais são intrínsecos ao ambiente digital (Paveau, 2021), compondo sua arquitetura, e não teriam a mesma função em um espaço de interação off-line e pré-digital.

Para discutir sobre os efeitos dos gestos, após abrir a publicação, deparamo-nos com a imagem de Domingos Brasão abraçado por Lula e demais políticos com a legenda “Quem matou Marielle?” “Foi ele!!!”, além de uma seta apontada para a imagem de Domingos potencializando a relação entre eles. Então, apesar de haver o botão “Entenda” informando o teor desinformativo, a publicação permanece disponível para acessá-la pelo botão “Ver publicação”. Assim, o que se vê é que a plataforma *Instagram* não possui ferramentas para filtrar todos os conteúdos falsos e deixá-los em livre circulação. Contabilizamos, no intervalo de coleta dos dados, nessa postagem, pelo menos 3221 curtidas e 179 comentários, dos quais recortamos seis exemplários para analisar os efeitos de sentidos.

Antes de continuar a análise dos gestos tecnolinguageiros, retomamos os passos analíticos partindo da observância do circuito comunicativo no quadro de análise do texto (Cavalcante, Brito e Martins, 2024; Brito, Martins, 2025). O texto desinformativos insere-se, como mencionamos anteriormente, no contexto de investigações do assassinato da vereadora Marielle e seu motorista Anderson Gomes. O locutor/enunciador **impostor** é identificado pelo pseudônimo e pelo nome de usuário *@acordabrasil_2024* (atualizado para *@acordabrasil_2026*). Como nome do perfil, identificamos a frase “Time Bolsonaro 2026” e emojis da bandeira brasileira. Enfatizamos que a compreensão sobre a categoria impostor advém de Charaudeau (2022), o qual afirma que o impostor é aquele que simula e dissimula papéis, ao mesmo tempo, para forjar sentidos. Os interlocutores e possíveis terceiros que podem ser manipulados pelo conteúdo falso são os seguidores do perfil (52,2 mil) e apoiadores de Jair Bolsonaro, bem como quaisquer usuários que possuam conta no ecossistema *Instagram* e que se deparem com o conteúdo. Esses interlocutores podem ser, em sua maioria, aleatórios.

Acerca do ecossistema, o texto desinformativo está no ambiente digital *Instagram*, que permite, por exemplo, publicar fotos (*post* estático) e vídeos (*reels*) com adição de músicas e legendas. É possível ainda publicar *stories* e interagir por meio de comentários nas publicações do perfil e de outras contas públicas e por meio do *direct* ao comentar *stories*, além

de outras funcionalidades. Consideramos denominar como gênero postagem de *Instagram* ou publicação de *Instagram*, tendo em vista que não há na literatura um consenso acerca desses gêneros tão emergentes e dos modos de interagir mediante gêneros nas plataformas digitais⁴⁴. A natureza bakhtiniana dos gêneros permite uma relativa instabilidade, os quais podem se atualizar para atender a funções sociais específicas da comunicação digital. Em relação ao suporte, assim como os demais exemplos, o *Instagram* pode ser acessado ao baixar o aplicativo em dispositivos IOS e Android, em celulares e tablets. Ele também pode ser acessado facilmente por um computador com internet, mas os recursos se tornam mais limitados nesse dispositivo.

Ao pensar no objetivo e propósito comunicativo, defendemos que há uma tentativa de associar a imagem do presidente Lula ao acusado de assassinar Marielle, Domingos Brasão, para “confirmar” uma identidade de “ladrão” e “criminoso” do atual presidente. Isso pode ser considerado um dos objetivos do interlocutor na tentativa de manipular seus interlocutores e possíveis terceiros na interação. Ademais, não descartamos a possibilidade de o locutor/enunciador também ser parte dessa manobra manipulatória, pois, no jogo manipulatório, esse locutor é um replicador dessa desinformação. Ou seja, antes de se comportar como locutor/enunciador impostor, foi manipulado por essa desinformação.

Após esse panorama para compreender o circuito comunicativo e os interlocutores envolvidos no exemplo, analisamos a construção dos referentes e as múltiplas conexões envolvidas para a construção das redes referenciais (Matos, 2018). A referenciação, nesta tese, é um dos critérios mais importantes para explicar as estratégias de manipulação nos textos desinformativos. Na postagem, consideramos que os referentes *Domingos Brasão* e *Lula* são introduzidos pela imagem. Ambos aparecem lado a lado juntos a outros políticos. As expressões faciais de felicidades, ao apontar para a suposta presença de Domingos Brasão, revelam um grau de intimidade entre esses indivíduos. O ato de apontar do referente *Lula* e demais políticos também é relevante para análise referencial, pois funciona como um gesto dêitico, que evidencia uma **centralidade** do político apontado e enfatiza a construção de sentidos enviesadas, já que os atores sociais envolvidos aparecem sorrindo ou até mesmo zombando do crime. Os referentes em destaque se conectam diretamente ao referente *Marielle*, introduzido

⁴⁴ Conforme Cavalcante (2021), às vezes, o caminho mais seguro seria “dar nome e sobrenome”, assim teríamos o gênero *postagem/post de Instagram*, relegando ao ecossistema uma característica para identificar o gênero envolvido. O texto desinformativo com a junção de legenda e imagem fabricada constitui um texto publicado no Instagram, o qual denominamos como **post ou postagem de [rede social]**. Compreendemos que não há consenso acerca da denominação. Para justificar esse posicionamento, recorremos à dissertação de Gregol (2020), sob a ótica de uma dimensão social e verbo-visual, caracteriza o gênero “post de rede social” observando o tema, a composição e o estilo. Todavia, não adentraremos o campo dos estudos dos gêneros, visto que isso não faz parte dos objetivos desse trabalho.

pela expressão referencial “Marielle”, e ao referente *morte*, o que confere ao texto desinformativo um tom dramático. As expressões e os gestos dos políticos revelam ainda outros sentidos, como a alegria e a satisfação desses indivíduos. Esses elementos ofertam ainda à análise um contexto totalmente distinto da foto original, pois se trata de um reenquadramento desinformativo para parecer o que não é.

Consideramos pertinente ainda, para o conjunto da análise, investigar o perfil @acordabrasil_2026, cuja construção enunciativa releva indícios de posicionamento político. Observa-se que o usuário alterou o nome da conta para incluir a menção às eleições presidenciais de 2026: o nome de exibição foi modificado para Time Bolsonaro 2026, e o identificador da conta (@) passou a incorporar a mesma referência temporal. Tal alteração sugere uma vinculação ideológica e um esforço de engajamento com pautas conservadoras no cenário eleitoral.

A legenda da publicação introduz os referentes *acertou e miserável*⁴⁵, cujos sentidos são acionados intertextualmente, por meio da alusão a um meme⁴⁶ amplamente difundido nas redes sociais. Esse meme utiliza a frase “acertou, miserável”, para sugerir, por exemplo, que a escolha do atual presidente foi errônea, já que ele seria amigo de Domingos Brasão. Essa postagem foi amplamente disseminada por perfis alinhados à extrema-direita, como parte de uma estratégia de desinformação que visa deslegitimar a figura de Marielle Franco e minimizar a gravidade de seu assassinato. Essa referência reforça o tom irônico e evidencia o uso de uma estratégia que busca converter o episódio da execução da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes em objeto de zombaria ou descrédito. Trata-se, portanto, de uma tentativa de produzir um efeito de “humor” que, na prática, banaliza a violência política e revela uma atitude de menosprezo frente à gravidade dos fatos.

A seguir, apresentamos breves comentários analíticos sobre o perfil mencionado, além do QR Code de acesso à publicação, que, até o momento, permanece disponível on-line.

⁴⁵ A expressão “acertou, miserável” é uma variação de um bordão popularizado por programas humorísticos brasileiros, como o “Show do Tom”, da Record TV, onde o personagem interpretado por Tom Cavalcante utilizava a frase em esquetes cômicos. No entanto, no contexto político, essa expressão foi ressignificada para zombar de vítimas de violência, especialmente quando associada a figuras públicas como Marielle Franco. A utilização desse meme exemplifica como elementos da cultura popular podem ser apropriados e distorcidos para fins de desinformação e ataque político. Ao empregar uma linguagem aparentemente humorística, os disseminadores do meme buscam suavizar o impacto da mensagem ofensiva, tornando-a mais palatável e viralizável nas redes sociais. É importante destacar que esse tipo de conteúdo não apenas desrespeita a memória de Marielle Franco e de outras vítimas de violência política, mas também contribui para a normalização do discurso de ódio e da desinformação no ambiente digital.

⁴⁶ Para uma análise mais aprofundada sobre a circulação e o impacto de memes desinformativos no Brasil, recomenda-se a leitura do artigo “Assombro, transgressão e falsificação na estética de combate bolsonarista: armas discursivas e produção visual na vitória da extrema-direita em 2018”, disponível na Revista Eco-Pós da UFRJ.

Figura 27 – Print do perfil público @acordabrasil_2026



Fonte: Instagram.

Para iniciar, destacamos a foto utilizada nessa conta com uma mão com quatro dedos e a expressão “Fora Ladrão”. Dessa forma, a pista imagética revela o referente Lula, e isso é sugerido pela imagem porque o atual presidente possui apenas quatro dedos na mão esquerda. A expressão “Fora Ladrão” se associa também ao atual presidente, já que os apoiadores de Bolsonaro se referem ao Lula como ex-presidiário e bandido. A *bio* do perfil apresenta algumas informações que descrevem o locutor enunciador impostor. Uma chamada para colaborar com o “trabalho” desenvolvido no perfil; uma chave pix (suprimimos porque se trata de um CPF) e uma frase “Não desistiremos do Brasil 🇧🇷” e emojis da bandeira brasileira.

Por fim, apresentamos a foto original que, na verdade, foi tirada em 2015. Conforme informações da agência Lupa e da Folha de S. Paulo, os indivíduos presentes na fotografia são respectivamente, da esquerda para direita, o ex-governador Luiz Fernando Pezão, o deputado federal Pedro Paulo (PSD-RJ), o presidente Lula, o ex-governador Sérgio Cabral e o prefeito do Rio Eduardo Paes (PSD).

Figura 28 – Foto original com presidente Lula e demais políticos



Fonte: Agência Lupa.

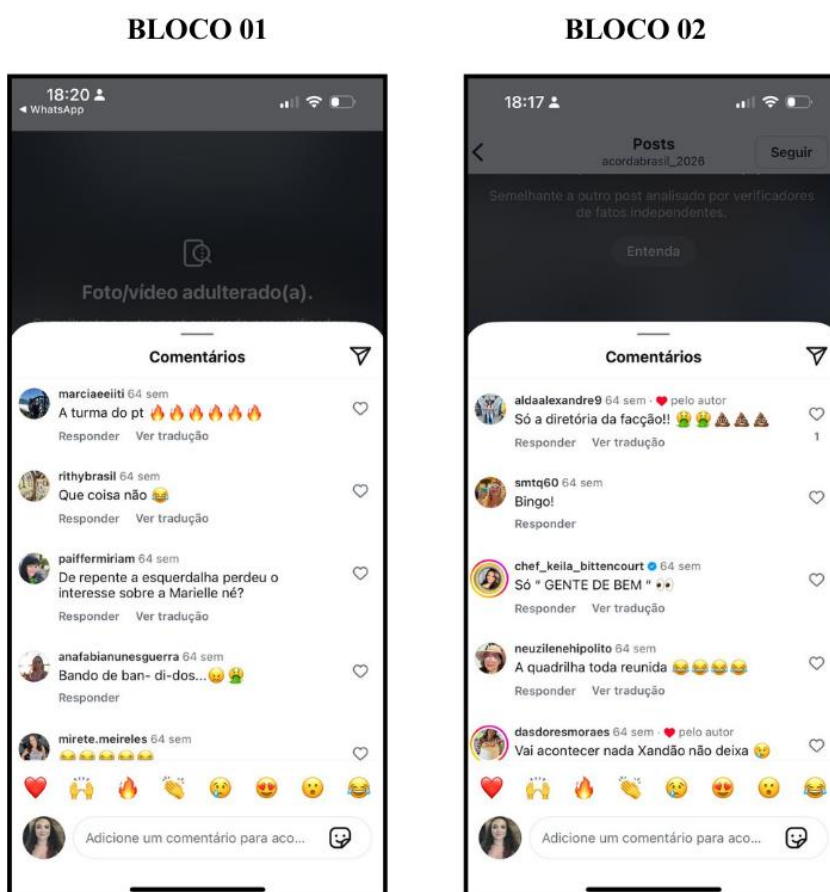
Assim, a montagem foi feita a partir da imagem do deputado federal Pedro Paulo, o qual possui uma certa centralidade na imagem em razão do gesto de apontar dos colegas políticos. Mesmo em posse da verificação das agências checadoras dos fatos, é possível, no exemplo 17, notar tons de pele diferentes entre a face, o pescoço e os braços, o que permitiria a olho nu perceber a montagem. No entanto, a desinformação encontra espaço ao trabalhar a comunicação emocional apelando a questões morais, e são imensuráveis os danos porque atinge diversas camadas sociais, as quais podem de fato acreditar no que está sendo publicado.

Por conseguinte, recortamos dois blocos de comentários de forma aleatória para retomar a discussão sobre os gestos tecnolinguageiros e seus efeitos de sentidos no caso 03.

Dentre os efeitos de sentidos, está o arrebanhamento ou não dos interlocutores potencialmente manipulados, que podem ser indiciados por gestos tecnolinguageiros, como os comentários.

Para didatizar, denominamos os blocos como bloco 01 e bloco 02.

Figura 29 – Exemplo 21 – Comentários da publicação sobre Lula e Domingos Brasília



Fonte: Instagram.

O bloco 01 possui quatro comentários:

- i) @marciaeeliti – “A turma do pt 🔥🔥🔥🔥🔥”;
- ii) @rithybrasill – “Que coisa não 😂”;
- iii) @paiffermiriam – “De repente a esquerdalha perdeu o interesse pela Marielle né?”;
- iv) @anafabianunesguerra – “Bando de ban-di-dos 🤔🤔”.

No bloco 02, destacamos os seguintes comentários:

- i) @aldaalexandre9 – “Só a diretoria da facção!! 🤔🤔”;
- ii) @smtq60 – “Bingo!”;
- iii) @chef_keila_bittencourt – “Só ‘GENTE DO BEM’ 🙄”;
- iv) @neuzilenehipolito – “A quadrilha toda reunida 😂😂😂😂”;
- v) @dasdoresmoraais – “Vai acontecer nada Xandão não deixa 😭”.

Os comentários, como estamos discutindo, em uma das constatações desta investigação, comprovam o engajamento dos interlocutores com a informação, pois os interlocutores não questionam a veracidade da postagem, tampouco observam as informações explicitamente indicadas pela plataforma sobre a presença de um conteúdo falso. O perfil @paiffermiriam se refere a “esquerdalha”, uma amálgama entre os termos esquerda e canalha, questionando a perda de interesse do movimento pelo crime contra a vereadora Marielle. No primeiro bloco, os quatro comentários indicam o arrebanhamento dos interlocutores e evidenciam a manipulação. Os emojis reforçam o tom sarcástico e irônico nos comentários. No segundo bloco, os cinco comentários são de interlocutores que creem ser verdade a mensagem transmitida no texto desinformativo, por exemplo, o comentário de @dasdoresmoraais que se refere ao Xandão, alcunha Alexandre de Moraes, Ministro do Supremo Tribunal Federal⁴⁷.

Destacamos outros gestos tecnolinguageiros, como emojis da legenda “Acertou miserável 🤔😂😁” e as hashtags #memes, #memesBrasil e #forapt. Como efeitos de sentidos, podemos apontar o sarcasmo, a ironia e tom humorístico mesmo diante de um fato tão brutal. Nas informações do perfil, como já discutido, os emojis também ganham destaque e o link para a conta no *Thread*. Por fim, enfatizamos como gestos tecnolinguageiros os **botões** relacionados à verificação de informações com destaque para sinal de atenção e legenda em tom vermelho “Ver por que os verificadores de fatos afirmam que essa é uma foto adulterada”, os quais

⁴⁷ Ressaltamos que não há como prever nos dados em que momento a plataforma inseriu os botões que indicam a presença de um conteúdo falso. O texto desinformativo foi publicado em 30 de janeiro de 2024. Então, é possível que o conteúdo tenha ficado disponível sem a presença desses botões.

permitem ampliar a interatividade, mas não interferem enfaticamente na propagação da narrativa desinformativa.

6.5 A construção do herói e do inimigo como reforço à descredibilidade nas instituições públicas na narrativa “Helicóptero da Havan resgata vítimas”

O quarto exemplo analisado se insere no contexto dos desastres ambientais do Rio Grande do Sul. Nos meses de abril e maio de 2024, essa região foi devastada por grandes enchentes que resultaram em uma tragédia sem precedentes. A situação mobilizou diversos órgãos públicos e sociais para ajudar as pessoas vítimas das fortes chuvas. Durante esse período, as plataformas digitais foram ferramentas para mobilizar a doação de donativos para a população que havia perdido tudo. Porém, na mesma proporção, essas redes foram invadidas por desinformação e por tentativas de golpes, além de uma enorme politização dos desastres ambientais, em que figuras públicas utilizaram erroneamente o engajamento relacionado ao tema para autopromoção e menosprezo pelos fatos.



Figura 30 – Exemplo 22 – “Helicóptero da Havan resgata vítimas de enchentes no Rio Grande do Sul”



Fonte: X.

Como parte das análises dos dados, apresentamos, de início, o quadro analítico que nos permite compreender o todo enunciativo da manipulação nos textos desinformativos.

Quadro 07– Quadro de análise do exemplo 22


Questões norteadoras	Respostas
Qual o contexto sócio-histórico e cultural do texto?	<i>Enchentes no Rio Grande do Sul em meados de 2024.</i>
Quem é o locutor/ enunciador impostor?	<i>Não é possível identificar o locutor porque foi apagado da publicação. Porém, trata-se de uma conta “verificada” , o que pode conferir “certa autoridade” ao usuário do perfil.</i>
Quem é projetado como interlocutor/ manipulados e possíveis terceiros?	<i>Os interlocutores a serem manipulados e possíveis terceiros são os seguidores do perfil no X e concordam com os posicionamentos, bem como aqueles que acessarem a conta de forma aleatória pelos filtros algorítmicos.</i>
Com que possíveis propósitos o locutor/ enunciador manipula seus interlocutores/ possíveis terceiros?	<i>Supomos que o propósito envolva valorização das empresas privadas (Havan) e a tentativa de desacreditizar a instituições públicas: “governo do LADRÃO”; “DESGOVERNO” ...</i>
De que gênero e ecossistema (ambiente) o texto participa e por qual suporte é acessado?	<i>É uma postagem X. Assim como nos demais exemplos, o ecossistema digital X pode ser acessado pelos smartphones, tablet e computadores com internet.</i>
Como se formam as redes referenciais no texto desinformativo?	<i>Há pelos menos dois conjuntos de referentes que formam duas redes referenciais que se opõem: i) grandes empresas, esforços, humanidade, logística; e ii) governo do LADRÃO, desgoverno, falta de ação. Essa postura potencializa o binarismo “Nós (corretos) x Eles (corruptos e imorais/amorais)”.</i>
Que estratégias de manipulação se evidenciam?	<i>Evidenciam-se as estratégias de manipulação por dramatização (salvador – Havan; culpado – governo do LADRÃO; desordem social – desamparo das vítimas das enchentes no RS); e por exaltação de valores (pátria e trabalho).</i>
Que efeitos de sentidos os gestos tecnolinguageiros causam no jogo manipulatório?	<i>O tecnogesto emoji  (pensativo) pode exprimir como efeito de sentido o tom irônico e sarcástico.</i>
Que crenças e pós-verdades estão envolvidas na interação?	<i>Envolve a crença de que as instituições governamentais não são dignas de credibilidade e reforça uma comparação na memória coletiva dos indivíduos que a iniciativa privada é melhor que o serviço público.</i>

Fonte: elaboração própria com base no quadro enunciativo de Cavalcante, Brito e Martins (2024).

A publicação coletada do ecossistema digital X foi amplamente compartilhada durante os desastres ambientais que acometeram o estado do Rio Grande do Sul. Dentre as postagens desinformativas, destacamos uma postagem no X, cujo tema era o resgate de vítimas

das enchentes realizado pelo helicóptero da empresa Havan, e foi verificada como uma desinformação pelas agências checadoras dos fatos, como Estadão Verifica, Uol Confere, Fato ou Fake e Agência Lupa⁴⁸. O texto desinformativo reúne uma legenda e uma imagem de um suposto helicóptero da Havan com a bandeira do Brasil em destaque, com pessoas sendo resgatadas amarradas a cordas. As agências detectaram a presença de uma imagem gerada por inteligência artificial. Como averiguou a agência Lupa, a própria empresa Havan, em nota, confirmou que a aeronave não pertencia à frota. Essa agência ainda submeteu a imagem a três testes com diferentes IAs (*Ia or Not*, *Hive Moderation* e *Hugging Face*), em que foi constatado que a imagem foi criada artificialmente⁴⁹. Outras notícias, como a Havan ter enviado mais aeronaves do que a Força Aérea Brasileira (FAB), viralizaram no mesmo período nas plataformas digitais.

Após a contextualização e a checagem das informações junto às agências, passamos para a análise do quadro enunciativo a partir das questões norteadoras apontadas pelo quadro metodológico de análise de textos por Cavalcante, Brito e Martins (2024).

Uma das questões é identificar o locutor/enunciador, o qual também estamos chamando de *impostor*, porque dissimula papéis e enviesa sentidos. Infelizmente, o @ que identifica o locutor foi apagado, o que não permite identificar o pseudônimo, porém é perceptível que se trata de uma conta com o símbolo de verificada , a qual pode ser vinculada a uma figura pública com autoridade ou a quaisquer usuários que paguem pela verificação. Essa ação se tornou possível com as mudanças nos termos de uso propostas pelo Elon Musk, atual proprietário do X (antigo *Twitter*). Supomos que, nessa postagem, os interlocutores a serem manipulados e terceiros observadores dessa publicação são seguidores e não seguidores opostos ao “governo do Ladrão”, expressão da legenda, bem como aqueles que acreditam no

⁴⁸ Imagem de helicóptero da Havan em resgate nas enchentes do Rio Grande do Sul é falsa. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/foto-helicoptero-havan-rio-grande-sul-ia/?srsltid=AfmBOOpHt9YLvPrr6Gnyu5NkvNQa-g-fnIUkSINObGAs0wAwB3V9-kOY>. Acesso em: 31 mai. 24.

Imagem de helicóptero da Havan resgatando pessoas foi feita por IA. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2024/05/15/e-falsa-foto-com-helicoptero-da-havan-no-rs-imagem-e-criacao-de-ia.htm>. Acesso em: 31 mai. 25.

É #FAKE imagem que mostra helicóptero da Havan resgatando pessoas em área alagada. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2024/05/14/e-fake-imagem-que-mostra-helicoptero-da-havan-resgatando-pessoas-em-area-alagada.ghtml>. Acesso em: 31 mai. 25.

É falsa a imagem viral que mostra helicóptero da Havan em resgate no RS. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/16/e-falsa-a-imagem-viral-que-mostra-helicoptero-da-havan-em-resgate-no-rs>. Acesso em: 31 mai. 25.

⁴⁹ A agência Lupa disponibilizou os resultados das análises, os quais podem ser verificados no link: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/16/e-falsa-a-imagem-viral-que-mostra-helicoptero-da-havan-em-resgate-no-rs>. Acesso em: 31 mai. 25.

papel das empresas privadas, como a Havan, nesse momento crítico. Vale salientar que o proprietário da Havan, Luciano Hang, era um dos apoiadores do governo Bolsonaro e fez fortes críticas ao atual presidente Lula e ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Denominamos como gênero postagem do *X*. Anteriormente, as postagens dessa plataforma eram denominadas como tuíte, pois faziam alusão ao nome anterior “*Twitter*”. Essa publicação se insere no ecossistema *X* e pode ser suportada por celulares, tablets e computadores com conexão on-line. Acerca do propósito dessa publicação, há uma tentativa de sobrepor o papel das empresas privadas (Havan) em detrimento do Governo, o que evoca uma forma de descredibilizar as instituições públicas: “governo do LADRÃO”; “DESGOVERNO”. A postagem destaca as ações da Havan em apoio às vítimas, enquanto o “desgoverno” estaria de braços cruzados para a situação.

Na segunda parte da análise, dedicamo-nos a demonstrar como os referentes são introduzidos e interconectados no texto, formando as redes referenciais. Destacamos referentes como *Grandes empresas, esforços, humanidade e logística*, os quais são introduzidos por expressões referenciais na legenda da publicação e revelam um tom dramático que pode ser percebido pelo referente *humanidade*. Para potencializar os sentidos, os referentes *Governo do Ladrão, momento “certo”*, aspeado pelo locutor em questão, estão em caixa alta. O referente *Governo* ainda sobre uma recategorização ao ser taxado pela informação *Desgoverno*. Esses objetos de discurso ancorados em expressões estabelecem conexões múltiplas com os referentes introduzidos, possivelmente, pelas pistas multimodais, como o referente *helicóptero, vítimas, resgate*.

Ao observar a disposição desses referentes, inferidos por diversas pistas contextuais e multimodais, flagramos a estratégia de manipulação por dramatização: os referentes *humanidade, grandes empresas (Havan) e esforços* reforçam a imagem de a empresa Havan ser a **salvadora**, em oposição aos referentes *governo do LADRÃO, momento “certo” de agir, DESGOVERNO*, os quais figuram como **culpados** envolvidos em uma **desordem social**, que é a suposta falta de ação das autoridades públicas à situação calamitosa vivida pelas vítimas das enchentes no RS. O objetivo é estabelecer a empresa Havan como aquela que está mais preocupada com o resgate dos desamparados do que as instituições governamentais, o que inscreve uma das características da desinformação apontadas por Recuero (2024), o descrédito nas instituições.

Além disso, destacamos o referente *Brasil/bandeira do Brasil* em ênfase no suposto helicóptero da Havan, o que evidencia a construção da estratégia de manipulação por exaltação

de valores com destaque para a **pátria**. Os referentes *esforços* e *logísticas* da Havan também inscrevem o valor do **trabalho** em oposição à inação dos poderes públicos frente ao problema.

Quanto à análise dos gestos tecnolinguageiros, limitamos nossa análise a alguns tecnogestos: o emoji 😏, o qual parece revelar um tom irônico e sarcástico ao afirmar que empresas como Havan estavam resgatando as vítimas das enchentes do RS, enquanto o Governo estava esperando o “momento certo” para agir. Outra pista tecnolinguageira são as visualizações, as quais permitem identificar os terceiros observadores. A publicação tem um total de 1648 visualizações.

Ressaltamos ainda o uso exacerbado do recurso de caixa alta para expressar informações, o qual pode ser interpretado como tom de voz elevado ou gritos. Essas pistas contextuais mais multimodais contribuem para distorcer os sentidos e manipular as informações. Infelizmente, não conseguimos ter acesso aos comentários desse exemplo para discutir o engajamento dos interlocutores.

Dessa forma, a partir do quadro analítico dos exemplos, constatamos, por critérios *textuais* com interface das estratégias de manipulação Charaudeau (2020) e gestos tecnolinguageiros de Paveau (2021), que a manipulação é uma prática discursiva que pode ser flagrada por categorias de análise da Linguística Textual, a qual pode fornecer explicações para os fenômenos textuais e sentidos negociados nas narrativas desinformativas do ambiente digital.

6.6 O pânico social e ameaça a valores como efeitos da agenda manipulatória na narrativa “Governo Lula autoriza aborto em qualquer época gestacional”

A narrativa desinformativa sobre o aborto é constantemente reciclada pelos grupos da extrema direita como uma “carta coringa” para desviar a atenção de pautas políticas, gerar comoção social e, sobretudo, para inscrever nos interlocutores uma ameaça a valores como a vida e a família. A instauração do medo é uma estratégia comum e tem como pretexto rememorar temas sensíveis que atingem diretamente a moral dos indivíduos (Charaudeau, 2022).

O *reel* de Instagram em análise apresenta uma configuração simples, com pouquíssimas informações, e se forma a partir da legenda “URGENTE 🚨...Governo Lula acaba de autorizar que precedimentos [sic] de **aborto** sejam realizados [sic] QUALQUER

TEMPO GESTACIONAL”. Ele foi publicado no perfil @sargentopradosm do Instagram, como podemos visualizar na captura de tela a seguir:

Figura 31 – Exemplo 23 - Governo Lula autoriza aborto em qualquer tempo gestacional



Fonte: <https://www.instagram.com/reel/C36tmlgt261/>.

Como parte dos passos analíticos, apresentamos, inicialmente, o quadro enunciativo-interacional, proposta para análise integral de textos das autoras Cavalcante, Brito e Martins (2024) e que foi adaptado aos nossos objetivos. O quadro apresenta uma síntese e antecipa algumas informações indispensáveis à construção dos sentidos dessas narrativas desinformativas e ainda norteia o processo analítico previsto na metodologia desse trabalho.

Quadro 08 – Quadro de análise do exemplo 23

Questões norteadoras	Respostas
Qual o contexto sócio-histórico e cultural do texto?	Veto do Ministério Público sobre a nota técnica a respeito do prazo máximo para garantia do aborto legal no Brasil
Quem é o locutor/ enunciador impostor?	@sargentopradosm e @dmuberlandia
Quem é projetado como interlocutor/ manipulados e possíveis terceiros?	Possíveis apoiadores do conservadorismo e da extrema direita

Com que <i>possíveis</i> propósitos o locutor/ enunciador manipula seus interlocutores/ possíveis terceiros?	O propósito, hipotetizamos, é levantar a bandeira de que o Governo Lula (ou o petismo) é a favor da prática de aborto indiscriminada em qualquer período gestacional.
De que gênero e ecossistema (ambiente) o texto participa e por qual suporte é acessado?	A mídia é a internet, assim como todos os exemplos. Denominamos como gênero postagem do ecossistema Instagram, o qual é suportado por tablets, smartphones e computadores.
Como se formam as redes referenciais no texto desinformativo?	Os referentes <i>Lula</i> e <i>aborto</i> são introduzidos por expressões referenciais e destacados na cor vermelha (petismo/ comunismo) e se conectam formando uma primeira rede referencial. O referente gestação pode ser considerado uma anáfora indireta ao ser ancorado no referente <i>aborto</i> . As pistas <i>autorizar</i> e <i>liberar</i> estabelecem uma relação de recategorização.
Que estratégias de manipulação se evidenciam?	Destaca-se a estratégia por dramatização porque há a intenção de criar uma desordem social (aborto indiscriminado) e um vilão (Governo Lula). O valor da família também é evidente a partir do movimento pró-vida e da repudia à suposta norma a favor do aborto.
Que efeitos de sentidos os gestos tecnolinguageiros causam no jogo manipulatório?	Emoji 🗡️ gera efeitos de sentidos como sensacionalismo e sensação de caos social. Os comentários comprovam a manipulação dos interlocutores, os quais são arrebanhados.
Que crenças e pós-verdades estão envolvidas na interação?	Crenças relacionados ao Governo Lula ser um destruidor da instituição família e favor do aborto sob quaisquer circunstâncias.

Fonte: elaboração própria com base no quadro enunciativo de Cavalcante, Brito e Martins (2024).

Em seguida, passamos para a interpretação aprofundada dessas informações para discutir a nossa primeira constatação⁵⁰.

O texto desinformativo foi publicado no dia 29 de fevereiro de 2024 no perfil @sargentopradosm em função colab⁵¹ com o perfil @dmuberlandia, o qual é identificado como o locutor/ enunciador impostor. Estamos chamando de impostor porque há uma dupla distorção de sentidos. Sabemos que, quando se trata de uma análise textual, os sentidos são forjados na interação entre os interlocutores (Cavalcante et al., 2020; 2022). Porém, o locutor, ao manipular os fatos, distorce os sentidos para enganar. Identificamos como características desse locutor a partir do pseudônimo, a patente de sargento, o que evidencia filiação a esse papel social de militar.

⁵⁰É importante salientar que as respostas às questões norteadoras da análise, discutidas a seguir, não seguem linearmente sequência disposta no quadro enunciativo-interacional.

⁵¹ A *colab* é um recurso do Instagram que permite aos usuários criarem postagens em parcerias com uma ou mais contas.

Apesar de ser um perfil público, optamos por não apresentar uma imagem da conta como parte dos dados porque há explicitamente a fotografia do usuário. Porém, o @sargentopradosm revela informações relevantes em sua bio, como ser 1º suplente do PL (Partido Liberal) de Uberlândia, cristão, conservador, pró-vida e armamentista, o que indicia certos valores sociais com os quais o locutor se relaciona e compactua socialmente. Os sentidos são potencializados com os emojis de igreja 🏛️, espadas ⚔️ e uma mãe com bebê no colo 🤱⁵². Isso permite confirmar que se trata de um locutor/ enunciador que apoia o conservadorismo, os movimentos pró-vida e a pauta armamentista, bem como é um defensor de valores cristãos, mesmo que pareça contraditório. Por sua vez, o perfil do Instagram desse locutor possui 13,2 mil seguidores, e esse *reel* possuía, até a coleta, 4197 impressões, sem quaisquer marcações da plataforma digital como uma desinformação, o que difere dos exemplos 18, 19, 20.

Assim como o caso 01, o locutor não esconde suas intenções e não dissimula outros papéis que não condizem com seus valores, mas distorce os fatos e apresenta-os recortados ideologicamente a partir das crenças que defende em suas redes sociais. Desse modo, defendemos que o locutor também é parte do circuito manipulatório porque fabrica, (re)produz e distribui a narrativa desinformativa como uma engrenagem, o que comprova um efeito cíclico na construção dos sentidos da manipulação.

Como parte dos critérios analíticos, constatamos que essa desinformação foi verificada pelas agências Lupa e Fato ou Fake⁵³, ou seja, foi checada por pelo menos duas agências. O tema aborto é um dos assuntos mais espinhosos quando se trata de discussões político- ideológico-partidárias. As leis que regem a permissão ao aborto são de 1940, e o aborto é permitido em dois casos: risco de vida à gestante e gravidez oriunda de estupro. Em 2012, foi acrescentado pelo Supremo Tribunal Federal que não seria considerado crime fazer aborto quando for constatada anencefalia, ou seja, quando o cérebro do feto apresenta má formação.⁵⁴

Já no governo Bolsonaro, foi adicionada uma nota técnica que estabelecia um prazo máximo para interrupção dos casos previstos em lei: 21 semanas e 6 dias de gestação. Ou seja,

⁵² @sargentopradosm. Disponível em: <https://www.instagram.com/sargentopradosm?igsh=MXEyZmFwaHluMTczdG==>. Acesso em: 30 out. 24.

⁵³ É falso que Lula ‘liberou’ o aborto em qualquer tempo gestacional no Brasil. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/03/01/e-falso-que-lula-liberou-o-aborto-em-qualquer-tempo-gestacional-no-brasil>. Acesso em: 30 out. 24.

É #FAKE que governo Lula tenha legalizado o aborto no Brasil com até 9 meses de gravidez. Disponível: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2024/03/02/e-fake-que-governo-lula-tenha-legalizado-o-aborto-no-brasil-com-ate-9-meses-de-gravidez.ghtml>. Acesso: 30 out. 24.

⁵⁴ Mês da Mulher: há onze anos, STF descriminalizou a interrupção da gravidez de fetos anencefálos. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=503580&ori=1>. Acesso em: 30 jun. 25.

jovens estupradas com 22 semanas de gestação, por exemplo, não teriam seus direitos garantidos por lei. Em fevereiro de 2024, dia 29, o Ministério Público vetou a nota técnica estabelecida pelo governo bolsonarista, mas não modificou os casos permitidos em lei desde 1940. No entanto, essa contextualização é praticamente apagada para fabricar a desinformação.

Dessa forma, na postagem do Instagram em análise, não há quaisquer referências que se trata dos casos previstos em lei (estupro e risco de vida da gestante). Há, então, um reenquadramento de sentidos para parecer que o Governo Lula defende a prática de aborto em quaisquer circunstâncias, o que não é verdade⁵⁵. Assim como os casos anteriores, circularam principalmente como postagens do Instagram publicações a respeito desse assunto. O *post* analisado não apresenta um engajamento significativo, mas podemos visualizar 128 curtidas, 41 comentários e 18 compartilhamentos, o que evidencia que diversos usuários interagiram com conteúdo falseado.

Vale acrescentar a essa discussão que, embora seja comum, por exemplo, interagir com postagens de interesse ou de acordo com crenças e valores defendidas pelos usuários, não há como garantir que todos os interlocutores que curtiram o *post* são manipulados ou complacentes com o fato. É possível que os interlocutores curtam ou compartilhem a postagem para receber mais informações acerca do tema ou até para estabelecer interações em outros ecossistemas digitais (*direct*, outras redes sociais).

Identificamos como interlocutores e terceiros projetados os próprios seguidores da conta, os apoiadores da direita conservadores e os evangélicos, bem como das bandeiras armamentista e pró-vida, além de outros seguidores que, por razões algorítmicas, se depararam com o conteúdo. Além disso, a postagem feita em *colab* com outra conta do Instagram permite que os seguidores da conta parceira acessem a publicação e participem desse auditório digital.

Como propósitos, supomos que essa narrativa desinformativa construí uma imagem negativa a respeito do Governo Lula a partir da enviesamento de fatos, os quais, recortados do contexto, se transformam em desinformação. Ao relacionar Lula ao aborto, reforça-se a imagem social de que o presidente é a favor da morte de fetos em qualquer período gestacional, constantemente explorada pela extrema direita. Essa discussão nos permite constatar que essas narrativas desinformativas são recicladas no ambiente digital como forma de rememorar os interlocutores a respeito desses temas mais espinhosos. Como efeitos dessa estratégia

⁵⁵ O conceito de enquadramento cognitivo é utilizado por Breton (1999), citado nesta tese. No entanto, optamos por não abordar essa noção tal como faz o estudioso porque, para a Linguística Textual, não se trata apenas de relações cognitivas, provenientes das conexões mentais. Há um investimento maior que considera toda a dimensão sociocognitiva e discursiva da interação.

desinformativa, apontamos, por exemplo, a influência da opinião pública e a queda de popularidade do governo.

Quanto ao gênero, assim como no caso 01, definimos como gênero *reels*, porque, há certas regularidades em sua composição e estilo. No Instagram, por exemplo, um reel tem a duração mínima de 15 segundos e máxima de 3 minutos. É possível adicionar vídeos pré-gravados, imagens, legendas e trechos de músicas. O ecossistema é o Instagram, uma das plataformas digitais que já estamos analisando nesta tese.

A respeito das regularidades, observamos que a narrativa desinformativa se constitui a partir dos seguintes elementos:

- fundo preto e legenda URGENTE junto ao emoji 🚨;
- legenda “Governo **Lula** acaba de autorizar que precedimentos [sic] de **aborto** sejam realizados QUALQUER TEMPO GESTACIONAL”⁵⁶.

Uma das características da narrativa desinformativa, apontada por Recuero (2024), é a presença de legendas alarmantes como é o caso da combinação entre letras maiúsculas e emoji na legenda “URGENTE 🚨” (Recuero, 2024)⁵⁷. Essa estratégia instaura desespero e pânico moral nos usuários, reforçando o sensacionalismo em conteúdos que geram apelo à emoção dos interlocutores e mobiliza-os a compartilhar a postagem.

Depois de explicar como se comporta o locutor/enunciador principal/impostor e os interlocutores e terceiros projetados, bem como apontar o gênero, o ecossistema, o propósito comunicativo e as possíveis regularidades, analisamos a construção dos objetos de discursos

⁵⁶ Consideramos citar em nota de rodapé a legenda completa do *reel*:

GOVERNO LULA LIBERA ABORTO EM QUALQUER TEMPO GESTACIONAL PARA CASOS PREVISTOS EM LEI

Nota técnica do Ministério da Saúde estende para qualquer período da gravidez o assassinato intrauterino de bebês e define aborto como "direito" da mulher. Uma nota técnica publicada pelo Ministério da Saúde nesta quarta-feira (28) estende a permissão do assassinato de crianças no ventre das mães em qualquer idade gestacional. Até então, o aborto em casos previstos por lei era excluído de punibilidade até a 23ª semana de gestação, de acordo com uma nota técnica conjunta (Nota Técnica Nº 44/2022) que foi revogada. Agora, o homicídio intrauterino poderá ser cometido em qualquer período da gravidez. Segundo a Nota Técnica Conjunta Nº 2/2024 – emitida pelo Ministério da Saúde, a Secretaria de Atenção Primária à Saúde e a Secretaria de Atenção Especializada à Saúde –, em seu item 3.8, “se o legislador brasileiro, ao permitir o aborto nas hipóteses descritas no artigo 128, não impôs qualquer limite temporal para a sua realização, não cabe aos serviços de saúde limitar a interpretação desse direito, especialmente quando a própria literatura/ciência internacional não estabelece limite”. Utilizando chavões ideológicos para encobrir a hediondez do crime chamando-o de “direito”, a nota diz ainda que “em razão disso, aos serviços de saúde incumbe o dever de garantir esse direito de forma segura, íntegra e digna oferecendo devido cuidado às pessoas que buscam o acesso a esses serviços, sem imposição de qualquer limitação e/ou discriminação, senão as impostas pela Constituição, pela lei, por decisões judiciais e orientações científicas internacionalmente reconhecidas.

⁵⁷ Conforme Recuero (2024, p. 58), “o tom emocional da desinformação tem um papel fundamental no estímulo ao posicionamento baseado em emoção, e não em um pensamento racional [...]”

em redes como evidências de estratégias da manipulação e os efeitos de sentidos dos gestos tecnolinguageiros.

São múltiplas as pistas contextuais e multimodais para a constituição da rede referencial e, conseqüentemente, para evidenciar as estratégias de manipulação. Nessa narrativa desinformativa, o jogo com cores é recurso muito utilizado. Observamos que os referentes *Governo Lula* e *aborto*, introduzidos por expressões referenciais, ganham destaque para o leitor na construção dos sentidos, porque estão grafados diferenciadamente: **Lula** e **aborto**. Essa distinção marca posicionamentos argumentativos do locutor, como a cor vermelha que figura como uma representação tanto do Partido dos Trabalhadores, do comunismo, como da morte. Há, então, uma relação de equivalência entres esses referentes, o que pode se dá pelo processo de recategorização.

Chamamos atenção para o referente *urgente* ou *assunto alarmante*, inferido pela expressão referencial “URGENTE 🚨”. Esse recurso é constantemente acionado nas publicações para chamar atenção do interlocutor para o tema. Não se trata, portanto, de um recurso particular das narrativas desinformativas. O referente *Urgente* reforça que se trata de uma situação ameaçadora e que requer total atenção. O emoji 🚨, como parte da expressão referencial, potencializa esses sentidos no texto. O referente *tempo gestacional* funciona como uma anáfora indireta do referente *aborto*, evidenciando que o Governo Lula permitiria a prática de aborto a qualquer momento da gestação. Essas informações são confirmadas pelos referentes *autorizar* e *sejam liberados*. Acrescentamos ainda à construção referencial, o recurso auditivo “Shelby”, utilizado nesse *reel*, que constrói um efeito de suspense.

Assim, os referentes destacados nessa rede referencial, ao estabelecerem interconexões múltiplas, indiciam aspectos da estratégia de manipulação por dramatização ao instaurar a desordem social (aborto indiscriminado) e um vilão (Governo Lula). A estratégia por exaltação de valores como a **família** também se evidencia a partir do movimento pró-vida e a repudia à suposta norma a favor do aborto desregrado.

Ressaltamos, por fim, que a nossa hipótese de que o modo como os referentes são (re)construídos e articulados na rede referencial inscreve as estratégias de manipulação mostrou-se confirmada pelas análises que realizamos. Embora seja legítimo propor novas estratégias interpretativas, foi possível observar que as narrativas desinformativas tendem, em grande parte, a reconfigurar estratégias manipuladoras já previstas por Charaudeau (2020), as quais são atualizadas no ambiente digital sob uma nova roupagem tecnodiscursiva. Nessa reconfiguração, o locutor/enunciador impostor adota posturas discursivas que exploram a

ambiguidade referencial e operam efeitos de sentidos capazes de mobilizar emocional e cognitivamente os interlocutores. Entre esses efeitos, destaca-se o arrebanhamento dos destinatários, cuja adesão, ou rejeição, pode ser indiciada por gestos tecnolinguageiros, como os comentários, as curtidas ou os compartilhamentos, constituindo indícios da eficácia ou do fracasso da estratégia manipuladora.

Como hipótese desta pesquisa, defendemos que os gestos tecnolinguageiros, comentários, reações e outras formas de engajamento digital, podem inscrever comportamento de rebanho entre interlocutores possivelmente manipulados que interagem com as postagens analisadas. A partir da Figura 32, que traz comentários coletados no reel com a legenda sensacionalista “Governo Lula autoriza aborto em qualquer tempo gestacional”, organizamos dois blocos para fins de didatização da análise. O conteúdo dessa postagem, de forte apelo emocional e valorativo, aciona representações socialmente cristalizadas e mobiliza crenças conservadoras que favorecem a adesão sem verificação de veracidade.

Como parte das hipóteses, defendemos que os gestos tecnolinguageiros podem inscreve o comportamento de rebanho entre os interlocutores possivelmente manipulados que interagem com as publicações analisadas. É o que vamos discutir a partir dos comentários coletados a partir do exemplo 23.

Figura 32 – Exemplo 24 – Comentários do exemplo 23



Fonte: X.

Selecionamos dois conjuntos de comentários de forma aleatória, considerando que há 41 comentários até o momento da coleta dos dados. Vale salientar que esses interlocutores, cristãos e seguidores dos valores conservadores, provavelmente, não se veem como indivíduos de um rebanho manipulado, porque essas postagens dialogam com suas crenças mais íntimas. Então, o nosso objetivo pretendido é apontar os efeitos de sentidos de gestos tecnolinguageiros com base em alguns posicionamentos desses usuários que se colocam como enunciadores ao tecer comentários públicos.

Para didatizar o processo analítico, dividimos os comentários em dois blocos. O bloco 01 apresenta os seguintes comentários:

- i) @jaqueline_h_s – “A PTezada tudo dizendo que é fake que os “cidadãos” de bem, querem desestruturar o themonio de 9 dedos”;
- ii) @t.thayanne.souza – “Essa notícia e falsa, gente vamos procurar a nos informar”;

iii) @giovaninijuliana – Que tragédia.

No bloco 01, dos três comentários selecionados, apenas um, o de @t.thayanne.souza, questiona a veracidade da postagem e propõe a busca por fontes confiáveis, demonstrando resistência à manipulação. Os demais operam como indícios do efeito de manipulação: @jaqueline_h_s, por exemplo, utiliza uma linguagem ofensiva disfarçada (“themonio de 9 dedos”), buscando burlar algoritmos e regras da plataforma, ao mesmo tempo em que reafirma sua posição ideológica. Essa é uma prática comum principalmente quando se trata de comentários ofensivos nas redes sociais (Fernandes, 2024). Já @giovaninijuliana reage com uma simples avaliação emocional, “Que tragédia”, sem qualquer problematização da fonte ou do conteúdo, reforçando o potencial de arrebanhamento do enunciado.

No bloco 02, os comentários se intensificam na dramatização e na religiosidade:

- i) @fonojussaranunes – “Assassino. É isso que ele é”;
- ii) @divino.andre – “E essa tendência ab0rt1sta do Lule foi proibida de ser divulgada durante as eleições”;
- iii) @jaqueline_h_s– “Pela vossa dolorosa paixão tende misericórdia de nós senhor. 🙏❤️😭”.

No bloco 02, os comentários se intensificam na dramatização e na religiosidade. A recategorização de Lula como “assassino” (@fonojussaranunes) e como defensor do “aborto em qualquer tempo” evidencia a inscrição de estratégias de manipulação já previstas por Charaudeau (2020), aqui revestidas por um ethos indignado e moralista. O comentário de @jaqueline_h_s, reincidente nos dois blocos, recorre à oração e ao uso expressivo de emojis (🙏❤️😭), gestos tecnolinguageiros que performam o sofrimento e a resistência simbólica ao conteúdo da suposta notícia, acionando um *pathos* religioso e afetivo que opera como suporte à manipulação.

Esses comentários revelam não apenas uma adesão acrítica à desinformação, mas também a ativação de uma rede referencial marcada por valores religiosos, ideológicos e morais que reforçam a narrativa manipuladora. Revelam ainda uma relação entre o tema aborto e o posicionamento de pessoas religiosas. Como podemos constatar, alguns recorrem a orações ou clamam por uma interseção divina para parar as ações abortistas. Isso se relaciona a outras desinformações já compartilhadas, como a que Lula fecharia igrejas, boato propagado principalmente dentro dos próprios templos evangélicos.

São indícios de como o ambiente digital favorece a construção de bolhas de confirmação, nas quais os interlocutores não se reconhecem como manipulados, mas como

partícipes da verdade que “precisa ser dita”. Ao performar publicamente sua indignação, esses enunciadores reforçam, reproduzem e ressignificam a desinformação, contribuindo para a sua circulação.

Como parte das interpretações das análises, apresentamos um quadro que sintetiza, de forma clara e sistematizada, as regularidades identificadas nas análises dos casos de desinformação e seus efeitos de sentido para uma agenda manipulatória.

Tabela 02 – Regularidades nas análises e seus efeitos de sentidos

Regularidade observada	Efeito de sentidos e funcionamento na desinformação
Uso de recursos audiovisuais (vídeo, imagem, montagem)	Reforço da verossimilhança e da emoção; contribui para dar aparência de “prova” verídica.
Recortes e edições dos conteúdos (com ou sem uso de IA)	Supressão de partes do conteúdo original para alterar o sentido e induzir a uma interpretação enviesada.
Elementos multissemióticos (símbolos, emojis, trilha sonora, fontes)	Produção de sentidos reforçados visualmente ou auditivamente; estímulo ao engajamento e impacto emocional.
Construção de polarização identitária	Marcação de fronteiras discursivas entre “nós” e “eles”; reforço de estereótipos e desqualificação do adversário.
Dramatização e ameaça/exaltação de valores (honestidade, pátria, trabalho e família)	Pertencimento identitário, binarismo político e comportamento de rebanho.

Fonte: elaboração própria.

Observamos que, apesar das diferenças temáticas entre os episódios analisados, há uma recorrência de estratégias textuais e multissemióticas que operam na construção dos efeitos de sentidos manipuladores. O uso de recursos audiovisuais, os recortes e as montagens, muitas vezes com potencial de adulteração dos fatos, bem como a ativação de identidades políticas por meio de símbolos e ícones reconhecíveis (como bandeiras, cores, hashtags e perfis marcadamente ideológicos) demonstram que os textos desinformativos seguem uma lógica de produção orientada pela eficiência comunicativa e pela adesão emocional do público-alvo. A visualização dessas regularidades, dispostas de maneira comparativa, não apenas confirma as nossas hipóteses, como também reforça a pertinência da nossa proposta teórico-metodológica

adotada, permitindo que o leitor compreenda como se estrutura a tessitura manipuladora dos textos desinformativos na esfera digital.

Após as discussões das análises, passamos para as conclusões da tese.

7 CONCLUSÕES E NOVOS CAMINHOS

“A Linguística Textual se ocupa em descrever e explicar as estratégias de colocar em texto (isto é, textualizar) os propósitos dos interlocutores que agem em práticas discursivas [...]” (Cavalcante, 2016, p. 118).

Esta tese fornece uma interrelação relevante entre a textualidade digital, as estratégias de manipulação, a desinformação e a tecnodiscursividade. Desse modo, o objetivo principal desta pesquisa foi investigar como os parâmetros textuais podem flagrar as estratégias de manipulação em narrativas desinformativas para consolidar um posicionamento teórico sob a ótica da Linguística Textual, doravante LT, a respeito desses fenômenos.

Defendemos, então, que a LT, com base em suas categorias analíticas, oferece instrumentos teórico-metodológicos robustos para compreender como os fenômenos da manipulação e da desinformação se textualizam nas práticas digitais. Por meio da descrição do quadro enunciativo-interacional, da análise das redes referenciais e da identificação de regularidades nos textos desinformativos, é possível mapear as estratégias de manipulação empreendidas por enunciadores que assumem o papel de impostores. Além disso, os efeitos de sentidos produzidos pelos gestos tecnolinguageiros, como curtidas, comentários, emojis e compartilhamentos, evidenciam os modos de adesão e circulação das narrativas desinformativas, revelando um funcionamento textual que se ancora tanto na dimensão argumentativa quanto nas crenças e valores compartilhados pelos interlocutores.

No ambiente digital, o enunciador/locutor, como parte do jogo manipulatório, comporta-se como impostor e se arma de aspectos enunciativos, interacionais e tecnolinguageiros, os quais são atravessados pela intencionalidade de enganar um indivíduo ou um grupo para benefício próprio ou de outros grupos específicos. Essa manobra manipulativa incide, principalmente, em práticas de desinformação, nas quais os textos são fabricados com fatos irreais, descontextualizados e, muitas vezes, recortados de outros textos que circularam em diferentes plataformas digitais. Os limites entre a mentira e a verdade são postos à prova e passam a ser crivados por vieses e crenças dos interlocutores, as quais, para eles, são inquestionáveis.

Para cercar os dois fenômenos: a manipulação e a desinformação, examinamos os contratos e o circuito comunicativo a partir do quadro enunciativo-interacional, que nos permitiu identificar: o locutor/enunciador impostor; possíveis interlocutores manipulados e terceiros observadores, o gênero, o ecossistema, o suporte e a mídia, o propósito comunicativo

da manipulação e ainda apontamos regularidades dos textos desinformativos para verificar sua configuração e possíveis padrões dessas narrativas.

Além disso, por meio das categorias da referenciação, demonstramos como a constituição das redes referenciais inscreve estratégias de manipulação nas narrativas desinformativas, especialmente quando mobilizam crenças e pós-verdades como mecanismos de adesão e persuasão. Também discutimos os efeitos de sentido decorrentes dos gestos tecnolinguageiros emojis, comentários, curtidas, compartilhamentos, como parte do jogo de sentidos que articula os textos e as interações digitais.

A partir desses objetivos e critérios analíticos, chegamos a três constatações que sintetizam a análise textual da manipulação nas narrativas desinformativas:

- a) ao construir o quadro enunciativo-interacional, constatamos algumas regularidades nos textos desinformativos, por exemplo, uso de recursos audiovisuais, recortes e edições dos conteúdos e elementos multissemióticos para simbolizar aspectos identitários de certos grupos sociais:

Acerca da constituição do quadro enunciativo-interacional, para além de responder às questões norteadoras numa análise integral de textos, descrevemos o papel enunciativo do enunciador impostor. Este manipula, mas também se deixa manipular. Assume então o papel de impostor porque simula e dissimula papéis, mas não apenas como prevê Charaudeau (2022). Nos casos em análises, não forja apenas a sua imagem, mas força o reposicionamento de atores sociais, atribuindo-lhes papéis com os quais possivelmente não se identificam. Foi o que constatamos com mais ênfase, por exemplo, nos casos **6.1**, **6.2** e **6.4**, cujos atores sociais são posicionados em contextos nunca antes vistos.

Sobre a análise das regularidades dos textos desinformativos, destacamos que nossa pesquisa buscou ir além ao observar as narrativas em seu ecossistema de origem e não apenas os textos já crivados pelo ponto de vista das agências de checagem. Consideramos que, para conceber todos os elementos enunciativos, interacionais e tecnolinguageiros, precisávamos observar o texto no ecossistema que foi publicado e as interações possibilitadas por esse ambiente.

Ao analisar textos desinformativos (estáticos e dinâmicos) em diversas plataformas, como *TikTok*, *Instagram* e *X*, reiteramos em nossos dados o que está previsto na literatura (ver cap. 5 sobre desinformação). Há um conjunto de retalhos de informação, retirados de contexto, reenquadrados ou fatos completamente fabricados. O engendramento desses “pedaços”, sejam

áudios, imagens editadas (com ou sem IA), sejam gestos tecnolinguageiros, como emojis, levam à influência da opinião pública e estão a serviço da manipulação. Dessa forma, o uso de emojis de sirene 🚒, legendas alarmantes, áudios com músicas emotivas (gospel) ou para causar suspense, uso de letras maiúsculas (aspectos multimodais) e expressões que incitam a ação são comuns em narrativas desinformativas.

- b) as redes referenciais são evidências textuais das estratégias de manipulação (dramatização e exaltação de valores) em narrativas desinformativas:

Uma das contribuições do trabalho envolve justamente a inscrição da manipulação a partir da construção referencial. Certos referentes ganham mais centralidade e são posicionados estrategicamente na rede referencial para forjar (duplamente) sentidos. A partir desses referentes, geralmente em pares, outros se conectam estabelecendo relações multilíneas com outros referentes ancoradas em diversas pistas do texto. Quanto a essa centralidade referencial, os referentes Lula e Bolsonaro, nos casos analisados, ganham maior saliência em detrimento de outros. Outros participantes da interação, como Rayssa, Bia Souza, Havan, são destacados. Na narrativa desinformativa, esses interlocutores partícipes da interação são “forçados” a assumir papéis com os quais não compactuam. Isso se dá pela ação do locutor/enunciador impostor de enviesar fatos a serviço da desinformação do jogo manipulatório.

O papel das redes referenciais é elemento indispensável para a compreensão dos sentidos⁵⁸, pois o modo como os referentes se conectam revelam as relações estabelecidas entre eles e os papéis sociais que ocupam, principalmente, quanto às estratégias de manipulação, como o caso da estratégia de dramatização na constituição da cena dramática, em que se cria uma desordem social (fatos sem nexos ou sem estatuto de verdade), um vilão para levar “a culpa” do mal que aflige o povo (bode expiatório) e um salvador (aquele que deve impedir que as *vítimas* sejam atingidas pelo mal que está à espreita). Essa encenação é parte do circuito comunicativo e subjaz contratos presumidos entre os interlocutores (aqueles que ocupam papéis sociais e aqueles que interagem com a publicação). Tais contratos relacionam-se às crenças desses interactantes.

⁵⁸ Ressaltamos que, em nossas análises, não apresentamos a formação das redes em esquemas bidimensionais, porque entendemos que isso não reflete a complexidade das relações entre os objetos de discurso e cairíamos na estrutura de cadeias (conceito superado pela literatura). Por isso, consideramos que o conceito de rede referencial deve ser revisitado para considerar uma relação multidimensional, o que caracterizaria melhor o que compreendemos por uma rede principalmente quando os sentidos são construídos digitalmente.

Ainda que tenhamos investigado a constituição das redes referenciais como evidência da manipulação nesses textos, há outros aspectos que poderiam ser investidos, como uma maior atenção aos processos referenciais e à recategorização, o que pode render um aprofundamento maior em novos trabalhos advindos dessa tese. Ainda chamamos atenção para a possibilidade de relacionar a referenciação a outras categorias analíticas da LT como forma de enriquecer a análise das narrativas desinformativas.

- c) dentre os efeitos de sentidos, está arrebanhamento ou não dos interlocutores potencialmente manipulados podem ser indiciados por gestos tecnolinguageiros, como os comentários:

A respeito da análise de comentários, foi constatado o comportamento de rebanho da maioria dos comentaristas das publicações. Nos blocos de comentários analisados, constatamos que, para além de se colocar como enunciador pelo gesto tecnolinguageiro “comentário”, esses interlocutores se posicionavam a respeito da desinformação. Não para denunciar a presença de um fato inverídico, em sua maioria, mas para concordar, proferir agressões e até orações para que o país superasse o mal apresentado na publicação. Observamos ainda nos comentários o comportamento de torcida organizada potencializado pelo binarismo “Nós-bons x Eles-corruptos”. Além disso, o uso de emojis permitiu identificar características dos locutores impostores e dos interlocutores. Como efeitos de sentidos, e não apenas o que diz respeito aos gestos tecnolinguageiros, destacamos a potencialização da polarização afetiva, porque há uma forte intolerância com opiniões divergentes. No ambiente digital, essas disputas de crenças são atravessadas pelo algoritmo.

Reconhecemos que essa pesquisa não esgota os efeitos de sentidos dos gestos tecnolinguageiros, principalmente quanto aos traços tecnodiscursivos, em particular, o traço de *relacionalidade* entre os textos, algo que constatamos ser muito característico da manipulação. Assim, os efeitos de sentidos constatados são o arrebanhamento dos interlocutores, a polarização afetiva nas narrativas desinformativas e a constante tentativa de descredibilizar as instituições públicas.

Como parte deste capítulo, registramos ainda como resultados das análises do trabalho três conclusões extraídas dos dados e, de certa forma, já antecipadas pelo título de cada caso desinformativo como forma de relacionar os resultados da pesquisa ao modo como a manipulação e a desinformação agem no ambiente digital e atingem os regimes democráticos.

d) o patriotismo político e a construção do salvador:

Os casos **6.1** e **6.2** revelam o papel do patriotismo na construção da desinformação. Observamos que, nos dois exemplos, o ex-presidente Bolsonaro é colocado no papel de alguém admirável e digno de retornar à presidência. As atletas Rayssa Leal e Bia Souza, representantes do Brasil nas Olimpíadas, seriam admiradoras e apoiadoras do ex-presidente. Ambas expressam, por pistas contextuais diversas, o desejo de vê-lo presidente do Brasil apesar de o aspecto temporal ser distinto (Bia Souza na campanha eleitoral de 2022 e Rayssa Leal nas Olimpíadas de Paris em 2024). Assim como o patriotismo marcado, a figura do salvador (elemento da cena dramática) é centralizada na construção dos sentidos.

e) a construção da cena dramática, o inimigo político e o pânico moral da agenda manipulatória:

O recurso à encenação dramática é algo muito característico das narrativas desinformativas. No caso **6.3** e **6.6**, observamos que, a partir da estratégia de dramatização, é criada uma desordem social (retorno do seguro DVPAT e autorização do aborto respectivamente) para gerar pânico moral (Citcher, 2017; Gonçalves-Segundo, 2020; 2022) e incentivar o descrédito nas instituições públicas. O vilão é instaurado ao identificar um inimigo, responsável pela desordem e uma ameaça à sociedade. Conforme essa estratégia, o “inimigo político” deve ser banido. Por fim, na constituição da cena dramática, além do salvador já comentado, há as vítimas de todo o mal envolvido nas ações. Para reafirmar esses papéis, diversos elementos são convocados, como aspectos gestuais, observados no caso **6.3**, e aspectos multimodais, constatados no caso **6.6**. Isso colabora para a construção de um inimigo em uma disputa moral para reafirmar valores que não podem, em hipótese alguma, ser contestados.

f) o binarismo político “Nós-bons x eles – corruptos” como reforço à descredibilidade das instituições públicas:

Os exemplos **6.4** e **6.5** trazem à tona tanto o binarismo político “Nós-bons x Eles-corruptos” quanto ao descrédito às instituições. Com uso de imagens geradas por IA, o exemplo **6.4** chama a atenção do leitor a partir de um jogo entre a tentativa de descredibilizar as instituições públicas ao afirmar que as vítimas das enchentes estavam desamparadas e a valorização/ enaltecimento das empresas privadas, como Havan (apoiadora do Bolsonarismo por longos anos). Isso potencializa imagens de que o Governo não age diante de desastres como

esse e que as empresas privadas ocupariam esse lugar de salvadoras do povo. No caso 6.5, o Governo aparece como inimigo da vida e da família ao autorizar, supostamente, o aborto em qualquer período gestacional. O uso de recursos multimodais, como a cor vermelha, e a recurso auditivo com música de suspense associam o Governo Lula à morte, o que logicamente gera uma relação de oposições: vida x morte; bons x maus; corretos x incorretos. Isso é próprio da manipulação principalmente para gerar uma ameaça a valores, como a família. Essa discussão nos permite constatar ainda que essas narrativas desinformativas são recicladas no ambiente digital como forma de rememorar os interlocutores a respeito desses temas mais espinhosos. Essa estratégia desinformativa pode ter como efeito a queda de popularidade do governo e influenciar resultados de eleições.

Após esses apontamentos, levantamos outras questões que podem direcionar novas investigações. A exemplo disso, observamos em diversas frentes da extrema direita a presença de líderes políticos, influenciadores digitais e cristãos que promovem cultos particulares, fazem campanha política em cultos fechados de entidades religiosas e fazem uso do discurso religioso em reuniões e campanhas políticas. Há um atravessamento das estratégias de manipulação que podem ser ferramentas da dominação religiosa (ou dominionismo) na política. Esse movimento é perpetuado nas mídias digitais em *posts* com o uso de interpretações estratégicas de textos bíblicos para causar pânico social e enviesar e influenciar a opinião pública, o que pode ser investigado com maior profundidade à luz dos critérios textuais e tecnolinguageiros.

Além disso, destacamos, como possibilidade de investigação para pesquisas futuras, a análise textual das estratégias de manipulação em postagens de influenciadores e *teólogos coach*, os quais, a partir de uma interpretação bíblica, criam conteúdos digitais e propõem palestras para propagar uma visão bíblica atravessada por crenças pessoais. Esses atores sociais publicam livros, apropriam-se das arquiteturas das mídias, movidos pelo engajamento e pelas ferramentas algorítmicas, e propagam suas narrativas enviesadas. Acreditamos que a referenciação pode ser frutífera para investigar essas questões.

Ainda sobre as possibilidades de estudar mais afundo a manipulação digital, deixamos como uma questão a ser aprofundada o *efeito manada*, muito recorrente nos ecossistemas digitais. Como exemplos, citamos duas *trends*, tendências populares que viralizaram nas redes sociais, durante o ano vigente: “ChatGPT, qual é a minha benção?” e “morango do amor”, as quais muito têm a revelar sobre a emocionalidade dos grupos no ambiente digital e sua total relação com a manipulação midiática nos ecossistemas digitais, o

que pode redimensionar as discussões acerca da manipulação em textos publicitários e suas implicações discursivo-textuais.

Ressaltamos ainda que as categorias textuais do gênero, da intertextualidade e do tópico discursivo podem ser frutíferas a investigações futuras das estratégias de manipulação e da desinformação em tecnotextos, pois constatamos nesta tese que a manipulação é um fenômeno que acontece na relação entre textos; forja gêneros como a notícia, a entrevista, entre outros; dá saliência a certas informações centralizando certos tópicos e descartando outros em razão das intencionalidades. Além disso, a própria argumentatividade dos textos desinformativos, por perspectivas teóricas diversas, é uma possibilidade de investigação. A manipulação, tal como concebemos nesta pesquisa, está intrinsecamente ligada à argumentação.

Investigar o modo como as crenças e outros pré-discursos se textualizam é um dos pontos a aprofundar nesta tese. Em razão de escolhas metodológicas, a investigação sobre pré-discursos tornou-se pano de fundo desta pesquisa e pode ser discutida nesses novos caminhos iniciados nesse trabalho, uma vez que se filiam aos aspectos pré-discursivos, indissociáveis do texto. Esse sistema de crença é sustentado pela arquitetura das próprias redes, as quais o algoritmo retroalimenta a partir do mapeamento dos perfis dos usuários.

Ainda como possibilidade de análise, apontamos caminhos para uma investigação acerca das *deepfakes*, imagens e vídeos manipulados digitalmente, que, a partir da IA, podem substituir a face de indivíduos e simular diálogos com atores sociais que nunca estiveram no mesmo espaço. Essa questão deve ser aprofundada na tentativa de explicar esses usos da IA, as implicações algorítmicas, éticas e morais relacionadas a isso para manipular as opiniões.

Por fim, como mencionamos na epígrafe desse capítulo e tal como fizemos nesta pesquisa, a Linguística Textual objetiva explicar as estratégias dos interlocutores e o modo como isso textualiza, examinando a posição do locutor/enunciador, os interlocutores e os terceiros visados, o ecossistema e o gênero. É ainda papel da LT fornecer, a partir de suas categorias e interfaces, uma análise integral dos textos, pré-digirais a digitais, e assumir a responsabilidade de esclarecer, como fizemos, fenômenos emergentes como a manipulação e a desinformação, pois a ciência tem como missão colaborar para elucidar problemas de natureza sócio-política, indispensáveis à construção de uma sociedade mais justa. É sobre esse fazer científico que se alicerça o **legado** de **Mônica Magalhães Cavalcante** e tem **poder transformador**. Sem sua vontade de tornar o mundo melhor e de lutar pelos direitos de todos, essa tese jamais existiria.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M. **Textos, tipos e protótipos**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 1, p. 129-144, 2011.
- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et strategies de designation. **TRANEL. Travaux Neuchâtelois de Linguistique**, n. 23, p. 227-271, 1995.
- BARROS, D. As *fake news* e “as anomalias”. **Verbum**, v. 9, n. 2, p. 26-41, 2020.
- BRETON, P. **A manipulação da palavra**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BRITO, M. A. P; MARTINS, M. A. Quadro enunciativo-interacional: uma abordagem multidimensional para a análise de diferentes tipos de texto. **Revista de Letras**, v. 2, n. 43, p. 246–264, 2025.
- CAPISTRANO JUNIOR, R.; FRANCO, K. R. Práticas de escrita de fake news no universo digital. **Revista Verbum**, v. 13, n. 2, p. 54-72, 2020.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência referencial e ensino**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- CAVALCANTE, M. M.; MARTINS, M. A. Referencial em síntese. In: LIMA, A. H. V.; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. S. (org.). **Linguística Geral: os conceitos que todos precisam conhecer**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. In: MARQUESI, Sueli Cristina *et al.* (org.). **(Con)textos Linguísticos**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.
- CAVALCANTE, M.M *et al.* **Linguística textual e argumentação**. Campinas, SP: Pontes editores, 2020.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes editores, 2022.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. In: AQUINO, Z. G. O.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. (org.). **Estudos do discurso, caminhos e tendências**. São Paulo: Editora Paulistana, 2016. p. 119-133.
- CAVALCANTE, M. M. Referencial. In: FLORES, V. N; AZEVEDO, T. M. (org.). **Estudos do discurso: conceitos fundamentais**. São Paulo: Vozes, 2024.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; MARTINS, M. A. Quadro enunciativo em tecnotextos de diferentes tipos de interação digital. *In*: MARQUESI, S. (org.). **Texto e metodologias ativas: interfaces na pesquisa e no ensino**. Campinas: Pontes, 2024.

CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, edição especial, vol. 14, n. 12, 2016.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, P. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2020.

CHARAUDEAU, P. **A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade**. São Paulo: Contexto, 2022.

CHARAUDEAU, P. O contrato de comunicação na sala de aula. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 37, n. 1, p. 1–14, 2012.

CHARAUDEAU, P. Por uma interdisciplinaridade “focalizada” nas ciências humanas e sociais. *In*: MACHADO, Ida; COURA-SOBRINHO, Jerônimo; MENDES, Emília. (org.). **A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem**. Belo Horizonte: NETII FALE/UFMG, 2013, p. 17-51.

COLARES, L. O. **Ponto de vista e redes referenciais em fake News**. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 134 f.

CIULLA, A. **Referenciação**. São Paulo: Contexto (Coleção Clássicos da Linguística), 2003.

DE ARAÚJO, S. T.; MAZZARO, D. Inimigos imaginários: deimos, fobos, pathos e ethos em discursos Bolsonaristas. **Gláuks - Revista De Letras E Artes**, n. 23, v. 1, p. 98–116, 2023.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

DIJK, Teun A. van. **Discurso y conocimiento**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2016.

FALLIS, D. Floridi on Desinformation. **Ethics and Politics**, v. 2, p. 201-214, 2011.

FALLIS, D. What is disinformation. **Exploring philosophies of information**, v. 63, p. 401-426, 2015.

FERNANDES, J.O. **A construção do sentido impolido em comentários do twitter/X a partir de redes referenciais**. 2024. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 155 f

FLORIDI, L. **The philosophy of Information**. Oxford: Oxford Academic, 2011.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Fake news, moral panic, and polarization in Brazil: A critical discursive approach. **Linguistic Frontiers**, v. 5, 2022.

GREGOL, F. A. **A dimensão social e a dimensão verbo-visual do gênero “post em rede social”: linguagem multissemiótica e dialogismo**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 202 f.

GUGONI, M. F. **A manipulação discursiva das fake news na era da informação**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 184 f.

HANKS, W. F. Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. *In*: BENTES, A. C.; RESENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (org.). São Paulo: Cortez, 2008.

HUTCHINS, E. **Cognition in the wild**. Cambridge: MIT Press, 1995.

KOCH, I. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A.**, v. 14, p. 169-190, 1998.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. O texto na Linguística Textual. *In*: BATISTA, R. O. (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016.

LÉ, J. B. Desinformação, liberdade de expressão e sentido: uma análise dos processos referenciais em tweets do portal Aos fatos. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, v. 1, 2023.

MARTINS, M. A. **A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais**. 2019. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 194 f.

MARTINS, M. A. **Tecnotextualidade e campo dêitico digital: aspectos interacionais e enunciativos**. 2024. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 254 f.

MARWICK, A; LEWIS, R. **Manipulação da mídia e desinformação online**. Nova York: Data & Society, 2017.

SILVA, J. P. **Relatório Anual de Atividades 2024**. São Paulo: Empresa XYZ, 2025.

MATOS, J. G. **As redes referenciais na construção de notas jornalísticas**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 259 f.

MATOS, Janaica Gomes. Em defesa da noção de redes referenciais na construção do texto. **Revista Organon**, v. 33, n. 64, 2018.

MONDADA, L. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: Approche linguistique de la construction des objets de discours**. Lausanne: Université de Lausanne, 1994.

MONDADA, L; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. *In*: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MUSSALIM, Fernanda. A dimensão discursiva da cognição ou a dimensão cognitiva do discurso. **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 60, n. 2, 2018.

OLIVERIA, R. L. **Uma análise textual do pathos em polêmicas**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 144 f.

PAVEAU, M-A. **Os pré-discursos**: sentido, memória, cognição. Campinas: Pontes, 2013.

PAVEAU, M-A. **Linguagem e moral**: uma ética das virtudes discursivas. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

PAVEAU, M-A. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

ROCHA, D. C. de Sá. **O papel da metáfora discursiva na construção argumentativa do gênero petição inicial**. 2016. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 112 f.

RECUERO, R. **A rede da desinformação**: sistemas, estruturas e dinâmicas nas plataformas de mídias sociais. Porto Alegre: Sulina 2024.

SANTOS, L. A. **Representações sociais sobre o sistema eleitoral brasileiro**: a manipulação na prática discursiva da desinformação nas eleições presidenciais brasileiras de 2022. 2023. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 158 f.

SCHNEIDER, M. **A era da desinformação**: pós-verdade, fake news e outras armadilhas. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

SEIXAS, R. **Entre a retórica do impeachment e a do golpe: análise do conflito de lógicas argumentativas na doxa política brasileira**. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 433 f.

SEIXAS, R. O terreno pantanoso da doxa. **Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação**, v. 23, n. 2, p. 142-160, 2023.

SEIXAS, R. Seixas, R. Gosto, logo acredito: o funcionamento cognitivo-discursivo das fake news. **Revista Caderno de Letras**, v. 30, n. 59, p. 279-295, 2023.

SILVA, R. B. **Análise dos argumentos persuasivos no gênero debate político televisionado**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 176 f.

SILVA, W. P. e. (2023). Manipulação pela construção do ethos no discurso de ódio. **Gláuks - Revista De Letras E Artes**, v. 23, n. 1, p. 41–62, 2023.

SILVEIRA, G. B. da. **Estratégias de patemização e modalidade patêmica.** 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 101 f.

SOARES, M. S. **Processos referenciais por nome próprio como estratégias argumentativas.** 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 119 f.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder:** Toward an interdisciplinary Framework for research and Policy Making. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WARDLE, C. Fake News. It's Complicated. **First Draft News**, 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.com/fake-news-complicated/>. Acesso em: 30 jun. 25.

GLOSSÁRIO⁵⁹

Locutor/enunciador impostor: o locutor/enunciador, como parte do circuito comunicativo da narrativa desinformativa no jogo manipulatório, é um impostor, porque descontextualiza e distorce fatos para fabricar desinformação e, ao forjar esses sentidos, dissimula papéis dos interlocutores partícipes da interação, “forçando-os” a agirem e praticarem ações com as quais não compactuam socialmente.

Manipulação: a manipulação é um modo particular da argumentatividade porque visa enganar os interlocutores agindo de má fé a partir de estratégias textuais. Como recursos, apela para a dramatização e os sentimentos dos interlocutores, valendo-se ainda da ameaça a valores sociais, como a vida, a família e a pátria, além da constante tentativa de satanizar culpados, criar salvadores, apontar vilões e reforçar a vitimização do povo. Assim, todo texto que apresenta manipulação, nesses termos, é dotado de argumentatividade.

Desinformação: consiste na fabricação, na distorção e/ou na descontextualização dos fatos na tentativa de enganar e causar pânico social, medo e ameaça à moral e aos valores sociais. Pode ser compreendido como um fenômeno mais amplo que atravessa e simula diferentes gêneros e compósitos textuais. Essa prática de falsear e distorcer os fatos se apropria da arquitetura engendrada pelas plataformas digitais para contaminar as informações.

Narrativa desinformativa: um arranjo textual que, a partir de aspectos enunciativos, tecnolinguageiros e interacionais, se (re)configura para construir sentidos de forma enviesada e distorcida para enganar os interlocutores e manipular a opinião pública.

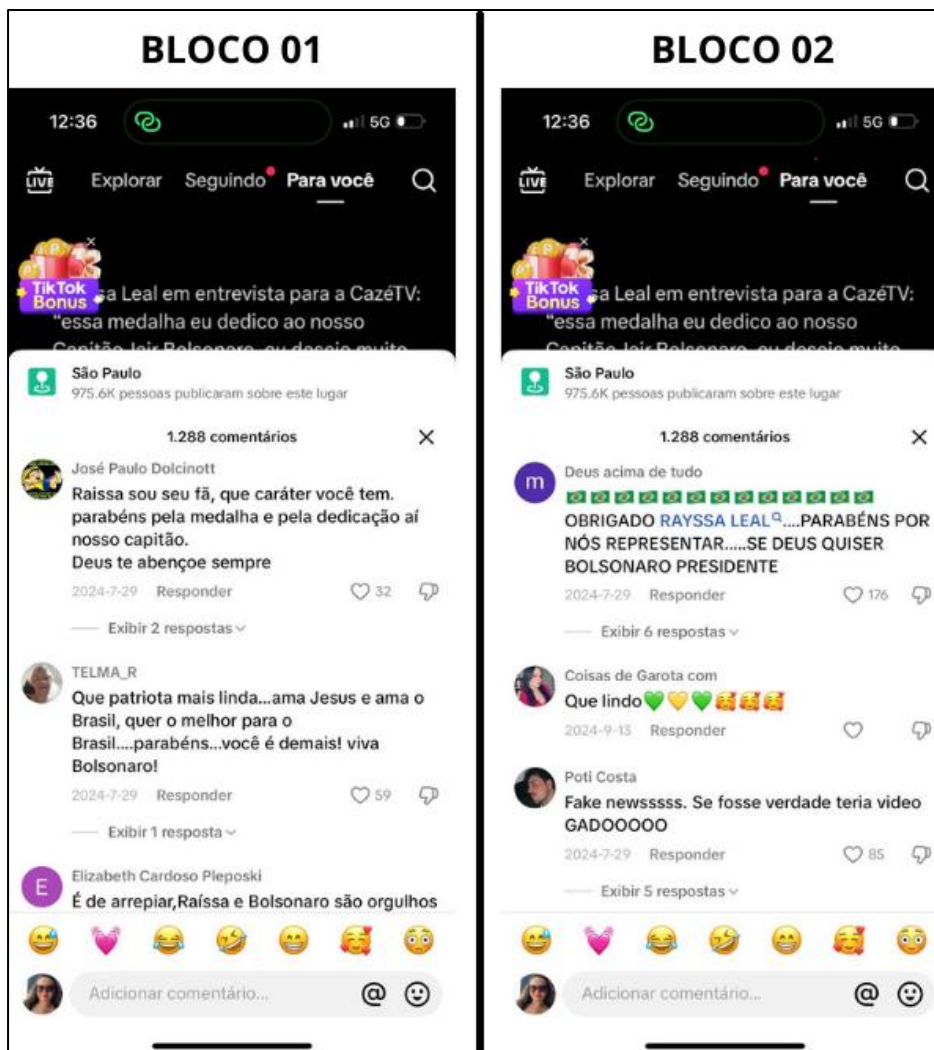
⁵⁹ O propósito do glossário é consolidar um posicionamento a respeito desses conceitos abrangentes investigados, neste trabalho, sob a ótica da Linguística Textual e suas interfaces, sendo, portanto, de responsabilidade da autora as definições apresentadas nesta tese.

**ANEXO A – EXEMPLO 13 – RAYSSA LEAL DEDICA MEDALHA AO
BOLSONARO**



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMBfyTnAm/>.

**ANEXO B – EXEMPLO 14 – COMENTÁRIOS DO REEL RAYSSA LEAL
DEDICA MEDALHA AO BOLSONARO**



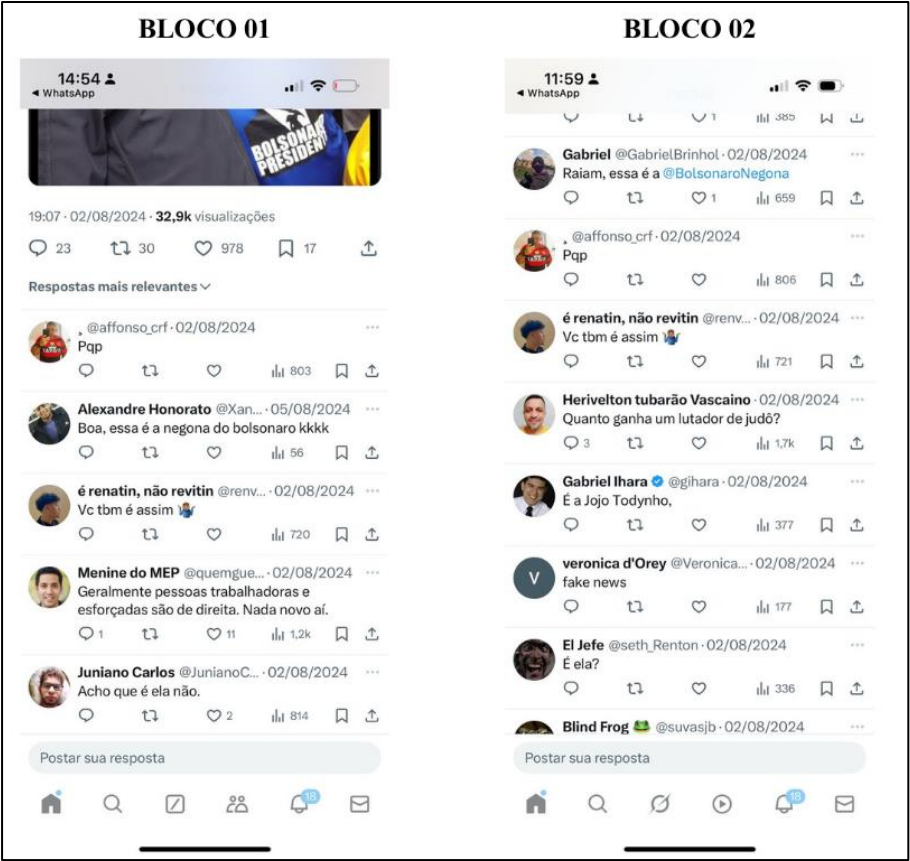
Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMBfyTnAm/>.

**ANEXO C – EXEMPLO 15 – BOLSONARO E BIA SOUZA JUNTOS EM
CAMPANHA ELEITORAL**



Fonte: <https://x.com/raiam700/status/1819495350304231924>.

**ANEXO D – EXEMPLO 16 – COMENTÁRIOS DO DA POSTAGEM NO X
“BOLSONARO E BIA SOUZA JUNTOS EM CAMPANHA ELEITORAL”**



Fonte: X.

**ANEXO E – EXEMPLO 17 – GOVERNO LULA RETORNA COBRANÇA DE
SEGURO DPVAT**



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZM6WUgUJ5>.

**ANEXO F – EXEMPLOS 18, 19 E 20 – SEQUÊNCIA DO POST EM QUE LULA
APARECE AO LADO DO CRIMINOSO DOMINGOS BRASÃO**



Fonte: perfil acordabrasil_2024 no Instagram.

ANEXO G – EXEMPLO 21 – COMENTÁRIOS DA PUBLICAÇÃO SOBRE LULA E DOMINGOS BRASÃO

BLOCO 01



BLOCO 02



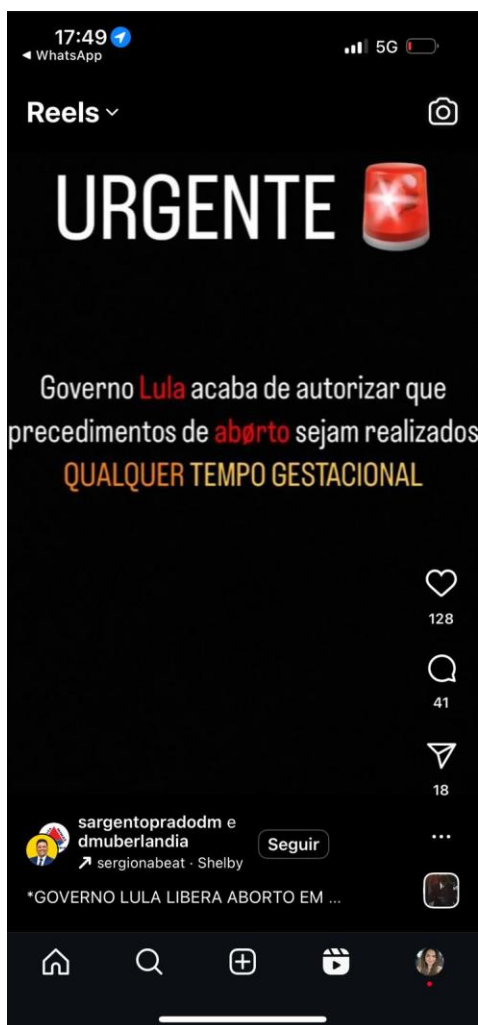
Fonte: *Instagram*.

ANEXO H – EXEMPLO 22 – HELICÓPTERO DA HAVAN RESGATA VÍTIMAS DE ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL



Fonte: X .

**ANEXO I – EXEMPLO 23 – GOVERNO LULA AUTORIZA ABORTO EM
QUALQUER TEMPO GESTACIONAL**



Fonte: <https://www.instagram.com/reel/C36tmlgt261/>.

**ANEXO J – EXEMPLO 24 - COMENTÁRIOS DO REEL GOVERNO LULA
AUTORIZA ABORTO EM QUALQUER TEMPO GESTACIONAL**



Fonte: Instagram.